



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
**INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**



**RAQUEL BERNARDES**

**ESTUDOS DO LÉXICO DA LIBRAS: REALIZAÇÃO DOS PROCESSOS  
FLEXIONAIS NA FALA DO SURDO**

UBERLÂNDIA-MG  
2020

**RAQUEL BERNARDES**

**ESTUDOS DO LÉXICO DA LIBRAS: REALIZAÇÃO DOS PROCESSOS  
FLEXIONAIS NA FALA DO SURDO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos - PPGEL da Universidade Federal de Uberlândia – UFU como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Estudos Linguísticos

Linha de Pesquisa: Teoria, descrição e análise linguística

Orientadora: Profª. Dra. Eliamar Godoi

UBERLÂNDIA-MG  
2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

B522e      Bernardes, Raquel, 1988  
2020      Estudos do léxico da libras [recurso eletrônico] :realização dos  
processos flexionais na fala do surdo / Raquel Bernardes. - 2020.

Orientadora: Eliamar Godoi.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia.  
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.  
Modo de acesso: Internet.  
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2020.3325>  
Inclui bibliografia.  
Inclui ilustrações.

1. Linguística. I. Godoi, Eliamar, 1968, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. III. Título.

---

CDU:801

Angela Aparecida Vicentini Tzi Tziboy – CRB-6/947



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos  
Av. João Naves de Ávila, nº 2121, Bloco 1G, Sala 1G256 - Bairro Santa Mônica,  
Uberlândia-MG, CEP 38400-902  
Telefone: (34) 3239-4102/4355 - www.ileel.ufu.br/ppgel - secppgel@ileel.ufu.br



### ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Estudos Linguísticos				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico - PPGEL				
Data:	Vinte e três de outubro de dois mil e vinte	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	16:30
Matrícula do Discente:	11822ELI011				
Nome do Discente:	Raquel Bernardes				
Título do Trabalho:	ESTUDOS DO LÉXICO DA LIBRAS: REALIZAÇÃO DOS PROCESSOS FLEXIONAIS NA FALA DO SURDO				
Área de concentração:	Estudos em Linguística e Linguística Aplicada				
Linha de pesquisa:	Teoria, descrição e análise linguística				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Panorama sociolinguístico e descritivo da Libras falada pela comunidade surda em contexto educacional				

Reuniu-se, por videoconferência, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, assim composta: Professores Doutores: Maria Virgínia Dias Ávila; Waldemar dos Santos Cardoso Junior; Eliamar Godoi, orientadora da candidata.

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, Dra. Eliamar Godoi, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Maria Virgínia Dias de Ávila, Usuário Externo**, em 25/10/2020, às 14:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Eliamar Godoi, Presidente**, em 05/11/2020, às 10:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Waldemar dos Santos Cardoso Junior, Usuário Externo**, em 09/11/2020, às 14:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://www.sei.ufu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2343699** e o código CRC **2819BFBB**.

Ao criador da faculdade da linguagem no homem  
“Tudo que respira louve a Jah.  
Louvem a Jah!”  
- Salmos 150: 6

## AGRADECIMENTOS

a Deus - com ELE todas as coisas se tornam possíveis.

a minha família, que acompanhou todo o meu desenvolvimento no mestrado e na vida, sempre torcendo pelo meu bom êxito e me apoiando incondicionalmente.

à minha amiga Letícia de Sousa Leite, pelo apoio nos momentos de hesitação, me fazendo acreditar que eu seria capaz de produzir a dissertação. Obrigada por fazer pontuações pertinentes à organização e desenvolvimento da pesquisa.

às pessoas surdas que fazem parte da minha vida e que estiveram comigo me incentivando a me tornar tradutora, intérprete e pesquisadora da Libras. Nessa vida presenciei muitos momentos bons e ruins de suas jornadas, que me fizeram crescer e amadurecer. Obrigada por compartilhar pedacinhos da vida de vocês comigo e por confiarem em mim.

ao participante da pesquisa, por se dispor prontamente, sem hesitar, a colaborar com a pesquisa. Obrigada por acreditar que desenvolveria um trabalho com intuito de contribuir para difusão e disseminação da Libras, espero que isso se consolide.

aos funcionários da secretaria do PPGEL, Maria Virgínia Dias de Ávila, Luana Alves da Silva e a estagiária Gizelle Resende, que responderam todos os e-mails enviados, tiraram todas as dúvidas e prestaram tantas orientações necessárias em cada etapa do percurso formativo.

à Gisely Amado que me auxiliou em vários processos burocráticos necessários ao trâmite da pesquisa; sem sua ajuda não teria conseguido. Muito obrigada por dedicar a mim seu tempo e sua atenção de forma tão generosa.

aos meus queridos professores Igor Antônio Lourenço da Silva, Maura Alves de Freitas Rocha e Maria de Fátima Fonseca Guilherme. Os momentos de contato com vocês me oportunizaram vivenciar a pós-graduação na sua melhor perspectiva e ampliar o conhecimento acadêmico.

aos professores Maria Virgínia Dias de Ávila e Waldemar dos Santos Cardoso Junior por aceitarem participar da minha defesa, muito dispostos a contribuir com a pesquisa.

à professora Eliamar Godoi por se dedicar a me conduzir na pesquisa. Sem os seus direcionamentos e seu companheirismo a pesquisa não teria sido realizada. Muito obrigada por aceitar o desafio de me orientar e me acolher com carinho.

ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, na pessoa da professora coordenadora Fernanda Mussalim Guimarães Lemos Siveira, agradeço a oportunidade de desenvolver a pesquisa e de me constituir pesquisadora.

## RESUMO

Ao considerar o amplo campo de investigação dos aspectos linguísticos da Libras, identificamos na possibilidade de descrever os processos flexionais que se apresentaram na fala espontânea do surdo, a oportunidade de contribuir para os estudos na área para a potencialização da difusão e perenização da Libras na linguística e na história, descrevendo, documentando e registrando os seus fenômenos linguísticos. Para tal, a presente pesquisa teve como objetivo geral analisar e descrever os fenômenos de flexão de gênero e de número da Libras na perspectiva da Linguística Descritiva, fundamentada não apenas em características formais dos fenômenos, mas também no emprego efetivo dessas formas que se fazem presentes no uso corrente da Libras, considerando ainda os aspectos morfológicos e semânticos da Libras contemporânea. A fim de atingir esse objetivo propusemos: levantar e categorizar os processos flexionais que se realizaram na fala de um surdo docente no Ensino Superior; e, identificar e descrever as regras de combinação que organizam a flexão de gênero e de número nesses sinais. Quanto ao quadro teórico metodológico, a pesquisa fundamentou-se na abordagem qualitativa de base descritiva e adotou como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica, teórica e básica. Como aporte teórico, o presente trabalho embasou-se nas pesquisas de Aronoff (1997), Aronoff, Meir e Sandler (2005), Azeredo (2008), Câmara Jr. (1987), Rocha (2008), em relação ao processo linguístico de flexão; e, nos estudos das autoras Felipe (1998), Ferreira Brito (1995), Quadros e Karnopp (2004), em relação ao processo de flexão específicos da Libras. Utilizamos como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada a partir de um roteiro flexível aplicado a um professor surdo que possui a Libras como língua materna e ministra o seu ensino como segunda língua em cursos de graduação, ou seja, ele é usuário da Libras em ambientes formais e informais. A coleta dos dados se deu a partir de filmagem da fala espontânea do surdo participante da pesquisa, que foi analisada à luz do referencial teórico. Como resultado da pesquisa, identificamos os mecanismos de flexão de gênero animado e inanimado, que, conforme Felipe (1998), se realiza por meio de morfemas classificadores que são afixados à raiz verbal ou nominal. Em relação aos mecanismos de gênero masculino e feminino, foi possível identificar que os sinais HOMEM e MULHER podem exercer funções diferentes dependendo do contexto, podendo também ser empregados como morfemas livres com sentido independente ou como afixos, pospostos ou antepostos a outros itens lexicais para marcar gênero (sexo). Com Aronoff (1997) foi possível constatar que as línguas de sinais possuem sim, sistema de flexão obrigatório, contudo, elas se manifestam de forma particular em que as categorias flexionais, como o gênero, podem ser estabelecidas de forma irregular, ou seja, de forma não universal. Em relação aos processos de flexão de número relacionados a nomes materializados na fala espontânea do surdo participante da pesquisa, identificamos o processo de modificação interna da raiz pelo mecanismo de incorporação de numerais de um até quatro; alterações no movimento e direcionalidade pela anteposição ou posposição de numerais e dos sinais VÁRIOS, GRUPO, MAIORIA, ALGUNS, além do sinal MUITO indicado por Ferreira Brito (1995); anteposição ou posposição de classificador; e, também pela repetição do sinal. Dentre os processos morfológicos de flexão (morfologia intrassegmentar, morfologia suprasegmentar e segmentar simultânea) identificamos o uso expressivo da morfologia segmentar pela composição sequencial ou linear dos sinais, que se articulam para produzir sentido plural. Esperamos que o estudo aqui apresentado contribua com a melhor compreensão dos processos de flexão nominal da Libras no âmbito da Linguística Descritiva, e ainda, favoreça a difusão e o reconhecimento científico do *status* linguístico da Libras.

**Palavra-chaves:** Flexão nominal de gênero e número da Libras. Aspectos morfológicos da organização interna do léxico da Libras. Linguística Descritiva.

## ABSTRACT

Considering the vast field of investigation of the linguistic aspects of Libras, we identified in the possibility of describing the inflectional processes that are present in the spontaneous speech of the deaf person, the opportunity to contribute to the studies in the area for the enhancement of the diffusion and continuity of Libras in linguistics and history, describing, documenting and recording their linguistic phenomena. As such, this study had as general purpose to analyze and describe the phenomena of gender and number inflection of Libras from the Descriptive Linguistics approach, based not only on formal characteristics of the phenomena, but also on the effective use of these forms that are present in the general use of Libras, also considering the morphological and semantic aspects of contemporary Libras. In order to achieve this goal, we proposed: to raise and categorize the inflectional processes that occurred in the speech of a deaf teacher in higher education; and, identify and describe the rules of combination that organize gender and number inflection in these signs. Regarding the methodological theoretical framework, the study was based on the qualitative descriptive approach and adopted as a methodological procedure the theoretical and basic literature review. As a theoretical contribution, the present study was based on the studies by Aronoff (1997), Aronoff, Meir and Sandler (2005), Azeredo (2008), Câmara Jr. (1987), Rocha (2008), compared to the linguistic process of inflection; and, in the studies by Felipe (1998), Ferreira Brito (1995), Quadros and Karnopp (2004), in relation to the specific inflectional process of Libras. We used as a data collection instrument the semi-structured interview from a flexible script applied to a deaf teacher who has Libras as a mother tongue and teaches it as a second language in undergraduate courses, that is, he uses Libras in formal and informal environments. The data collection was based on the spontaneous speech videos of the deaf research participant, which was analyzed in view of the theoretical approach. As a result of the study, we identified the mechanisms of animated and inanimate gender inflection, which, according to Felipe (1998), is performed through the classification of morphemes that are affixed to the verbal or nominal root. In respect to male and female gender mechanisms, it was possible to identify that MAN and WOMAN signs may perform different functions depending on the context, and may also be used as free morphemes with independent meaning or as affixes, suffixed or prefixed to other lexical items to mark gender. With Aronoff (1997) it was possible to observe that sign languages have a mandatory inflectional system, however, they manifest themselves in a particular way in which the inflectional categories, such as gender, can be established irregularly, that is, in a non-universal way. Concerning to the number inflectional processes related to names materialized in the spontaneous speech of the deaf research participant, we identified the process of internal modification of the root by the mechanism of embodied numbers from one to four; changes in movement and directionality by the anteposition or postposition of numerals and the signals VARIOUS, GROUP, MAJORITY, SOME, beyond the sign VERY indicated by Ferreira Brito (1995); anteposition or postposition of classifier; and also by the repetition of the signal. Among the morphological inflectional processes (intra-segmental morphology, suprasegmental morphology and simultaneous segmental) we identified the expressive use of segmental morphology by sequential or linear composition of signals, which are articulated to produce plural meaning. We expect that the study presented here will contribute to a better understanding of nominal inflectional process of Libras in the context of Descriptive Linguistics, and also, promote the dissemination and the scientific recognition of Libras' linguistic status.

**Keyword:** Libras' nominal inflection of gender and number. Morphological aspects of the internal organization of Libras lexicon. Descriptive Linguistics.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Quadro de Teses e Dissertações defendidas por pesquisadores integrantes do GPELET de 2014 a 2020.....	21
Figura 2: Esquema do Sistema de Classificadores da Libras elaborado por Felipe (1998, p.63) .....	110
Figura 3: Morfemas classificadores da Libras apresentado por Felipe (1998, p.63).....	110
Figura 4: Sistema de flexão verbal na Libras elaborado por Felipe (1998, p.63) .....	112
Figura 5: Quadro com os principais pressupostos teóricos sobre os processos de flexão de gênero e número na Libras. Fonte: A própria autora (2020).....	136
Figura 6: Quadro síntese resumitiva sobre a morfologia utilizada no processo de formação de sinais. Fonte: a própria autora (2020) a partir da proposta de Schwager e Zeshan (2008). ...	143
Figura 7: Configurações de Mãos sistematizadas por Nelson Pimenta (2001). .....	147
Figura 8: Quadro Síntese dos Procedimentos Metodológicos: tratamento e análise dos dados obtidos na entrevista semiestruturada.....	148
Figura 9: Marcador de espaço neutro .....	151
Figura 10: PRIMEIRA-LÍNGUA.....	152
Figura 11: MUITO .....	153
Figura 12: VÁRIOS.....	154
Figura 13: IMPORTANTE.....	155
Figura 14: MÃE.....	156
Figura 15: MARCADOR DE PESSOA - CL.....	157
Figura 16: CRIANÇAS .....	158
Figura 17: MAIORIA.....	159
Figura 18: CINCO-PARÂMETROS .....	160
Figura 19: MUITOS .....	162
Figura 20: NUMERAL UM e CONFIGURAÇÃO DE MÃO - CL PARA PESSOA .....	164
Figura 21: MARCADOR DE PESSOA – CL .....	166
Figura 22: MARCADOR DE PESSOA – CL .....	167
Figura 23: GRUPO .....	168
Figura 24: Itens lexicais MUITOS e CRIANÇAS .....	169
Figura 25: BASE DA MÃO DOMINANTE LISTANDO ELEMENTOS .....	170
Figura 26: SINAIS (Signo linguístico da Libras).....	172

Figura 27: MAIORIA .....	173
Figura 28: DUAS COISAS DISTINTAS .....	174
Figura 29: ESTES-DOIS .....	175
Figura 30: PAI .....	177
Figura 31: Itens lexicais MUITOS e CRIANÇAS .....	178
Figura 32: Morfema MASCULINO e FEMININO .....	180
Figura 33: MAIORIA .....	181
Figura 34: Itens lexicais SOZINHO e NADA .....	182
Figura 35: MUITOS .....	182
Figura 36: EU .....	183
Figura 37: ENCONTRAR .....	185
Figura 38: SÓ/APENAS .....	187
Figura 39: AS-VEZES .....	187
Figura 40: QUATRO-HORAS .....	188
Figura 41: TRÊS-HORAS .....	189
Figura 42: DOZE-HORAS .....	189
Figura 43: OUVINTE .....	190
Figura 44: NÓS .....	192
Figura 45: Marcador de espaço neutro .....	193
Figura 46: CIDADES .....	194
Figura 47: FUTURO .....	195
Figura 48: JÁ .....	195
Figura 49: NADA .....	195
Figura 50: AS-VEZES .....	196
Figura 51: DISCIPLINAS .....	198
Figura 52: ALGUNS .....	198
Figura 53: CADA-UM .....	199
Figura 54: EU .....	202
Figura 55: PROFESSOR .....	202
Figura 56: SURDO .....	203
Figura 57: MARCADOR DE PESSOA – CL .....	204
Figura 58: ACALMAR-SE .....	206
Figura 59: Marcador de espaço neutro .....	207

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVEATURAS**

ASL - American Sign Language

CM - Configuração de mãos

CNPQ - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

DGS- Língua de Sinais Alemã

EF/C – Expressão facial/ Corporal

GPELET - Grupo de Pesquisas em Estudos da Linguagem, Libras, Educação Especial e a Distância e Tecnologias

KK - Língua de Sinais Kata Kolok

LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais

M - Movimento

O - Orientação

PA – Ponto de articulação

PoS - Partes do seu Sistema de Fala

UFU- Universidade Federal de Uberlândia

## SUMÁRIO

0 APRESENTAÇÃO - SOBRE A PESQUISADORA: BREVES PALAVRAS .....	11
1.0 Organização e apresentação da pesquisa .....	11
1 INTRODUÇÃO – VISÃO GERAL SOBRE A LIBRAS E SEUS PROCESSOS FLEXIONAIS: FUNDAMENTOS E CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA .....	14
1.0 Fundamentos da organização interna do léxico da Libras: Composição de léxico nas línguas naturais .....	34
1. 1 Aspectos morfológicos referentes a organização interna do léxico da Libras .....	37
2 MORFOLOGIA E OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE SINAIS .....	41
2.0 Conhecimento das línguas de sinais como sistemas para uma análise descritiva .....	41
2.1 Morfologia das línguas orais e das línguas de sinais: pontos e contrapontos .....	45
2.3 Sobre a morfologia da Libras .....	55
2.4 Os processos de formação de sinais: derivação, composição, incorporação e flexão .....	57
2.4.0 Processo de formação de sinais na perspectiva de Felipe (2006).....	62
2.4.1 Sobre os classificadores.....	66
3 OS PROCESSOS DE FLEXÃO NOMINAL: CATEGORIAS GÊNERO E NÚMERO .....	81
3.0 Classes de palavras e aspectos flexionais das línguas orais e das línguas de sinais.....	81
3.1 Flexão e suas características .....	90
3.2 Os processos de flexão nas línguas de sinais.....	93
3.2.0 O fenômeno de flexão na Libras na perspectiva de Quadros e Karnopp (2004).....	95
3.2.1 O fenômeno de flexão na Libras na perspectiva de Ferreira Brito (1995) .....	99
3.2.2 O fenômeno de flexão na Libras na perspectiva de Felipe (1998) .....	103
3.3 Flexão verbal e Flexão nominal .....	113
3.3.0 A categoria nominal gênero.....	124
4 ASPECTOS METODOLÓGICOS: A TRAJETÓRIA TRAÇADA .....	138
4.0 Metodologia.....	138
4.1 A natureza da pesquisa .....	139
4.2 Descrição do cenário de pesquisa.....	140
4.3 O participante da pesquisa.....	141
4.4 Trajetórias da pesquisa .....	142
5 REALIZAÇÃO DOS PROCESSOS FLEXIONAIS NA FALA DO SURDO .....	150
5.0 Os processos de flexão nominal expressos na fala espontânea do Surdo participante da pesquisa: categorias de gênero e número .....	150
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	209
REFERÊNCIAS .....	215

APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecimento.....	217
APÊNDICE B – Roteiro flexível aplicado na entrevista semiestruturada .....	218
APÊNDICE C – Glosas de transcrição de enunciados e textos .....	219
APÊNDICE D – Sistemas em glosas de transcrição de enunciados e textos .....	223

## **0 APRESENTAÇÃO - SOBRE A PESQUISADORA: BREVES PALAVRAS**

O interesse pela pesquisa surgiu a partir das minhas vivências e reconhecimento da necessidade por qualificação, na função de Tradutora Intérprete de Libras/Língua Portuguesa - Tilsp. Diante de circunstância de atuação sempre em contexto educacional busquei uma graduação que pudesse me inserir na área, portanto, me formei em Pedagogia. Atuei por sete anos como intérprete na educação básica, durante esse período pude constatar a necessidade de complementação educacional específica que desse suporte à minha atuação.

Atualmente, como tradutora e intérprete de Libras da Universidade Federal de Uberlândia, tive a oportunidade de atuar em diferentes cursos de Graduação e Pós-Graduação. Nesse âmbito, a necessidade de qualificação se tornou ainda mais pungente. Além disso, o contexto acadêmico me oportunizou e instigou a continuar estudando. Fiz especialização, e realizei vários estudos e pesquisas voltadas à área da linguística.

Com base na prática de atuação como intérprete, nos estudos que realizei, e com o contato que tive com pesquisadores e estudiosos da área, pude perceber a carências de estudos descritivos voltados a Libras em contexto de comunicação. Percebi que, até o presente momento, há uma produção assistemática e certa timidez na produção de estudos linguísticos da Libras que propõe realizar pesquisa descritiva da língua tendo como fonte de coleta de dados a fala espontânea do surdo. Percebi, então nesse vácuo, que a realização dessa pesquisa poderia contribuir para os avanços dos estudos linguísticos a partir da descrição de fenômenos internos ao léxico da Libras em contexto de comunicação.

### **1.0 Organização e apresentação da pesquisa**

Na seção introdutória intitulada VISÃO GERAL SOBRE A LIBRAS E SEUS PROCESSOS FLEXIONAIS: FUNDAMENTOS E CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA, foi apresentada uma explanação sobre as línguas de sinais, a partir de um breve histórico e exposição de alguns trabalhos na área. Além disso, foram tratados alguns conceitos-chave para a pesquisa de modo a aclarar o recorte temático. Discorremos sobre os processos flexionais, sobretudo os nominais e apresentamos os fundamentos e a caracterização da pesquisa. Apresentamos também os objetivos, o método escolhido, bem como a justificativa e quadro teórico, oferecendo uma visão de conjunto do tema.

Na seção MORFOLOGIA E OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE SINAIS, apresentamos os conceitos, definições e pressupostos teóricos utilizados para contextualização

da pesquisa. Tratamos dos processos de constituição dos sinais, os processos flexionais, incluindo os classificadores na função de marcadores de flexão. Abordamos alguns fenômenos descritivos das línguas orais, em especial da Língua Portuguesa, que ocorrem de forma semelhante nas línguas de sinais. Fenômenos linguísticos estes que já foram amplamente descritos nas línguas orais e que, apesar de ocorrerem de acordo com a modalidade da língua, podem ser aplicados também as línguas de sinais, servindo de base para sua análise e descrição. As leituras e reflexões apresentadas nessa seção ampararam a realização da análise e descrição dos processos de flexão nominal de gênero e número identificados na fala do surdo participante da pesquisa.

Na seção OS PROCESSOS DE FLEXÃO NOMINAL: CATEGORIAS GÊNERO E NÚMERO, inicialmente trataremos sobre a relação entre classificação e os processos de flexão, tendo em vista que propomos analisar e descrever o processo de flexão na Libras. Para tanto, fez-se necessário tratar dos critérios utilizados na linguística para o reconhecimento de classes das palavras a serem aplicados também na pesquisa. Em seguida, tratamos da definição dos processos de flexão de gênero e número nos nomes, ao encontro dos estudos de Azeredo (2008), Aronoff (1997) e Aronoff, Meir e Sandler (2005), Câmara Jr. (1987) e Rocha (2008). Também, tratamos dos processos de flexão das línguas de sinais, em específico da Libras, nas perspectivas de Felipe (1998), Ferreira Brito (1995) e Quadros e Karnopp (2004). A partir desse referencial teórico buscamos identificar e fazer o levantamento, nas descrições das autoras, dos processos flexionais de gênero e de número na Libras. Os conceitos e definições apresentados nessa seção foram fundamentais, pois serviram como base para elaboração e desenvolvimento da coleta e análise de dados.

A seção METODOLOGIA trata dos aspectos metodológicos e da trajetória da pesquisa. A pesquisa fundamentou-se na abordagem qualitativa de base descritiva e, adotou, como procedimento metodológico, a pesquisa bibliográfica, teórica e básica. Nesta seção, apresentamos a natureza da pesquisa, descrevemos o cenário, apresentamos o participante da pesquisa e o instrumento de coleta de dados. Por fim, descrevemos os procedimentos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa.

A análise e descrição dos dados coletados a partir da fala espontânea do surdo, participante da pesquisa são apresentadas na seção REALIZAÇÃO DOS PROCESSOS FLEXIONAIS NA FALA DO SURDO. Nessa seção apresentamos e descrevemos os processos de flexão nominal de gênero e número identificados na fala do surdo, explicitando os mecanismos de flexão, identificados a partir do instrumento metodológico, e os aspectos morfológicos empregados nos nomes para produzir a flexão.

Na última seção apresentamos as CONSIDERAÇÕES FINAIS, resumindo os pontos principais da análise descritiva dos processos de flexão nominal identificados na fala sinalizada do surdo, sendo essa considerada a principal contribuição para os estudos linguísticos no âmbito da Linguística Descritiva, a partir da língua em uso corrente. Nesse contexto, tratamos da articulação dos processos de flexão de gênero e número em nomes, tratando dos pontos atingidos e dos pontos a serem contemplados na oportunidade de dar sequência a pesquisa. Nesse contexto, sem a pretensão de esgotar a descrição dos fenômenos de flexão de gênero e de número na Libras, visto que compreendemos a dimensão da língua e de seus processos de mudança, retomo o objetivo geral e, respondendo à pergunta de pesquisa, apresentamos uma breve descrição sobre os processos de flexão de gênero e flexão de número, identificados na análise de dados, em relação às categorias substantivo, adjetivo e alguns pronomes; assim, tratamos dos processos flexionais relacionados aos nomes, em seguida, apresentamos as contribuições desta pesquisa em relação aos estudos linguísticos da Libras no âmbito da Linguística Descritiva, discorrendo sobre as limitações da presente dissertação. Por fim, finalizamos a pesquisa tecendo algumas considerações finais para este estudo.

## **1 INTRODUÇÃO – VISÃO GERAL SOBRE A LIBRAS<sup>1</sup> E SEUS PROCESSOS FLEXIONAIS: FUNDAMENTOS E CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA**

Nessa parte, exploramos os conceitos e os fundamentos da Libras, bem como seu léxico e os processos flexionais que são recorrentes tanto nas línguas orais quanto nas línguas de sinais. Para tanto, apresentamos a importância e delimitação dessa pesquisa, delineadas a partir de um breve histórico sobre esse tema, os objetivos, as justificativas e o método escolhido que norteou as ações de coleta e análise de dados, bem como outros elementos que proporcionam uma visão geral do recorte sobre a temática desenvolvida. Para isso, discutimos o que é Libras e quais são os seus fundamentos e alguns trabalhos nessa área do conhecimento que fornecem as bases para sua teorização e prática, a evolução histórica dessa língua e suas pesquisas, assim como pressupostos e conceitos dos aspectos dos processos flexionais que, assim como em diversas línguas naturais, acontecem na Libras.

Os primeiros estudos descritivos relacionados ao léxico e sintaxe das línguas de sinais surgiram a partir de 1960, iniciados por Stokoe. O referido pesquisador da língua de sinais americana investigou a formação do sinal a partir de três parâmetros que eram realizados simultaneamente, a saber: a configuração das mãos, localização e movimentos. Posteriormente os estudos feitos por Baker e Padden em 1978, incluíram os traços não manuais como as expressões faciais, movimentos da boca e dos olhos como distintivos na língua de sinais americana. Os estudos desenvolvidos por Stokoe, partindo da língua de sinais americana, serviram de base para outras línguas de sinais. No Brasil, os estudos linguísticos sobre a Libras voltados para formação de sinais foram iniciados principalmente por Ferreira Brito (1995; 2010) e posteriormente, por Quadros e Karnopp (2004).

A Libras, Língua de Sinais Brasileira, é o meio legal de comunicação e expressão das comunidades surdas do Brasil, cujo sistema linguístico é de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria. Sendo assim, a Libras constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (BRASIL, Lei 10.436/02). A estrutura lexical da Libras, assim como de outras línguas de sinais, é composta e organizada por parâmetros que se combinam, principalmente, com base na simultaneidade (FERREIRA, 1995:2010), quais sejam: Configuração de Mão – CM, Movimento – M, Ponto de Articulação – PA, Orientação – O, Expressão Facial/corporal ou Expressão não-manual - EF.

---

<sup>1</sup> Libras - Sigla para Língua de Sinais Brasileira

As línguas de sinais são línguas completas, complexas, de modalidade espaço–visual e possuem o espaço como canal de comunicação. O que difere as duas modalidades de língua não está no uso do aparelho fonador ou das mãos no espaço, de acordo com Ferreira (1995:2010). A diferença básica entre as línguas de sinais e as línguas orais está nas características na organização/combinção de seus elementos mínimos (organização fonológica), sendo a linearidade mais empregada nas línguas orais e a simultaneidade como sendo característica básica das línguas de sinais (FERREIRA, 1995:2010).

Discutir sobre processos flexionais das línguas de sinais nos inscreve naturalmente no campo da morfologia, cabendo destacar que as línguas de sinais são organizadas a partir de uma morfologia complexa, cuja estrutura morfológica é baseada na simultaneidade, no sentido de que os diferentes morfemas de uma palavra são sobrepostos simultaneamente um ao outro, em vez de ficarem juntos, como costumam ser os das línguas faladas. (ARONOFF; MEIR; SANDLER, 2005).

No entanto, esses linguistas, assinalam que a organização morfológica das línguas de sinais aponta para um verdadeiro paradoxo, uma vez que essas línguas gestuais-visuais não se limitam a estruturas morfológicas simultâneas. De acordo com Aronoff, Meir e Sandler (2005), pelo menos algumas línguas de sinais também possuem afixação sequencial com estruturas lineares que diferem significativamente do tipo simultâneo, não apenas na maneira como os morfemas são afixados entre si, mas também de outras maneiras.

Para Aronoff, Meir e Sandler (2005) o plano de linearidade pode se realizar nas línguas de sinais pela

- a ocorrência, função gramatical e forma da morfologia sequencial construções são específicas do idioma;
- as construções morfológicas sequenciais são variáveis entre os signatários;
- as construções morfológicas sequenciais são frequentemente de produtividade limitada (ARONOFF; MEIR; SANDLER, 2005, p. 302. Tradução nossa<sup>2</sup>).

De todo modo, com gramática própria, o léxico dessas línguas de sinais possui, de fato, uma estrutura complexa com algumas propriedades, inclusive “que não são encontradas nas línguas orais”. (QUADROS; KARNOPP, 2004, p.88).

Nesse caso, Quadros e Karnopp (2004, p.93), esclarecem que “um aspecto específico da modalidade do léxico das línguas de sinais é o sistema separado de construções com

---

<sup>2</sup>Texto original: \*the occurrence, grammatical function, and form of the sequential morphological constructions are language-specific; \* the sequential morphological constructions are variable among signers; \* the sequential morphological constructions are often of limited productivity.

classificadores que participam densamente na formação de novas palavras”. Nas línguas de sinais, conforme essas estudiosas, o aspecto da construção com classificadores no processo de formação de sinais é essencialmente influenciado pela modalidade espaço–visual. No processo de formação de sinais temos basicamente dois processos sendo por derivação e por flexão. Por derivação entendemos a formação de diferentes palavras com uma mesma base lexical, já por flexão entendemos um processo que acrescenta informação gramatical à palavra que já existe.

De acordo com Quadros e Karnopp (2004, p.94), “as categorias gramaticais que podem ser parte de uma palavra por meio da flexão são: gênero, número, tempo, pessoa, caso e aspecto”. Uma vez que nas línguas de sinais há descrições que referem tanto os processos derivacionais como os processos flexionais, essas linguistas, destacam ainda que esses processos acontecem, portanto, envolvendo a combinação de aglutinação e incorporação. De outro modo, para Ferreira e Ferreira (2016), alguns estudos sobre a estrutura morfológica e lexical das línguas de sinais constataram que a Libras apresenta um considerável número de processos que formam sinais, dentre as quais estão a derivação, a composição, a incorporação de numeral e a incorporação da negação.

Ainda tratando de aspectos morfológicos, Ferreira (1995; 2010, p.41) destaca que “os mecanismos das línguas de sinais, muitas vezes, são também baseados na simultaneidade”. Para essa linguista, a modificação da duração e extensão do movimento de alguns sinais pode acrescentar a ideia de grau e os verbos multidirecionais apresentam flexão para pessoas e número por meio da direção do movimento. No entanto, no aspecto nominal da Libras (substantivos e adjetivos), são os fenômenos da flexão de gênero (masculino e feminino) e da flexão de número (singular e plural) que nos interessa mais de perto. Nesse caso, sobre o processo de flexão de gênero e de número na perspectiva nominal na Libras, de acordo com Ferreira (1995; 2010, p.42), “os nomes não apresentam flexão de gênero”, assim como em termos de número e quantificação, “a Libras manifesta o número dos valores singular, dual e plural.

Para se realizarem os fenômenos de flexão nominal, diferente das línguas orais, na Libras há mecanismos de mudança de um ou mais parâmetros que evidenciam a exploração do espaço, por meio da simultaneidade, para a inclusão de informações gramaticais no item lexical (FERREIRA, 1995; 2010). Sendo assim, é na busca por compreender como se realizam os processos de flexão de gênero e de número na fala surdo, ou seja, é no feixe entre os processos de formação de sinais (derivação e flexão) que se encontra o cerne da nossa pesquisa. Nesse contexto, partimos do princípio de que, com uma gramática própria, o léxico

das línguas de sinais, no nosso caso a Libras, possui uma estrutura complexa de flexão de gênero e de número com algumas propriedades que não são encontradas nas línguas orais. Diante do exposto, questionamos: Como o fenômeno da flexão nominal de gênero (masculino e feminino) e de número (singular e plural) se realiza na fala do surdo?

Na busca por respostas a essa pergunta de pesquisa, o **objetivo geral** para esse estudo foi o de discutir questões envolvendo o processo flexional da Libras a partir de seus fenômenos de flexão de gênero e de número na perspectiva da Linguística Descritiva, fundamentada não apenas em características formais dos fenômenos, mas também no emprego efetivo dessas formas que se faz no uso corrente da Libras<sup>3</sup>. Além disso, considerando a descrição linguística de aspectos morfológicos e semânticos da Libras contemporânea, em **específico**, buscamos:

- a) levantar e categorizar os processos flexionais que se realizam na fala de um surdo docente no Ensino Superior;
- b) analisar a estrutura interna dos sinais flexionados apontando a morfologia utilizada no processo de formação (intrassegmentar, suprassegmentar e segmentar);
- c) identificar e descrever os processos flexionais de gênero e de número ocorridos na fala do participante da pesquisa.

Reconhecemos que atualmente há, pelo menos, mais de uma língua de sinais utilizada em território brasileiro, além das variações, inclusive regionais, da Libras. Portanto, faz-se necessário esclarecer que, na presente pesquisa, buscamos analisar a fala sinalizada de um docente surdo que atua em uma instituição de ensino superior, situada em uma cidade do interior mineiro, o qual se constitui como usuário da língua de sinais brasileira majoritariamente utilizada pela comunidade surda brasileira, reconhecida por seu povo como Língua Brasileira de Sinais - Libras.

Conforme até aqui relatado, a Libras, assim como as demais línguas de sinais, é uma língua natural, de modalidade espaço-visual que possui estrutura própria e é regida por princípios universais. Dada a sua especificidade, há diversas propriedades que ora são encontradas, ora não são encontradas nas línguas orais, ora se realizam de modo próprio e diferente da forma como se realizariam nas línguas orais. Alguns pesquisadores brasileiros já

---

<sup>3</sup> Destacamos que, geralmente, as pesquisas que tratam sobre a morfologia da Libras descrevem a composição de sinais de forma isolada e na forma usual de realização, sem analisá-la em contexto de produção, e os aspectos sintáticos são descritos utilizando frases soltas, descontextualizadas, sem o apoio do uso da língua em textos reais. Por isso, diante desta lacuna, a presente pesquisa se propôs a analisar a fala do participante da pesquisa praticada dentro de um contexto, num processo de enunciação, ou seja, analisamos os processos morfológicos (como também os aspectos sintáticos e semânticos), de flexão de gênero e número, aplicados num discurso, conceito que estamos definindo como a língua (Libras) em uso corrente.

se ocuparam em apresentar estudos a respeito dos processos de formação de sinais, inclusive, sobre o fenômeno da flexão nominal e flexão verbal, como Felipe (2006), Ferreira (1995; 2010) e Quadros e Karnopp (2004) para citar os mais expressivos. No entanto, a ênfase desses estudos incidiu mais no processo da flexão verbal, ou na formação de sinais e até mesmo nos aspectos da derivação e composição, e muito menos no fenômeno da flexão nominal de gênero (masculino e feminino) e de número (singular e plural), deixando uma abertura para mais estudos.

Diante desse quadro, o desejo de contribuir com os estudos na área da descrição dos aspectos morfológicos da Libras e a pouca ênfase dada ao tratamento dos processos de flexão nominal dessa língua é o que justifica essa pesquisa. E ainda, considerando a imensidade do campo de investigação nos limites da morfologia das línguas de sinais, sobretudo no campo da formação de sinais em seus fenômenos de flexão nominal, entendemos que há muito ainda a se investigar e descrever sobre a Libras. Além disso, encontramos justificativa também no fato de que os estudos descritivos sobre a Libras podem contribuir para potencializar a sua difusão e garantir sua perenização na linguística e na história, restando óbvia a necessidade de se continuar a investir nas pesquisas no que diz respeito à Libras. Sendo assim, é no sentido de alimentar o interesse científico pela estrutura da Libras em seu aspecto de formação de palavras, descrevê-la documentando e registrando os seus fenômenos linguísticos e as regras que regem a organização de sua estrutura, o que mais justifica esse estudo.

A título de informação, para esse estudo tomamos as análises de aspectos típicos da Libras tendo como referência alguns conhecimentos sobre as produções e percepções das línguas orais, como a Língua Portuguesa, por exemplo. Contudo, essa base de referência na nossa análise será tomada aqui apenas como comparativo de princípios e parâmetros no sentido de identificar e descrever como os fenômenos linguísticos da Libras que são recorrentes na Língua Portuguesa, como a flexão nominal de gênero e de número, se realizam no processo de comunicação sinalizada. Isso devido às modalidades distintas das línguas e por terem uma gramática própria.

Dando prosseguimento no processo de delimitação da pesquisa, caracterizando os elementos de uma visão geral do recorte sobre a temática desenvolvida, cabe tratar nesse espaço sobre algumas noções e conceitos (termos e expressões chave) que conduziram nossas ações de coleta e análise de dados desse estudo, a saber: morfologia, formação de palavras, flexão, gênero e número. Para essa parte introdutória, elegemos, para tanto, o *‘Dicionário de Linguística’* de autoria de Jean Dubois e outros autores, publicado pela Editora Cultrix no ano de 2014. Essa escolha se deu por conta de que essa obra acolhe todas as grandes correntes

teóricas na elaboração de enunciados explicativos, os quais podem ser aplicados para grande parte das línguas naturais, inclusive, inúmeras línguas de sinais, servindo de guia norteador conceitual.

Iniciando pelo termo ‘morfologia’, o grande campo em que nosso estudo se inscreve, de acordo com Dubois *et.al* (2014), em linguística moderna,

a morfologia é a descrição das regras que regem a estrutura interna das palavras, isto é, as regras de combinação entre morfemas-raízes para constituir ‘palavras’ (regras de formação das palavras) e a descrição das formas diversas que tomam essas palavras conforme a categoria de número, gênero, tempo, pessoa e conforme o caso (flexão das palavras). (DUBOIS *et.al*, 2014, p.391),

No seio da morfologia, a identificação e descrição dos fenômenos de flexão nominal que ocorrem no processo de comunicação na Libras, enfoque dessa pesquisa, perpassa pelo estudo de questões referentes ao processo de formação de sinais. Nesse caso, compreender como se caracteriza esse processo de combinação de elementos para formar palavras se mostra relevante para a pesquisa e se faz pertinente sua definição nesse espaço. Segundo Dubois *et.al*. (2014, p.268), “formação de palavras é o conjunto de processos morfossintáticos que permitem a criação de unidades novas a partir de morfemas lexicais. Utilizam-se, assim, para formar palavras, os afixos de derivação ou os processos de composição”.

Na sequência da apresentação dos nossos conceitos chave, recorrente tanto nas línguas orais quanto nas de sinais, apresentamos o fenômeno da flexão que pode ser entendido como sendo um

processo morfológico que consiste em prover as raízes (verbais, nominais, etc) de afixos e desinências; estes exprimem as funções sintáticas (casos), as categorias gramaticais do número, do gênero, da pessoa, ou as categorias semânticas do animado, do contável, e etc., conforme as classes de palavras determinadas por cada língua. [...] A flexão é o conjunto de formas flexionadas de uma palavra (substantivo, pronome ou verbo) que varia conforme os casos, o gênero e o número, a pessoa, etc. A flexão dos nomes e dos pronomes constitui a declinação; a dos verbos constitui a conjugação. (DUBOIS, *et.al*. 2014. p. 259).

Outro fenômeno bastante recorrente nas línguas naturais é a marcação de gênero e de número para os nomes, que se realiza, basicamente, por meio de processos de flexão. Buscamos também em Dubois *et. al*. (2014) conceitos para os temas ‘gênero’ e ‘número’ no âmbito da linguística, em que gênero pode ser entendido como sendo

Uma categoria gramatical que repousa sobre a repartição dos nomes em classes nominais, em função de um certo número de propriedades formais que se manifestam pela referência pronominal, pela concordância do adjetivo (ou do verbo) e por afixos nominais (prefixos, sufixos ou desinências causais) sendo suficiente um só desses critérios. Assim conforme esses três critérios, definem-se em português duas classes, os masculinos e os femininos. [...] em latim, definem-se três classes, os masculinos, os femininos e os neutros. (DUBOIS, *et.al.* 2014. p.281).

Os autores esclarecem que nas descrições linguísticas da Língua Portuguesa, o gênero masculino é marcado como base no sistema e não aparece com marcação, já o gênero feminino surge como uma variação morfológica do masculino que, por vezes, é tomado como base.

Já a categoria ‘número’ é definida por Dubois, *et. al.* (2014) como sendo

Uma categoria gramatical que repousa sobre a representação das pessoas, animais ou objetos, designados por nomes, como entidades contáveis, suscetíveis de serem isoladas, contadas e reunidas em grupos, em oposição à representação dos objetos como massas indivisíveis. [...] No interior dos nomes contáveis, o número opõe a representação de um ‘objeto’ individualizado, isolado (singularidade), à representação de mais de um objeto individualizado (pluralidade). (DUBOIS, *et.al.* 2014. p.407).

Tratados todos os conceitos-chave, apresentados os elementos que proporcionam uma visão geral do recorte sobre a temática, cabe destacar que esses conceitos são melhor explorados e aprofundados, em especial, nas seções que compõem a fundamentação teórica dispostos na sequência desse texto.

Quanto ao quadro teórico-metodológico, o estudo foi circunscrito na pesquisa descritiva e teórica, além de contar com uma revisão bibliográfica da temática de estudo. Em relação à pesquisa teórica de natureza básica, de acordo com Demo (2000), esse tipo de pesquisa é dedicado a reconstruir teoria, conceitos, ideias, ideologias, polêmicas, tendo em vista, em termos imediatos, aprimorar fundamentos teóricos.

Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada feita a um docente surdo, usuário da Libras e lotado em uma Instituição de Educação Superior – IES. Essa entrevista foi filmada, servindo de base de coleta dos dados para análise. A busca foi por verificar como os fenômenos da flexão nominal nas categorias de gênero (masculino e feminino) e número (singular e plural) muito recorrentes na Língua Portuguesa e em outras línguas orais se realizam na fala do surdo, ou seja, na Libras em funcionamento.

Desse modo, o estudo foi realizado a partir de uma comparação entre o que se tem de conceito e aplicação desses fenômenos nas línguas orais descrito por linguistas das línguas

orais, contrastados com a ocorrência desses mesmos fenômenos nas línguas de sinais descrita. Para a presente pesquisa, a análise e descrição foram feitas, no sentido de verificar como e quais conceitos de flexão nominal se aplicam ou não para a Libras, além de identificar quais propriedades da flexão nominal que ocorrem na Libras que não ocorrem na Língua Portuguesa, delineando a identidade linguística da Libras em termos de flexão nominal.

O referencial teórico desse estudo foi baseado em um conjunto de pressupostos teóricos que nortearam o trabalho descritivo das línguas de sinais e da Libras sobretudo os desenvolvidos por Aronoff (1997), Aronoff, Meir e Sandler (2005), Felipe (2006), Ferreira Brito (1995;2010), Quadros e Karnopp (2004), assim como os pressupostos teóricos das línguas orais e da Língua Portuguesa desenvolvidos por Azeredo (2008), Câmara Jr. (1977; 1987), Dubois *et. al.* (2014) e Rocha (2008). Todos esses trabalhos apresentam contribuição para os estudos a respeito do fenômeno de flexão nominal nas categorias de gênero e de número. Esses trabalhos, entre outros, fundamentaram nossas ações de coleta de análise de dados no âmbito dos estudos dos aspectos descritivos das línguas de sinais e da organização interna do léxico da Libras no âmbito do processo flexional nominal inscrito no campo da morfologia.

A presente pesquisa foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), mais especificamente na linha - Teoria, descrição e análise linguística, e também está ligada ao Grupo de Pesquisas em Estudos da Linguagem, Libras, Educação Especial e a Distância e Tecnologias (GPELET) liderado pela professora Dra. Eliamar Godoi.

Criado no ano de 2014 e certificado pelo CNPQ, o GPELET<sup>4</sup> tem estimulado a produção de conhecimento por meio do desenvolvimento de pesquisas em diferentes perspectivas por meio de um elemento que conflui as cinco linhas do grupo de pesquisa: a inclusão e a acessibilidade da pessoa com deficiência.

A seguir, apresentaremos as produções acadêmicas realizadas pelos componentes do grupo, desde a sua criação até a atualidade:

**Figura 1:** Quadro de Teses e Dissertações defendidas por pesquisadores integrantes do GPELET de 2014 a 2020

	<b>PESQUISADOR</b>	<b>TRABALHO</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>ANO</b>
01	Aparecida Rocha Rossi	O Ensino de Libras na Educação Superior: Ventos, trovoadas e	Mestrado	2014

<sup>4</sup> Para mais informações sobre o GPELET, acessar: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0770069618391261>

		brisas – UFU		
02	Rosane Cristina de Oliveira Santos	O espaço comunicativo do Aposentado na UFU – UFU	Mestrado	2014
03	Lucio Cruz Silveira Amorim	Políticas educacionais de inclusão: a escolarização de Surdos em Uberlândia-MG –UFU	Mestrado	2015
04	Paulo Sérgio de Jesus Oliveira	O movimento surdo e suas repercussões nas políticas educacionais para a escolarização de surdos – UFU	Mestrado	2015
05	Wandely Leão Junior	História das instituições educacionais para o deficiente visual: o instituto de cegos do brasil central de Uberaba (1942-1959) – UFU	Mestrado	2015
06	Soraya Bianca Reis Duarte	Validação do WHOQOL-Bref/Libras para avaliação da qualidade de vida de pessoas surdas – UFG	Doutorado	2016
07	Telma Rosa de Andrade	Pronomes pessoais na interlíngua de surdo/aprendiz de português L2 – UNB	Mestrado	2016
08	Elaine Amélia de Moraes Duarte	Tenho uma aluna surda: experiências de ensino de Língua Portuguesa em contexto de aula particular – UFU	Mestrado	2017
09	Flavia Medeiros Álvaro Machado	Formação e Competências de Tradutor e Intérprete de Língua em interpretação simultânea de Língua Portuguesa-Libras: estudo de caso em câmara de deputados federais – UCS	Doutorado	2017
10	Lucas Floriano de Oliveira	Elementos avaliativos em comentários de blogs de ensino de português para surdos sob a perspectiva do sistema de avaliatividade – UFG	Mestrado	2017
11	Mara Rúbia Pinto de Almeida	Narrativas de sujeitos surdos: relatos sinalizados de uma trajetória – UFU	Mestrado	2017
12	Paulo Celso Costa Gonçalves	Políticas públicas de livro didático: elementos para compreensão da agenda de políticas públicas em educação no Brasil – UFU	Doutorado	2017
13	Rogério da Silva Marques	O profissional Tradutor e Intérprete de Libras Educacional: desafios da política de formação profissional – UFU	Mestrado	2017
14	Eloá Tainá Costa da Rosa Moraes	O professor de Língua Portuguesa para o aluno surdo: identificações e representações – UFU	Mestrado	2018
15	Letícia de Sousa Leite	Mecanismos de avaliação da aprendizagem de aluno surdo no ensino superior no âmbito da	Mestrado	2018

		Linguística Aplicada – UFU		
16	Márcia Dias Lima	As Políticas de Acessibilidade dos Livros Didáticos em Libras – UFU	Mestrado	2018
17	Marisa Dias Lima	Política Educacional e Política Linguística na Educação dos e para os Surdos – UFU	Doutorado	2018
18	Waldemar dos Santos Cardoso Junior	Oficina pedagógica de escrita para surdos usuários da Libras - PUC/SP	Doutorado	2018
19	Guacira Quirino Miranda	Talentos Esportivos no Ensino Fundamental: (Re)Pensando as Altas Habilidades ou Superdotação no esporte – UFU	Doutorado	2019
20	Késia Pontes de Almeida	Do assistencialismo à luta por direitos: as pessoas com deficiência e sua atuação no processo de construção do texto Constitucional de 1988 – UFU	Doutorado	2019
21	Renata Altair Fidelis	Desenvolvimento Profissional e formação contínua de professores: contribuições do mestrado em educação – UFU	Mestrado	2019
22	Naiane Ferreira Souza	Processo de Ensino e Aprendizagem de Matemática nas Escolas Prisionais: Perspectivas e Possibilidades – UFG	Mestrado	2020

Quadro fonte: elaborado pela própria autora (2020)

Dentre as vinte e duas (22) produções supracitadas, quinze (15) delas se relacionam com a presente pesquisa por tratarem em específico da temática Libras, as quais apresentamos detalhadamente a seguir, todavia estes trabalhos englobam diversos aspectos da língua e em âmbitos diferentes do mostrado neste estudo.

No que tange aos aspectos político e histórico relacionados ao processo de ensino de Libras e a escolarização dos surdos destacamos:

- 1) A dissertação *O Ensino de Libras na Educação Superior: Ventos, trovoadas e brisas* – UFU de autoria surda, produzida por Aparecida Rocha Rossi, defendida em 2014, tratou do desafio da implementação da Libras no Ensino Superior, mais precisamente na Universidade Federal de Uberlândia de 2006 a 2013. A pesquisa constatou que apesar de o MEC/SECADI ter desenvolvido várias ações com o objetivo de garantir que o Decreto 5.626/05 fosse efetivado, este não criou condições materiais para que as Instituições de Ensino Superior (IES) pudessem cumprir as determinações presentes no decreto. Tendo em vista esse contexto, a UFU, por vontade política interna, implementou em seus

currículos desde 2008, a disciplina de Libras, nos cursos de licenciatura e facultativo nos cursos de bacharelado.

- 2) A dissertação *Políticas educacionais de inclusão: a escolarização de Surdos em Uberlândia-MG –UFU*, produzida pelo autor surdo Lúcio Cruz Silveira Amorim e defendida em 2015, analisou as políticas inclusivas no que se refere aos processos de escolarização dos alunos surdos no município de Uberlândia, em específico a organização da rede municipal de educação no período de 2002 a 2014. A pesquisa constatou que apesar dos avanços legais ocorridos nas últimas décadas, os quais garantiram a matrícula do aluno surdo no ensino regular, é necessário refletir e agir sobre questões que envolvem as barreiras linguísticas, a formação de professores, o material didático, os currículos flexíveis e a avaliação para que o mesmo seja de fato incluído.
- 3) A dissertação, *O movimento surdo e suas repercussões nas políticas educacionais para a escolarização de surdos – UFU*, de autoria surda, produzida por Paulo Sérgio de Jesus Oliveira defendida também em 2015. A pesquisa objetivou identificar e apresentar as contribuições do movimento organizado socialmente pela comunidade surda brasileira na construção das políticas educacionais para surdos no período de 2002 a 2014. A partir do estudo constatou-se que o Instituto Nacional de Educação de Surdos (Ines) exerceu um importante papel na formação política e na manutenção da língua de sinais viva entre os surdos. Contatou-se também que, a partir da organização do movimento surdo foi possível conquistar o reconhecimento da Libras pela lei 10.436/02 e o Decreto 5.626/05 que motivaram várias ações na educação básica e superior que impactaram na vida das pessoas surdas em geral.
- 4) A tese, *Validação do WHOQOL-Bref/Libras para avaliação da qualidade de vida de pessoas surdas – UFG* de autoria de Soraya Bianca Reis Duarte produzida em 2016, objetivou a validação de um instrumento de avaliação da qualidade de vida das pessoas surdas considerando as peculiaridades culturais e identitárias do povo surdo que se comunica por meio da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Um questionário sociodemográfico foi aplicado a trezentas e onze (311) pessoas surdas oriundas de segmentos sociais diversos, em todo o território nacional, com faixa etária entre 18 e 65 anos e que se comunicam por meio de Libras. O WHOQOLBref/Libras foi utilizado para apresentar as questões aos respondentes na forma de vídeos, armazenando suas respostas em um banco de dados. Como resultado da pesquisa o WHOQOLBref/Libras pôde ser considerado um instrumento com qualidades psicométricas satisfatórias, sendo válido para

ser utilizado em estudos que avaliam a qualidade de vida de pessoas surdas que se comunicam por meio de Libras.

- 5) A dissertação, *Narrativas de sujeitos surdos: relatos sinalizados de uma trajetória – UFU* de autoria de Mara Rúbia Pinto de Almeida produzida em 2017, analisou os relatos de vida, registrando as histórias de um grupo de sujeitos surdos com formação em Ensino Superior, com o objetivo de identificar e apontar as características de vida desses sujeitos antes e após o contato com a Libras, a fim de encontrar padrões de recorrências nos relatos apresentados. Os dados apontaram para três padrões de recorrência: a imposição da fala oral pela família; o contato e a aquisição da Libras tardiamente; e as dificuldades enfrentadas no processo de escolarização. Como resultado da pesquisa, a partir dos relatos surdos, constatou-se que foi a partir da aquisição da Libras, independentemente da idade, que os sujeitos conquistaram a autonomia, e passaram a traçar novas direções para suas vidas. O trabalho também propôs elaborar um guia de orientação para os professores sobre o processo de acolhimento do aluno surdo na sala regular de ensino, tendo em vista, a realização da pesquisa em um Programa que prioriza a formação docente.
- 6) A tese *Política Educacional e Política Linguística na Educação dos e para os Surdos – UFU* produzida por Marisa Dias Lima, autora surda, defendida em 2018, realizou um estudo transversal dos referenciais teóricos que fundamentam as políticas educacionais e as políticas linguísticas públicas brasileiras, no tocante à Educação dos e para os Surdos, para compreender e apreender as correlações e as tensões existentes entre a legislação brasileira inclusiva, sua criação e seu desenvolvimento nas instituições públicas envolvidas com a educação dos e para os Surdos no período corresponde a 2005 a 2017. É uma pesquisa qualitativa com ênfase na análise documental e no discurso, em que analisou os documentos nacionais CNE, LDB, PNE, Leis, Decretos, portarias, nota técnica dentre outros, os quais orientam a política educacional e linguística na Educação dos e para os Surdos, bem como os documentos institucionais, isto é, PDI e PPP de curso de formação para atuar nos processos de escolarização de Surdos, envolvendo questões de políticas linguísticas para este público em específico. Também, realizou entrevista semiestruturada com os profissionais das IES e das Instituições de Surdos. O desenvolvimento do estudo possibilitou constatar que as políticas educacionais e as políticas linguísticas na Educação dos e para os Surdos, ainda se encontram em impasse tanto nos órgãos governamentais quanto nas Instituições de IES e de Surdos no que tange à formação dos Surdos e ouvintes que apresentam diferentes práticas discursivas, conduzidos por uma reflexão equivocada sobre a Educação dos e para os Surdos. A

aplicação de uma proposta de negociação faz-se necessária para que se possa estabelecer a possibilidade de relação entre a Inclusão Escolar e a Educação dos Surdos/Ensino Bilíngue sendo efetivada na formação, nas estruturas e nas ações pedagógicas.

A seguir apresentamos as pesquisas que tratam do processo de ensino das pessoas surdas no desenvolvimento de estratégias didáticas-metodológicas e na avaliação e/ou formação de professores:

- 1) A dissertação, *Tenho uma aluna surda: experiências de ensino de Língua Portuguesa em contexto de aula particular – UFU*, de autoria de Elaine Amélia de Moraes Duarte, produzida em 2017, buscou refletir sobre o processo de ensino de Língua Portuguesa para surdos. A partir da pesquisa narrativa a autora narrou e analisou sua experiência docente de ensino de Língua Portuguesa ao ministrar aulas particulares à uma aluna surda estudante do ensino médio. Intervindo sobre sua própria prática docente buscou adequar o ensino de Língua Portuguesa a uma abordagem de ensino de língua contextualizado a partir da análise e produção de gêneros textuais.
- 2) A dissertação, *As Políticas de Acessibilidade dos Livros Didáticos em Libras - UFU* de autoria surda, produzida por Márcia Dias Lima, defendida em 2018, pretendeu compreender as noções e os compromissos expressos na acessibilidade em Libras, presentes na Política Nacional do Livro Didático (PNDL) e suas repercussões no processo de escolarização dos alunos Surdos, das escolas da rede pública de ensino no período de 2007 a 2017. A pesquisa qualitativa com ênfase na análise documental averiguou aspectos de acessibilidade em Libras nos livros didáticos, Trocando Idéias, Pitangua e Portas Abertas. O estudo mostrou que as propostas apresentadas pelas coleções instrumentalizam o estudante Surdo a fazer uso das diferentes práticas discursivas, porém, identificou, nas três coleções, problemas nos encaminhamentos de atividades indicando a necessidade de um percurso, no sentido de efetivar o trabalho com o uso da Libras em sala de aula, como um eixo de ensino-aprendizagem, para que a acessibilidade em Libras se efetive enquanto conteúdo a ser ensinado e adquira consistência nas propostas pedagógicas.
- 3) A dissertação, *Elementos avaliativos em comentários de blogs de ensino de português para surdos sob a perspectiva do sistema de avaliatividade – UFG* de autoria surda, produzida por Lucas Floriano de Oliveira e defendida em 2017, visou compreender como o ensino de português para surdos vem sendo discutido por profissionais da área que se utilizam de blogs como ferramentas para promover esse ensino. A Gramática

Sistêmico-Funcional é analisada pelo Sistema de Avaliatividade nos posts de blogs de ensino da Língua Portuguesa para surdos, por intermédio do Sistema de Atitude da GSF aplicado nos comentários desses usuários dos blogs. A pesquisa constatou que uma das vantagens do blog é favorecer o Bilinguismo, podendo ser acessado nas duas línguas, na Libras e no Português o que auxilia o processo de aprendizagem da segunda língua pelos surdos, tendo no espaço virtual o uso de imagens que servem de apoio na transcrição linguística de ambas línguas.

- 4) A dissertação, *O professor de Língua Portuguesa para o aluno surdo: identificações e representações - UFU*, de autoria de Eloá Tainá Costa da Rosa Moraes produzida em 2018, objetivou problematizar e analisar a extensão dos efeitos de um curso formador de professor na memória discursiva deste professor em formação e as consequências destes efeitos sobre os modelos de seu posicionamento como sujeito-professor. Metodologicamente, a pesquisa valeu-se das transcrições de entrevistas semiestruturadas realizadas com os professores em formação provenientes da primeira turma do curso de Língua Portuguesa com Domínio de Libras – LPDL da UFU. Foram investigados e problematizados três eixos de análise, os quais foram resultantes de um eixo central de investigação: a impossibilidade de falar do outro sem falar de si. A saber: as representações de surdo; as representações de língua de sinais e/ou de Libras; e as do ser professor. Os pressupostos teóricos norteadores da pesquisa foram os estudos discursivos de linha francesa perpassados pela psicanálise, em especial no que diz respeito às noções de língua e sujeito. Tais princípios têm como foco a heterogeneidade discursiva constitutiva dos dizeres do sujeito sócio-historicamente constituído. O processo de análise indicou que há um eixo central nas representações: a impossibilidade de falar do surdo sem falar do ouvinte. Percebeu-se que a constituição deste professor em formação dá-se na tensão entre as representações de surdos que podem ser percebidas em discursividades do imaginário social; nas representações dos participantes da pesquisa já afetados pela experiência; e na consequente interdiscursividade do LPDL, em especial, dos Estudos Surdos.
- 5) A dissertação, *Mecanismos de avaliação da aprendizagem de aluno surdo no ensino superior no âmbito da Linguística Aplicada - UFU*, de autoria de Letícia de Sousa Leite, produzida em 2018, teve como objetivo geral analisar como se constituíram os processos avaliativos que foram desenvolvidos no curso de Letras: Língua Portuguesa do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, o qual recebeu uma aluna surda dentre os anos de 2012 a 2017. O eixo de análise pautou-se

na interrelação dos procedimentos avaliativos com diferentes concepções e mecanismos de avaliação da aprendizagem de aluno surdo no ensino superior. A relevância da pesquisa justificou-se pela raridade de estudos envolvendo o processo de avaliação do ensino para surdos na perspectiva da Linguística Aplicada. A pesquisa apresentou e descreveu os principais instrumentos efetivamente utilizados e as maneiras pelas quais se realizaram as atividades e os processos de avaliação de rendimento. Relacionou os mecanismos de avaliação adotados no curso aos determinados pela legislação. E, por fim, buscou eleger e apresentar a proposta de avaliação que se mostrou mais adequada à especificidade linguística da aluna surda matriculada, com vistas a dar visibilidade às experiências positivas e ser apresentada como proposta para avaliação da aprendizagem de alunos surdos ingressados no ensino superior. Os resultados indicaram que os processos avaliativos aplicados à aluna surda favoreceram o seu êxito nos componentes curriculares. Já os mecanismos adotados mais adequados às necessidades da aluna foram aqueles que contemplaram a sua condição linguística, quais sejam, correção das atividades avaliativas considerando a sua segunda língua; as provas “orais” ou provas visuais (como denomina a autora), em que a aluna pôde expressar os seus conhecimentos em Libras via mediação dos intérpretes; e outras ações previstas nos documentos legais citados ao longo da pesquisa que visaram à garantia da qualidade da educação do surdo. E, por fim, a proposta avaliativa que se mostrou mais adequada à especificidade do surdo foi a avaliação na perspectiva formativa pelo fato de favorecer o desenvolvimento da sua aprendizagem, uma vez que o aluno se torna copartícipe desse processo, na promoção de uma aprendizagem crítico-reflexiva.

- 6) A tese, *Oficina pedagógica de escrita para surdos usuários da Libras - PUC/SP* de autoria de Waldemar dos Santos Cardoso Junior, produzida em 2018, está inserida na linha de pesquisa Leitura, Escrita e Ensino de Língua Portuguesa, do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e teve como tema o trabalho pedagógico de escrita do gênero textual cartaz, desenvolvido no âmbito do Projeto de Extensão Universitário – Oficina de Leitura e Escrita de Português para Surdos (PEU-OLEPS), da Universidade Federal do Pará (UFPA), por aprendizes surdos usuários da Libras. A pesquisa, de abordagem qualitativa do tipo participante, envolveu sete aprendizes surdos usuários da Libras que realizaram atividades de escrita do gênero textual cartaz entre março e maio de 2015. O andamento de atividades obedeceu ao cumprimento de três fases: primeira

fase – avaliação diagnóstica nos aprendizes em relação à leitura e à escrita de gêneros textuais; segunda fase – proposta pedagógica de escrita do gênero textual cartaz; terceira fase – prática de escrita do gênero textual cartaz sobre a temática corrupção no Brasil. Os resultados indicaram que, embora os aprendizes tenham demonstrado, inicialmente, dificuldades de compreensão textual e de escrita, o trabalho pedagógico que envolveu a contextualização da temática a ser trabalhada, assim como do gênero textual, além do exercício contínuo de escrita e reescrita, levaram os aprendizes à produção de textos significativos do ponto de vista comunicativo.

Identificamos também trabalhos que tratam do profissional tradutor intérprete de língua de sinais –Tils quanto ao seu papel de atuação, formação e competências/habilidades tradutórias e interpretativas do par linguístico Libras/Língua Portuguesa, os quais apresentamos a seguir:

- 1) A tese, *Formação e Competências de Tradutor e Intérprete de Língua em interpretação simultânea de Língua Portuguesa-Libras: estudo de caso em câmara de deputados federais – UCS*, realizada por Flavia Medeiros Álvaro Machado e defendida em 2017, focalizou a questão da formação e das competências envolvidas na atuação de tradutores/intérpretes (Tils) de Língua de Sinais (Libras/Português) para atuação em contexto político em interpretações simultâneas. Fundamentou seus argumentos em um Estudo de Caso de interpretação simultânea em uma sessão da Câmara de Deputados Federais. Teve como problema norteador da pesquisa a pergunta: Como as escolhas realizadas pelo Tils, no processo de interpretação simultânea de Português (modalidade oral) para Libras, em sessões parlamentares, são semântica e pragmaticamente adequadas? O estudo visou identificar quais as escolhas lexicáticas que os Tils realizam para traduzir os conceitos em contextos políticos, durante uma interpretação simultânea em sessão parlamentar; analisar como são feitas as escolhas explícitas durante o processo de leitura e compreensão interpretativa; e delinear quais as competências e habilidades que o Tils necessita desenvolver para se tornar mais eficientes e eficazes as escolhas interpretativas de conceitos utilizadas em contextos de ordem política. O *corpus* foi formado pelas transcrições da fala dos parlamentares e da interpretação dos Tils que são realizadas em trilhas do *software* Eudico Language Annotator - ELAN, a partir de um sistema de notações e marcações de tempo em segundos, que resulta em 30 excertos. Os resultados das análises

confirmaram a necessidade de formação específica, especializada, para interpretações simultâneas em contextos políticos e, ato contínuo, em outros contextos especializados, como educacional, clínico, social, jurídico, entre outros. Verificou-se, por conseguinte, que competências, tais como: linguísticas, tradutórias, interpretativa e comunicativa são alvos tanto de formação acadêmica como de aprimoramento ao longo da atuação profissional para o êxito da interpretação simultânea.

- 2) A dissertação, *O profissional Tradutor e Intérprete de Libras Educacional: desafios da política de formação profissional - UFU*, de autoria de Rogério da Silva Marques, produzida em 2017, propôs-se identificar a formação profissional dos Tradutores e Intérpretes de Libras Educacional – TILSE(s), a partir da investigação documental das atas de designações, que atuaram no período de 2012 a 2015 em duas escolas da rede estadual de ensino do município de Ituiutaba. Por meio da pesquisa, buscou-se refletir sobre a política de formação desse profissional, sua trajetória de reconhecimento legal enquanto profissão e seu código de ética profissional. Com a pesquisa foi possível constatar: a) a imprescindibilidade de se compreender que a formação necessária do TILSE não é a licenciatura, como compreendido pela rede estadual de ensino de Minas Gerais em suas orientações legais, mas o bacharelado na Tradução e Interpretação em Libras/Português; b) a existência de equívoco no entendimento do processo do que vem a ser formação iniciada e continuada dos TILSE; c) a existência de demanda de ampliação do acesso à formação em nível superior em bacharelado de Tradução e Interpretação Libras-Português, nas regiões interioranas; d) a necessidade de se entender que o TILSE precisa ser incluído no quadro do magistério; e) e a constituição profissional dos TILSE, na realidade estudada, apresentou-se de forma heterogênea, ora como professor, ora como apoio especializado na comunicação e no acesso dos educandos Surdos no processo de aprendizagem, o que torna precário o processo formativo do aluno Surdo, que, frente ao estudo, é o principal prejudicado nos desentendimentos da Política de formação do TILSE.

Por fim, tratando em específico da análise e descrição dos aspectos linguísticos e gramaticais presentes na interlíngua Libras e Língua Portuguesa na modalidade escrita dos surdos, identificamos:

- 1) A dissertação, *Pronomes pessoais na interlíngua de surdo/aprendiz de português L2 – UNB*, de autoria surda, produzida por Telma Rosa de Andrade e defendida em 2016, investigou o uso dos pronomes na interlíngua de surdos aprendizes de português (L2),

que utilizam a língua de sinais brasileira (Libras) como a primeira língua (L1). A fim de identificar e compreender o processo de interlíngua a pesquisadora pontuou que nas línguas de sinais, os pronomes são realizados pela apontação no espaço de sinalização e também pela orientação do olhar, já na Língua Portuguesa, os pronomes assumem formas diferentes se estão na posição de sujeito ou de complemento. A pesquisa adotou a abordagem da teoria gerativa e a hipótese de que a L1 é o estado mental inicial no desenvolvimento da L2. Nessa direção, verificou-se o uso dos pronomes nos dados de aquisição de português L2 (escrito) nas seguintes condições: preenchimento de lacuna com o pronome sujeito, com verbo flexionado, em contexto de sentença e preenchimento de lacuna com o pronome sujeito, com verbo flexionado, em contexto de diálogo. Na coleta dos dados, adotando uma perspectiva transversal, acreditou-se que o *input* linguístico da aquisição aumentaria em função do nível acadêmico dos participantes, contudo, constatou-se que não existe diferença significativa nos resultados em função do nível acadêmico, mas, no total, existem mais acertos nas séries finais. Verificou-se também que o traço semântico de animacidade do referente é uma propriedade relevante na aquisição do sistema pronominal, pois os participantes usaram o pronome preferencialmente para substituir o referente do tipo [+animado]. A maioria dos participantes apresentaram dificuldades no uso de pronomes para substituir referentes do tipo [-animado]. Apresentaram dificuldade, também, no uso dos pronomes de 1ª e 2ª pessoas, em contexto de sentença, mesmo com o verbo flexionado. Como resultado da pesquisa constatou-se que sistema pronominal nas duas línguas é significativo, concluiu-se que as inadequações no uso do sistema pronominal na interlíngua dos surdos aprendizes de português L2 indicam que há interferência da L1. Essa interferência pode ser explicada pelo papel das dêixis, obrigatória nas três pessoas em Libras, mas não no português, na indicação do referente por meio do movimento direcional e da orientação do olhar.

Por meio do levantamento apresentado é possível mensurar a contribuição do GPELET para o âmbito científico nacional, em especial no que tange à promoção da inclusão e da acessibilidade da pessoa com deficiência.

Os trabalhos na área de descrição da Libras têm surgido analisando diversos aspectos das línguas de sinais, sendo que a maioria desses estudos são voltados ao campo da sociolinguística ou na utilização da língua vernácula dos surdos para descrever os processos de mudança e variação linguística da Libras. No entanto, um breve levantamento do estado da

arte sobre os estudos envolvendo processos descritivos da Libras apontou tímido e assistemático destaque para os estudos da Libras na perspectiva da Linguística Teórica. Nesse contexto, defendemos que a pesquisa da Libras em seus diversos níveis linguísticos (fonético/fonológicos, morfológico, sintáticos, semânticos e pragmáticos) deve ser estimulada, haja vista o vácuo percebido nesse campo de estudos. Muitos fenômenos linguísticos envolvendo a organização, estrutura e funcionamento da Libras ainda aguardam e primam por estudos e descrição, até mesmo para fortalecimento e aceitação dessa língua nos espaços de interlocução e de comunicação brasileiros.

Sendo assim, considerando a necessidade de mais pesquisas aprofundadas envolvendo a descrição dos processos internos do léxico da Libras, reservamos nesse estudo um espaço para a difusão e divulgação de alguns trabalhos nessa linha. Para tanto, um levantamento de estudos descritivos da Libras no banco de Teses e Dissertações da CAPES, possibilitou encontrar alguns trabalhos que se enquadram nessa característica, os quais destacamos alguns deles para fins de divulgação e compartilhamento desse nicho de pesquisas que tem reclamado por mais espaço na linguística moderna.

Destacamos primeiramente a Tese de Renata Lucinda Moreira defendida em 2007 intitulada *Uma descrição da Dêixis de pessoas na Língua de Sinais Brasileira: pronomes pessoais e verbos indicadores*. A autora utilizou os dados levantados pelo dicionário Capovilla e Raphael (2001), dados eliciados por colaboradores surdos, e dados da língua em uso obtidos por meio de narrativa infantil contada por uma participante surda. Em termos gerais, a partir dos estudos empíricos realizados, foi possível descrever como os surdos usam o espaço de sinalização para construir, representar e caracterizar os personagens da história utilizando os dêiticos e, realizou o levantamento dos pronomes pessoais e verbos indicadores na Libras.

Outro trabalho que mereceu destaque na área é a Tese de Tarcísio de Arantes Leite, defendida em 2008, intitulada *A segmentação da Língua de Sinais Brasileira (Libras): um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos*. A pesquisa é desenvolvida a partir da conversação espontânea entre díades de surdos adultos fluentes em Libras. O autor analisa a manifestação da atenção conjunta ao nível do discurso e a segmentação interna dos turnos de fala sinalizados e realizados por meio da combinação de uma abordagem com foco nas unidades entoacionais do discurso e entre outras coisas, destaca a gramática baseada no uso. Explora as relações entre língua, cognição e interação, revela o importante papel da prosódia e da gestualidade para o estabelecimento da atenção conjunta na interação.

Destacamos também a Dissertação defendida por Thaís Bolqueroni Barbosa em 2013, *Uma descrição do processo de referenciação em narrativas contadas em língua de sinais brasileira – Libras*. A autora realiza uma descrição do processo de referenciação a partir da narrativa intitulada, *O amor é surdo*, contada por um surdo adulto fluente em Libras. A análise da narrativa é fundamentada na proposta em McCleary, Viotte e Leite (2010), em que a pesquisadora se propõe analisar e descrever como o sinalizador introduz e retoma as personagens nas narrativas.

Ainda podemos destacar a Tese de Cristina de Almeida Sianes de Castro, desenvolvida em 2007 na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Por meio da pesquisa, *Composicionalidade semântica em Libras: fronteiras e encaixes*, Castro observa textos sinalizados para identificar marcas de segmentação de constituintes correspondentes às fronteiras entre as proposições e identifica peças no interior das proposições. Nessa direção, ela identifica encaixes sintáticos e suas marcas.

Outra pesquisa que propõe realizar descrição da Libras em contexto de comunicação, é a Dissertação de Sofia Oliveira Pereira dos Anjos Coimbra da Silva, defendida em 2015 pela Universidade Federal de Goiás. A pesquisa intitula-se, *Considerações sobre a posição dos verbos na LSB: Uma análise descritiva a partir de diálogos entre surdos*. A partir da análise descritiva do diálogo entre dois surdos, a autora aponta que a posição do verbo na Libras é uma consequência da influência pragmática sobre a estrutura semântica e sintática das unidades apresentadas por turnos no diálogo analisado.

Atualmente, existem um número considerável de pesquisas sobre diversos aspectos da Libras. Contudo, ainda há vácuos que suscitam estudos mais aprofundados como a área da descrição de diferentes campos da linguística das línguas de sinais. Por outro lado, entendemos que as pesquisas descritivas da Libras já realizadas carecem também de ser divulgadas, para se tornarem mais conhecidas e acessíveis aos linguistas pesquisadores em um processo constante de compartilhamento de informações e resultados.

Enfim, descrever aspectos dos processos de formação de sinais em especial o processo de flexão nominal nos lança no campo da morfologia em especial nos aspectos da formação de palavras e seus processos de flexão nominal nas categorias de gênero e número. Sendo assim, a pertinência de trazer para a discussão alguns estudos sobre a morfologia das línguas de sinais se instaura na própria natureza descritiva dessa pesquisa. Nesse sentido, entendemos esse estudo como um espaço de produção e divulgação de ciência. Trata-se de uma contribuição para a área da pesquisa descritiva da Libras, servindo de espaço para não apenas fazer pesquisa, mas também, para compartilhar e divulgar pesquisas das línguas de sinais.

## **1.0 Fundamentos da organização interna do léxico da Libras: Composição de léxico nas línguas naturais**

Nessa parte do texto, inicialmente, apresentamos a composição do léxico das línguas naturais, bem como o referencial teórico que embasou a análise descritiva dos dados coletados. Trazemos os aspectos morfológicos e semânticos específicos da organização interna do léxico da Libras e a organização interna desse léxico, primeiramente, a partir das relações morfossemânticas de campo, para em seguida, tratar das relações morfossemânticas de classe e solidariedade lexical.

A lexicologia é a ciência do léxico que se ocupa em estudar as palavras de uma língua em todos os seus aspectos, tendo como objetivo relacionar o léxico com o restante de subsistemas da língua incidindo, sobretudo, na análise de estruturas internas do léxico, nas suas inter-relações (VILELA, 1994). A partir dessa definição, observamos que o léxico se constitui como de estudo da lexicologia, e tomamos como aspectos principais a semântica e a morfologia.

A unidade básica da lexicologia é o léxico, em seus diferentes aspectos. O léxico, originário do grego *lexis* – palavra, pode ser definido como o conhecimento linguístico interiorizado pelos falantes de uma língua que pode ser utilizado por estes para se expressarem de forma oral/sinalizada ou escrita. Vilela (1994, p. 6) define o léxico como “a parte da língua que primeiramente configura a realidade linguística e arquiva o saber linguístico duma comunidade”. Citando Saussure (1968), Vilela afirma ainda que, o termo léxico pode ser utilizado com acepção de dicionário de uma língua. Já o vocábulo são as palavras de determinada língua que uma pessoa conhece e utiliza na fala. Assim, falantes de determinada língua utilizam o léxico, o “repositório do saber linguístico” dessa língua, para a formação do seu próprio vocabulário, a ser utilizado em momento enunciativo. Por sua vez, podemos associar o léxico à língua e o vocábulo à fala.

De acordo com o E-Dicionário de Termos literários de Carlos Ceia (2005), o léxico abrange uma compreensão ampla das palavras e seu uso relacionado, sua função de acordo com o contexto, a classificação das palavras, a relação das palavras com outras frases. Ainda de acordo com Ceia (2005), o léxico oferece uma visão da gama de palavras e suas aplicações na comunicação. Dessarte, conforme explicita tal obra de referência, a lexicologia abrange domínios tais como: formação de palavras, etimologia, criação e importação de palavras, estatística lexical, e se relaciona com a fonologia, a morfologia, a sintaxe e em particular com a semântica.

O aspecto semântico está diretamente relacionado com as questões de perspectiva histórica da composição e organização do léxico de uma língua. Tal perspectiva histórica do léxico de uma língua abarca aspectos culturais e identitários que impactam no sentido que é dado para o sinal dentro da fala ou sinalização. Já a morfologia, que se ocupa do estudo da estrutura interna das palavras ou dos sinais, determina a formação desses, por meio dos morfemas que se constituem como unidades mínimas de significado. Nesse sentido, a morfologia estabelece uma relação direta com a semântica, que trata do significado das palavras e suas relações de classificação, uma vez que a morfologia se estabelece como combinação dos elementos constitutivos internos das palavras ou dos sinais.

Quanto à estrutura interna da palavra, conforme Vilela (1994), esta pode ser constituída por um monema, ou seja, unidade linguística mínima com conteúdo e expressão, ou vários monemas (um lexema, unidade de base do léxico em relação sempre à língua e não à fala) e um morfema (unidade mínima portadora de significado, que não pode ser dividida em unidade sem passar para o nível fonológico). O monema pode ser lexemas ou morfemas, sendo que os lexemas dispõem de referência extralinguística. Ao partir do conteúdo dos lexemas que são as unidades léxicas portadoras de significado objetivo, perspectivamos as estruturas paradigmáticas e sintagmáticas.

Em relação à oposição entre as relações sintagmáticas e associativas ou paradigmáticas, a teoria saussuriana afirma que em determinados momentos da língua, tudo se baseia por meio das relações. Considerando também, que em tais relações alguns grupos são oriundos por associações mentais fora da cadeia do discurso. Ou seja, ao falar o usuário lida com as relações de ordem sintagmática e associativa, sendo as mesmas responsáveis pelo funcionamento da língua como sistema de valores (SAUSSURE, 1973).

As estruturas paradigmáticas envolvem as relações semânticas de campo, ou seja, nas relações entre elementos comutáveis no mesmo contexto. Conforme Vilela (1994) pontua, essas relações semânticas tradicionais (sinonímia e antonímia; hiponímia e hiperonímia; e, homônimos e parônimos), enquadrando o léxico existente nos parâmetros históricos, ou seja, a lexicologia como semântica lexical.

No que tange às estruturas sintagmáticas, consoante Vilela (1994), estas perspectivam as relações morfossemânticas de classe gramatical e solidariedade lexical, em que as palavras ou os sinais são combinados entre si para produzirem sentidos. Nesse movimento, as combinações de sinais para se conseguir efeitos de sentidos nos períodos e/ou no texto precisam ser descritas, considerando os aspectos sintáticos para organizar a mensagem,

atribuindo a determinado sinal uma categoria/classe gramatical a partir da sua função na composição do enunciado.

Assim, ao encontro de Câmara Jr. (1977), é partindo do conteúdo do morfema (unidades mínimas de significado), no processo de formação de palavras ou sinais por meio de morfemas preexistentes que nas línguas de modalidade oral, como no caso da Língua Portuguesa, é possível identificar morfemas livres, que não precisam de outros morfemas para que se possa compreender seu significado. Nesse processo, identificamos também os morfemas presos, ou seja, que precisam se unir a outros morfemas para formar as palavras.

Os morfemas presos são conhecidos como prefixos e sufixos. Os prefixos são morfemas presos que estão à frente do radical e os sufixos são os morfemas que estão presos ao fim de outro morfema. Conforme Viotti (2008), os sufixos podem ser derivacionais e flexionais. Os sufixos derivacionais se agregam ao radical para formar uma nova palavra. Enquanto os sufixos flexionais apresentam informações gramaticais, tais como, indicar o gênero, modo, número e grau da palavra.

Nas línguas de sinais, como no caso da Libras, o processo de formação de palavras ocorre de maneira distinta das línguas orais. Conforme Quadros e Karnopp (2004), não ocorre uma junção de elementos linguísticos a uma raiz, mas sim, uma troca de componentes no interior da palavra. Segundo as autoras, os processos derivacionais na Libras ocorrem pelas combinações de aglutinação e incorporação. Na combinação por aglutinação sucede a organização dos elementos, em que um é adicionado a outro, em um sistema de concatenação. Na combinação por incorporação, componentes constitutivos são incorporados no interior do sinal.

Nessa direção, Sandmann (1997) esclarece que o processo de ampliação do léxico de uma língua ocorre de três formas, por meio da criação a partir do nada, de empréstimo de outras línguas, e ainda, a partir de morfemas preexistentes. O estudioso considera o último recurso como principal recurso linguístico, tornando assim indispensável considerar os aspectos morfológicos da Libras. Em relação aos recursos de criação a partir do nada e de empréstimo linguísticos, estes envolvem aspectos semânticos e levam em conta os fatores linguísticos e extralinguísticos.

Ao assumir como objetivo da pesquisa analisar e descrever os processos flexionais da Libras, considerando o emprego efetivo dessas formas no uso corrente da língua, faz-se necessário considerar os aspectos morfológicos, semânticos e sintáticos, presentes na composição do léxico, e na articulação deste para produzirem os fenômenos de flexão de gênero e de número nas classes referentes a nomes.

Assim, a parte semântica está relacionada com aspectos históricos da língua, aspectos identitários e culturais da língua que vão impactar no sentido que é dado para o sinal dentro da fala (sinalização). E a morfologia, a forma da língua, inclusive o formato em que a comunidade linguística vai receber e se apropriar das questões com possibilidade de articulação dessas palavras, na língua oral e na língua de sinais, para poder estabelecer interação comunicativa.

Acreditamos que um trabalho lexicológico da Língua de Sinais Brasileira envolvendo seus aspectos morfossemânticos da língua em uso nos possibilitará contribuir para avanços nos estudos linguísticos da língua. Nesse caminho, o presente texto trata sobre a composição de léxico nas línguas naturais. Pretendemos abordar ainda os aspectos morfológicos e semânticos referentes à organização interna, em específico, do léxico da Libras. É o que faremos a seguir.

### **1. 1 Aspectos morfológicos referentes a organização interna do léxico da Libras**

Nos estudos linguísticos a morfologia se ocupa da estrutura interna das palavras ou dos sinais, e das regras que determina a formação desses. Nesse aspecto, os morfemas se constituem como unidades mínimas de significado. Considerar os aspectos morfológicos resultará na compreensão da ampliação do léxico da Libras a partir do processo de formação dos sinais por meio de morfemas preexistentes.

Na Língua Portuguesa, podemos identificar morfemas livres, que não precisam de outros morfemas para que se possa compreender seu significado. Identificamos também os morfemas presos, ou seja, que precisam se unir a outros morfemas para formar as palavras. Os morfemas presos são conhecidos como prefixos e sufixos.

Diante disso, entendemos que os prefixos são os morfemas presos que estão à frente do radical e os sufixos são os morfemas que estão presos ao fim de outro morfema. Conforme Viotti (2008), os sufixos podem ser derivacionais e flexionais. Enquanto os sufixos derivacionais se agregam ao radical para formar uma nova palavra, os sufixos flexionais apresentam informações gramaticais, tais como, indicar o gênero, modo, número e grau da palavra.

O processo de formação de sinais na Libras ocorre de maneira diferente do processo de formação de palavras da Língua Portuguesa. A esse respeito, Quadros e Karnopp (2004) esclarecem que não ocorre uma junção de elementos linguísticos a uma raiz, mas sim, uma

troca de componentes no interior da palavra. Segundo as autoras, os processos derivacionais na Libras ocorrem pelas combinações de aglutinação e incorporação. Na combinação por aglutinação sucede a organização dos elementos, em que um é adicionado a outro, em um sistema de concatenação. Já na combinação por incorporação, componentes constitutivos são incorporados no interior do sinal.

Nesse viés, os estudos pioneiros de Stokoe (1960), Baker e Padden (1978), nos possibilitaram compreender que os sinais são formados a partir dos parâmetros: configuração de mão, locação ou ponto de articulação, movimento, orientação da mão e aspectos não-manuais. O estudo desses parâmetros viabiliza passar do nível fonológico, que determina as unidades mínimas que formam os sinais (fonemas), para o nível morfológico que determina unidade mínima portadora de significado (morfema).

Diante disso, a unidade mínima morfema pode ser entendida como a menor unidade de significado que não pode ser dividida em unidade menor sem passar para o nível fonológico. Por meio da combinação dos parâmetros é possível formar os sinais e a partir de repetição ou mudanças nos parâmetros podem se criar, a partir de um sinal já existente, outros com significados diferentes. Nesse sentido, a morfologia, se constitui como combinação dos elementos constitutivos internos das palavras.

Assim como na Língua Portuguesa, o processo de derivação pode formar a partir de um verbo, um nome. A derivação na Libras pode formar um novo sinal para utilizar o significado de um sinal já existente num contexto que requer uma classe gramatical diferente. Conforme Quadros e Karnopp (2004), pelo processo de concatenação é possível derivar nomes de verbos, em que tal processo também é conhecido como nominação. Assim, um nome pode derivar de um verbo por meio da repetição e do encurtamento do movimento desse verbo. Como exemplo, as autoras apresentam o sinal SENTAR, que é um verbo, combinado com um movimento mais curto. Essa combinação forma o substantivo CADEIRA. Na Libras, o sinal relativo ao substantivo CADEIRA pode ser um sinal derivado de SENTAR, o que não acontece na Língua Portuguesa, devido às diferenças das duas línguas.

Na Língua Portuguesa existem diferentes palavras formadas pela composição de duas ou mais bases ou radicais independentes, tais como as palavras guarda-chuva, beija-flor e peixe-boi. Na Libras se realiza um processo de composição semelhante. Os estudos de Liddel (1994), Quadros e Karnopp (2004) defendem a formação dos sinais pelo processo de composição que segue três regras na Libras: a regra do contato, a regra da sequência única e a regra da antecipação da mão dominante.

A regra de contato consiste em ao se realizar o sinal ocorre algum tipo de contato no corpo ou na mão passiva. Como exemplo, Quadros e Karnopp (2004) utilizam o sinal para IGREJA (CASA e CRUZ), em que os dois sinais apresentam contato na articulação do composto. A composição de sinais por meio da regra da sequência única envolve a eliminação dos movimentos internos ou na repetição dos sinais isolados, permanecendo apenas um sinal. Um bom exemplo são os sinais de PAI e MÃE, quando executados isoladamente, realizam o movimento repetido, mas na formação por composição a repetição do movimento é eliminada. Já na regra de antecipação da mão dominante, para formar um sinal composto, a mão passiva antecipa o segundo sinal, a exemplo o sinal de ACREDITAR, que é formado pelo composto (SABER e ESTUDAR).

Conforme vimos, a formação de novos sinais por derivação ocorre por meio de nominalização, composição dos compostos e, por fim, pela incorporação. De acordo com Quadros e Karnopp (2004), na Libras ocorre a incorporação de numeral e negação. A incorporação de numeral ocorre pela mudança de configuração de mão estabelecendo uma alteração numérica, resultando assim, em novos sinais. Para elucidar, citamos como exemplo, os meses do ano, a configuração de mão alterar de 1 para 2, ou para 3, resultando também na alteração no número de meses, um mês, dois meses e três meses. Para realização da incorporação por negação, um dos parâmetros do sinal da base é alterado, em especial o parâmetro movimento, ocasionando o aparecimento da sua negação, como na realização do sinal de NÃO QUERO.

Viotti (2008) indica que o morfema é a menor unidade linguística constituída de significado e significante, que forma palavras por meio da derivação e da flexão. Anteriormente abordei o processo de formação de sinais na Libras por meio do processo de derivação. Agora vamos tratar especificamente do processo de flexão.

Na Língua Portuguesa os morfemas presos que aparecem ao final de outro morfema, os sufixos, podem apresentar informações gramaticais como, indicar se a palavra é do gênero masculino ou feminino; se está no plural ou no singular; se está no tempo presente, pretérito, futuro; no modo indicativo, subjuntivo, imperativo, indicam a que pessoa se refere (eu, tu, ele, nós, vós, eles). Esse processo é conhecido como flexão. A flexão de grau, por exemplo, é definida sinteticamente por morfema que porta grau, número e gênero como em MENINÃO/MENINÕES.

Segundo Ferreira (2010) e Quadros e Karnopp (2004), a Libras apresenta flexão de número do verbo e substantivo, indicando o singular e plural por meio da repetição do movimento. As autoras destacam que o plural é manifestado pelo dual, trial e múltiplos. A

flexão dual é expressa pela repetição do sinal, pela anteposição ou posposição do número 2, e, ainda, por meio de um movimento semicircular direcionando para os referentes. A flexão trial é obtida pela repetição do sinal três vezes, pela anteposição ou posposição dos sinais indicativos de número. A flexão múltipla é manifestada pela realização de um único movimento, incluindo todos sem individualizar ninguém.

A flexão de quantificação ou intensidade, segundo as autoras Quadros e Karnopp (2004) ocorre pela mudança na configuração de mão, aumentando os números de dedos para obter-se uma quantidade maior ou intensidade maior, ou ainda, acrescentando o sinal MUITO antes ou depois do item qualificado. A flexão de grau ocorre por meio de diferentes formas em que se manifesta o movimento, tais como, duração, extensão e velocidade, expressando o grau do substantivo e adjetivo. A expressão facial também desempenha a fusão de aumentativo e diminutivo como nos sinais, BONITINHO e BONITÃO. Nos substantivos, os graus aumentativo e diminutivo são expressos pelos sinais MUITO ou POUCO e GRANDE ou PEQUENO.

Nessa parte, apresentamos de forma sucinta um panorama geral das questões envolvendo a temática da pesquisa, sobre como se dão os processos de flexão nominal na Libras. Para tal, tratamos sobre os processos morfológicos específicos das línguas de sinais presentes nos processos de formação de sinais. Apresentamos ainda sobre a relação dos processos de formação de sinais com os processos flexionais da Libras, como caminhos que se cruzam. Também, a fim de descrever o processo de flexão em nomes na Libras, tratamos sobre critérios para classificação de sinais e dos aspectos morfológicos referentes a organização interna do léxico da Libras. Em seguida, discorreremos sobre a morfologia e os processos de formação de sinais.

## **2 MORFOLOGIA E OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE SINAIS**

Esta seção trata de conceitos, definições e pressupostos teóricos necessários a fim de situar a pesquisa. Na busca por descrever como os fenômenos da flexão nominal de gênero e número se realizam na Libras, nessa pesquisa, abordamos também estudos descritivos de fenômenos das línguas orais, em especial, da Língua Portuguesa. Abordamos, no entanto, os fenômenos linguísticos que são passíveis de ocorrer nas duas modalidades de línguas (nas línguas orais e nas línguas de sinais), cuja descrição já desenvolvida serve de guia do nosso olhar para análise da Libras.

Para tanto, retomamos, sobretudo, os fenômenos que, dadas as suas especificidades de realização de acordo com sua respectiva modalidade linguística, apresentam certa semelhança de ocorrência e/ou podem ser aplicados ou reconhecidos em ambas as modalidades de língua (orais e de sinais). Ressaltamos ainda, que não se trata, portanto, de um estudo comparativo entre línguas ou entre fenômenos das línguas orais com os das línguas de sinais, mas de um apontamento em que estudos descritivos de fenômenos das línguas orais sobre flexão nominal e áreas afins já estabelecidos e aceitos entre linguistas fundamentam nossas análises, muitas vezes, norteando nosso olhar sobre os dados coletados no uso da Libras auxiliando-nos no processo da análise e também da sua descrição.

As leituras e reflexões apresentadas nessa seção lançaram base para realização da análise descritivas dos processos flexionais na Libras a partir da fala sinalizada do surdo participante da pesquisa, em específico, das classes morfossintáticas gênero e número em nome.

### **2.0 Conhecimento das línguas de sinais como sistemas para uma análise descritiva**

A língua pode ser definida como um sistema abstrato em que os indivíduos o concretizam por meio de enunciados ou destinatário, em situações de uso. O uso da língua é um ato individual, mas mesmo atos individuais, geralmente são acontecimentos intersubjetivos, ou seja, se realizam na comunicação entre indivíduos. Para se compreenderem, locutor e interlocutor necessitam estar de acordo, esse acordo está na dimensão social, uma vez que pertence a todos os membros de uma comunidade e também compreende dimensão histórica, já que é transmitida de geração a geração.

Para que esses membros de uma mesma comunidade consigam se compreender é necessário que o uso da língua apresente padronização. Assim, esse modo coletivo de usar a língua requer uma “norma”, ou seja, um conjunto de realizações fonéticas, morfológicas,

semânticas, lexicais e sintáticas. A partir desse conjunto de “normas” produzido e adotado por membros de uma mesma comunidade, por meio de um acordo tácito, Azeredo (2008) afirma que surgem três conceitos:

- a) a língua como estrutura abstrata, uma espécie de denominador comum de todos os seus usos: o **sistema**;
- b) o ato concreto de falar/ouvir ou escrever/ler a língua: o **uso**; e
- c) a soma dos usos histórica e socialmente consagrados numa comunidade e adotados como um padrão que se repete: a **norma**. (AZEREDO, 2008, p. 63)

Percebemos então que as línguas se materializam a partir de seus níveis linguísticos, como os níveis fonológico e morfológico. Nas línguas orais, o material fonológico, audível e pronunciável, se realiza graças aos sons vocálicos, ou, de forma mais geral, aos fonemas (menor unidade sonora). Conforme, Azeredo (2008), cada língua utiliza uma determinada quantidade de sons vocálicos que combinados às regras tornam possíveis algumas sequências e impedem outras e, é contrastando esses sons que as palavras se distinguem entre si. Essa função distintiva faz desses sons unidades integradas no sistema da língua e combinando-os em sequências reguladas pelo sistema obtêm-se as palavras possíveis.

No léxico das línguas de sinais, assim como nas línguas orais, dentre as propriedades linguísticas encontramos as dimensões social e histórica, além de um conjunto de realizações fonológicas, morfológicas, semânticas e sintáticas (um sistema de normas que materializa a língua). As dimensões social e histórica estão relacionadas com aspectos identitários e culturais da língua que vão impactar no sentido que é dado para a palavra nas línguas orais e para o sinal nas línguas espaço-visuais, dentro da fala oral e sinalizada, respectivamente. E no sistema de normas, a morfologia (a forma da língua) envolve o formato em que a comunidade linguística vai receber, tomar e se apropriar das questões com possibilidade de articulação dessas palavras ou desses sinais para poder se comunicar.

Visto que os significados lexicais estão associados aos dados do mundo externo da linguagem com a função de nomear o mundo e seus seres, objetos e situações, esses formam um conjunto extenso e ilimitado. Já os significados gramaticais formam paradigmas um número limitado de elementos que dizem respeito à organização estrutural da língua.

Estes significados subjacentes comuns a uma comunidade linguística é um complexo conjunto de informações partilhadas por meio da língua, que de forma coletiva codifica o conhecimento. Conforme vimos, esses significados se dividem em informações de tipo lexical e informações de tipo gramaticais. De acordo com Azeredo (2008), essa forma de codificar o conhecimento possibilitando seus usuários reconhecerem nas frases um conjunto de

informações pertencentes a diversas espécies de categorias subjacentes que são: categorias lexicais; categorias determinativas; categorias combinatórias; e, categorias morfossintáticas. Dentre as categorias mencionadas, destacamos as categorias lexicais e morfossintáticas.

Conforme apresentado, os itens lexicais correspondem às formas que simbolizam ou nomeiam os dados sensíveis e intelectuais do mundo real e imaginário. As unidades lexicais, em consonância com os estudos de Azeredo (2008), correspondem fundamentalmente a três categorias: seres/entidades, que correspondem ou podem ser classificadas como substantivo; ações/processos que podem ser classificadas como verbos; e, propriedades/atributos que podem ser classificados como adjetivos.

Já as categorias morfossintáticas constituem um sistema de noções estruturais obrigatória à organização interna da língua. Ao tratar sobre as línguas orais, Azeredo (2008) esclarece que as categorias morfossintáticas são expressas por meio de variações das formas das unidades lexicais e dos determinantes. Essas categorias se organizam por meio das relações paradigmáticas, tais como masculino vs. feminino, presente vs. passado, singular vs. plural, dentre outros. Assim, as categorias morfossintáticas podem ser; pessoa, gênero, número, modo, tempo e aspecto, o que se aplica também para as línguas de sinais, guardadas as devidas especificidades.

Nessa direção, conforme Schwager e Zeshan (2008), alguns processos morfológicos das línguas de sinais podem operar de maneira que não se relacionam aos critérios para as classes de palavras divergindo das línguas orais. Já no que se refere aos processos flexionais da Libras, percebe-se a sua ocorrência a partir das categorias lexicais seres/entidades e propriedades/atributos no âmbito, entre outras, das categorias morfossintáticas de gênero e número.

Nas línguas de sinais, o material fonológico é visual e pronunciável pelas mãos e corpo do enunciador, que se realizam graças à articulação de cinco parâmetros que são as unidades mínimas (fonemas). Estudos pioneiros de Stokoe (1960), Baker e Padden (1978), nos possibilitaram compreender que os parâmetros são: configuração de mão, locação ou ponto de articulação, movimento, orientação da mão e aspectos não-manuais (expressões faciais e corporais). Assim como nas línguas orais, cada língua de sinais utiliza determinados fonemas (sons nas línguas orais e parâmetros nas línguas de sinais) permitidos nas línguas que combinados a um conjunto de regras são realizáveis e distinguíveis. Os parâmetros são unidades integradas no sistema das línguas de sinais, a nível fonológico, e a partir da combinação desses fonemas/parâmetros em sequência regulada pelo sistema obtêm-se os sinais possíveis.

O que constitui uma palavra nas línguas de sinais é uma questão complexa. Schwager e Zeshan (2008), afirmam que, geralmente os linguistas das línguas de sinais falam de "sinais" em vez de "palavras", ambos denotam essencialmente o mesmo tipo de entidade. Citando Zeshan (2002), Schwager e Zeshan (2008), estes autores argumentam que, para os signatários, a validade cultural e psicolinguística dos signos é equivalente à das palavras nas línguas orais. Ainda, Zeshan (2002) mostra que é possível identificar nas línguas de sinais “palavras” gramaticais e fonológicas, bem como clíticos e afixos em sinais, medidores.

Outro autor citado por Schwager e Zeshan (2008) é Sandler (1999), que explora a unidade de sinal em termos de uma série de restrições que normalmente se aplicam a sinais monomorfêmicos, caracterizando uma unidade de sinal canônica. Tal condição inclui restrições para que o sinal canônico seja monossilábico, ou seja, possua um contorno de movimento único e use apenas um conjunto de dedos selecionados em sua configuração de mãos. Nesse contexto, optamos pelo termo ‘sinal’ quando nos referimos às unidades das línguas de sinais e o termo ‘palavra’ quando se tratar de línguas orais.

Outra característica das línguas de sinais, divergindo das línguas orais, é o fato delas terem muitos sinais icônicos, em outras palavras, muitos sinais "parecem" com os referentes que eles significam, até certo ponto. Schwager e Zeshan (2008) afirmam que as línguas de sinais podem ser classificadas como sendo de um grau muito alto de fonossimbolismo. De acordo com os autores, essa característica das línguas de sinais pode causar problema teórico no nível sub-lexical, uma vez que partes dos signos seriam unidades mínimas significativas consideradas fonemas, e não morfemas (tradução nossa), questão que ainda retomaremos durante nosso estudo.

Os enunciados proferidos por um membro de uma comunidade linguística, geralmente são divisíveis em partes tradicionalmente conhecidas como palavras, estas podem ser particionadas em determinadas classes, segundo suas características, formas e posições que podem ocupar em um enunciado. Tradicionalmente as palavras são usadas para nomear o mundo e seus seres, objetos e situações, e de acordo com a função das palavras podemos distinguir esses objetivos, seres, ações, dentre outros. Assim, o conjunto de palavras que expressam esse tipo de significado constitui o léxico.

Ao tratar sobre as línguas orais, de acordo com Azeredo (2008), as palavras lexicais pertencem basicamente a três grandes classes; verbos, substantivos e adjetivo, outras palavras gramaticais, apesar de não significarem no mundo das designações, também reúnem um conjunto de informações que servem para o funcionamento da língua. Essa caracterização

sobre as palavras lexicais de Azeredo (2008) pode ser também aplicada às línguas de sinais, guardadas as devidas proporções.

O número de formas lexicais é ilimitado, visto que não há um limite para as coisas e situações no mundo que precisam ser denominadas. Porém, as palavras que compõem o léxico de uma língua estão sujeitas ao sistema, ou seja, as propriedades características das respectivas classes. Por exemplo, a necessidade do verbo expressar tempo e pessoa, do substantivo e adjetivo expressarem gênero e número, dentre outras variações. Esses processos que expressam variação de palavras, seja por derivação ou flexão, são atribuídos ao nível morfológico, abrangendo tanto as línguas orais quanto as línguas de sinais, que também possuem um número ilimitado de formas lexicais e de processos de variação.

Apesar de destacar aqui os aspectos fonológicos e morfológicos, não se deve desconsiderar a importância dos demais níveis na composição do sistema da língua, sendo que estes estão interligados. Por exemplo, as palavras que pertencem às classes morfológicas ocupam certa posição nas construções de enunciados. Essas construções que expressam significados mais complexos compõem a sintaxe da língua. Não se deve desconsiderar a sintaxe do sistema da língua, tendo em vista que ela compõe um conjunto de regras que determinam como as palavras são combinadas para formar unidades de significado maiores. Assim, as formas do léxico participam da construção de enunciados ao serem submetidas a regras morfológicas e sintáticas.

## **2.1 Morfologia das línguas orais e das línguas de sinais: pontos e contrapontos**

Nesse subitem, como se trata de uma apresentação geral dos conceitos de morfologia, sem visar a uma língua em particular, trataremos o conceito de morfologia, morfema, palavra e sinal em seu sentido mais geral. Apontamos, ainda, em qual conceito essa pesquisa se inscreve, abordando os fenômenos linguísticos que se aplicam tanto nas línguas orais quanto na Libras.

De acordo com Dubois *et. al* (2014), na linguística, a morfologia, cujo conceito se aplica tanto às línguas orais quanto de sinais, se destina a descrever as regras que regem as estruturas internas das palavras, sendo que essas regras são combinações entre morfemas-raízes para a formação de palavras. A morfologia aborda, também, a regra de descrição das diversas formas dessas palavras conforme suas categorias (número, gênero, tempo, pessoa e modo). Trata-se de fenômenos linguísticos perfeitamente observáveis nas línguas orais e

também nas línguas de sinais, cuja descrição pode ser realizada pela morfologia das línguas orais, assim como, pela morfologia das línguas de sinais, respectivamente.

A partir do campo da morfologia, em estudos no âmbito da Língua Portuguesa, Câmara Jr. (1977, p. 96) trata de vocábulos mórficos como sendo resultantes da associação de segmentos fônicos com uma significação imanente, porém, destaca que a associação de vocábulos mórficos, ao lado de vocábulos fonéticos, nem sempre coincidem. Nessa direção, “o vocábulo mórfico é uma realidade linguística inegável, mas se decompõe em unidades menores, que são as formas mínimas” (Câmara Jr. 1977, p.96).

Conceitos também aplicáveis às línguas de sinais, os morfemas ou formas mínimas apresentadas por Câmara Jr podem ser livres (vocábulos), dependentes (clíticos ou partículas); e, presas (parte de vocábulos). A esse respeito, segundo o pesquisador a análise morfológica buscaria depreender essas formas mínimas, que exigiria técnica diferente, complexa e delicada, para cada língua. Nas línguas de sinais, os morfemas (livres, dependentes e presos) se combinam para compor o sinal, cuja forma pode se dar pela combinação de diversos parâmetros, morfemas e até classificadores.

Ainda, Câmara Jr (1987), citando o linguista francês André Martinet (1960), ao tratar da dupla articulação da linguagem explana sobre a questão de que as enunciações linguísticas se compõem de uma sequência vocal, suscetível a análise, até seus últimos elementos indivisíveis, a qual tratou de segunda articulação, e uma correspondência entre os grupos vocais e certas significações que a língua comunica, também passível de análise, que designou de primeira articulação. Nessa primeira articulação, os morfemas são constituintes do vocábulo, podendo ser de natureza lexical ou gramatical, em que o primeiro associa o morfema com uma coisa do mundo bio-social que nos envolve e recebe expressões na língua, e o segundo entra na configuração formal da gramática da língua.

Ao considerar que os fenômenos de flexão nominal de gênero e número, foco dessa pesquisa, se instauram na grande área da morfologia (primeira articulação), destacamos que a morfologia apresenta três grandes vertentes: a estrutura das palavras, o processo de formação de palavras e as classes de palavras. A área da morfologia que trata de classes de palavras as estuda isoladamente, e não enfoca a participação delas dentro de frases ou períodos. Na Língua Portuguesa, a morfologia está agrupada em dez classes, quais sejam: substantivo, artigo, adjetivo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição. Cada uma dessas classes possui características específicas, como por exemplo, o substantivo que se classifica quanto à significação (concreto/abstrato, próprio/comum, coletivo/partitivos), e quanto à forma pode ser classificado como primitivo/derivado, simples/composto.

Tanto as línguas orais quanto as línguas de sinais variam muito quanto às possibilidades de combinação de seus elementos mórficos. Nesse sentido, a estrutura das palavras da Língua Portuguesa é composta de segmentos lineares conhecidos como desinências, que são morfemas ou formas mínimas (CÂMARA JR 1977, p. 96), assim como também, a estrutura dos sinais da Libras é composta de seguimentos ou conjunto de propriedades distintivas e de regras que orientam essas propriedades. A base maior de significação de uma palavra é o radical e os demais elementos são segmentos mórficos. O radical é a parte da palavra que permanece, já os morfemas podem ser alterados, alterando também o significado da palavra.

No entanto, a distribuição de elementos em sequência linear é uma característica estrutural das línguas orais como a Língua Portuguesa. A esse respeito, Dubois *et. al* (2014, p 352) apresentam a linearidade do seguinte modo:

Cada morfema é uma sequência de fonemas, cada frase é uma sequência de morfemas e cada discurso uma sequência de frases. Quando elementos linguísticos parecem encavalar-se, como os morfemas e os traços de entonação, pode-se sempre obter uma representação linear, conforme à hipótese de uma sucessão linear dos acontecimentos linguísticos. Assim os fonemas e os morfemas de entonação, acento e altura são simultâneos aos morfemas léxicos e gramaticais: podemos ou ordenar os fonemas e morfemas prosódicos (ou suprasegmentais) antes ou depois dos fonemas (ou morfemas) implicados, ou representar um enunciado como a resultante de duas sequências paralelas, uma segmental (os morfemas) e a outra suprasegmental (a entonação). (Dubois *et. al* 2014, p 352)

Os morfemas da Língua Portuguesa sejam lexicais ou gramaticais, podem compor uma sequência linear na composição da estrutura das palavras. Assim, os morfemas gramaticais e as desinências são elementos mórficos que se unem ao radical para assinalar flexão de palavras em gênero, modo, número, pessoa. A desinência nominal na Língua Portuguesa assinala gênero e número, como por exemplo, a palavra AMIGAS; o radical dessa palavra é AMIG, o morfema que indica desinência de gênero é –A, e o morfema de desinência de número é –S.

Em relação à desinência verbal na Língua Portuguesa, está é composta de elementos mórficos que se unem ao radical para assinalar as flexões de gênero, modo, número, pessoa e voz. Dito de outra forma, as desinências verbais, indicam os verbos, tempo, modo e número, pessoa. Conforme registrado por Dubois *et. al* (2014, p. 259) a desinência é um dos processos flexionais que assim como os afixos, são acrescentados a raízes verbais e nominais, a fim de

expressar funções sintáticas como o caso, e categorias gramaticais de número, gênero, pessoa, e até mesmo categorias semânticas, conforme a língua.

No que tange à utilização de afixos presentes na estrutura da Língua Portuguesa, tal processo consiste em afixar morfemas a uma base para produzir diferentes significados. Para tanto, Rocha (1998, p. 95) define processo de formação de palavras como sendo “o mecanismo linguístico que permite a formação de novas palavras”. Em geral, esses processos são derivação e composição (por justaposição ou aglutinação), mas Rocha também inclui as onomatopéias dentre esses processos.

Os processos de formação de palavras revelam a riqueza e magnitude de uma língua e sua capacidade de recriar e até criar novas palavras (neologismos). Na Língua Portuguesa, formamos uma nova palavra, a partir de uma palavra primitiva (uma base de significação), acrescentando afixos, conforme já explanado. Na Libras, formamos um novo sinal, a partir seja por acréscimos de parâmetros (movimento, ponto de articulação, orientação, configuração de mão, expressão facial/corporal), de classificadores e/ou pelo acréscimo de outros sinais, combinando-os. Esse processo de formação e de derivação pode alterar a classe gramatical e o significado da palavra.

No âmbito das línguas orais, de acordo com Rocha (2008), esses processos são conhecidos como derivação prefixal e sufixal. O referido autor define o processo de derivação prefixal como sendo “um processo de criação lexical que consiste na formação de uma nova palavra por meio do acréscimo de um prefixo a uma base já existente” (ROCHA 1998, p.147). Já a derivação sufixal ou sufixação, foi definida como “um tipo de derivação que consiste na anexação de um sufixo a uma base” (ROCHA 1998, p.103).

Nas premissas teóricas de Rocha, a derivação sufixal e prefixal são tipos mais comuns de derivação em meio a outros, em que ocorrem também os processos que produzem novos itens lexicais a partir de uma base já conhecida do falante. Esses tipos de derivação também podem ser encontrados na Língua Portuguesa sendo eles, parassintética, derivação imprópria e desinência regressiva ou deverbal.

Para Rocha (2008) a derivação regressiva deveria ser enquadrada na derivação sufixal, isso devido aos padrões sufixais corresponderem a contrapartes semânticas e/ou funcionais específicas. Na morfologia gerativa, a análise desses padrões é de suma importância, uma vez que diz respeito a organização interna dessa área linguística. Assim, sendo “dado um verbo é possível prever a existência de um substantivo abstrato, sufixado, correspondente, com o sentido de ato, efeito ou resultado X” (ROCHA 2008, p. 182). Portanto, para o autor, esse

mecanismo linguístico deve ser tratado como nominalização, como no exemplo, AGITAR/AGITAÇÃO.

Na Libras, o fenômeno da nominalização é bastante comum, já que inúmeros sinais, assumem status seja de verbo ou nome a depender da posição sintática que venha a ocupar no período, como por exemplo: SENTAR/CADEIRA, TELEFONAR/TELEFONE. Nesse caso, “forma-se um novo sinal para se utilizar o significado de um sinal já existente num contexto que requer uma classe gramatical diferente”. (QUADROS; KARNOPP, 2004, p.96).

De acordo com Rocha (2008), no Português, a fronteira entre as regras de derivação e regras de flexão não são muito nítidas, e para ilustrar o autor utiliza os exemplos, MENINO-S, considerado como flexão de número, e MENIN-ADA, como derivação. Assim, ao levar em conta que a flexão visa expressar categorias gramaticais, tanto MENINO-S, quanto MENIN-ADA estariam apresentando informações gramaticais de quantidade. Para se ater a essas questões, Rocha (2008) dedica um capítulo de sua obra a fim de fixar as fronteiras entre derivação e flexão.

Baseado nos estudos de Câmara Jr. (1970), Rocha (2008) sistematiza princípios para diferenciação dos processos de flexão e derivação, estabelecendo que: os morfemas flexionais apresentam-se de maneira regular e sistemática, enquanto que os morfemas derivacionais apresentam-se de maneira irregular e assistemática; os morfemas flexionais são exigidos pela natureza da frase, já os morfemas derivacionais não são exigidos pela natureza da frase; e, os morfemas flexionais não são opcionais como os derivacionais (ROCHA 1998, p.190).

Parte da literatura até então analisada nesta pesquisa trata dos processos flexionais separados dos processos de formação de palavras, considerando que apenas os processos derivacionais e de composição são processos que formam novas palavras e que os processos flexionais mudam ou variam palavras já existentes na língua. Assim sendo, podemos depreender que o componente lexical de uma gramática pode ser organizado pelos três processos, derivação, composição e flexão. Os três processos estariam relacionados à estrutura e classe das palavras, enquanto a derivação e composição estariam atrelados aos processos de formação de palavras. De todo modo, cumpre destacar que para essa pesquisa, o enfoque recai sobre os fenômenos de flexão nominal de gênero e de número da Libras, como objeto de estudo que surge inscrito na grande área da morfologia (primeira articulação).

## **2.2 Sobre a morfologia das línguas de sinais**

Assim como nas línguas orais, vários estudos morfológicos têm sido empregados em análise descritiva nas línguas de sinais, a fim de explicitar sua estrutura, o processo de

formação e as classes dos sinais. Sobre as estruturas dos sinais, devido à modalidade espaço-visual das línguas de sinais, estes são formados basicamente pela articulação simultânea de seus parâmetros apresentados anteriormente, quais sejam: configuração de mão, ponto de articulação, direção/sentido, orientação e expressões faciais ou corporais.

É da combinação de elementos fônicos (mínimos) é que resultam os padrões morfológicos das línguas de sinais, ou seja, os parâmetros (elementos mínimos) se combinam e formam os morfemas que são unidades do primeiro nível gramatical (sinais, parâmetros, classificadores, contexto, etc.) que combinados entre si formam os sinais. Diante disso, os parâmetros se encontram no nível fonológico da língua e não no morfológico.

Os sons, fonemas nas línguas orais, são produzidos pelo aparelho fonador constituído dos órgãos: pulmões, alvéolos, traqueia, laringe, lábios, dentes, palato duro, palato mole, parede rinofaríngea, ápice da língua, raiz da língua e nariz. Interessante observar que nas línguas de sinais, o aparelho fonador é constituído de todo o corpo e não simplesmente das mãos. Essa condição das línguas de sinais favorece o processo de iconicidade, em que essa característica da língua pode causar estranhamento em relação ao nível sub-lexical.

A esse respeito, Schwager e Zeshan (2008) esclarecem que parte do signo considerada como unidade mínima significativa, é fonema, e não morfema. Ao encontro dessa afirmação, Valli, Lucas e Mulrooney (1992: 2005) descrevem a Língua de Sinais Americana - ASL, dedicam uma unidade do livro *Linguistics of American Sign Language – an introduction*, para explicar a diferença entre fonologia e morfologia. De acordo com os autores, na Língua de Sinais Americana, os sinais são compostos de segmentos que podem ser preso ‘*hod*’ ou de movimento.

Assim, tanto o segmento preso quanto os com movimento, possuem como recursos, configuração de mão, localização, orientação e não manuais, de forma que esses segmentos se combinam para produzir um significado e podem ser analisados morfológicamente. Quando identificados separadamente, a configuração de mão a localização, a orientação e as informações não manuais, não têm significado, portanto, podem ser analisados fonologicamente.

De acordo com esses autores, a fonologia é o estudo das menores partes contrastantes da linguagem que não têm significado. Como exemplo, eles destacam os sinais em ASL; THREE-MONTHS, THREE-DOLLARS, e NINE-WEEKS; quando estudamos fonologia e observamos esses sinais, estamos interessados na configuração de mão, locação, orientação e movimento. Já o fato de a configuração de mão desses sinais apresentar significado específico de quantidade, essa análise faz parte da morfologia. Assim, após apresentar a exemplificação

da distinção entre fonologia e morfologia, eles discorrem sobre a definição para morfologia e morfema:

A morfologia é o estudo das menores unidades significativas na língua e de como essas unidades significativas são usadas para construir novas palavras ou sinais. Em outras palavras, morfologia é o estudo da formação de palavras, de como uma língua usa unidades menores para construir unidades maiores. A menor unidade significativa de um idioma é um morfema. (VALLI; LUCAS; e MULROONEY, 2005, p. 52. Tradução nossa<sup>5</sup>)

Nesse caminho, é importante destacar que Valli, Lucas e Mulrooney defendem que alguns morfemas podem ocorrer por si mesmos, como unidades independentes. Ao contrário, existem outros morfemas que não podem ocorrer como unidades independentes, eles necessitam de outros morfemas, por essa característica eles são conhecidos como morfemas presos.

Os estudiosos que se debruçam sobre os aspectos linguísticos das línguas de sinais afirmam que existem diferentes maneiras de criação de novas palavras ou sinais. Esse conceito vem das teorias de Ferreira Brito (1995), Sandmann (1997), Felipe (1998), Quadros e Karnopp (2004) e Valli, Lucas e Mulrooney (2005). Para esses autores, é por meio dos padrões de sinais existentes que a língua pode criar formas totalmente novas com sinais compostos, sendo possível também combinar duas formas que já existem, e ainda, emprestar sinais de outras línguas. Como exemplo, a ASL pode criar novos sinais inclusive com base no sistema de escrita em inglês (língua oral).

Diante disso, percebemos que as línguas de sinais apresentam processos morfológicos para formação de sinais, tais como a derivação e composição (por aglutinação e justaposição), sendo que estes apresentam uma estreita relação com a estrutura de formação de sinais por desinências (flexão). Em se tratando das morfologias das línguas de sinais, Schwager e Zeshan (2008) ao buscarem identificar aspectos semânticos, sintáticos e morfológicos, a fim de estabelecer critérios para identificação das classes gramaticais nas línguas de sinais DGS (Língua de Sinais Alemã) e KK (Língua de Sinais Kata Kolok), tratam da morfologia das línguas de sinais. Esses autores destacam que a morfologia pode auxiliar na construção de formulários semânticos e na construção de signos, como a criação de novos sinais por composição.

---

<sup>5</sup> Texto original: Morphology is the study of the smallest meaningful units in language and of how those meaningful units are used to build new words or signs. Put another way, morphology is the study of word formation, of how a language uses smaller units to build larger units. The smallest meaningful unit in a language is a morpheme.

Como já vimos com Schwager e Zeshan (2008), a morfologia de construção de signos, por pode ser subdividida em três categorias. A primeira, **Morfologia intrassegmentar**, ocorre pelo processo de alterações de características, por exemplo, em verbos de concordância, a orientação da palma da mão e dos dedos pode ser considerada uma característica da configuração da mão desse tipo de sinal. Com isso, percebemos que a alteração da orientação é equivalente a uma alteração na característica intrassegmentar. A segunda, **Morfologia suprasegmentar**, ocorre pelo processo de suprafixação, quando sinais manuais são combinados com sinais não manuais, sendo aplicáveis a mais de um sinal. Como exemplo, percebemos que nas línguas de sinais, a negação, sinalizada com movimento da cabeça de um lado para outro e combinada com o sinal predicado, pode ser aplicada a outros sinais.

Por último, a **morfologia segmentar**, que pode ocorrer de maneira sequencial ou simultânea, pelo processo de afixação e reduplicação. A afixação ocorre quando a configuração de mão que representa a classe referente, humano e veículo, são morfemas vinculados ou combinados com morfemas de localização e movimento em um processo de afixação, por meio do qual um sinal multimorfêmico complexo é criado. Quando a localização espacial de um sinal é alterada para fins gramaticais, como sinalizar a CASA não no local neutro em frente ao assinante, mas no lado direito. Nesse caso, a localização espacial é gramaticalmente significativa, portanto, pode ser considerado como um contrato de *locus* de sinalização de afixo, produzido simultaneamente.

Torna-se importante perceber que o processo de reduplicação ocorre quando a configuração de mão é reduplicada espelhando seu movimento, ao mesmo tempo, o que é usado para expressar categorias duplas e recíprocas em muitas línguas de sinais. A esse respeito, Schwager e Zeshan (2008) esclarecem que nas línguas orais, a afixação e reduplicação são processos sequenciais que adicionam morfemas antes ou depois de uma raiz. Embora isso ocorra também nas línguas de sinais, é mais comum que a morfologia segmentar nas línguas de sinais seja simultânea.

Quanto a isso, parece haver um consenso entre os pesquisadores da área sobre a distinção entre línguas de sinais e línguas orais residir na sua simultaneidade. Entre esses pesquisadores, os precursores Aronoff, Meir e Sandler (2005), postulam que as línguas de sinais apresentam dois tipos de estruturas morfológicas, em que a mais produtiva é a morfologia simultânea, e outra menos produtiva, mas que também pode ser encontrada nas línguas de sinais, que é a morfologia sequencial. Os pesquisadores atribuem a menor

produtividade de morfologia sequencial nas línguas de sinais, devido ao seu pouco tempo de existência.

Aronoff, Meir e Sandler (2005), destacam que desde as décadas de 1970 e 1980, os pesquisadores notaram que as línguas de sinais apresentam morfologia complexa. Os autores pontuam que existem estudos específicos sobre a morfologia simultânea das línguas de sinais. De acordo com os estudos desenvolvidos pelos pesquisadores supracitados, diferentes morfemas de uma palavra são simultaneamente superpostos uns aos outros, em vez de serem unidas sequencialmente como ocorre nas línguas orais. No entanto, os pesquisadores reconhecem que embora seja raro, as línguas de sinais também podem apresentar morfologia sequencial. Vale ressaltar que nas línguas de sinais a morfologia sequencial não se diferencia da morfologia simultânea apenas pela forma como os morfemas são afixados, mas também pela sua ocorrência e frequência.

A função gramatical e a forma da morfologia sequencial apresentam construções específicas em cada língua, assim, as construções morfológicas sequenciais nas línguas de sinais são variáveis e sua frequência de produtividade também varia. Isso explicaria um afixo específico ocorrer em uma língua de sinais, mas não em outra. Na morfologia simultânea, os recursos gramaticais são realizados alterando a direção, ritmo, caminho ou forma do sinal base e não adicionando sequencialmente novos segmentos fonológicos dos sinais. De acordo com Aronoff, Meir e Sandler (2005), grande parte dessa morfologia simultânea é flexional.

De outro modo, a morfologia sequencial anexa os afixos (prefixo ou sufixo) a um sinal base. Segundo os pesquisadores, todos os processos sequenciais que foram encontrados na Língua de Sinais Americana - ASL e na Língua de Sinais Israelense - ISL são derivativos e não envolvem categorias morfossintáticas. Os linguistas também afirmam que os processos envolvendo a morfologia sequencial são de produtividade limitada, muito raros em ambas as línguas e esses processos específicos diferem.

Aronoff, Meir e Sandler (2005) esclarecem que a morfologia simultânea é mais rica e complexa nas línguas de sinais, devido à capacidade que têm de representar certos conceitos espaço-temporais de maneira mais direta do que as línguas orais. Em função dessa característica, a morfologia simultânea favorece a produtividade flexional da língua por meio de construções classificadoras, tais como a concordância verbal, dentre outros aspectos. Esse sistema flexional é desenvolvido a partir de representações motivadas de conceitos espaciais e visuais iconicamente, conceitos como origem, caminho, tema, meta, tamanho, forma e localização. De acordo com os autores, esses sistemas motivados não seguem o curso regular de desenvolvimento de morfologia flexional, como nas línguas orais. Observar-se que nas

línguas orais esses mecanismos flexionais levam mais tempo para se desenvolverem, isso ocorre porque a forma morfológica é arbitrariamente associada às categorias gramaticais aos quais representam.

Para que um léxico se transforme em um afixo gramatical, alguma combinação de processos morfológicos deve ocorrer, e isso leva tempo para ser plenamente realizado (processo tais como a gramaticalização). Nas línguas orais, esses processos resultam na morfologia sequencial a princípio, uma vez que na gramaticalização um morfema “evolui” de uma palavra livre que precedeu outra. Assim, esses afixos estão relacionados tanto a forma como ao sentido das palavras aos quais estão semanticamente e sintaticamente afiliados, sendo razoável concluir que esses afixos são o resultado de processos de gramaticalização.

De acordo com Aronoff, Meir e Sandler (2005), mesmo as línguas de sinais sendo monomorfêmicas, elas têm uma aparência simultânea. Por esse motivo, os sinais combinam simultaneamente as categorias fonológicas, configuração das mãos, localização, ponto de articulação, movimento e não manuais. Os autores ainda afirmam que a simultaneidade dos sinais foi explicada principalmente pelo fato de uma configuração de mão única tipicamente caracterizar um sinal inteiro. Trata-se da categoria configuração de mão (HC) como um autossegmento com escopo em uma sequência que normalmente é de dois locais (L) separados por um movimento (M).

Essa estrutura canônica, com uma configuração de mão tema sequência LML, corresponde a uma unidade que alguns pesquisadores denominam de sílaba de sinais. O modelo também representa o local geral do ponto de articulação (P), por exemplo, cabeça, tronco ou outra mão, como multiplicador associado, contribuindo ainda mais para a simultaneidade fonológica. Locais específicos dentro do ponto de articulação, por exemplo, baixo, contralateral, ipsilateral, distal, proximal que são especificados para cada segmento de local. (ARONOFF; MEIR; SANDLER, 2005). Esses autores ainda destacam que linguistas como Coulter (1982) e Sandler (1989, 1993a, 1999), observaram que os sinais da ASL apresentam uma forte tendência a ser monossilábicos, ou seja, envolver apenas um movimento. Esse monossílabo canônico é a forma geralmente adotada tanto por sinais morfológicamente complexos, como por sinais simples.

A morfologia sequencial das línguas de sinais estudadas pelos pesquisadores Aronoff, Meir e Sandler (2005), geralmente afixam um morfema identificável no início ou no final da base. Os autores afirmam que mesmo nos casos em que a forma resultante se reduz a uma estrutura monossilábica (um movimento), essa estrutura complexa é claramente diferente daquela da morfologia simultânea. A diferença mais visível é que a configuração de mãos e o

ponto de articulação de cada um dos morfemas são mantidos, resultando em estruturas que possuem duas categorias ao invés de uma. Como exemplo, os autores destacam a estrutura formada pelos morfemas TEACH + AGENTE, resultando no sinal TEACHER, esse sinal é formado de duas sílabas LML, mas a configuração de mãos e o ponto de articulação de cada um dos morfemas são mantidos.

Os estudos realizados pelos autores não envolveram análise de afixos para formação de sinais, porém, eles afirmam que são raros os casos. Foram identificados apenas cinco tipos de afixos na ASL (SANDLER, LILLO-MARTIN; 2005) e dois tipos de afixos no ISL (MEIR, SANDLER; 2004), o que indica a escassez de afixos concatenados nas línguas de sinais.

### **2.3 Sobre a morfologia da Libras**

Em relação a Libras, muitos processos morfológicos têm sido descritos, sobretudo os processos de formação de sinais. Ferreira Brito (1995) Quadros e Karnopp (2004) e Felipe (2006) desenvolveram vários estudos que envolvem os processos de formação de sinais na Libras por derivação, composição, incorporação de numeral e incorporação de negação.

Felipe (2006) trata sobre o sistema de flexão na Libras composto a partir de classificadores que são morfemas obrigatórios. Outros trabalhos, tal como de Lourenço (2014) discute a realização morfológica de concordância verbal na Libras a partir de traços morfossintáticos, como de pessoa e número. Assim, no que se refere aos estudos linguísticos descritivos, vários estudos têm sido desenvolvidos no âmbito da morfologia.

Tomar o conceito de que a morfologia é a parte da linguística que estuda a estrutura interna das palavras e também investiga os processos que criam novas palavras na língua (DUBOIS *et al.* 1989), envolve conceber a palavra como sendo composta por um conjunto de morfemas, unidade mínima portadora de significado, que não pode ser dividida em unidade sem passar para o nível fonológico. Nessa direção, em relação às línguas de sinais, Takahira (2016) trata da "morfologia viso-espacial" que é entendida como características morfológicas na modalidade viso-espacial, que podem ser expressas por mudanças ou alterações nos parâmetros que compõem o sinal levando a um determinado significado.

Ferreira e Ferreira (2016) destacam semelhanças e diferenças em relação aos processos morfológicos nas línguas orais e nas línguas de sinais. As autoras afirmam que independente da modalidade, toda língua apresenta processos responsáveis pela formação de novas palavras. Por exemplo, na Libras, certos morfemas constituem palavras por si só (morfemas

livres), e outros morfemas que independentes, não formam palavras (morfemas presos). Isso ocorre da mesma forma que em algumas línguas orais (QUADROS e KARNOPP, 2004). Ferreira e Ferreira (2016) destacam que a Libras possui um léxico bem vasto em um sistema de criação de novos sinais em que os morfemas são combinados. Essas autoras ainda esclarecem que a combinação se dá entre morfemas lexicais e morfemas gramaticais ou direcionais (pelos processos de composição, aglutinação, justaposição e derivação). Os morfemas lexicais (raízes/radical) se prendem a morfemas gramaticais (desinências e vogais temáticas) e/ou a derivacionais (afixos e clíticos).

Nessa direção, Felipe (2006) defende que os parâmetros das línguas de sinais podem expressar morfemas por meio de algumas configurações de mãos, alguns movimentos, algumas alterações na frequência do movimento, alguns pontos de articulação na estrutura morfológica e alguma expressão facial ou movimento de cabeça concomitante ao sinal (simultaneidade). Para a autora, alguns itens lexicais das línguas de sinais são formados a partir de alterações nas combinações desses morfemas. Estes podem ser: morfemas lexicais, podendo ser uma raiz ou um radical (por meio de alteração no parâmetro movimento); morfemas derivacionais, que podem ser um afixo (alterações nos parâmetros movimento e configuração de mão); ou morfemas gramaticais, caracterizando uma desinência, ou seja, uma marca de concordância número pessoal (alteração no parâmetro direcionalidade) ou de gênero (alteração no parâmetro configuração de mão).

Em relação às diferenças nos processos morfológicos nas línguas orais e nas línguas de sinais, Ferreira e Ferreira (2016) tratam de dois tipos de morfologias, a morfologia sequencial mais comumente encontrada nas línguas orais, e a morfologia simultânea, mais comum nas línguas de sinais. Enquanto que na morfologia sequencial, os morfemas são combinados sequencialmente, ou seja, um de cada vez, na morfologia simultânea os morfemas são combinados simultaneamente, isto é, todos ao mesmo tempo. As autoras justificam que existem poucos estudos sobre morfologia sequencial nas línguas de sinais, devido às suas raras ocorrências.

As autoras esclarecem que a fixação sequencial geralmente não ocorre devido a dois fatores mostrados por Quadros, Pizzio e Rezende (2009). O primeiro fator aponta que esses afixos emergem por meio do processo de gramaticalização dos itens lexicais livres, com isso, levam um tempo para se desenvolver na língua. De acordo com o segundo fator, os afixos passam por vários estágios intermediários e durante esse processo, alguns deles podem coexistir na língua durante certo período, tal característica dificulta a sua identificação. Em seus estudos, Ferreira e Ferreira (2016) apresentam ainda outras características que

diferenciam a morfologia simultânea da sequencial, além da diferença entre elas em relação à forma como os morfemas são afixados.

Nessa linha de raciocínio, Schwager e Zeshan (2008) propõem tratar sobre as classificações ou tipologia de classes de palavras específicas das línguas de sinais a partir da análise de duas delas, da Língua de Sinais Alemã e da Língua de Sinais Kata Kolok, em que discutem critérios semânticos e estruturais para identificar classes de palavras nas línguas de sinais, tratando da morfologia nos aspectos intrassegmentar, suprasegmentar e segmentar.

Retomando os estudos de Ferreira e Ferreira (2016), as autoras apontaram uma série de características da unidade de palavras nas línguas de sinais e questões teóricas associadas a ela que permitem concluir que os tipos de morfologia encontradas nas línguas de sinais são incomuns na maioria das línguas orais. Diante disso, percebemos que alguns processos morfológicos das línguas de sinais podem operar de maneira que obviamente não se relacionam aos critérios para as classes de palavras, como nas línguas orais.

Longe de finalizar a questão sobre as especificidades dos processos morfológicos das línguas de sinais, no caso dessa pesquisa da Libras, é importante reconhecer que cada língua possui particularidades morfológicas que precisam ser descritas com embasamento linguístico. De todo modo, a descrição morfológica da Libras pode funcionar com dois tipos de unidade básica – o morfema e o sinal. Para esse estudo, utilizaremos o conceito de morfema em seu sentido geral ‘unidade mínima com significado’ entendendo que é da combinação de morfemas que os sinais são compostos.

#### **2.4 Os processos de formação de sinais: derivação, composição, incorporação e flexão**

A formação de sinais pode se dar pelos processos de derivação, composição e incorporação e até por flexão. Conforme já apresentado, a derivação é o processo que dá origem a novas palavras ou lexemas, a composição é a união de dois ou mais lexemas para criar uma nova unidade fixa, e a flexão produz variações da forma de um lexema, dando origem aos vocábulos morfossintáticos. A derivação, de acordo com a morfologia sequencial, geralmente ocorre por meio de afixos (prefixos ou sufixos) que são acrescentados a uma raiz. Já a flexão ocorre por meio de desinências, ou seja, a incorporação de categorias específicas como gênero, número, tempo, modo e pessoa. Assim, flexiona-se um lexema para que ele expresse conteúdo obrigatório e sistemático da língua (categorias morfossintáticas). Desse modo, são

os processos de derivação e composição que permitem a criação de novas unidades a partir de morfemas lexicais, conforme Dubois *et.al.* (2014, p.268).

Nas línguas de sinais, a linha que separa derivação de flexão é bem tênue. Valli, Lucas e Mulrooney (2005) dedicam uma unidade do livro '*Linguistics of American Sign Language an Introduction*' para diferenciar tais processos. Conforme destacam os autores, enquanto a morfologia derivacional objetiva a criação de novas unidades, a morfologia flexional é o processo de adicionar informações gramaticais às unidades que já existem. Nesse caso, as flexões adicionam informações gramaticais a uma unidade e eles não resultam na criação de uma nova unidade. (VALLI, LUCAS; MULROONEY, 2005).

Valli, Lucas e Mulrooney (2005) apresentam alguns exemplos dos processos flexionais na Língua de Sinais Americana – ASL, dentre os quais destacam verbos que podem ter informações sobre o assunto e o objeto nas partes de orientação ou localização de sua estrutura. A partir dessa observação, é possível observar que o verbo GIVE em ASL que pode flexionar para concordar tanto com o sujeito quanto com o objeto, enquanto que o verbo TELL é flexionado para concordar apenas com o objeto.

Os autores chamam atenção para que as partes de orientação e localização da estrutura fornecem informações gramaticais nos verbos. Assim, uma nova unidade não é criada, mas informações gramaticais são fornecidas em unidades já existentes, o que caracteriza um processo de flexão. Porém, um fato interessante é que Valli, Lucas e Mulrooney (2005) não discriminam os processos morfológicos derivacionais dos flexionais, deixando a critério do leitor, com base nas informações que obtiveram na unidade, compreender se a formação de predicados classificadores, por exemplo, pertenceria a morfologia flexional ou derivacional.

Tanto os processos de composição quanto de derivação resultam da combinação de partes significativas menores (morfemas), porém, nem sempre se pode explicar o significado de uma palavra composta ou derivada pelo simples conhecimento do significado particular de seus constituintes, esta questão está relacionada a aspectos morfossemânticos do léxico. Conforme anteriormente apresentado, os morfemas derivacionais podem alterar a classe gramatical da palavra que se unem, portanto, para além de aspectos morfossemânticos, os morfemas derivacionais também podem determinar o valor das categorias morfológicas e morfossintáticas relevantes. Já os morfemas flexionais (desinências), podem ser considerados sufixos que se unem as palavras para transmitir informações gramaticais a partir das relações morfossintáticas.

Os processos de formação de novos sinais na Libras a partir dos sinais já existentes na língua ocorrem por meio de derivação, composição (por aglutinação e justaposição) e

incorporação (de numeral e negação e outros), conforme defendem as autoras Ferreira Brito (1995), Quadros e Karnopp (2004) e Felipe (2006). A seguir apresentaremos um apanhado geral dos estudos referentes a cada um desses processos.

Sobre os processos *derivacionais* Quadros e Karnopp (2004) afirmam que a Libras, assim como a Língua de Sinais Americana, pode derivar nomes de verbos e/ou verbos de nomes, processo que ficou conhecido como nominalização. As pesquisadoras se apoiam nos estudos de Supalla e Newport (1918), para afirmar que uma alteração do parâmetro movimento faria a distinção entre verbo e substantivo. Para tanto, citam como exemplo o par SENTAR/CADEIRA, o movimento do nome repete e o movimento do verbo encurta. De encontro às autoras, Felipe (2006) utiliza o conceito de derivação zero para se referir a esse processo e aponta que a função desses itens lexicais só pode ser diferenciada a partir do contexto linguístico em que estão inseridos. Como exemplo, ela menciona o sinal CARRO/DIRIGIR, em que o sinal é o mesmo, seja para substantivo ou verbo; como substantivo na frase EU COMPRAR CARRO, e verbo na frase EU DIRIJO CAMINHÃO MEU PAI.

Para o processo de *composição* na Libras, Quadros e Karnopp (2004) apresentam três regras morfológicas. A primeira é a regra do contato que ocorre quando dois sinais são realizados juntos para formar um sinal composto, o contato do primeiro ou do segundo sinal é mantido, como no sinal composto ESCOLA, formado pelos sinais CASA e ESTUDAR. A segunda regra é a da sequência única em compostos, nessa o movimento interno ou a repetição do movimento é eliminada, como nos sinais PAI e MÃE que isoladamente apresentam movimento repetido, mas quando se juntam para formar o sinal PAIS esse movimento é eliminado.

A terceira regra é a da antecipação da mão não dominante, a mão passiva do sinalizador antecipa o segundo sinal no processo de composição, como no sinal ACREDITAR, composto pelos sinais de SABER e ESTUDAR. A mão não dominante fica no espaço neutro em frente ao sinalizador com uma configuração de mão que faz parte do composto. Felipe (2006) descreve outras três regras para o processo de composição a partir da justaposição na Libras: justaposição de dois itens lexicais, justaposição de um classificador com um item lexical e a justaposição da datilologia da palavra em português com o sinal que representa a ação realizada pelo substantivo.

Sobre a negação na Libras, conforme explanado por Ferreira (1995; 2010) esta pode ser obtida por meio do item lexical NÃO, pela alteração de movimento no sinal que chamou de “negação interna”, ou pelo uso simultâneo do lexema verbal com a negação realizada por

meio o balanceamento da cabeça para os lados. Embora não tenha tratado especificamente de *incorporação de negação*, a autora considera que expressões faciais e uso de movimentos da cabeça possam funcionar como morfemas que podem ser acrescentados em outros sinais para obtenção de negação:

Além dos morfemas segmentais que compõem os sinais, observaremos também que elementos como as Expressões Faciais ou uso de Movimentos da Cabeça podem funcionar como morfemas para a obtenção da negação, ocorrendo simultaneamente aos segmentos CM, M, PA e O. (FERREIRA 1995; 2010, p. 69)

Conforme analisado pelas pesquisadoras Ferreira (1995; 2010) e Ferreira e Ferreira (2016), nem sempre a negação aparece na Libras de forma incorporada, podendo se apresentar como um item lexical independente (morfema livre) que ao ser realizado juntamente com outro sinal produz a negação, como pelo processo de justaposição. No entanto, em relação às pesquisas que tratam dos processos de incorporação de negação, ao encontro de Ferreira (1995; 2010), Quadros e Karnopp (2004) afirmam que esses ocorrem geralmente por meio da expressão facial, incorporada ao sinal e sem alteração dos parâmetros. Também, Felipe (2006) destaca que o infix de negação se incorpora (ou é adicionada) à raiz de alguns verbos por meio do movimento negativo da cabeça, e essa expressão facial é realizada simultaneamente ao sinal, como exemplo a incorporação de negação no sinal CONHECER, formando o sinal NÃO-CONHECER.

A *incorporação de número* é descrita por Quadros e Karnopp (2004) entre os processos em que morfemas presos (unidade mínima com significado que não ocorre independente) se combinam, ou combinam com morfemas livres para criar novos significados. Mudanças na configuração de mão para números (de 1 para 2, para 3 ou para 4) incorporado a um sinal pode mudar o número de meses, de dias, de horas, de anos e de outros advérbios. Somente a configuração de mão para números altera os outros componentes dos sinais permanecem os mesmos, por exemplo, os sinais UM-MÊS, DOIS-MESES, TRÊS-MESES E QUATRO-MESES. Esses sinais são formados por dois morfemas presos, sendo que um dos morfemas significa mês e abrange a orientação de mão, a locação e expressões não-manuais e, o outro morfema é de configuração de mão que leva o significado de um numeral, denotando, inclusive, marcas de plural (DOIS-MESES) ou singular (UM-MÊS), na perspectiva da flexão de número (singular e plural).

Felipe (2006) descreve o processo de incorporação de número por meio da modificação interna da raiz, como na marcação do sistema pronominal que representa as

peças do discurso (DUAL, TRIAL, QUATRIAL E PLURAL), e também em alguns advérbios, tais como, ANTEONTEM. A autora exemplifica que sinais como, UMA-VEZ, DUAS-VEZES, TRÊS-VEZES QUATRO-VEZES, podem representar os numerais de 1 até 4, por meio das configurações de mão (um quantificador) acrescentado a raiz. Assim, ela mostra que na Libras os quantificadores para dias, meses, anos e horas pode ser mudada até o número quatro, a partir do 5, o numeral geralmente é articulado separadamente dos sinais.

Os processos de incorporação de numeral como uma ação de acrescentar um morfema quantificador a uma raiz pode gerar questionamentos. Nesse caso, a questão seria se esses processos não estariam trazendo informações gramaticais tais como singular e plural ou pessoa do discurso, podendo ser relacionados aos processos flexionais da Libras. Por outro lado, não há como negar que o processo de incorporação de quantificadores para dias, meses, anos e horas agregue informações gramaticais de singular e plural, haja vista o fato de que as formações dos sinais incorporados (raiz + quantificador) surgem com as marcas de flexão de número (singular – UM-MÊS, UMA-HORA, UM-ANO, etc. e plural – DOIS-MESES, TRÊS-HORAS, QUATRO-ANOS), claramente flexionados.

Nessa direção, há de se concluir que a incorporação de quantificadores nos sinais raiz, pode ser relacionada aos processos flexionais da Libras, fenômeno que tem se mostrado bastante produtivo em termos de uso. A esse respeito, Ferreira (1995; 2010), trata da *incorporação de informação morfossintática* pela duplicação da informação lexical somada à informação de ordem sintática de objeto direto, locativo e sujeito. Como exemplo de incorporação de objeto direto, a autora menciona o sinal COMER-MAÇÃ (o qual mantém o ponto de articulação do sinal COMER, em frente a boca, com configuração de mão do sinal MAÇÃ). E, como exemplo de incorporação de locativo temporal a pesquisadora apresenta o sinal ALUGAR (o qual mantém a raiz do sinal MÊS acrescentando e articulando o sinal PAGAR com sentido e movimento direcionado). Em relação à incorporação de sujeito destaca os verbos direcionais ou flexionais que utilizam do recurso de direção do movimento, marcando sujeito e objeto, como exemplo, os verbos EMPRESTAR, DAR, PERGUNTAR, ENSINAR.

Os processos de formação de sinais, tanto nas línguas orais quanto nas línguas de sinais, decorrem basicamente pela morfologia derivacional e flexional, tais processos se encontram relacionados a estes, na formação de novos lexemas ou acrescentando informações gramaticais. As pesquisas analisadas pela autora não apresentaram um consenso quanto a se os processos (composição, aglutinação, justaposição e incorporação) se atêm a morfologia

derivacional ou flexional, portanto, subtendendo-os como um contínuo entre os processos derivacionais e flexionais.

Nessa direção, torna pertinente tratar de Felipe (2006), visto que tal autora discrimina os processos de formação de sinais, entre sistemas complexos de desinências e formação de novos lexemas, a partir do input entre *modificação da raiz* e *composição*.

#### 2.4.0 Processo de formação de sinais na perspectiva de Felipe (2006)

Felipe (2006) postula que a Libras apresenta processos de formação de sinais por meio de composição, aglutinação, justaposição, incorporação, derivação e flexão. A autora esclarece que a Libras apresenta características de língua aglutinante, que pode ser percebida por meio dos processos de composição e incorporação, ao passo que se caracteriza também como uma língua flexional. Sobre os processos flexionais, a autora afirma que os parâmetros, a configuração de mão, a direcionalidade e o ponto de articulação, o movimento, a localização e as expressões faciais e corporais, também podem ser morfemas, compondo sistemas complexos de desinências que estabelecem tipos de flexões verbais tais como, concordância de gênero, pessoa do discurso e locativos, que são afixos que se justapõem à raiz verbal ou nominal.

De acordo com Felipe, os processos de formação de palavras devem destacar os *inputs*, que são as diferenças básicas entre regras de *modificação da raiz* (alterações sistemáticas de uma base por meio da adição ou supressão de afixos ou modificações internas) e as regras de *composição* (conjunto de duas ou mais bases, que se combinam para formar outra, a partir de outro elemento ou modificações concomitantes). A autora ressalta que os *inputs* das línguas de sinais, assim como nas línguas orais, possuem estruturas fonológicas, que se constituem a partir da configuração de unidades discretas, feixes de traços distintivos que nas línguas de sinais são seus parâmetros.

A estudiosa recorre às suas pesquisas anteriores (1998), para afirmar que os morfemas lexicais ou gramaticais podem ser, diferentemente, uma raiz/radical, um afixo e uma desinência (marca de concordância número pessoal ou de gênero). Ao partir do verbo como objeto de estudo, Felipe (1993 e 1997) esclarece que os sinais da Libras podem ser formados por meio de quatro processos, a saber: modificação de raiz, derivação zero, processos miméticos e regras de composição. Alguns desses processos já foram mencionados anteriormente, mas retomaremos aqui alguns conceitos de forma mais aprofundada.

Sobre o processo de **modificação da raiz**, como conceito de raiz, Felipe adota o mesmo atribuído a Língua Portuguesa, a parte da palavra que permanece ao serem retirados os afixos, as desinências e a vogal temática. Na maioria das vezes, essa raiz não é um morfema livre. O processo de modificação de raiz pode se dar a partir da adição de afixos ou de modificações internas. Esse processo na Libras pode aparecer como *modificação por adição de uma raiz*, como por exemplo, por meio da incorporação de negação, conforme apresentado de forma geral anteriormente. Como *sufixo* ela incorpora a raiz de alguns verbos que possuem uma raiz com movimento em um primeiro movimento finalizando com o movimento oposto, que caracteriza a negação incorporada, como nos verbos QUERER/QUERER-NÃO E GOSTAR/GOSTAR-NÃO.

Esse movimento contrário não é um item lexical para negação, na Libras esse movimento vem posposto à raiz, portanto, é considerado pela pesquisadora como sufixo de negação. Como *infixo* ela incorpora simultaneamente a raiz verbal por meio de alternância no movimento ou por meio de expressão corporal (movimento com a cabeça) concomitantemente ao sinal, como nos exemplos TER/ TER-NÃO E PODER/ PODER-NÃO. A negação, além de poder ser expressa por esse processo morfológico de adição de uma raiz fixa, pode ser também uma construção sintática por meio da utilização dos sinais NÃO e NADA, como em ENTENDER-NÃO e ENTENDER-NADA.

Nos processos de *modificação interna da raiz*, uma raiz pode ser modificada por meio de cinco mecanismos de modificação interna, que são:

- a) a flexão para pessoa do discurso que, marcando as pessoas do discurso, por meio da direcionalidade - movimentos retilíneos ou semicirculares, faz com que a raiz M se inverta ou até adquira uma forma em arco para flexionar em relação às pessoas do discurso. (Ver exemplos em anexo);
- b) a flexão para aspecto verbal que, marcando os casos modais, por meio de mudanças na frequência ou na velocidade do movimento da raiz M, acrescenta essas informações sintático-discursivas (FINAU, 2004);
- c) a flexão para gênero que, marcando a concordância de gênero (animado – pessoa, animal e inanimado – coisa e veículo), por meio de configurações de mão específicas, funciona como classificadores. Por exemplo, o verbo ‘CAIR’ modifica sua raiz a partir de configurações de mão (classificadores), que obrigatoriamente concordam com o sujeito da frase (FELIPE, 2002) (Ver exemplos em anexo);
- d) a incorporação do numeral que, representando os numerais de um até quatro, por meio de configurações de mão, acrescenta à raiz um quantificador. Na Libras, esse tipo de modificação interna da raiz é muito produtivo e, segundo Felipe (1998b), está presente no seu sistema pronominal para representar as pessoas do discurso (dual, trial, quatrial e plural), como também no seu sistema de classificadores e em alguns advérbios: ANTEONTEM, UMA-VEZ, DUAS-VEZES, TRÊS-VEZES, PRIMEIRO-ANDAR, SEGUNDO-ANDAR, DOIS-DIAS, TRÊS-DIAS, etc;

e) a incorporação do intensificador MUITO ou de casos modais que alteram também a frequência do movimento da raiz M, como pôde ser verificado a partir da coleta de dados com exemplos de verbos da Libras com incorporação do advérbio “rapidamente” (movimento repetido e acelerado) e do intensificador “muito” (movimento lento e alongado para a frente do emissor. (FELIPE 2006, p. 203 e 204)

Para aprofundar o entendimento acerca do processo de **derivação zero**, que já havia sido mencionado anteriormente nesta pesquisa, recorreremos aos estudos de Felipe (2006) que o define como o fenômeno em que verbos denominais ou substantivos verbais possuem a mesma forma para os pares verbo/substantivo. Trata-se então de itens lexicais, quando verbos, incorporam semanticamente, como caso instrumental, sua significação nominal. A pesquisadora se embasa nos estudos de Supalla e Newport (1978) em que foram analisados 100 pares de substantivos/verbos da ASL. Nesse estudo, foi constatado que houve uma modificação em relação ao parâmetro movimento o que diferenciou o substantivo do verbo como nos pares, CADEIRA/ SENTAR, AVIÃO/ ANDAR DE AVIÃO. Nessa pesquisa, também se verificou que pode ocorrer uma marca de concordância para locativo do objeto, apresentando uma estrutura OV, quando não está na função de verbo. Como exemplo, no verbo CORTAR COM A TESOURA a tesoura pode ser tanto substantivo quanto verbo.

De acordo com Felipe (2006), considerando as particularidades linguísticas da Libras, esse tipo de processo de formação de palavras, a derivação zero produz itens lexicais com a mesma forma que só são diferenciáveis a partir das suas funções no contexto linguístico onde estão inseridos. Quando um desses itens está na função de verbo possui o caso instrumento implícito, como nos pares, BRINCAR/BRINCADEIRA e BICICLETA/ANDAR DE BICICLETA. Também, visto que na Libras não há o verbo copular SER em contexto como atributo predicativo, pode-se também tratar de derivação zero para os pares verbos/adjetivo como em verbos de mudança de estado, por exemplo, EMAGRECER/MAGRO que possuem a mesma forma.

Com o enfoque ainda do processo de derivação zero, a pesquisadora o diferencia do processo de incorporação de classificadores a raiz, porque, neste último caso, há uma modificação interna na raiz verbal. No processo de derivação zero não há modificação interna da raiz, a mesma forma é diferenciada somente a partir do contexto linguístico que mostra a função do item lexical. O verbo/substantivo terá sua significação nominal implícita semântica na raiz como no caso instrumento ou quando adjetivo, o atributo como estado ou processo.

A Libras por ser de modalidade espaço-visual, pode introduzir no contexto discursivo, a mímica e por isso um objeto, ou a qualidade de um objeto, um estado, um processo ou uma

ação pode ser representada mimeticamente juntamente com a estrutura frasal. Esse processo de formação de palavras, nomeado pela autora como **processo mimético ou icônico**, permite a economia, visto que expressão facial e corporal pode complementar os itens lexicais estabelecendo contexto discursivo uma vez que essas se estruturam a partir das convenções da língua.

O processo mimético é explicado por Felipe como uma mímica em uma forma linguística que representa economicamente o referente a partir de parâmetros como configuração de mão e da sintaxe da língua. Portanto, não se trata de uma simples mímica, essa está incorporada pela língua e se estrutura a partir dos parâmetros como as onomatopeias nas línguas orais. Assim, muitos verbos podem ser derivados de outros, por meio de uma mimese da ação tal qual é realizada, acrescentando, a raiz movimento, alternância de expressão espacial e corporal. Por exemplo, derivados do verbo ANDAR, SALTITAR, DESFILAR, CAMBALEAR. Esses verbos podem ocorrer também por meio de imitação do modo como a ação está sendo feita acrescentar a sua rede semântica um caso modal, como em ANDAR LIGEIRAMENTE, ANDAR DEVAGAR. De acordo com Felipe, os processos miméticos ou econômicos podem ser confundidos com classificadores na Libras, porém, devemos nos ater que nos processos miméticos não há acréscimo de morfema obrigatório à raiz, como ocorre com os classificadores.

No **processo de composição**, itens lexicais que são morfemas livres se justapõem ou se aglutinam para formarem um novo item lexical. Conforme já apresentado, esse processo pode ocorrer de três formas distintas: pela justaposição de itens lexicais (CAVALO + LISTRA PELO CORPO = ZEBRA); pela justaposição de um classificador com um item lexical (COISA PEQUENA+PERFURAR = ALFINETE). Nesse processo, o classificador não é uma marca de gênero e funciona como um clítico; e, justaposição da datilologia da palavra (soletração manual) com um item lexical que representa a ação realizada pelo substantivo que na sede semântica da ação verbal, seria o caso instrumental (COSTURAR COM AGULHA +A-G-U-L-H-A= AGULHA).

Felipe (2006) constata que na Libras o processo de formação de sinais possui várias configurações de mão que constituem o sistema de flexão verbal para gênero animado/inanimado, que estão presas a raiz verbal, ou seja, não ocupam uma posição sintagmática e independente. Para tanto, a autora conclui que essas configurações de mão são desinências que, enquanto classificadores, vêm sempre afixadas à raiz verbal e, anaforicamente, estabelecem concordância de gênero com referente que é um argumento do verbo. Felipe defende ainda que além das configurações de mão, existem também outros

parâmetros tais como direcionalidade, ponto de articulação e movimento. Esses parâmetros também podem ser morfemas que compõem o sistema complexo de desinências, estabelecendo outros tipos de flexão verbal dentre esses, marca de concordância para pessoa do discurso e para locativo, ou seja, afixos que justapõem a raiz verbal ou nominal.

Portanto, de acordo com Felipe (2006), a Libras é uma língua flexional, embora tenha também características de língua aglutinante, podendo ser percebidos, sobretudo, por meio dos processos de formação de sinais por composição e incorporação. A autora afirma também que a Libras apresenta características de língua classificadora, uma vez que existe uma regularidade em relação à utilização dos classificadores como sistema de morfemas obrigatórios acrescentados às raízes.

Ao tomar como ponto de partida que os classificadores podem atuar nos processos de formação de sinais, parece apropriado aprofundar os estudos a cerca destes, portanto, a seguir apresentamos os resultados de leituras que tratam sobre o assunto.

#### 2.4.1 Sobre os classificadores

A questão da diferenciação das línguas de acordo com suas tipologias é apresentada por Felipe (2002). Ela argumenta que as gramáticas tradicionais, baseadas na tradição greco-latina, descreveram as línguas indo-europeias a partir do modelo proposto para as línguas latinas. Assim, os processos morfológicos incluíram declinação (desinências para gênero, número, pessoa, para os nomes, adjetivos e pronomes) e conjugação (desinências para número, pessoa, tempo, modo e verbo). De acordo com a autora, essas línguas não são consideradas classificadoras, porém, ela defende que mesmo as línguas consideradas classificadoras também têm um sistema para representarem morfo-sintático-semanticamente as características das coisas e eventos, porém, utilizando um sistema específico de morfemas obrigatórios – os classificadores.

Felipe pontua que a terminologia "línguas classificadoras" começou a ser utilizado por pesquisadores de línguas de famílias indígenas, africanas, australianas e asiáticas, isso se deu em função de que muitas dessas línguas possuem sistemas de morfemas obrigatórios para classificar propriedades não mencionadas pelas gramáticas tradicionais. Mas analisando as pesquisas na área, Felipe (2002) constatou que todas as línguas têm mostrado também que os classificadores, como categoria semântica, podem ser realizados na estrutura de superfície como item lexical ou como morfema. Contudo, somente as línguas que apresentam sistemas

de morfemas obrigatórios, ou seja, sistemas de grafemas por formantes presos ou dependentes, foram denominadas línguas classificadoras.

Apesar de reconhecer que as línguas de sinais apresentam características diferentes das línguas orais, inclusive na forma de utilizar classificadores, Felipe (2002) afirma que elas podem apresentar marcas discursivas por meio do acréscimo a uma raiz, assim como as demais línguas classificadoras.

Ela [a Libras] também apresenta característica de língua classificadora, uma vez que existe uma regularidade em relação à utilização dos classificadores já que o processo de classificar, por meio deles, ocorre como acréscimo a um radical nominal ou como uma modificação interna da raiz verbal, ou ainda como marcadores discursivos, como nas línguas classificadoras coordenantes. (FELIPE 2006, p. 208).

A autora destaca a perspectiva de Dubios *et all* (1993, 112) que definem o classificador como afixo utilizado em particular nas línguas negro-africanas, para identificar a que classe nominal pertence a palavra. Nesse caminho, o termo "classificador" é utilizado para destacar apenas os aspectos morfológicos da língua, mas não especifica precisamente o que ele representa semântico-sintaticamente, ou seja, a sua significação-função em um dado contexto e o que essa estrutura representa em relação ao sistema da língua. De acordo com Felipe (2002), essa conceituação, não especifica que tipo de afixo pode ser um classificador, menciona somente a família da língua. Assim, visando identificar tipo de classificadores, a pesquisadora cita diferentes estudos desenvolvidos com línguas consideradas classificadoras, dentre estas, ela ressalta as pesquisas de Lyons (1977) e Alan (1977).

Lyons (1977) agrupa os classificadores com as categorias determinantes e quantificadores, analisando-os como modificadores. Como exemplo de classificadores, destaca os que são obrigatórios em frases contendo numeral como na língua tzeltal e com demonstrativo nas línguas mandarim chinês e vietnamita. Divide os classificadores em de espécie, que individualizam em termos de tipo de entidade e os classificadores de medida, que individualizam em termos de quantidade. Os classificadores de espécie, na sua maioria, são nomes, embora um tipo particular e, na maioria das línguas classificadoras, ele pode ser usado também com função pronominal ou quase-pronominal em referência dêitica e anafórica.

Outra característica nesse tipo de classificador é que ele pode ser núcleo ou modificador, ou seja, também pode ser considerado como uma espécie de determinante já que este também, a despeito do tratamento convencional com modificadores de nomes, pode ser considerado o ponto de vista sintático, como núcleo mais do que como modificadores. Assim,

pode-se perceber uma conexão sintática e semântica entre os classificadores de espécie e os determinantes e, entre os classificadores de medida e os quantificadores.

Allan (1977) definiu os classificadores a partir de dois critérios: primeiro, eles realizam como morfemas na estrutura de superfície sob condições específicas; segundo, eles têm significado, pois, os classificadores denotam alguma característica saliente imputando a uma entidade que é referida por um nome. Allan pesquisou 50 línguas classificadoras, ao encontro de Aronoff, Meir e Sandler (2005), concluiu que esses sistemas constituem um conjunto complexo e universal.

Allan agrupou as línguas estudadas em quatro tipos: línguas de classificador numeral, em que o classificador é obrigatório em muitas expressões de quantidade e expressões anafóricas e dêiticas; línguas de classificador concordante, onde os classificadores são afixados aos nomes e seus modificadores, predicados e pró-formas; línguas de classificador predicativo, que possuem verbos classificadores, que variam seu radical de acordo com as características da entidade que participam como argumentos do verbo; e, de classificador intra-locativo, que são classificadores nominais e são embutidos em expressões locativas que obrigatoriamente acompanha os nomes em muitos contextos.

Na análise de outras pesquisas da área, Felipe (2002) cita Kiyomi (1992), e entende que a partir das definições de classificadores e das classificações das línguas classificadoras propostas por vários autores, percebe que existem outras línguas classificadoras que possuem morfemas livres, e que a definição proposta por Allan contemplava apenas as línguas que são formas presas. Dadas as circunstâncias, Kiyomi propõe a divisão dos classificadores em morfemas livres, que incluem os classificadores de número e os classificadores de não-numerais, e os classificadores presos, que incluem os classificadores coordenante, os de predicado nos verbos classificadores e os intra-locativos.

Segundo Kiyomi, as categorias animado e forma, nas línguas classificadoras de predicado, estão entre as categorias semânticas encontradas, assim, conclui que esses classificadores são categorias semânticas fundamentais e independentes e que, embora não haja universal implicacional em relação aos seus usos, elas estão presentes em todo o sistema de classificador. De acordo com Felipe (2002), esse fenômeno também pode ser comprovado em relação às línguas de sinais, tomando como exemplo a Libras e a ASL.

Em seus estudos sobre raízes verbais, Hoijer (1945) e Carter (1966) apontam suas diferenças em função do tipo de classificador. Hoijer pesquisando a língua *Navaho* distribuiu os verbos classificadores em doze raízes: objetos redondos longos, seres vivos, conjunto de objetos, contêiner rígido com conteúdo, objeto de fabricação, objeto volumoso, conjunto de

objetos em paralelo, massa, massa de madeira, objeto como corda, objeto como lama. Para o pesquisador, esses classificadores são prefixos de raízes de verbos classificadores, uma vez que variam de acordo com a classe dos seus argumentos, ou seja, se o verbo for intransitivo o prefixo varia com relação à classe do sujeito e se for transitivo varia em relação ao objeto. Ao encontro dos estudos de Felipe (2002), na Libras, os predicados classificadores também concordam dessa maneira.

Carter (1966) pesquisando a língua *Chipewayan*, diferenciou dez padrões de raízes verbais, e apesar de algumas dessas raízes coincidirem com as de Hoijer, são na maioria diferentes: seres acordados, seres dormindo, seres mortos, objetos sólidos inanimados, líquidos, massas granulares, objetos como corda e objetos em conjunto ou plural de objetos, objetos como varas ou containers vazios, containers com conteúdo e objetos de fabricação.

Em relação aos estudos sobre classificadores, Hass (1967) realizou um estudo comparativo dos classificadores de número em *Yurok* com os classificadores de predicado em *Hupa* e percebeu que eles apresentam categorias semânticas similares apesar de se agruparem em classes sintáticas diferentes. Outro estudo citado por Felipe para pontuar que os classificadores se expressam em outros níveis linguísticos além do morfológico, é a pesquisa de Friedrich (1970) sobre a língua *Tarascan* que trata do que ele denominou “classificadores encobertos”. Para o autor, esses verbos apresentam semanticamente, e não sintaticamente, uma classificação e, por isso, podem conter na sua significação o caso instrumento, paciente ou tema. Contudo, esses verbos não poderiam ser considerados verbos classificadores, no sentido dados as outras pesquisas apresentadas aqui, porque as demais pesquisas tratam do nível morfológico como paradigma de línguas para uma subclasse de verbos que concordam com seu sujeito ou objeto em relação às categorias material, forma e outros.

Nesse viés, Felipe (2002) destaca que de forma similar na Libras, o verbo incorpora o caso modal, no nível semântico, por meio de processos miméticos em sua formação como item lexical. A pesquisadora conclui, a partir das pesquisas apresentadas, que existe certa regularidade na utilização dos classificadores associados aos tipos de línguas classificadoras, geralmente associadas a uma função morfo-sintática. Isso ocorre em função de o processo de classificar acrescentar um morfema a um radical nominal ou verbal, ou uma derivação interna da raiz, ou mesmo em todos os elementos da frase, como nas línguas classificadoras coordenantes. Assim, a autora defende que na perspectiva morfo-sintática, estes morfemas classificadores podem ser vistos como marca de concordância de gênero, número, caso e lugar.

O sistema de classificadores das línguas de sinais difere do das línguas orais devido a sua modalidade espaço-visual que favorece a morfologia simultânea. Nessa direção, Aronoff, Meir e Sandler (2005) defendem que a morfologia simultânea das línguas de sinais pode ser amplamente flexional. Os autores apresentam dois tipos difundidos de morfologias flexional, concordância verbal pela construção classificadora que são iconicamente fundamentadas na cognição espaço-temporal, e os padrões sequenciais por meio de afixação sequencial com estruturas lineares (presente na morfologia sequencial) que precisam de tempo para se desenvolverem em línguas jovens, como no caso das línguas de sinais até então conhecidas e estudadas.

De acordo com os autores, a morfologia flexional também pode ser chamada de morfologia da sintaxe, visto que as categorias gramaticais que desempenham um papel na sintaxe de uma língua também são realizadas morfologicamente. Assim, os pesquisadores afirmam que essas categorias morfossintáticas necessitam do surgimento de categorias gramaticais e do desenvolvimento de morfemas específicos que marcam as distinções gramaticais destas categorias para se consolidarem, o que leva tempo para se tornarem parte obrigatória da sintaxe e serem refletida na morfologia. O fator tempo faz com que geralmente línguas jovens adquiram itens cuja participação nessa categoria não é determinada intensivamente.

Quanto a isso, vale destacar que diferentemente das línguas orais jovens, as línguas de sinais, embora também jovens, apresentam uma morfologia rica e complexa, o que inclui a morfologia flexional. Isso se dá devido à capacidade das línguas de sinais apresentarem uma representação iconicamente motivada de certas funções conceituais, conformem afirmam Aronoff, Meir e Sandler (2005). Para esses autores, a flexão representada por meio da iconicidade motivada está presente, se não em todas, na maioria das línguas de sinais, portanto, são estruturas universais.

Nessa direção, sendo os classificadores marcadores de flexão, Aronoff, Meir e Sandler (2005) esclarecem que ligada à morfologia simultânea se encontra a construção do classificador que envolve a combinação de morfemas. Nestas estruturas, a configuração manual representa um morfema classificador independente e atribui a locais e movimentos que também têm estado morfológico. É importante frisar que não são os movimentos que funcionam como morfema classificadores, uma vez que o movimento é parte constituinte de praticamente todos os sinais lexicais. Nesse sentido, conforme Aronoff, Meir e Sandler (2005, p. 12), os “classificadores diferem acentuadamente de outros sinais, em que cada categoria

tem status fonológico, mas não tem significado” (tradução nossa<sup>6</sup>). Os pesquisadores argumentam que como cada mão pode funcionar como um morfema independente, um único classificador pode caracterizar uma sequência de predicados, resultando em estruturas predicativas complexas.

Aronoff, Meir e Sandler postulam que as categorias caracterizadas pela morfologia simultânea complexas são as que podem ser representadas iconicamente. Eles esclarecem que essa iconicidade das categorias se dá devido à modalidade espaço-visual dessas línguas, o que explica as semelhanças croslinguísticas entre diferentes línguas de sinais, independente de idade. Assim, os autores tratam de fenômenos, específicos de línguas de modalidade espaço visual, que produzem estruturas morfológicas que caracterizam as línguas de sinais, que envolvem restrições de produção, percepção e processamento e a disponibilidade de representação iconicamente motivada de certas categorias conceituais, como ocorre no fenômeno da morfologia simultânea na representação de verbos em construções de acordo e classificadores.

Nessa direção, Aronoff, Meir e Sandler (2005) conceituam que os classificadores podem ser iconicamente motivados e compõem um tipo de morfologia complexa nas línguas de sinais. Os pesquisadores tratam de três tipos de classificadores, embora aprofundem as explicações de dois destes que representam um conjunto de configurações de mão: “classificadores de tamanho e forma (SASSes), classificadores de entidade, e classificadores de manipulação (Klima e Bellugi 1979, Supalla 1982, Schembri 2003)”, (ARONOFF, MEIR E SANDLER 2005, p 22).

De acordo com os autores, os classificadores SASS entram em uma construção complexa para representar tamanho, forma do objeto e relações espaciais entre eles. Como exemplo, os pesquisadores demonstram a construção do classificador SASS na Língua de Sinais Israelense, CYLINDRICAL-OBJECT-NEXT-TO-OBJETO PLANO, que pode ser entendido como 'Um copo está ao lado de um pedaço de papel'.

Os classificadores de entidade atuam nos referentes de acordo com a categoria semântica, podendo expressar vertical humano, humano sentado, veículos, dentre outros. Aronoff, Meir e Sandler (2005) esclarecem que esses classificadores entram em construções complexas combinando-se com outros classificadores, e também, com diferentes raízes de

---

<sup>6</sup> Texto original: The classifier construction is another type of morphology that involves simultaneous combination of morphemes.<sup>11</sup> In these structures, the hand configuration represents an independent classifier morpheme and it attaches to locations and movements that also have morphological status. In this sense classifier constructions differ markedly from other signs, in which each category has phonological status but no meaning. Since each hand may function as an independent morpheme and a single classifier may characterize a string of predicates, the resulting predicative structures can become extremely complex.

movimento, indicando formas icônicas motivadas. Como exemplo, eles apresentam uma construção, também na Língua de Sinais Israelense, em que cada mão representa uma pessoa sentada, podendo ser claramente entendido como, duas pessoas sentam-se frente a frente.

Outro exemplo, bem mais complexo, é a construção classificadora de uma pessoa caminhando para frente, arrastando um cachorro que se contorce para trás em movimento de zigue-zague. Nessa estrutura, cada mão apresenta uma configuração de mão diferente, também se pode notar que há uma relação entre as duas entidades estabelecida pelo campo espacial, com direção e movimento diferentes, mas, articulados das duas mãos. Os classificadores possibilitam um número potencialmente vasto de construções, porém compõem um sistema convencional e restrito, ou seja, gramatical.

Aronoff, Meir e Sandler (2005), afirmam que todas as línguas de sinais estudadas têm as mesmas três categorias de classificadores, que aparecem em um determinado contexto discursivo em um uso específico com tipos semelhantes de complexidade combinatória. Apesar desse sistema se fazer presente na maioria das línguas de sinais, compondo universais, os autores reconhecem que existem particularidades linguísticas de cada língua. Assim, diferindo das línguas orais, que geralmente tem poucos classificadores verbais expressos em afixos, as línguas de sinais apresentam verbos com construções flexionais compostas por classificadores polimorfêmicos. E, devido à capacidade das línguas de sinais terem representação iconicamente motivada de certos conceitos e funções, mais do que as línguas orais, elas desenvolvem morfologia complexa em relativamente pouco tempo de existência, caso a morfologia seja uma representação icônica de uma categoria conceitual.

Nesse caminho, é importante compreender que a questão da modalidade espaço-visual das línguas de sinais não restringe sua concordância verbal e morfemas classificadores como sendo exclusivamente iconicamente motivados. Ao encontro dos estudos de Aronoff, Meir e Sandler (2005), é possível entender que

A discussão anterior sobre concordância verbal e complexos classificadores em língua de sinais pode ter dado a impressão de que a morfologia simultânea em linguagens manual-visuais é necessariamente icônico/motivado. Mas essa impressão é enganosa. Um levantamento dos vários processos morfológicos descritos para ASL revela alguns processos simultâneos que são não icônicos, por exemplo, adjetivos característicos (Padden e Perlmutter 1987), deverbal substantivos (Supalla e Newport 1978) e derivados idiomáticos como PIOUS from CHURCH (Klima e Bellugi 1979). (ARONOFF, MEIR E SANDLER 2005, p.25). Tradução nossa<sup>7</sup>.

<sup>7</sup> Texto original: The preceding discussion of verb agreement and classifier complexes in sign languages might have given the impression that simultaneous morphology in manual-visual languages is necessarily iconic/motivated. But this impression is misleading. A survey of the various

Assim, a morfologia simultânea pode apresentar classificadores iconicamente motivados desde que a forma da língua permitir, não extinguindo os demais processos em detrimento a sua existência. Portanto, de acordo com Aronoff, Meir e Sandler, a morfologia simultânea emprega diferentes processos que codificam categorias viso-espaciais, tais dispositivos formais podem ser usados para codificar também categorias que não são necessariamente icônicas ou motivadas.

Nessa perspectiva, os pesquisadores esclarecem também que o subsistema de construções de classificadores, não depende exclusivamente da produção, percepção e processamento, sendo que envolvem claramente a combinação simultânea de configuração manual, localização, e morfemas de movimento. E que, embora uma construção com um único classificador possa abranger vários predicados e entonacionais, tal condição não resulta apenas da morfologia simultânea, mas também da sequencial. Para os referidos autores, essas construções são simultâneas no nível morfológico, mas podem ser sequenciais no nível sintático. Eles citam o exemplo da configuração de mão para veículo que abrange uma sequência de predicados para gerar a sentença "Um carro passou por uma colina esburacada e dobrou uma esquina e estacionou em um ângulo em uma ladeira". Assim, entendemos com os autores que

A sequência é interpretada como uma construção única porque o handshape (configuração de mão) representa o mesmo argumento e não há rearticulação do handshape entre predicados. Em certo sentido, essas construções são simultâneas no nível morfológico, mas podem ser sequenciais no nível sintático. (ARONOFF, MEIR E SANDLER 2005 p.24). Tradução nossa<sup>8</sup>.

A construção do classificador apresenta aspecto icônico motivacional, sendo produzido pela articulação de uma configuração de mão que combinou simultaneamente local e movimento, envolvendo condições de produção, percepção e processamento. Nessa direção, os autores concluem que ambas as condições (restrições de produção, percepção e processamento) com (expressão motivada de informações visuo-espaciais) atuam juntas para produzir estruturas nas línguas de sinais.

---

morphological processes described for ASL reveals some simultaneous processes that are not iconic, for example, characteristic adjectives (Padden & Perlmutter 1987), deverbal nouns (Supalla & Newport 1978), and idiomatic derivatives like PIOUS from CHURCH (Klima & Bellugi 1979).

<sup>8</sup> Texto original: The string is interpreted as a single construction because the handshape represents the same argument throughout and there is no rearticulation of the handshape across predicates. In a sense, these constructions are simultaneous at the morphological level but may be sequential at the syntactic level.

Em relação a Libras, Quadros e Karnopp (2004, p.93), destacam que os classificadores compõem um sistema que participa densamente na formação de novas palavras, o qual é fortemente influenciado pela modalidade por meio -visual da língua, afirmação que vem ao encontro com os estudos de Aronoff, Meir e Sandler (2005), apresentados aqui. Sobre os classificadores na Libras, os estudos de Felipe (2002) afirmam que a Libras apresenta características de língua classificadora de predicado. A esse respeito, Brito (1995) destaca que tais classificadores do tipo classificador-predicado estão subdivididos em cinco categorias; descritivos, especificadores, plural, instrumental, e de corpo, presentes na morfologia da língua.

Ainda, tratando dos classificadores, mas em específico da Libras, ao encontro de Aronoff, Meir e Sandler (2005), Felipe (2002) **identificou que estes podem atuar como marcadores de flexão**, assim como em outras línguas de sinais. A autora apresenta pesquisas que demonstraram que as línguas de sinais possuem vários tipos de classificadores. Os estudos apresentam posicionamentos diferenciados dos pesquisadores em relação à tipologia dos classificadores ou sobre as especificações das funções que eles exercem. Observamos aqui que diferentes pesquisas (FRISHBERG, 1975; KEGL, WILBUR, 1976; SUPALLA, 1978) apresentam um ponto em comum, a definição de classificador como sendo certas configurações de mãos que funcionam como morfemas que marcam certas características de um objeto.

Em seguida, Felipe (2006) apresenta as divergências no enfoque em relação aos morfemas classificadores. Klima e Bellugi *et all* (1979) defendem um sistema de configuração de mão de classificadores na ASL, essas especificariam uma característica do objeto ou do modo como seguraria um objeto. Kegl (1985) apresenta estas configurações como sendo clíticos formantes das raízes verbais, distinguindo clícios de proeminência e o de fundo. Padden (1990) afirma que os verbos classificadores possuem configurações de mão que concordam com o sujeito ou com o objeto da frase, mas sem especificar qual seria esse tipo de concordância. Pedersen e Perdesen (1983) utilizam a terminologia pró-forma ao em vez de classificador.

Edmondson (1990) analisando os fenômenos da língua de sinais dinamarquesa, conclui que as configurações nos verbos de movimento e localização seriam morfemas que caracterizariam os referentes, de modo icônico, em situação dinâmica ou estática, sendo que a iconicidade teria mais relação com as categorias animado/inanimado, e dimensionalidade, orientação, e outras, mais em relação à categoria forma. Conforme observado por Felipe

(2002), todas as pesquisas apresentaram aspectos fonológicos, morfológicos ou sintáticos dos classificadores como afixos ou itens lexicais.

Supalla (1986) ao tratar da tipologia e morfologia dos classificadores na ASL, apresenta uma sistematização que fez a partir do estudo de vários pesquisadores de referência, dividindo os classificadores em seis tipos:

- Especificadores de tamanho e forma, que são configurações de mãos que representam vários aspectos do referente. Esses classificadores formam subdivididos em especificadores de tamanho e forma estáticos e especificadores de tamanho e forma em traços;

- Classificador semântico, são as configurações de mão que representam os referentes como categorias semânticas, classificadores de objetos com pernas e de objetos horizontais, verticais, entre outros;

- Classificador de corpo, onde todo o corpo do emissor pode ser usado para representar seres animados, sendo essa classe uma marca de concordância nominal;

- Classificador de parte do corpo, onde as mãos ou alguma parte do corpo do emissor é usada para representar uma parte do corpo de referente, em que a parte do corpo é uma localização. Esse classificador foi subdividido em especificadores de tamanho e forma da parte do corpo e classificadores dos membros;

- Classificador de instrumento, que são uma representação mimética ou visual-geométrica do instrumento, mostra o instrumento sendo manipulado. Esse tipo foi subdividido em classificador mão como instrumento e classificador ferramenta;

- E, morfemas para outras propriedades de classes de nomes, que são usados para mostrar consistência e textura, integridade física, quantidade e posição relativa.

Supalla relaciona esses classificadores com verbos de movimento e localização, apresenta a raiz desses verbos como sendo formados por: um pequeno número de movimentos possíveis (existência, localização movimento); um pequeno número de paths (linear, arco e círculo); um morfema classificador (não outra parte do corpo, configurando uma forma particular e localizada em um lugar particular e orientada ao longo de um path) e relações locativas entre o nome central (objeto que move - tema) e o secundário (o objeto fundo). Nessa direção, como esclarece Felipe, a forma da mão nestes verbos refere-se a classe objeto que está envolvida no evento, e os morfemas internos seria o morfema classificador, o movimento e os pontos básicos e os externos seriam a flexão de número e aspecto.

Felipe (2002) reconhece que os estudos de Supalla contribuíram para as pesquisas sobre classificadores e serviram de base para outros trabalhos. Contudo, a autora chama atenção para a necessidade de rever alguns pontos em relação à proposta de tipologia dos

classificadores. Como exemplo, a pesquisadora afirma que a divisão dos classificadores em semânticos é redundante, apontando os estudos realizados por Edmondson (1990), esclarece que classificador é uma categoria semântica que se concretiza em itens lexicais ou em tipos de morfemas específicos para cada língua. Assim, para Felipe, o que deveria ser pesquisado consiste nos níveis morfológicos e sintáticos em que os classificadores se realizam, ou seja, como se dão as representações semânticas desses classificadores. Também destaca que seria mais universal especificar, ao invés de classificador semântico, como categoria material (animado/inanimado) seguindo a proposta de Allan (1977), como nas línguas orais auditivas.

Felipe destaca ainda que nas línguas de sinais, como na Libras e ASL, a categoria material está subdividida em animado (pessoa e não-pessoa ou animal); e inanimado (veículos e coisas) formato (objeto plano, longo, arredondado, etc) tamanho (grande, médio, pequeno). Vale destacar que essas últimas subcategorias da categoria material (coisas), em verbos de raiz mimética, sempre vêm sincretizadas com uma ou mais das outras quatro categorias de classificação propostas por Allan (1977), tais como: consistência (flexível, rígido, não-definido); localização; arranjo (enrolado, em círculo, empilhado, enfileirado); e, quanta (coleção, volume, peso). Esse último, o classificador quanta, também pode ser sincretizado na categoria material animado, assim, um verbo classificador pode flexionar para concordar com o número (dual, trial, quatrial e plural).

Felipe (2002) postula que **o sistema de classificador nas línguas gesto-visuais está relacionado ao gênero que, em uma sub-classe de verbos, é marcado por meio de morfemas obrigatórios que devem ser utilizados morfo-sintaticamente, presos às raízes verbais, para concordar com o argumento do verbo.** A autora propõe esquematizar as configurações de mão para expressar a categoria material na Libras em animado (pessoa) que, pode ter o classificador quanta sincretizado, e não-pessoa (animais); e também, inanimado (coisas e veículos). Desse modo, ela afirma que assim como nas línguas orais, nas línguas de sinais também ocorre o sincretismo das categorias de classificação, como demonstrado nos morfemas (configurações de mão) no sistema de gênero, outras podem estar iconicamente representadas na raiz movimento, orientação ou ponto de localização (path), o caminho onde começa e finda ou onde a coisa é localizada. Essas questões são importantes, já que para Felipe estão ligadas ao sistema de flexão verbal da Libras. De acordo com o fenômeno, os morfemas sempre estão presos a uma raiz verbal, que é o movimento que anaforicamente concorda com o referente que precede o verbo como argumento, sujeito ou objeto.

Ao considerar o nível semântico, os morfemas classificadores ocupam o lugar específico para a concordância. No entanto, estes morfemas classificadores de gênero não

apresentam uma função sintática, conforme observa Felipe (2002), já que eles se realizam como desinências que se apresentam sempre afixadas a raízes verbais, e, anaforicamente, estabelecem concordância de gênero com o referente que é o argumento do verbo. Em verbos intransitivos, eles concordariam com o sujeito, caso nominativo e, em verbos transitivos, eles concordam com o objeto, caso acusativo. Por exemplo, a configuração de mão “G” (CM 14) ou “D”(CM 16) pode arbitrariamente representar entidades animado (pessoa), uma vez que, anaforicamente, irá concordar com o referente animado (pessoa). Em verbos transitivos, o referente animado (pessoa) será o sujeito (caso ergativo) e em verbos intransitivos poderá ser sujeito (caso nominativo) ou o objeto (caso acusativo), com as regras temáticas agente ou objetivo. Mas, quando esta configuração está representando um referente inanimado (coisa), está associado ao caso acusativo e às regras temáticas objetivo ou locativo.

Revedo alguns pontos em relação à proposta de Supalla (1986) sobre as tipologias dos classificadores, Felipe entende que os classificadores como marcadores de flexão se caracterizam por constituírem um sistema obrigatório. Em seus estudos, Supalla apresenta na tipologia dos classificadores, os especificadores de tamanho, forma e traço, como esses especificadores não são obrigatórios, não deveriam ser considerados classificadores.

Felipe (2002) esclarece que esses traços feitos no espaço neutro são os próprios lexemas nas línguas de sinais, logo, são itens lexicais que podem ter a função de adjetivos ou expressões adjetivas. Eles funcionam como morfemas livres, como modificadores que qualificam o nome sendo, portanto, um sintagma adverbial deste nome, enquanto sintagma nominal. Em outras palavras, ao se traçar um formato com um tamanho no espaço neutro, este traço tem autonomia morfológica não podendo ser classificado como afixo, e muito menos obrigatório, como exemplo, no Português, camisa listrada, planície ondulada. Esses nomes ou adjetivos possuem uma raiz mimética, assim como na Libras, uma vez que suas configurações se dão por meio de imitação do próprio objeto ou um atributo a um determinado objeto.

Em relação aos especificadores de corpo e parte do corpo, de acordo com Felipe (2002), também não são classificadores, mas itens lexicais que são as próprias partes do corpo. Para exemplificar, ao se transmitir em Libras que se deu um soco no olho, ou em alguma outra parte do corpo, basta mimeticamente fazer um gesto com a mão, com o punho fechado indo na direção do olho, ou em direção a outra parte do corpo. Assim, as partes do corpo contextualizadas em frases, constituem os itens lexicais que funcionam como argumento para o verbo que possui concordância de lugar. Sendo assim, não há um classificador na configuração de mão deste verbo e a configuração de mão, punho cerrado, é uma raiz verbal de derivação zero, podendo ser tanto SOCO, quanto ESBOFETEAR. Nessa

direção, Felipe (2002) esclarece que o processo de mostrar parte do próprio corpo ao invés de criar um sinal arbitrário funciona como um ponto de referência da raiz movimento. Destaca ainda que, esse processo mimético é muito produtivo na Libras e não deve ser confundido com sistema de classificadores.

Outra tipologia proposta por Supalla, mas descartada por Felipe como sendo classificador é o especificador de instrumento. Segundo Felipe (2002), o especificador de instrumento não pode ser considerado um tipo de morfema preso que anaforicamente concorda com um referente que é um argumento de um verbo classificador. Trata-se na verdade de dois processos diferentes na formação de verbos que possuem configurações de mão que representam mimeticamente um objeto, como instrumento, ou a forma de se pegar um objeto.

No primeiro caso, a configuração de mão que representam o instrumento é, juntamente com os outros parâmetros, itens lexicais nominais, mas, em determinados contextos, por meio do processo de derivação zero, esses itens lexicais nominais exercem a função de verbo, trazendo implicitamente o caso instrumental, assim sendo, a incorporação é semântica e não morfo-sintática. Por exemplo, quando se diz “cortar” na Libras, há sempre, semanticamente, a incorporação do instrumento porque é a coisa cortante que se torna o próprio verbo.

No segundo caso, a forma de segurar ou pegar um objeto, que é um instrumento, a configuração de mão é um dos semas do significado do verbo, portanto, estando em nível semântico, e não morfo-semântico, não se tratando de um sistema de classificadores. De acordo com Felipe (2002), como as línguas de sinais possuem iconicidade visual, seus sinais para representar a manipulação de objetos, são mais transparentes ou motivados, e as configurações de mão mostram iconicamente ou mimeticamente esta manipulação. Casos como esse podem ser enquadrados no que Friedrish (1970) conceituou como verbos classificadores encobertos, ou seja, em nível semântico.

Ao encontro dos estudos de Aronoff, Meir e Sandler (2005), Felipe (2002) reconhece os aspectos de iconicidade nos processos de formação de sinais. No entanto, a autora chama atenção para a diferença entre os classificadores e os processos icônicos, ou miméticos. Felipe esclarece que os processos icônicos são uma forma linguística que representa economicamente o referente a partir de parâmetros de configuração de mão em nível sintático. Logo, no processo mimético não existe o acréscimo de morfema obrigatório à raiz (FELIPE 2006). A esse respeito, Felipe concorda com Aronoff, Meir e Sandler (2005), no sentido de reconhecer que modalidade espaço-visual das línguas de sinais não restringe os morfemas classificadores como sendo exclusivamente icônicos e motivados.

A partir dos estudos sobre os classificadores na Libras, Felipe (2002) encontrou sete categorias de classificadores, porém, ela afirma que esse número pode variar. As categorias ou tipos de classificadores elegidos por Felipe são: material, formato, consistência, tamanho, localização, arranjo e quanta. A autora esclarece que esses classificadores podem combinar duas ou mais categorias podendo até mesmo ser subdivididas.

Existem línguas que subclassificam ainda mais a categoria material fazendo reclassificação da subcategoria animado para pessoas, como exemplo, mulher, homem, criança. Também na subcategoria inanimado, os pesquisadores distinguem vários morfemas diferentes, mas os mais comuns são usados para árvores, objetos de madeira, geralmente barcos. Esses morfemas podem ser conectados com outros tipos de classificadores, como formato.

A categoria formato geralmente é subdividida em objetos longos, planos e arredondados. A denominação em objetos de uma, duas ou três dimensões geralmente pode ser associada a outras categorias, tais como, consistência e textura. Associada a essas três dimensões do objeto que são forma, consistência e textura, existem ainda outras três subcategorias. A primeira, em relação à proeminência de curva exterior, ou seja, objetos de determinada dimensão que são amontoados ou empilhados; a segunda, em relação a um classificador quanta associando a objeto e também a quantidade; e a terceira, em relação ser oco ou vazio, classificadores podem representar contêineres, objetos com interior vazio.

A autora explica mais sobre as subdivisões nas categorias. A categoria consistência possui três dimensões; flexível, rígido e não-definido. A categoria tamanho está subdividida em grande e pequeno, também está sempre associada à categoria de forma. A categoria localização especifica um lugar que pode estar associado com o tipo de objeto, por exemplo, as línguas orientais que têm classificadores específicos para país, jardim, campos e cidades. A categoria arranjo especifica objetos colocados em uma maneira específica, podem estar incorporadas semanticamente ao verbo, como exemplo, na Libras e no Português os itens lexicais, enrolar, empilhar, enfileirar e amontoar. A categoria quanta especifica a quantidade e pode ser subdividida e classificadores para coleção, volume, peso e tempo.

De acordo com Felipe (2002), as categorias arranjo e quantidade, por não classificarem apenas propriedades inerentes a objetos, não estão limitadas somente às línguas classificadoras. **Essas categorias também podem estar associadas uma com a outra, como exemplo, nas línguas de classificadores de predicado e coordenantes podem aparecer as subclassificações para o número e gênero, caso que ocorre na Libras, que pode**

**acrescentar a raiz principal um classificador com uma quantidade simultaneamente, por exemplo, pessoa PASSAR, 2 pessoas PASSAR, 3 pessoas PASSAR.**

Para Felipe (2002), o nível pragmático da língua deve ser avaliado também, visto que essas divisões e subdivisões de classificadores podem ser baseadas na perspectiva do falante em relação ao contexto. Assim, não se trata somente de morfemas específicos para objetos específicos, mas em alguns casos, temas associados a objetos a partir de um determinado contexto. Ou dito de outra maneira, na utilização da língua como sistema, nas associações sintagmáticas e correlações paradigmáticas em todos os níveis linguísticos fono-morfo-sintático-semântico-pragmático, que possui um conjunto de morfemas obrigatórios.

Nessa parte da pesquisa discutimos sobre a morfologia e os processos de formação de sinais. Para tanto, apresentamos nossas reflexões a respeito das línguas de sinais como sistemas para uma análise descritiva e tecemos nossas considerações sobre a morfologia das línguas de sinais com enfoque específico na Libras. Uma vez apresentados os processos de formação de sinais: derivação, composição, incorporação e flexão, discorreremos a seguir sobre os processos de flexão nominal: categorias, gênero e número.

### **3 OS PROCESSOS DE FLEXÃO NOMINAL: CATEGORIAS GÊNERO E NÚMERO**

Conforme observado nas seções anteriores, a flexão se enquadra na língua a partir dos níveis morfológico e sintático. Os aspectos flexionais estão subdivididos nas classes morfossintáticas de gênero, número, pessoa, aspecto e modo, sendo que a flexão atua nas classes morfológicas, quais sejam, substantivo, adjetivo, verbos, dentre outras; que ainda pode ser subdividida em duas: flexão nominal e flexão verbal. Dessa forma, estando situada nossa pesquisa, vamos aprofundar tais conceitos que servirão para a análise dos dados.

#### **3.0 Classes de palavras e aspectos flexionais das línguas orais e das línguas de sinais**

Na linguística, as palavras são definidas e divididas em classes. Sempre que se estuda uma língua faz-se necessário distinguir e classificar as palavras constituintes dessa língua. Isso ocorre por motivo de “qualquer conjunto de entidades que tem uma função apresenta-se organizado em uma classe”. (NEVES 2006, p. 01). Nesse caminho, Schwager e Zeshan (2008) argumentam que uma das prioridades na descrição de línguas orais não documentadas é determinar as classes de palavras e suas propriedades, em geral, essa é uma das primeiras tarefas. No entanto, não é demais atentar que o objeto de estudo da presente pesquisa não é a classe de palavras. Contudo, visto que este trabalho objetiva identificar e descrever os processos de flexão em nomes a partir da fala do surdo, tal objetivo perpassa pela identificação de classes de palavras, tornando pertinente assim tratar de classificação.

Divergindo das línguas orais, as descrições das classes de palavras nas línguas de sinais não têm sido amplamente realizadas. De acordo com Schwager e Zeshan (2008), geralmente os sinais são rotulados como "adjetivos", "substantivos", entre outras classes morfológicas, com base na tradução do significado do sinal para uma língua oral relevante. Tomamos como exemplo o sinal ‘surdos’, na Língua Gestual Britânica deve ser um adjetivo, uma vez que a palavra ‘surdos’ na Língua Inglesa de modalidade oral é um adjetivo. Outro exemplo é o da língua de sinais mais amplamente documentada, a American Sign Language (ASL), partes do seu sistema de fala (PoS) é aplicado acriticamente a outras línguas de sinais em suas descrições. De acordo com os referidos pesquisadores, ambas abordagens são metodologicamente e teoricamente inviáveis.

Para McCleary e Viotti (2009), um conceito é um princípio de categorização que permite ao ser humano organizar e dar significados para o mundo interno e externo. A construção do conceito passa por um processo de conceitualização, nos possibilitando

relacionar um signo com nossas experiências, com o conhecimento enciclopédico que atribui um significado a uma palavra. À medida que vamos adquirindo novas palavras, passamos a agrupá-las em objetos, ideias e ações. Estamos assim, categorizando. Para tanto, retomamos McCleary e Viotti (2009, p.8), para afirmar que “um conceito é um princípio de categorização”. Logo, é possível entender que a categorização é um processo mental do ser humano, uma vez que sempre estamos, em todos os momentos ao longo da vida, classificando ideias, coisas e situações para que possamos compreender e construir novos conhecimentos.

Racionalmente, sem um conhecimento científico, é possível perceber que as entidades (palavras) da língua são classificáveis, mas a compreensão da linguagem de como se sustentam essa categorização não é uma tarefa simples, e para tanto, demanda um estudo mais apurado. Em relação à oposição entre as relações sintagmáticas e associativas, a teoria saussuriana afirma que determinados momentos da língua se baseiam por meio das relações. Vale a pena destacar que em tais relações alguns grupos são oriundos por associações mentais fora da cadeia do discurso. Dito de outra maneira, ao falar o usuário lida com as relações de ordem sintagmática e associativa, sendo elas responsáveis pelo funcionamento da língua como sistema de valores (SAUSSURE, 1973).

Ao considerar o significado de um elemento linguístico determinado neste duplo enquadramento como sintagmático e paradigmático, os signos de uma língua se inserem no interior de uma classe permitindo-lhe se relacionar com outros membros, formando assim o sistema. Os signos, ou palavras, podem ser agrupadas como elementos da mesma classe de sentido por possuírem a mesma base semântica. Por meio do sema, unidade mínima de significação, estabelece relação de significado compartilhado entre palavras de diferentes grupos. Como por exemplo, a relação entre os diferentes grupos: HOMEM/MULHER/CRIANÇA e GATA/GATO/GATINHO. Essas unidades menores que os signos, porém, componentes dos signos, podem ser ordenadas em feixes e formar os sememas, como é possível perceber em, HOMEM: HUMANO, MASCULINO, ADULTO.

De acordo com Neves (2006), outras unidades mínimas deflagradas que são imperceptíveis sem um estudo linguístico são os fonemas (na fonologia) e morfemas (na morfologia), conforme amplamente apresentado nesta pesquisa. Tais unidades são abstratas e perceptíveis apenas na relação de oposição que estabelecem entre si. As palavras se distinguem por essa relação de oposição entre, pelo menos, um par mínimo, de formas ocorrentes na língua. Tal percepção dos traços e operações dessas formas mínimas requer um rigor teórico científico.

Ao encontro de Neves, Schwager e Zeshan (2008), explicam que estabelecer critérios para classificação de palavras em línguas de sinais, também é uma tarefa muito desafiadora. Logo, existem poucos precedentes na literatura de pesquisa sobre linguística das línguas de sinais. Acreditamos que essa tímida atenção das pesquisas se deve em função da pouca ou quase nenhuma tentativa de identificar classes de palavras em línguas de sinais individuais, ou quando isso ocorre, é agravado por sérios problemas teóricos conceituais.

Nessa direção, faz-se necessário estabelecer critérios para identificação de classe de palavras. Porém, é importante compreender que tais critérios estão sujeitos à crítica, justamente por se tratar da utilização de critérios lógicos para descrever as línguas naturais. A esse respeito, Neves (2006) embasada nos autores Adrados (1969) e Hjelmslev (1976), apresenta três critérios utilizados sequencialmente na linguística para o reconhecimento das classes das palavras. Primeiro, observa-se a forma e a distribuição das entidades, critério que pode ser suficiente para atingir o propósito da classificação. Em segundo lugar, a função exercida pela palavra na oração, esse critério é adotado quando a forma e distribuição levam a ambiguidade. E, por fim, é observado o sentido, critério adotado pela gramática tradicional, que constitui um resultado da função e da classe. De acordo com Neves (2006) último critério está sujeito a generalização excessiva, por isso, é inseguro, embora se tenha que reconhecer que a unidade forma têm uma unidade de conteúdo; assim, a autora, acrescenta a esses critérios os contextos de recurso e situação. Neves (2006) trata da necessidade de adotar mais de um critério, pois tomados isoladamente tais critérios podem falhar.

A esse respeito, a autora apresenta como exemplo, na Língua Portuguesa, o caso de substantivos colocados em uma frase após outro substantivo tenderem a indicar propriedade passando assim de substantivos a adjetivos. De acordo com Neves (2006), isso se dá por conta dos critérios de categorização utilizados pelos falantes, que em geral, partem da distribuição e da função, e por si mesmos, vão marcando a forma da palavra com morfemas de flexão. Como por exemplo, **o uso do morfema flexional de plural pode indicar qual a classe da palavra, se no contexto da frase determinado substantivo concordar com o plural que o antecedeu, ele passa a ser um adjetivo, na Língua Portuguesa.** Como no exemplo dado pela autora, “Enviou-se o caso a todos os bispos *membros* das conferências episcopais”, a palavra “*membros*” concorda com o substantivo que a antecede “bispos”, revelando a categorização de *membros* como a função de adjetivo nessa distribuição.

Neves (2006) apresenta ainda alguns motivos pelos quais as classificações de palavras gramaticais serem mais complexas do que nas palavras lexicais. Primeiro, um elemento pode pertencer a mais de uma classe, como no caso das palavras MUITO e POUCO, ambas podem

ser pronomes indefinidos (variáveis) ou advérbios de intensidades (invariáveis). Segundo algumas classes abrigam elementos que são de natureza e comportamento muito diversos. Como no caso do advérbio que pode ser um intensificador de verbo, de adjetivo ou de advérbio; um indicador de modo (qualificador) do verbo ou do adjetivo (de ação, processo, estado); um modalizador de termo, de oração, de frase, de discurso; e, uma palavra interrogativa de lugar, de tempo, de modo, de causa, conforme demonstra (NEVES 2006, p.13).

O terceiro motivo apresentado por Neves (2006) consiste na classificação de palavras gramaticais serem complexas, não podendo constituir uma repartição rígidas. É o fato de determinadas classes gramaticais tradicionais estabelecidas poderem ter propriedades comuns que as unem num grande grupo funcional, como os determinantes que reúnem certos pronomes, artigos, numerais. Os determinantes produzem para os nomes uma função determinativa, ou seja, discursivizam os elementos nominais (alavancam os nomes do nível da língua para o nível do discurso). (NEVES 2006, p. 14).

Neves (2008) aponta, por fim, a importância de ver as classes de palavras como altamente determináveis segundo o comportamento no enunciado como um todo. Assim, verifica-se que o funcionamento das classes de palavras está ligado as diversas funções da linguagem. As unidades da língua carecem ser analisadas com relação ao texto, além de suas composições isoladas mórfica e de sentido, sejam essas unidades lexicais ou gramaticais. Nessa direção, Neves (2006) apresenta o que se deve considerar em relação ao processo de classificação das palavras de uma língua:

Nesse sentido, o modo de operação tem base sintático-semântica, vista a semântica como construção de sentido da frase, bem como do texto, e a sintaxe, por outro lado, como responsável pelo arranjo construtor de sentido, tudo com determinação pragmática, pois toda organização do enunciado linguístico é dependente da situação discursiva em que ele se inserem e das intenções envolvidas na interação. É propor que, para essa tarefa, se parta do texto em sua organização semântica, bem como em sua organização interacional, depreendendo-se, daí, o funcionamento geral das classes de palavras e sua taxonomia. (NEVES 2006, p. 15).

Na Língua Portuguesa as palavras estão categorizadas em dez classes, conforme pontuamos, substantivo, adjetivo, artigo, pronome, numeral, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição. Tais classes podem organizar palavras lexicais e gramaticais. As palavras lexicais distinguem e nomeiam o mundo e seus objetos, seres, ações, dentre outros, e

as palavras gramaticais reúnem um conjunto de informações que servem para o funcionamento da língua.

Os vocábulos nominais e verbais, denominação usada por Câmara Jr. (1977), são palavras lexicais. Na mesma direção Azeredo (2008) afirma que tais unidades lexicais compreendem as categorias, seres/entidades correspondentes ao substantivo e ações/processos correspondentes ao verbo. Lemos em Câmara Jr:

O nome e o verbo são deduzidos da mesma realidade objetiva ou mundo real, conforme ela se apresenta ao nosso espírito sob um aspecto ESTÁTICO ou sob um aspecto DINÂMICO (gr. *stásis* “posição em pausa”, *dínamis* “força” em desenvolvimento). O semantema refere-se, assim, respectivamente, a um SER ou a um PROCESSO (Meillet, 1921, 175). (CÂMARA JR. 1977, p. 151).

Ao encontro dos estudos de Câmara Jr., Azeredo (2008) acrescenta as palavras lexicais, à categoria propriedades/atributos correspondentes aos adjetivos. **A respeito dos vocábulos nominais e verbais, também é sabido que esse submete aos processos flexionais. Os nomes se caracterizam morficamente pela possibilidade de apresentar desinência de gênero e número.** Já os verbos, podem apresentar desinência de modo-temporal e número-pessoal.

Dentre as dez classes de palavras apresentadas na Língua Portuguesa, seis são variáveis: substantivo, adjetivo, artigo, pronome, numeral e verbo. É importante ressaltar que parte da literatura considera que o nome envolve as classes substantivo, adjetivo, artigo, pronome e numeral. Dentre essas, as classes que são reconhecidas como principais são o substantivo e o adjetivo, visto que as demais classes, pronome, artigo e numerais podem variar de função, ou seja, só podem ter sua classe estabelecida, ou gramática resolvida, se considerarmos o seu papel de referência textual (NEVES 2006, p. 19).

Outra classe a se dar atenção específica é o pronome. Morficamente **os pronomes não se distinguem dos nomes, pois flexionam em gênero e número**, no entanto, semanticamente os nomes representam o mundo e seus objetos e os pronomes os indicam, ou seja, são déiticos. Outro aspecto importante é que **além de flexionar em gênero e número, os pronomes, flexionam também em pessoa e caso.**

Embora se possa encontrar na literatura que os nomes flexionam em grau, conforme analisado anteriormente, o grau aumentativo e diminutivo no substantivo, realizado geralmente por meio de sufixo, trata-se de derivação e não propriamente de flexão. E, os

graus comparativo e superlativo, podem ocorrer tanto por meios de processos derivacionais, quanto por processos de natureza sintática, sendo assim opcionais e não obrigatórios (CÂMARA JR. 1987).

Em relação às línguas de sinais, Schwager e Zeshan (2008) apresentam alguns estudos que buscam a proposição de classificação nessas línguas a partir de princípios de PoS. Para tal, os autores, adotaram um arcabouço teórico, segundo o qual a atribuição de classes de palavras em qualquer língua de sinais deva ser feita em uma língua específica, mas com critérios aplicáveis a várias outras.

Para Schwager e Zeshan esta é uma decisão teórica importante, particularmente adequada para comparar línguas tipologicamente distintas (cf. Croft 2001). Os autores defendem que, ao invés de apenas impor rótulos tradicionais prontos, como "substantivo", "verbo" e outros, como tem sido prática comum em grande parte da literatura sobre pesquisa em língua de sinais, é importante encontrar um padrão de comparação baseado em princípios e aplicá-lo de forma consistente às línguas de destino. Sendo assim, explicam que para análise das línguas de sinais, foram consideradas duas etapas: a primeira foi estabelecer os mesmos critérios de distinção, similares ou equivalentes, potencialmente relevantes para os sistemas PoS no DGS (Língua de Sinais Alemã) e KK (Língua de Sinais Kata Kolok); e, a segunda etapa consistiu em trabalhar com análise comparativa das distinções PoS no DGS e KK com base nestes critérios.

No processo de desenvolvimento de critérios para a atribuição de classes de palavras nas línguas de sinais, Schwager e Zeshan escolheram critérios relevantes não apenas para as línguas de sinais, mas também para as línguas orais. Em relação à análise das partes do discurso, os autores se basearam em trabalhos de teóricos relevantes, tais como Sasse (1993) e Anward (2001). Como exemplo, Sasse (1993) afirma que categorias lexicais são feixes de características específicas de línguas que têm aspectos formais e conceituais. Portanto, os níveis semânticos, morfológicos e sintáticos das unidades de palavras são distintos e entram em uma parte da análise da fala sinalizada nas línguas de sinais.

Schwager e Zeshan afirmam que ao discutir a atribuição de classes de sinais, é importante sempre ser preciso sobre qual dos níveis morfológico, semântico, sintático, entre outros, são relevantes no momento. Os autores defendem que com demasiada frequência, o nível morfológico é confundido com o nível semântico ou sintático. E que para evitar definições confusas, as classes devem ser definidas apenas usando recursos que pertencem a um e ao mesmo nível. Além disso, elucidam que é preferível que todos os recursos distintos sejam binários e que esses recursos de distinção binária não devem apenas ser colocados

como tal, mas também devem ser estruturados hierarquicamente dentro de um pacote específico de recursos de uma classe. Para a diferenciação de PoS em línguas de sinais e/ou línguas orais, é assumida a seguinte prioridade de níveis: primeiro, os critérios semânticos devem ser determinados de maneira independente da língua e usados como um primeiro passo para a diferenciação de PoS; segundo, os critérios sintáticos, morfológicos e pragmáticos do discurso devem ser determinados especificamente para a língua.

Schwager e Zeshan pontuam que há muito tempo se reconhece que os critérios semânticos são problemáticos como ponto de partida para atribuir palavras a partes do discurso. Apoiados nos estudos de Evans (2000), os autores argumentam que sinônimos podem ser mapeados em diferentes classes de palavras em diferentes línguas, de modo que duas palavras de diferentes línguas que expressam essencialmente o mesmo significado. Assim, podem pertencer a distintas classes de palavras em cada uma das línguas. Casos como esses também foram constatados nas línguas de sinais e se apresentam apenas no nível lexical, não no nível de características semânticas mínimas.

Nesse viés, os pesquisadores esclarecem que apesar do mapeamento semântico de unidades lexicais individuais ser específico de cada língua e, às vezes, culturalmente determinado, as características semânticas mínimas, como [humana], [concreta], [individualizada] e outras, são cognitivo-linguísticas e, por assim dizer, com base pré-categorizada e, portanto, podem ser considerados independente da língua. Assim, os autores concluem que analisar as características semânticas mínimas constitui um bom ponto de partida para definir a associação de partes do discurso entre línguas.

Para analisar as distinções de PoS na KK, língua ainda não documentada e pouco estudada, Schwager e Zeshan, decidiram iniciar o estudo piloto contando com a maior variedade possível de critérios, incluindo os critérios estruturais sintáticos e morfológicos. Porém, eles reconhecem, com base em outros estudos, que critérios sintáticos e morfológicos para diferenciação de PoS em línguas de sinais têm se mostrado problemáticos por produzirem resultados ambíguos. Por exemplo, em uma das conclusões da pesquisa de Erlenkamp (2000) e Zeshan (2000), eles afirmam que a maioria dos sinais no DGS e no IPSL pode aparecer em um argumento ou em um *slot* do predicado, sem nenhuma marcação formal, apesar de, assim como em muitas línguas orais, nas línguas de sinais, substantivos e adjetivos possam funcionar como predicados sem nenhum verbo ou cópula necessária na sentença.

Com isso, Schwager e Zeshan afirmam que de um modo geral, não tem sido fácil identificar testes sintáticos viáveis para línguas de sinais, uma vez que eles geralmente têm ordem de palavras relativamente livre e algumas de suas estruturas de frases não são

familiares a partir de uma língua oral, incluindo sintaxe espacial e construções simultâneas. Sendo assim, reconhecem que atualmente mediante as pesquisas, não sabemos o suficiente sobre o comportamento sintático das línguas de sinais para confiar exclusivamente em critérios sintáticos.

Sobre distinguir classes de palavras com base em critérios morfológicos, Schawarger e Zeshan afirmam que é possível apenas para línguas que possuem processos apropriados de flexão e/ou aglutinação. Visto que as línguas de sinais também possuem um grande número de lexemas não-flexíveis, Erlenkamp (2000) esclarece que estes são sempre específicos de cada língua. Assim, se torna praticamente impossível de aplicar em todas as línguas de sinais, sendo que um determinado processo morfológico pode ocorrer em uma língua de sinais, mas estar ausente em outra.

Desse modo, Schawarger e Zeshan concluem que os processos morfológicos por si só não constituem critérios confiáveis para a atribuição de classes de palavras nas línguas de sinais. Dadas as circunstâncias, os autores postulam critérios sintáticos e morfológicos combinados a critérios semânticos para em seguida testar a viabilidade da abordagem aplicada a corpora das línguas de sinais selecionadas, focando principalmente nas línguas KK e DGS.

Em relação aos critérios de classificação semânticos, Schawarger e Zeshan propõem realizar e explicar partes selecionadas do sistema de recursos semânticos em relação às classes conceituais de entidade, evento e propriedade. Para tanto, ressaltamos que a classe de eventos é subdividida em sub-classes de ação, processo e estado. Nesse caminho, os autores elegem essas classes, mas reconhecem a existência de outras classes de conceitos a serem identificadas, tais como, classe de horário (por exemplo, 'amanhã'), classe de local (por exemplo, 'aqui'), classe de quantidade (por exemplo, 'três', 'muito'), e algumas classes específicas, tais como; os dêiticos, os classificadores e outros.

Em relação aos critérios de classificação no nível sintático, Schawarger e Zeshan (2008) apontam para a possibilidade de lexicalização em termos de partes do discurso, por meio da combinação prototípica dessas classes semânticas e funções sintáticas. Citando Anward (2001) e Croft (2001), os autores apontam a existência de um mapeamento característico básico de classes semânticas para funções sintáticas entre línguas.

Schawarger e Zeshan (2008) apresentam três possibilidades de combinações sintáticas utilizando as classes de entidade, evento e propriedade. São elas, a combinação da classe de entidade com função de argumento é lexicalizada como substantivos; a combinação classe de evento com função de predicado como verbos; e as combinações de classe de propriedade com função modificadora são lexicalizadas como adjetivos na função modificadora de

argumento (atribuível) e como advérbios na função modificadora de predicado (adverbial) (cf. ANWARD 2001).

No entanto, Schawarger e Zeshan afirmam que uma língua pode lexicalizar qualquer combinação de classe semântica e função sintática que não seja a prototípica. Com isso, entendemos que as classes conceituais também podem ser multiplicadas lexicalizadas em funções sintáticas não prototípicas (cf. ANWARD 2001). Para investigar quais classes conceituais que podem ser lexicalizadas e em quais funções sintáticas, os autores utilizam as definições de Hengeveld (1992), de que os itens podem, sem marcação especial, ser usados com predicado; argumento; modificador de argumento; modificador de um predicado ou de outro modificador. Com base nesses conceitos, Schawarger e Zeshan, sistematizam as ocorrências de conceitos de entidade, evento e propriedade em funções sintáticas nas línguas DGS e KK.

Ao levar em conta a importância do nível morfológico nos processos flexionais das línguas, tratamos na seção anterior sobre a morfologia das línguas de sinais. Dito isto, vamos retomar sucintamente alguns conceitos utilizados por Schawarger e Zeshan (2008) para estabelecer critérios de classificação. Esses autores afirmam que a classificação dos processos morfológicos pressupõe que exista uma tipologia da representação fonológica da morfologia nas línguas de sinais, em que essa morfologia é subdividida em três tipos, quais sejam, morfologia intrassegmentar, suprasegmentar e segmentar; esta última subdividida em sequencial (ou concatenativa) e morfologia simultânea (cf. SCHWAGER 2004).

De acordo com autores, as línguas de sinais apresentam tanto morfologia de construção de formulários para categorias gramaticais como concordância sujeito/objeto e marcação de aspecto/ação, quanto morfologia de construção de signos que cria novos sinais, por exemplo, como composição, contudo, se além apenas ao primeiro desses processos. Com o enfoque no objetivo da presente dissertação que pretende analisar e descrever o processo flexional da Libras em nomes, fez-se necessário identificar as classes gramaticais dos sinais, sobretudo, as classes do substantivo, adjetivo e pronomes.

Atribuir a um sinal uma categoria ou classe gramatical não é uma tarefa simples, requer considerar sua função na composição do enunciado, a partir dos aspectos sintáticos empregados na organização da mensagem. Portanto, na análise de dados adotamos os aspectos morfossemânticos e sintáticos como critérios para identificação dos nomes que apresentam flexão.

### 3.1 Flexão e suas características

Ao retomar o conceito de flexão, recorremos a Câmara Jr. (1987), para elucidar que o termo gramatical flexão é traduzido do alemão *Biegung*, apresentando sentido de curvatura. O termo foi cunhado pelo filósofo Friedrich Schlegel em (1808), no seu livro, *Sobre a língua e filosofia dos hindus*, e foi utilizado para indicar que determinados vocábulos “se dobram” a novos empregos, (CÂMARA JR. 1987, p. 81). Conforme vimos, na Língua Portuguesa um morfema gramatical é acrescentado a um radical geralmente como sufixo, esses podem ser apresentados na literatura como sufixo flexional ou desinência. Os sufixos flexionais não devem ser confundidos com sufixos derivacionais, uma vez que diferentemente de criar novas palavras, as desinências indicam modalidades específicas de determinada palavra. Acentuaremos aqui a diferenciação de flexão e derivação apontadas na seção anterior, focando nas características da flexão, as quais são regularidade e sistematização, concordância e obrigatoriedade.

Os morfemas flexionais são utilizados para indicar uma modalidade específica de uma dada palavra, conforme Câmara Jr. (1987), estes se apresentam de forma regular e sistemática. A regularidade é um mecanismo morfológico que possibilita o fato de determinada classe de palavra apresentar sistematicamente a forma marcada correspondente (ROCHA 2008). Como exemplo, o número no substantivo realizado de maneira cabal a marcação de plural é previsível como em MENINO/MENINOS, ANCIÃO/ANCIÕES. De acordo com Rocha (2008: 191), os números de substantivos invariáveis na Língua Portuguesa são tão poucos, que podem ser considerados como desprezíveis para uma análise linguística, são exemplos dados pelo autor, ÔNIBUS, TÓRAX e ATLAS. O mesmo se dá com o verbo, de acordo com ROCHA (2008) as desinências modo-temporais e número-pessoais caracterizam-se pela regularidade e pela sistematização, sendo poucos os casos de verbos análogos e defectivos, podendo ser considerados irrelevantes.

Para Rocha (2008) a flexão do número é regular, no entanto, não se pode dizer o mesmo do gênero. De acordo com o autor, não é possível prever modificações ou flexões de gênero em quase todos os substantivos da Língua Portuguesa. Isso se dá devido à relação de gênero se referir a seres sexuados, assim, recebem marcação de morfema que indica masculino ou feminino. Em pesquisas, realizadas pelo próprio autor, foi possível constatar que 95,5% dos substantivos na Língua Portuguesa não se referem a seres sexuados e, apenas, 4,4% se refere a seres sexuados. Contudo, dentre esses, nem todos recebem marca morfológica de gênero, são exemplos apresentados, CRIANÇA, CONJUGUE, HOMEM,

JACARÉ, SELVAGEM, dentre outros. Em relação aos gêneros não-sexuados, tais como os substantivos PARAFUSO e INÉRCIA o gênero é uma categoria sintática explicitada por meio de um determinante flexionado, por exemplo, O PARAFUSO e A INÉRCIA (ROCHA 2008, P. 192)

Em relação ao grau, de acordo com Câmara Jr. (1998, p. 83-84) esse não é um processo flexional em português, por não ser um mecanismo obrigatório e coerente. De acordo com o autor, a inclusão na flexão nominal decorreu da transposição de aspectos da gramática latina para o português, a partir da necessidade em latim de expressar a intensificação de uma qualidade com uso em frases comparativas. Rocha (2008) esclarece que o mecanismo de flexão de grau pode ser considerado híbrido, uma vez que apresenta características da derivação e da flexão. Seguindo o critério de regularidade proposto por Câmara Jr, Rocha afirma que a Língua Portuguesa apresenta substantivos aos quais se pode anexar sufixos de grau aumentativo, mas não de forma regular. Assim, conclui-se que o mecanismo de grau diminutivo é em parte flexão e o mecanismo de grau aumentativo é em parte derivação, sendo o primeiro caso mais regular e sistemático do que o segundo caso.

Outra característica que distingue os morfemas flexionais é a sua concordância. Câmara Jr. (1987) afirma que na flexão existe obrigatoriedade e sistematização coerente, impostas pela própria natureza da frase, ou seja, a sintaxe de determinada sentença irá indicar se determinado substantivo estará no plural ou singular. Nessa direção, Câmara Jr (1987) esclarece;

Os morfemas flexionais estão concatenados em paradigmas coesos e com pequena margem de variação. Na Língua Portuguesa há ainda outro traço característico para eles. É a concordância, decorrente de uma repetição, ainda que por alomorfes, nos vocábulos encadeados. Há concordância de número singular e plural e de gênero masculino e feminino entre um substantivo e seu adjetivo, como há concordância de pessoa gramatical entre o sujeito e o verbo, e depende da espécie de frase a escolha da forma temporal e modal do verbo. (CÂMARA JR. 1987, p. 82).

Rocha (2008) confirma que a natureza da frase pode sim exigir que um adjetivo, pronome e/ou artigo sejam usados no singular ou no plural a fim de concordar com o substantivo. No entanto, esse autor adota também o critério de concordância ideológica para caracterizar, por exemplo, o número e/ou gênero do substantivo como flexão nominal. Nesse sentido, a concordância do substantivo se dá devido à situação, ou seja, um dado extralinguístico, como nas frases “eu estou cansado” (dito por um homem) e “estou cansada” (dita por uma mulher).

Observamos o exemplo ilustrado por Rocha (2008, p. 195) “*Eu não tenho amigos, eu tenho um amigo*”, é possível perceber que não é a estrutura da oração que determina o emprego da palavra AMIGO-S no singular ou plural, nesse caso, apenas o substantivo é marcado para concordar com um dado do mundo objetivo. Portanto, para Rocha, no caso do substantivo a concordância não está restrita ao texto, assim, o autor adota a concordância ideológica para caracterizar o número do substantivo como flexão nominal e em alguns casos, o gênero. Também, em relação à flexão verbal, ainda de acordo com Rocha, tanto o tempo quanto o modo são exigidos na verdade pela situação e não pela natureza da frase. O autor exemplifica que nas frases “*ele veio*”, “*ele está vindo*” ou “*ele virá*”, indicando que o tempo passado, presente ou futuro está sendo usado de acordo com a situação, estabelecendo concordância ideológica.

Rocha (2008) afirma que existem casos em que um item será plural/singular e/ou feminino/masculino em qualquer frase. São exemplos dados pelo autor, “*Ouvi tiros de madrugada*” e “*Haverá uma inflação desenfreada em dezembro*”, em ambas as frases há itens que independente da relação de concordância na oração, apresentam flexão de plural e feminino, respectivamente TIROS e INFLAÇÃO. No mecanismo de flexão de grau, Rocha afirma que este não está relacionado a natureza da frase. Nesse respeito, seguindo o princípio de concordância, o grau do substantivo não pode ser considerado flexão. Tal afirmação vem ao encontro de Câmara Jr. (1998) de que a expressão de grau não é um processo flexional, conforme já apresentamos.

De acordo com Câmara Jr. (1987), os morfemas flexionais não são opcionais, ao contrário, são um mecanismo obrigatório. Ao encontro de Câmara Jr., Rocha (2008) afirma que morfemas verbais se caracterizam pela não-opcionalidade, constituindo um sistema fechado, não dependendo da vontade do falante criar novas formas verbais de um determinado verbo. Nessa direção, mesmo as formas novas na língua, surgem das flexões possíveis na língua.

Em relação ao gênero nos substantivos Rocha (2008) afirma que na Língua Portuguesa estes são específicos e imanentes, explicitados por meio de determinantes flexivos. Assim, generalizando, pode-se dizer que o gênero no substantivo é obrigatório e não-opcional, salvo nos casos em que está relacionado com o sexo, tornando-o opcional entre os pares opositivos (JUIZ/JUIZA, PROFESSOR/PROFESSORA). Já a questão do grau no substantivo e dos adjetivos, segundo Rocha, a opcionalidade é total, ou seja, o falante pode optar por usar uma forma gradual ou não.

Câmara Jr (1987) apresenta os mecanismos de flexão como sendo um sistema regular, com concordância e obrigatório. Nessa direção, Rocha (2008) examina esses critérios, analisando suas recorrências e em que condições ocorrem. Em relação ao critério de concordância, constata que não se trata de um fenômeno estritamente morfológico, mas sintático também (ROCHA 2008, p. 204).

Assim, visto que a flexão mais do que alterar a forma de uma palavra como fenômeno morfológico é preciso estabelecer também relação com a concordância sintática, em que tratamos das classes morfossintáticas de gênero, número, pessoa, tempo, modo e aspecto e suas respectivas expressões mórficas, as quais as palavras estão sujeitas. Podemos assim identificar dois mecanismos linguísticos de flexão, quais sejam, flexão nominal (número, gênero) e flexão verbal (pessoa, número, tempo e modo). A flexão nominal envolve as principais classes de palavras, substantivos, adjetivos e os pronomes, e a flexão verbal, envolve basicamente a classe dos verbos. Tais questões serão apresentadas a seguir.

### **3.2 Os processos de flexão nas línguas de sinais**

As línguas de sinais possuem sistemas de flexão complexos, dentre os quais Aronoff, Meir e Sandler (2005) destacam pelo menos dois, a concordância verbal e as construções de classificadores. De acordo com o autor, esses processos são iconicamente fundamentados na cognição espaço-temporal e relacionados com a morfologia simultânea das línguas de sinais, conforme explanado na seção dois desta dissertação. Aronoff, Meir e Sandler (2005) explica que as línguas de sinais também podem apresentar mecanismos de flexão por padrões sequenciais, no entanto, essa morfologia é menos encontrada.

Segundo Aronoff (1997) a morfologia flexional não é universal, mas se faz presente em muitas línguas de forma arbitrária e sistemática. O autor busca tratar da interação de sistemas de gênero específicos das línguas com o mecanismo universal de concordância, uma vez que, é por meio dessas idiossincrasias dos sistemas linguísticos individuais que torna possível identificar o que é de domínio universal. Como exemplo de arbitrariedade do gênero, o autor cita a marcação de gênero no Espanhol e em Hindi: o gênero feminino em Espanhol é realizado normalmente na classe -a e o masculino na classe -o; e, em Hindi, o masculino é realizado por meio de -a e feminino por meio de -i, mostrando que a realização de um gênero por meio de qualquer forma específica é arbitrária.

De acordo com Aronoff, não apenas a realização morfológica do gênero é arbitrária, mas também, as categorizações dos sistemas de gênero. Os sistemas de marcação de gênero podem variar bastante entre as línguas, diferente das categorias de pessoas, número e caso, que podem ser mais regulares. Assim, o autor destaca que alguns sistemas de gênero são baseados no sexo, outros baseados na forma, ou então, enraizados na animação e, ainda outros são baseados quase inteiramente na forma fonológica, que por definição é arbitrária.

Mesmo não sendo universal, as línguas que possuem tal morfologia flexional são altamente sistemáticas e regulares, assim, Aronoff esclarecem que as línguas possuem um mecanismo de concordância obrigatório e universal. Algumas categorias apesar de serem restritas de cada língua, apresentam sistemas morfossintáticos próximos e são mais regulares, dentre estas, Aronoff (2005) destaca as categorias, pessoa caso e número. Nas palavras do autor,

A categoria pessoa distingue universalmente orador, destinatário e outros, com alguns se diferenciando ainda mais entre outros. O número nem sempre é distinguido na gramática, mas, quando é, segue um sistema implicacional simples: se as línguas distinguem qualquer 'n' particular por meio de uma classe especial, então distingue  $n > 1$  (plural). O caso é mais variável que as categorias número ou pessoa, mas obedece a uma hierarquia bastante estrita<sup>9</sup>. (ARONOFF 1997, p.11)

Em contraste, a categoria gênero é bastante diversificada, sendo específica de cada língua. De acordo com Aronoff (1997), o sistema de gênero é diversificado não apenas na quantidade de gêneros que uma língua baseia, mas também na base cognitiva desses gêneros, conforme o autor se respalda nos estudos de Corbett (1991). Porém, Aronoff esclarece que em qualquer língua a categoria de gêneros particiona o conjunto de substantivos. Logo, o autor afirma que a maioria das línguas que não têm gênero, diz-se que existe apenas um gênero ou nenhuma partição do conjunto de substantivos. Já para línguas em que o conjunto de substantivos são particionados em mais de um gênero, mesmo se não houver um critério bem definido para esse particionamento, ele é exaustivo.

Os sistemas de gêneros são individuais ou específicos em cada língua, podendo ser motivados de maneiras diferentes. Para exemplificar a questão, o Aronoff (1997) explica o sistema de gênero em algumas línguas. Em Arapesh existe o gênero humano masculino que é

---

<sup>9</sup>Gerson systems universally distinguish speaker, addressee, mas other, with a few distinguishing further among others. Number is not always distinguishes any particular n by means of a special class, then it also distinguishes n-1 by means of a special class; if the languages distiguishes any particular n by means of a special class, then it distinguishes  $n > 1$  (plural). Case is more variable than number ir person, but it obeys a fairly stric hierarchy.

totalmente semântico, e além desse, o gênero humano feminino e um gênero padrão não são fonológicos, os demais onze gêneros são inteiramente fonológicos. Em Yimas (ao citar FOLEY 1986: 1991) Aronoff esclarece que existem quatro gêneros semânticos, seis gêneros puramente fonológicos e um padrão. Em outras línguas com sistema misto de gênero, os membros de um único gênero podem ser motivados por uma variedade de fatores. Como no latim em que normalmente, os animais recebem gênero por sexo, quando o sexo é diferenciado; a maioria dos nomes de plantas é feminina; a maioria dos nomes de rios e montanhas é masculina; raízes que terminam em ‘cr’ são geralmente masculinas; os substantivos de terceira declinação com raízes que terminam em certas sequências (por exemplo, el, al, os) são neutros, assim como são indeclináveis

Em relação especificamente aos processos flexionais nas línguas de sinais, tomando como exemplo a Língua de Sinais Americana, Aronoff (1997) afirma que a concordância de sujeito e objeto é lítica. Os sinais são realizados no espaço em torno do sinalizador, assim os sinais recebem localizações nesse espaço de sinalização e o contrato (concordância) é codificado no *locus* inicial e final dos verbos. O autor esclarece, portanto, que o tipo de acordo pode ser interpretado com a cópia do *locus* do sujeito e do objeto no verbo como prefixo e sufixo.

Nessa direção, é possível compreender que a Libras possui um sistema de flexão particular e obrigatório, e que as categorias flexionais, como o gênero, são estabelecidas de forma irregular, não universalmente. Dito isto, a seguir apresentaremos como se dão os processos flexionais na Libras, a partir das autoras Quadros e Karnopp (2004), Ferreira Brito (1995) e Felipe (1998).

### 3.2.0 O fenômeno de flexão na Libras na perspectiva de Quadros e Karnopp (2004)

Tomando como referencial teórico Klima e Bellugi (1979) na descrição de processos flexionais na língua de sinais americana – ASL, Quadro e Karnopp (2004) apresentam as semelhanças desses processos com o fenômeno de flexão na Libras, sendo ambas as línguas de mesma modalidade. Klima e Bellugi (1979) apresentam oito diferentes processos: pessoa (dêixis); número; grau; modo; reciprocidade; foco temporal; aspecto temporal; e, aspecto distributivo. A partir dos estudos desses autores, Quadro e Karnopp apresentam o fenômeno de flexão na Libras levando em conta cada um desses processos.

O primeiro processo de flexão para pessoa utilizando recursos dêiticos está relacionado a classe dos verbos, visto que a dêixis muda os referências pessoais no verbo. De acordo com Quadro e Karnopp (2004), esses processos dêiticos descrevem uma forma particular de estabelecer nominais no espaço que é utilizado pelo verbo com concordância, como parte de sua flexão. Entendemos com isso que os dêiticos marcam referentes que são introduzidos no espaço de sinalização, por meio de apontação em diferentes locais à frente do enunciador.

A esse respeito, Quadro e Karnopp (2004, p.112) esclarecem que “as formas verbais para pessoas são estabelecidas por meio do início e fim do movimento e da direção do verbo, incorporando estes pontos previamente indicados no espaço para determinados referentes”. Dentre os possíveis pontos estabelecidos no espaço, as autoras destacam os pronomes pessoais na 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e plural na Libras (EU; VOCÊ; ELE/ELA; NÓS; VOCÊS; ELES/ELAS) que podem ser empregados em verbos flexionais como ENTREGAR, por exemplo, EU ENTREGAR VOCÊ; VOCÊ ENTREGAR EU; e ELE ENTREGA ELE caso em que a direcionalidade do verbo muda para concordar com o referente, marcado no espaço de sinalização.

Dentre as várias formas possíveis de estabelecer pontos no espaço, as autoras esclarecem que existe uma forma mais comum pela apontação explícita envolvendo referentes presentes (apontação feita à frente do sinalizador direcionando a posição real do referente) e não-presentes (estabelecendo pontos arbitrários no espaço), e destacam ainda os referentes que apresentam uma localização específica, em que se deve observar a posição topográfica. Como exemplo, as pesquisadoras destacam alguns referentes estabelecidos no mapa do Brasil, em que um mapa imaginário é desenhado pelo enunciador no espaço de sinalização apontando para o local específico dos estados de São Paulo, Rio Grande do Sul e Pará.

Quadros e Karnopp elucidam que os pontos estabelecidos respeitam uma estrutura, mesmo para referenciais não-presentes, em que o sinalizador observa o contraste entre os pontos estabelecidos à sua frente. Para exemplificar, as autoras retratam que em uma contação de história com dois personagens principais, geralmente, um deles é estabelecido à direita e o outro à esquerda do sinalizador, caso faça referência a um terceiro personagem, este será estabelecido em um ponto diferente ao dos dois pontos referentes anteriores, de forma contrastiva. Assim, as autoras alertam que as possibilidades de estabelecer referentes no espaço de sinalização são inúmeras, mas a capacidade humana de memória pode restringi-las, uma vez que o sinalizador deverá se lembrar de todos os pontos a serem referidos novamente por meio de apontação ostensiva ou por meio de flexão verbal.

Nesse viés, as autoras afirmam que sinais e classificadores também podem ser utilizados para estabelecer pontos em determinado local espacial, mas isso ocorre somente quando a forma do sinal permite. Em especial, os verbos podem usar esses pontos, como o sinal CASA realizado em um local determinado no espaço e o sinal PAGAR direcionado ao mesmo ponto definido no espaço. Quadros e Karnopp esclarecem que pontos referenciais no espaço podem ser marcados pela posição do corpo e direção do olhar, sendo que esse último é uma forma de manifestação da concordância que sempre acompanha a flexão verbal.

A respeito dos verbos, tomando como parâmetro de comparação a ASL, Quadro e Karnopp mostram que os tipos de processos de flexão podem dividir os verbos em três classes. A primeira classe apresentada é a de verbos simples que não flexionam em pessoa e número e não incorpora afixos locativos. De acordo com as autoras, alguns desses verbos apresentam flexão de aspecto, mas não indica a que flexão de aspecto se refere (são exemplos: CONHECER, AMAR, APRENDER, SABER, INVENTAR, GOSTAR). A segunda classe é a de verbos com concordância que flexionam em pessoa, número, e aspecto, mas não incorporam afixos locativos (são exemplos: DAR, ENVIAR, RESPONDER, DIZER, PROVOCAR). E, por último, a terceira classe de verbos espaciais que têm afixo locativo (são exemplos: COLOCAR, IR, CHEGAR).

As duas últimas classes apresentam exemplos que demonstram marcação de ponto de referência, conforme apresentado pelas autoras, torna-se as duas classes bem parecidas, assim são distintas apenas em relação à presença ou ausência de afixo locativo. Mas não apresentam uma definição para afixo locativo, sendo que, pelos exemplos apresentados, parece que tal afixo está relacionado ao sentido do sinal em relação a lugar, e não propriamente ao local do referente. Outro processo de flexão apontado pelas autoras é a flexão de número. Para Quadros e Karnopp, existem várias formas de verbos e substantivos na Libras que possibilitam a apresentação por meio da flexão de número, sendo que a mais básica é a distinção entre singular e plural marcada pela repetição do sinal. Como exemplo, as autoras destacam o sinal de ANO-ANTERIOR e ANOS-ANTERIORES, ambos sinais são realizados com os mesmos parâmetros, porém, no segundo caso, os sinais devem ser repetidos.

Nesse caminho, Quadros e Karnopp destacam que outra forma de flexão de número está relacionada à distinção entre a flexão do verbo para um, dois, três ou mais referentes. O verbo com concordância pode direcionar-se indicando um, dois, três pontos restabelecidos no espaço ou por uma referência generalizada incluir todos os referentes integrantes do discurso, marcando plural. Como exemplo, as autoras apresentam as sentenças, JOÃO ENTREGARabc (LIVRO) e, (JOÃO) ENTREGARa+b+c+d (LIVROS). No primeiro exemplo, o verbo é

repetido a cada referente incluído (abc); no segundo exemplo, o movimento é alterado e realizado de modo a incluir todos os possíveis referentes sem especificidade (a+b+c+d). Logo, as autoras destacam que essa última forma é referida por Klima e Bellugi (1979) como flexão múltipla. Assim, tais possibilidades de flexão de número variam de acordo com o objeto direto, em que a flexão difere do singular, dual, plural e do plural que inclui todos.

De acordo com Quadros e Karnopp, outra forma de flexão que está intimamente relacionada com a flexão de número é a marcação de flexão de aspecto distributivo presentes também nos verbos com concordância, incluídos os verbos espaciais. As pesquisadoras apresentam três dessas formas na Libras, exaustiva – que é a ação repetida exaustivamente; distributiva específica – que é a ação de entregar para referentes específicos; e distributiva não-específica – que é a ação de distribuição para referentes indeterminados.

A marcação de reciprocidade que indica ação mútua apresentada pelas autoras na Libras, assim como na ASL, é realizada por meio de duplicação do sinal feito simultaneamente, como nos exemplos, de OLHAR [recíproco] e ENTREGAR [recíproco], sinais realizados com os mesmos parâmetros executados pelas duas mãos simultaneamente uma de frente a outra ou espelhado, conforme ilustrado em Quadros e Karnopp 2004, p.122.

As flexões de aspecto que estão relacionadas com as formas e duração dos movimentos, apresentadas por Quadros e Karnopp, são as flexões de foco, temporal, reciprocidade e distributiva; ao passo que essas duas últimas foram apresentadas acima. A flexão de foco e de aspecto temporal, de acordo com Quadros e Karnopp, difere da flexão de aspecto distributivo, pelo fato de se referirem exclusivamente à distribuição temporal sem incluir flexão de número, conforme a descrição de Klima e Bellugi da ASL. Quadros e Karnopp verificam algumas relações desses tipos de flexão na Libras como sendo, incessante (realização da ação incessantemente); ininterrupta (ação contínua de forma ininterrupta); habitual (ação que apresenta recorrência); contínua (ação que apresenta recorrência sistemática) e duracional (ação que tem um caráter durativo, permanente).

Evidenciando a complexidade das formas flexionais das línguas de sinais, Quadros e Karnopp destacam que Klima e Bellugi (1979) descreveram onze dimensões para representar as formas que os sinais podem acessar, e que tais dimensões podem variar minimamente observando padrões sintáticos. Consequentemente, também estão presentes na determinação de flexões e de derivações diversas. As onze dimensões são: plano, padrão geométrico, direção, forma, velocidade, tensão, uniformidade, tamanho, padrões de curvatura, ciclicidade e duplicação das mãos.

Foram observados e listados cinco exemplos dessas dimensões na Libras, conforme Quadros e Karnopp (2004, ps.125 e 126) ilustram, sendo eles:

- a) direção (ex.: EU ENTREGAR VOCÊ/VOCÊ ENTREGAR EU);
- b) velocidade/tensão (ex.: DIARIAMENTE/DIARIAMENTE++);
- c) ciclicidade (ex.: SEMPRE+/SEMPRE++);
- d) tensão/tamanho (ex.: BONITO/BONITO+/BONITÃO); e,
- e) duplicação (ex.: VERGONHA/VERGONHA+/VERGONHA++ - último sinal realizado com as duas mãos).

As autoras destacam a necessidade de aprofundar as pesquisas na Libras a fim de serem identificados mais padrões utilizados para representar as formas que os sinais podem acessar, dentre outros aspectos presentes na língua.

Por fim, as pesquisadoras destacam que os limites entre a fonologia e a morfologia demandam um campo de investigação vasto, uma vez que existe a necessidade pungente de descrição e análise das línguas de sinais. Em específico a Libras, foco do presente estudo, existem diferentes possibilidades de pesquisa, uma vez que as autoras afirmam que os trabalhos realizados até então se mostram muito incipientes. Em seus estudos, Quadros e Karnopp apresentam alguns exemplos de processos de flexão nominal e flexão verbal na Libras, com o intuito também de estimular mais pesquisas. Ao considerar a data de publicação dos estudos das autoras (2004), podemos presumir que nesse ínterim de 16 anos, outras pesquisas tenham sido desenvolvidas em relação aos estudos linguísticos sobre as línguas de sinais. Contudo, ao discorrer sobre os reveses dessa pesquisa, é relevante pontuar sobre a tímida atenção das pesquisas em Linguística Descritiva no que tange ao enfoque dado na presente dissertação.

### 3.2.1 O fenômeno de flexão na Libras na perspectiva de Ferreira Brito (1995)

Ferreira Brito (2004) defende que os mecanismos gramaticais das línguas de sinais, muitas vezes são baseados na simultaneidade e que a modificação na extensão e direção do movimento de alguns sinais podem ocasionar fenômenos de flexão, tais como a ideia de grau e flexão para pessoa e número nos verbos multidirecionais. Assim, a autora descreve os processos flexionais de gênero, número e qualificação, grau, pessoa, tempo e aspecto.

Em relação ao gênero, Ferreira Brito esclarece que os nomes não apresentam flexão de gênero. Para alguns substantivos há a indicação de sexo realizada pospondo-se o sinal

HOMEM/MULHER, indistintamente para pessoas e animais. Também, a indicação pode ser obtida por meio de sinais diferentes utilizados para representar os gêneros masculino e feminino. Como exemplo, o sinal PAI realizado com a configuração de mão CM 12 e com ponto de articulação no buço; e, o sinal MÃE realizado com a configuração CM 14 e ponto de articulação no nariz. Além desse exemplo, a autora cita os pares NOIVO e NOIVA que em determinada variação, utilizam de sinais diferentes para representar o substantivo masculino e feminino.

Nesse caminho, a pesquisadora considera questões de variação linguística, sendo que algumas variantes podem apresentar o fenômeno descrito, como exemplo, apresenta a variante dos sinais PAI e MÃE do Rio de Janeiro (na época em que a descrição foi realizada), tais sinais são compostos e seguem a primeira estratégia de anteposição dos sinais HOMEM e MULHER.

A flexão de número, de acordo com Ferreira Brito, se manifesta por meio dos valores singular, dual e plural. Nos substantivos, o valor dual pode ser expressado pela repetição do sinal; pela anteposição ou posposição do número DOIS; ou, ainda, por um movimento semicircular orientado para dois referentes. O plural pode ser obtido pela repetição do sinal três ou mais vezes; também pela anteposição ou posposição de sinais indicativos de número; por meio do movimento semicircular que referenciará todas as pessoas e/ou objetos em questão; ou pela posposição do sinal MUITO. Ferreira Brito argumenta que o mecanismo de mudança de um ou mais parâmetros evidencia a exploração do espaço a partir da simultaneidade, para inclusão de informações gramaticais em itens lexicais, processo que também é utilizado para marcar a quantificação.

Nessa direção, muda-se o parâmetro configuração de mão para aumentar o número de dedos estendidos com o intuito de obter quantidades maiores, como em UMA-VEZ, DUAS-VEZES e TRÊS-VEZES; ou para obter uma maior intensidade, como em LONGE, MUITO-LONGE ou MUITO LONGE. Nesse último caso, o sinal LONGE é realizado normalmente, MUITO-LONGE o parâmetro movimento do sinal é alongado e, MUITO LONGE o sinal MUITO é posposto ao sinal NERVOSO. Em relação à indicação de intensidade, esta parece estar mais relacionada aos processos de flexão de grau e aspecto.

A flexão de grau, de acordo com Ferreira Brito, ocorre nos adjetivos de diferentes formas. Como exemplo, a autora apresenta o sinal BRAVO, esse sinal é realizado com a configuração de mão (CM 29) executando movimento de vaivém do busto ao estômago. Para intensificar o sentido MUITO-BRAVO, aumenta-se a velocidade e encurta-se o movimento; Ferreira Brito explica que o aumento na velocidade do movimento tem a função de

intensificador incorporado. Outro exemplo destacado é o sinal de MUITO-FRACO, o sinal FRACO geralmente é realizado com a configuração de mão (CM 26), ponto de articulação próximo a boca, dobrando o pulso em movimento para baixo e para cima, várias vezes com movimentos frouxos e leves. Já para intensificar o sinal MUITO-FRACO, o movimento torna-se mais frouxo e leve e o ponto de articulação passa a ser a garganta.

O grau superlativo e de comparativo de superioridade também podem ser identificados na Libras por meio de alterações no parâmetro movimento. De acordo com Felipe (1998), os sinais BOM e MELHOR são indicados pela direção do movimento de BOM para frente e de MELHOR para cima, com intensidade e comprimento maiores para o sinal MELHOR. Ferreira Brito (1995) esclarece que a mesma distinção no movimento é encontrada nos sinais PRIMEIRO (direção do movimento para cima) e ÚLTIMO (direção e movimento para frente), sendo que a intensidade e comprimento do movimento são maiores para o sinal PRIMEIRO. Assim, a autora aponta que tais condições sugerem que a modificação do movimento o direcionando para cima e atribuindo-lhe maior intensidade e comprimento, demonstra que adjetivos podem ter marca de superlativo e de comparativo de superioridade.

Ainda em relação ao grau, Ferreira Brito afirma que o grau aumentativo e diminutivo nos substantivos pode ser expresso pelos sinais MUITO/POUCO ou GRANDE/PEQUENO, geralmente posposto ao substantivo. Em casos específicos, há sinais diferentes para os substantivos marcados pelo grau, como exemplo, a autora destaca os sinais de CAFÉ/CAFEZINHO. Já no adjetivo BONITO, os graus aumentativo e diminutivo são marcados por expressões faciais distintas que mudarão o sinal para BONITÃO e BONITINHO.

A flexão de pessoa, de acordo com Ferreira Brito, está relacionada às três pessoas do discurso, no singular e plural. De acordo com a pesquisadora, todos os casos no singular são utilizados com a configuração de mão (CM 14). Para indicar primeira pessoa a CM14 tem como ponto de articulação o peito do locutor, sendo indicado por meio de apontamento. Para indicar segunda pessoa, o locutor aponta para o interlocutor. E para indicar terceira pessoa, são estabelecidos pontos no espaço, isso durante o discurso, ou pela localização do referente presente. A flexão para pessoas no plural é expressa por meio de movimentos semicirculares para a segunda pessoa (VOCÊS) e do momento circular para a primeira pessoa (NÓS). Ferreira Brito esclarece também que os pronomes possessivos também apresentam as mesmas direções dos pronomes pessoais tanto para o singular quanto para o plural, mas com a configuração de mão diferente (CM 50).

A autora trata também dos verbos direcionais que flexionam para número e pessoa no ponto inicial e final do movimento que os caracteriza, como o verbo  $_1 \text{ DAR}_2$  (EU DAR VOCÊ), em que o ponto inicial do movimento é o sujeito e o ponto final é a flexão do objeto indireto. O mesmo se dá com  $_2 \text{ DAR}_3$  (VOCÊ DAR EE) o ponto inicial do verbo marca o sujeito (VOCÊ) e o ponto final marca o objeto (ELE). De acordo com Ferreira Brito, no caso de o objeto direto se referir a duas pessoas, o movimento é repetido duas vezes na direção de cada pessoa. A pesquisadora apresenta duas formas de realizar tal concordância quando a ação é realizada para várias pessoas; a primeira forma é direcionando-se o sinal para cada uma das pessoas separadamente, ou então, a segunda forma é direcionando o sinal para uma única pessoa e acrescentar-se o sinal de números: DOIS, TRÊS, e assim por diante.

Ferreira Brito alerta, por a Libras ser uma língua “*Pro-drop*” pode apresentar sujeito e/ou objeto nulo, ou seja, não se apresentam explícitos nos enunciados. Nos casos dos verbos direcionais ou flexionais, de acordo com a autora, o sujeito e o objeto são sempre marcados e a ordem é fixa. Em alguns casos, o objeto direto livre pode vir antes ou depois do verbo flexionado, e as pessoas do discurso, também podem se apresentar por meio dos pronomes e por meio da flexão verbal podem ser não explícitas por nenhuma forma linguística.

De acordo com os estudos da linguista, a flexão de tempo é expressa por meio de locativos temporais manifestados por relações espaciais. O presente é marcado pelo plano vertical imediatamente em frente ao corpo do locutor (como nos sinais HOJE e AGORA), enquanto o futuro próximo é marcado por um movimento curto direcionado para a frente do locutor (como no sinal AMANHÃ). Em relação ao futuro distante, este é marcado por um movimento amplo mais distante do corpo do locutor para a frente (como nos sinais DAQUI-A-MUITO-TEMPO). Sobre o passado, ele é evidenciado por um movimento sobre um dos ombros até atingir o espaço imediatamente anterior ao ouvido (como no sinal ONTEM). Assim, o passado distante é marcado por um movimento amplo que se estende além das costas (como no sinal HÁ-MUITO-TEMPO), conforme Ferreira Brito (1983).

Para a flexão de aspecto, a pesquisadora adota Klima e Bellugi (1979), e de acordo com esses autores, na morfologia da ASL sinais são feitos pelas mãos se movendo no espaço e que as dimensões do espaço e do movimento são utilizadas nos processos gramaticais. Assim, ao encontro de Klima e Bellugi, Ferreira Brito pontua que não existem adições sequenciais de afixos, o que promove a flexão de aspecto são contrastes espaciais e temporais superpostos modificando o movimento dos sinais. Nessa direção, a autora menciona algumas formas verbais na Libras flexionadas que apresentam aspectos como, ação pontual, ação

durativa, continuativa, aspecto habitual e aspecto interativo. É útil acrescentar que exemplos que destacam tais aspectos podem ser contemplados em Ferreira Brito (1995, p. 49).

De acordo com o pressuposto pela autora, as línguas de sinais são multidimensionais, e os parâmetros podem ser alterados para obtenção de modulações aspectuais, na incorporação de informações gramaticais e lexicais de quantificação, negação e tempo. Diante disso, podemos depreender que tais processos estão presentes, tanto nos processos de flexão, quanto nos processos de derivação. Em relação aos aspectos pontual, continuativo, durativo e interativo, a pesquisadora esclarece que eles são produzidos por meio de alterações nos parâmetros movimento (M) e/ou configuração de mão (CM).

Como exemplo, ela destaca que o verbo FALAR, com aspecto pontual, pode indicar a sentença como, “*ele falou*”; com aspecto continuativo, pode indicar a sentença, “*ele fala sem parar*” (com o sinal sendo realizado simultaneamente pelas duas mãos repetidamente). A linguista esclarece que o verbo OLHAR, com aspecto pontual, na sentença “*ele olhou*”; com aspecto durativo na sentença “*ele ficou olhando*”; com aspecto durativo na sentença “*todos ficaram olhando*”. E ainda, com o sinal VIAJAR, com aspecto pontual na sentença “*ele viajou*”; e com aspecto interativo na sentença “*ele viaja sempre*”. As imagens dos sinais aos quais se referem às sentenças podem ser observadas em Ferreira Brito (1995, p. 50 - 52).

### 3.2.2 O fenômeno de flexão na Libras na perspectiva de Felipe (1998)

Felipe (1998) propõe em sua pesquisa estabelecer uma classificação para os verbos da Libras. Por meio de seus estudos, a autora identifica elementos na língua que a possibilitou distinguir a classe dos verbos a partir do seu sistema de flexão em gênero, número-pessoal e locativo. Essa classificação é proposta tendo em vista que a constituição do verbo, como item lexical, possui uma raiz que recebe elementos que lhes são agregados e que atuam como marca de concordância ou satélites. A fim de realizar tal processo de classificação, Felipe adota uma abordagem que leva em conta os níveis morfológicos, sintáticos e semânticos da língua. Diante disso, ela apresenta o verbo como uma rede que, devido a regras de seleção restritiva, seleciona argumentos, regras temáticas e alterações diátesis. Nessa direção, existe um frame verbal que induz a um frame temático que, por sua vez, induz a um frame proposicional.

Felipe apresenta os processos de formação de palavras na Libras devido ao seu aspecto morfológico na composição dos sinais e em sua relação com os processos flexionais

da língua. Destaca, sobretudo, os processos de formação dos verbos. De acordo com a autora, os sinais são formados pelos cinco parâmetros da língua relacionado aos aspectos fonológicos, e a alteração nesses parâmetros resulta em processos relacionados a aspectos morfológicos. Nas palavras de Felipe (1998),

Estes cinco parâmetros, por meio de algumas configurações de mão, de alguns movimentos direcionados, de algumas alterações na frequência morfológica, podem expressar morfemas que, por meio de alterações em suas combinações, formam os itens lexicais das línguas de sinais; são morfemas lexicais ou gramaticais que podem ser, diferentemente, uma raiz/radical (M), um afixo (alterações em M), uma desinência (Dir) ou uma marca de concordância (P A e CM). (FELIPE 1998, p.13)

Assim, a linguista exemplifica que o parâmetro Direcionalidade (D ou O) pode caracterizar um advérbio de tempo, como por exemplo, no sinal ANO (realizado com movimento circular no sentido horário) e ANO-PASSADO (realizado com movimento circular anti-horário). A direcionalidade também pode indicar uma flexão verbal de pessoas do discurso por meio da alteração na direção do movimento retilíneo, como no sinal <sub>1</sub> PERGUNTAR<sub>2</sub> (realizado com o ponto inicial indicando 1ª pessoa e o ponto final indicando 2ª pessoa), sendo que, de acordo com a autora, “a direcionalidade para a direita e para esquerda pode ser uma marca de mudança de turno” (FELIPE 1998 p.14). O parâmetro Movimento (M) pode ter alteração na sua frequência que pode ser marca de aspecto temporal, de modo ou intensidade, como nos exemplos respectivos TRABALHAR-CONTINUAMENTE, FALAR DEMASIADAMENTE e COME MUITO.

O parâmetro Ponto de Articulação (PA) pode ser uma marca de concordância do verbo com seus argumentos nos casos intrínsecos de locativos, ou seja, nos verbos em que apresentam na finalização do movimento um local onde é realizado o sinal que corresponde ao locativo, como exemplo, a autora destaca, MESA<sub>i</sub> COPO objeto arredondado COLOCAR<sub>i</sub>. Felipe esclarece que o Ponto de Articulação também pode ser um ponto de referência do índice pronominal. Uma vez que as pessoas do discurso e os argumentos do verbo são articulados em espaço neutro marcado por posições específicas, aponta-se para o ponto que foi definido ou convencionado como locativo sempre o retomando quando se referir a determinada pessoa do discurso ou argumento do verbo. O parâmetro Configuração de Mão (CM) pode ser marcador de flexão de gênero animado e inanimado, como exemplo a autora destaca a construção classificadora (CL) “o carro bateu em uma pessoa”, Pessoa CL: CM 14k CARRO CL: CM 53 k’, veículo k’ COLIDIR k pessoa.

Assim, Felipe comprova que a Libras é uma língua que possui flexão, visto que algumas das configurações de mão podem ser classificadores que fazem marcação de gênero animado (pessoas/animais) e inanimados (objetos/coisas) e que, algumas direções e pontos de articulação podem atuar o como marcadores de concordância na flexão verbal. Vale observar que a junção dessas unidades fonológicas pode produzir itens lexicais que iconicamente, indexicalmente ou arbitrariamente representam os seus referentes.

De acordo com os estudos da pesquisadora, tais processos morfológicos podem formar itens lexicais na Libras por meio de morfemas lexicais (que podemos relacionar com os processos derivacionais) e morfemas gramaticais (que podemos relacionar com os processos flexionais). Porém, a autora não apresenta distinção entre os processos derivacionais e flexionais, sendo que tais processos aparecem no texto como estando relacionados. A esse respeito, Felipe (1998) assim se expressa:

Nos estudos sobre os processos de formação de palavras (composição, aglutinação, justaposição e derivação), as línguas são sempre apresentadas em relação aos seus morfemas lexicais (raízes/radicais) que se prendem a morfemas gramaticais formantes (desinências e vogais temáticas) e/ou a derivacionais (afixos e clíticos). (FELIPE 1998, p. 22).

Nessa direção, os processos de formação de palavras são utilizados para demonstrar os aspectos morfológicos utilizados na composição dos lexicais e de seus morfemas (lexicais e gramaticais), sendo que os morfemas gramaticais estão relacionados aos processos flexionais da língua. Assim, a partir da classe do verbo na Libras, Felipe apresenta os processos de formação de palavras que são, modificação da raiz, derivação zero, processos miméticos e regras de composição. Destacamos que tais processos foram apresentados na segunda seção desta dissertação, assim, tendo em vistas os morfemas gramaticais, adentraremos mais especificamente no processo de modificação da raiz.

Sobre o processo de modificação da raiz, Felipe pontua que este pode se dar de duas formas: a partir da adição de afixos ou de modificações internas. O primeiro processo consiste na compreensão de raiz, como nas línguas orais, parte da palavra que recebe após vogal temática, afixos tais como as desinências. Nesses casos, a raiz não é um morfema livre, condição que pode ser atestada em alguns itens lexicais das línguas de sinais, conforme Bloomfield (1933), citado por Felipe.

Em seus estudos, a pesquisadora apresenta o processo de modificação de raiz pela adição de afixo a incorporação de negação. De acordo com Felipe (1998), um morfema de negação que atua como sufixo é incorporado na raiz de algum verbo, mais especificamente de

verbos que possuem raiz de\_ inicialmente, e que finalizam com um movimento \_para, ou seja, em verbos que possuem raiz com um primeiro movimento e finalizam com movimento oposto.

Diante disso, a autora apresenta como exemplo os pares dos verbos QUERER/NÃO-QUERER, SABER/NÃO-SABER e GOSTAR/NÃO-GOSTAR. Como infixo, a negação se incorpora simultaneamente à raiz verbal por meio de movimento ou por meio da expressão corporal como movimento de negação com a cabeça realizado concomitantemente ao sinal ENTENDER, gerando a forma NÃO-ENTENDER, por exemplo.

Ainda sobre o processo de modificação por adição a raiz, de acordo com Felipe, este pode se dar pela incorporação do intensificador MUITO, ou de casos modais que alteram também a frequência do movimento. Felipe apresenta alguns exemplos desses processos na Libras, tais como a incorporação do advérbio “rapidamente” com movimento repetido e acelerado do verbo e do intensificador MUITO com movimento mais lento e alongado a frente do sinalizador, como nos sinais ANDAR-RAPIDAMENTE e ANDAR-MUITO.

Sobre os processos de modificação interna da raiz, a estudiosa destaca três mecanismos. O primeiro mecanismo apresentado é a flexão de pessoas do discurso, realizado por meio da direcionalidade do movimento retilíneo que marca as pessoas do discurso. Esse mecanismo faz com que a raiz movimento se inverta ou adquira a forma de arco para flexionar em relação às pessoas do discurso. O segundo mecanismo é a flexão de aspecto verbal, realizado por meio de mudanças na frequência ou na velocidade da raiz movimento que marcam os aspectos durativo, distributivo e contínuo. O terceiro mecanismo é a flexão de gênero, realizada por meio de algumas configurações de mãos que funcionam como classificadores utilizados para marcar a concordância de gênero animado e inanimado. Felipe exemplifica que o sinal COLOCAR, verbo de raiz movimento –de, ocorre para fora do emissor que incorpora à sua raiz a configuração de mão classificadora que especifica a coisa colocada em algum lugar.

Mais tarde em um novo trabalho, *Os processos de formação de palavras na Libras*, Felipe (2006) apresenta os processos de formação de palavras. Nesse estudo, a pesquisadora acrescenta aos processos de modificação interna da raiz dois outros mecanismos. Assim, o quarto mecanismo é a incorporação de numeral que, ocorrem a partir de numerais de um até quatro (realizados por meio de configurações de mãos) acrescentados à raiz, como quantificadores. Segundo Felipe, esse mecanismo é bastante produtivo na Libras e se faz presente no sistema pronominal para representar as pessoas do discurso (DUAL, TRIAL, QUATRIAL e PLURAL), bem como também no sistema de classificadores e em alguns

advérbios tais como, ANTEONTEM, UMA-VEZ/ DUAS-VEZES/TRÊS-VEZES e DOIS-DIAS/TRÊS-DIAS.

Observamos ainda, que a incorporação do intensificador MUITO, ou de casos modais, que alteram também a frequência do movimento, antes era encarado como acréscimo à raiz. Agora passa a ser apresentado como o quinto mecanismo de modificação interna da raiz, em que a incorporação do advérbio RAPIDAMENTE ocorre com movimento repetido e acelerado do verbo e do intensificador MUITO, com movimento mais lento e alongado à frente do sinalizador. Estas são modificações que ocorrem internas na raiz, conforme apresentamos em citação na seção dois da presente dissertação.

Além dos processos de flexão verbal apresentados acima, Felipe destaca também que o sistema de flexão verbal na Libras é composto por classificadores de âmbito restrito, que são os morfemas. Esses classificadores, como categorias semânticas são realizados morfossintaticamente como marca de concordância de gênero animado e inanimados. A esse respeito, Felipe esclarece que as línguas que fazem classificações e subclassificações por meio das categorias gramaticais estão sendo denominadas línguas de classes nominais ou não-classificadoras.

Em continuidade aos seus estudos, a linguista afirma que as línguas que apresentam classes gramaticais (nomes, verbos, adjetivos, advérbios, pronomes) e fazem uso de um sistema de morfemas obrigatórios que especificam em tais classes gramaticais subclassificações, elas estão sendo denominadas línguas classificadoras. No entanto, Felipe demonstra não coadunar com essa distinção entre as línguas, uma vez que esclarece que a Libras é uma língua classificadora já que apresenta classificadores que se constituem como um sistema de morfemas obrigatórios. Em suas palavras,

As gramáticas tradicionais, fundamentadas em uma tradição greco-latina, descreveram as várias línguas indo-européias a partir dos processos morfológicos da declinação (desinências para gênero, número, pessoa, caso para os nomes, adjetivos e pronomes) e conjugação (desinências para número, pessoa, tempo, modo aspecto para os verbos). Essas línguas que possuem estes tipos de flexões não vêm sendo nomeadas de línguas classificadoras. Mas se percebermos com mais profundidade, comparando com as línguas que estão sendo chamadas de classificadoras, estas línguas que têm sistemas de morfemas para representarem certas características das coisas e eventos também deveriam estar no grupo daquelas línguas classificadoras. (FELIPE 1998, p. 42).

A pesquisadora afirma que as línguas podem fazer subclassificações separando as coisas em animadas (pessoa e animais) e inanimadas (não-pessoas, coisas e veículos). Depois

pode reclassificar esse gênero em outro, quanto ao sexo (masculino, feminino, neutro). Podem ainda ser subclassificadas os itens de uma língua, quanto ao número (singular, dual, plural) ou (unidade e grupo); quanto à visibilidade (perto, mais ou menos distante, distante) ou proximidade em relação ao emissor (visível, não visível) e (aqui, aí, lá); quanto ao formato; quanto à consistência; quanto o tamanho; e, outros. Os eventos (verbos) podem ser reclassificados em ações, processos e estado podendo ser considerados em relação ao modo, tempo e aspecto.

Dentre os trabalhos que propõem descrever os processos de subclassificações nas línguas, Felipe destaca o trabalho de Hjemslev (1956), que desenvolveu um estudo da categoria gramatical gênero e estabeleceu diferenças entre as línguas com classificador numérico e as línguas com classificador para gênero animado/inanimado, pessoal/não-pessoal, masculino/feminino/neutro. De acordo com Felipe, tal pesquisa não usou explicitamente os termos línguas classificadoras e classificador, mas distinguiu os sistemas de marcação de gênero das línguas a partir de seus classificadores.

No intuito de comprovar que o número de classificadores pode variar, tanto nas línguas orais quanto nas línguas de sinais, Felipe cita vários trabalhos, dentre estes Allan (1977), que pesquisou classificadores que podem ser encontrados em cinquenta línguas. A autora apresenta pontos divergentes em relação às categorias de classificadores definidas por Allan. Por fim, Felipe pontua sete categorias que geralmente podem ser encontradas nas línguas classificadoras, sendo elas; material, formato, consistência, tamanho, localização, arranjo e quanta. Ela afirma também que tais classificadores podem combinar duas ou mais destas categorias e elas também podem ser subdivididas. Como exemplo deste último caso, a autora destaca que a categoria material pode ser subclassificada em animado e inanimado. Para esclarecer, esse assunto já foi tratado na seção dois do presente estudo.

A esse respeito, a pesquisadora, ancorada nos estudos de Allan, elucida que provavelmente todas as línguas que possuem a categoria material fazem a mesma distinção. Para tanto, retomamos que a categoria material *animado* pode ser dividida em *pessoas e animais*, sendo que para pessoas pode reclassificar *mulher, homem e criança*. Felipe afirma que na Libras animais e pessoas podem ser distinguidos em relação ao formato do pé e da pata e em relação ao número de paras, (FELIPE 1998, p. 48). Em relação à categoria material *inanimado*, esta pode representar objetos, coisas e veículos. De acordo com Felipe, essa categoria quase sempre é representada por vários morfemas diferentes. A autora afirma que as línguas de sinais que possuem categoria *inanimado* geralmente a sincronizam com as

categorias formato, tamanho, consistência e textura, ou seja, conectam determinados morfemas a outros.

Para tanto, ela destaca que tais divisões e subdivisões de classificadores se baseiam, na perspectiva do falante em relação ao contexto, ou seja, em nível pragmático. Assim, não se trata somente de morfemas específicos para objetos específicos, mas, em muitos casos, de morfemas associados a objetos a partir de um determinado contexto, sendo de escolha do emissor em relação a sua perspectiva do objeto ou ao contexto extralinguístico.

Outra característica dos morfemas é que estes podem ser apresentados por meio de formas presas (afixadas) ou formas livres. Vale destacar que os morfemas classificadores apresentados em Allan contemplavam somente morfemas presos. Com isso, Felipe aponta os estudos de Kiyomy (1992) que propõem a divisão para os classificadores em morfemas livres que incluiriam os classificadores de número e os classificadores não numerais, e também morfemas presos que incluiriam os classificadores coordenantes, os de predicado nos verbos classificadores e os intra-locativos.

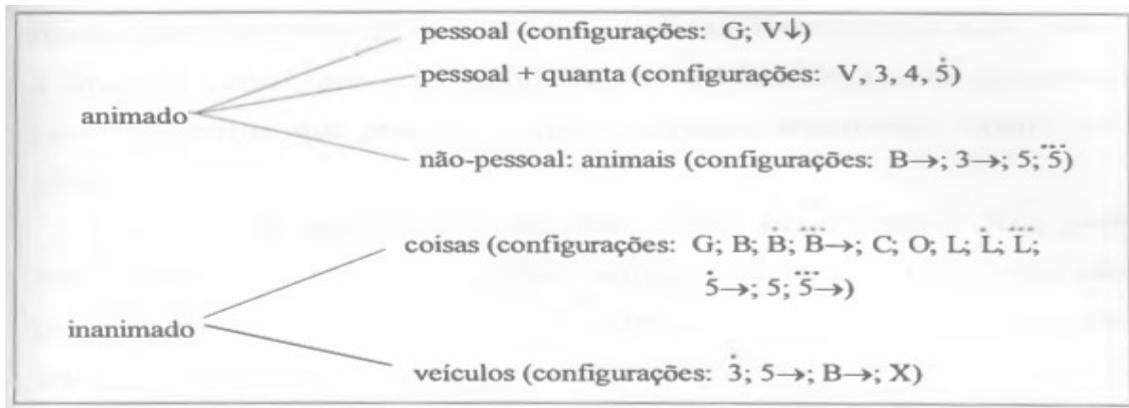
A análise das pesquisas apresentadas pela autora possibilitou concluir que os classificadores são associados a uma função morfossintática, tendo em vista que o classificador como morfema pode ser acrescentado a uma raiz nominal ou verbal, ou ocorrer como uma derivação interna no sinal, ou ainda, ocorrer em todos os elementos da frase. A esse respeito, Felipe esclarece que:

Pode-se concluir, a partir de todas estas pesquisas apresentadas, que existe uma certa regularidade em relação à utilização dos classificadores associados aos tipos de língua classificadora e, embora as pesquisas tenham apontado diferentes tipos de classificadores, eles estão associados a uma função morfo-sintática, já que o processo de classificar, por meio deles, ocorre como acréscimo a um radical nominal ou verbal, ou como uma derivação interna de raiz, ou mesmo em todos os elementos da frase, como nas línguas classificadoras coordenantes. (FELIPE 1998, p.54)

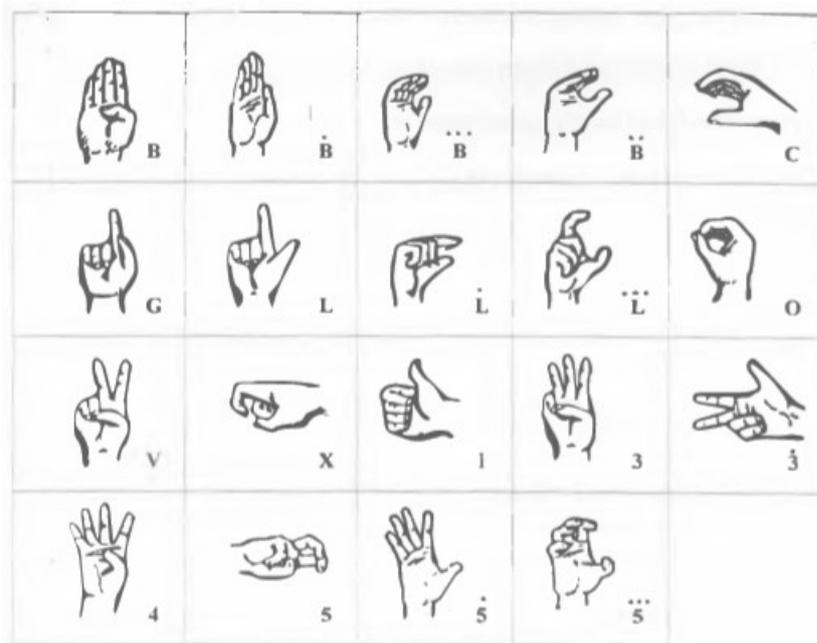
Assim, de acordo com a autora, é por meio de uma perspectiva morfossintática que os morfemas classificadores podem ser vistos como marca de concordância de gênero, número e de lugar. A fim de obter um tratamento mais universal em relação aos aspectos morfossintáticos dos classificadores, Felipe propõe relacionar as sete categorias classificadoras encontradas nas pesquisas de Allan (1977), com a proposta de gênero de Hjelmslev (1956).

A partir das contribuições da pesquisadora, assim como nas línguas orais, nas línguas de sinais também ocorrem sincretismos das categorias de classificação, ou seja, morfemas do

sistema de gênero (a partir de configurações de mão) que podem ser relacionados a outras categorias que podem estar representadas na raiz movimento, ou na orientação, ou no ponto de localização. Assim, Felipe toma a categoria material nas línguas de sinais (Libras e ASL), como estando subdividida em *animado*: pessoal e não-pessoal (animal), e em *inanimado*: veículo e coisas relacionadas às categorias classificadoras formato (objetos planos, longos, arredondados) e tamanho (grande, médio, pequeno). Ela afirma que a categoria material (coisas), em verbos de raiz mimética, sempre se apresenta sincretizada com uma ou mais categorias de classificação (consistência, localização, arranjo e quanta). Logo, o sistema de gênero na Libras é, por ela sistematizado em relação às configurações de mão.



**Figura 2:** Esquema do Sistema de Classificadores da Libras elaborado por Felipe (1998, p.63)



**Figura 3:** Morfemas classificadores da Libras apresentado por Felipe (1998, p.63)

Felipe defende que todas essas configurações de mão fazem parte do sistema de flexão verbal de gênero *animado* (pessoal e não-pessoal) e *inanimado* (coisas e objetos). De acordo com ela, essas configurações de mãos são morfemas que estão presos a uma raiz verbal, que é o movimento. Anaforicamente, esses classificadores concordam com o referente que precede o verbo como argumento (sujeito e/ou objeto). Uma mesma configuração de mão, pode arbitrariamente representar entidade *animado* e *inanimado*, sendo o contexto que irá impedir ambiguidade. Assim, quando uma configuração de mão estiver representando uma entidade *animado*, anaforicamente concorda com o referente *animado* (pessoa) que, em verbos intransitivos será o sujeito, e em verbos transitivos, pode ser sujeito (agente) ou o objeto (tema).

Ao contrário, quando uma configuração de mão representar um referente *inanimado* (coisas), ela só poderá estar associada aos papéis temáticos, tema e locativo. Conforme Felipe, esses morfemas que estabelecem concordância de gênero (animado/inanimado) com o referente que é argumento do verbo, “não tem uma função sintática independente, eles se realizam como desinências que vêm sempre afixadas às raízes verbais” (FELIPE 1998, p. 65). Portanto, podemos presumir a importância de considerar os aspectos morfológico, sintáticos e semânticos como intrínsecos aos processos flexionais da Libras.

Felipe afirma que a flexão para pessoas do discurso pode ser expressa pela direcionalidade ou caminho “*path*” que simultaneamente a raiz movimento, realiza a concordância verbal. Ela firma também que além da simultaneidade, existe também uma sequencialidade, já que o ponto inicial concorda com o sujeito (agente) e o final com o objeto (paciente ou alvo). Nessa direção, o ponto de articulação também pode funcionar como um tipo de flexão verbal porque, de acordo com Felipe, pode marcar a localização nos verbos que possuem uma valência com locativo intrínseco. Esse ponto de articulação em questão não é o parâmetro que faz parte da composição do sinal, mas o que funciona como um morfema com uma determinada função e significado. Visto dessa maneira, esse ponto de articulação é um local real ou convencional onde o movimento termina (índice) é marca de concordância com um argumento do verbo, ou seja, sintagma locativo obrigatório.

Como exemplo, Felipe destaca a frase, MESA<sub>k</sub> COPO coisa-arredondada COLOCAR<sub>k</sub>, “colocar copo na mesa”. A letra ‘k’ representa o índice e especifica o local exato onde o copo é colocado na mesa como locativo (sobre, em baixo, acima no meio, no lado direito ou esquerdo). Para a autora, nesse tipo de verbo a frase se construirá sempre com o verbo em posição final porque é preciso apresentar antes o tema (argumento-objeto) que será colocado e o locativo (onde o objeto será colocado). Esse verbo também possui marca de gênero

animado/inanimado, uma vez que a configuração de mão irá alterar conforme o tipo de objeto que será colocado (objeto arredondado ou plano; grande ou pequeno). O exemplo mostra também que a configuração de mão associada aos verbos classificadores com a função de gênero pode ser sincretizada a um outro classificador, quanta, arranjo e/ou locativo (como no caso do exemplo).

Felipe ressalta que além dos parâmetros apresentados, a frequência no movimento na raiz movimento pode indicar flexão para aspecto e expressões não manuais (faciais e corporais) podem expressar casos modais ou tipos de frase. Assim, a autora esquematiza o sistema de flexão verbal na Libras, conforme apresentado abaixo:

1. flexão de pessoa do discurso	→	parâmetro direcionalidade - mov. retilíneo
2. flexão de gênero e número	→	parâmetro configuração de mão - classificadores
3. flexão de lugar	→	parâmetro ponto de articulação - locativos
4. flexão de aspecto	→	freqüência do parâmetro movimento
5. flexão de caso modal e intensificador	→	parâmetro expressões facial e corporal e freqüência do parâmetro movimento

**Figura 4:** Sistema de flexão verbal na Libras elaborado por Felipe (1998, p.63)

Entendemos com Felipe que os verbos da Libras são apresentados em quatro grupos: verbos sem flexão, verbos com flexão para pessoas do discurso, verbos com flexão para locativo/tema e verbos com flexão para gênero. De acordo com ela, essas quatro classes compreendem vários subtipos de verbos. Assim, dentre os verbos sem flexão estão os verbos sem sujeito e os verbos sem objeto. Dentre os verbos com flexão para pessoas do discurso se encontram os subgrupos de verbos; mudança de posse, comunicação, interação social. Nas línguas de sinais esses verbos têm sido chamados também, de acordo com Felipe, de verbos direcionais. Dentre os verbos com flexão para locativos estão os subgrupos; contato por impacto, criação e transformação, criação de imagem, cuidados corporais e remoção<sup>10</sup>.

No grupo dos verbos com flexão de gênero (animado/inanimado) se encontram os subgrupos coleção, mudança de posse e movimento. É importante destacar que a subclasse

<sup>10</sup> Para visualizar os exemplos dos verbos na Libras referentes a cada uma das subclasses e/ou das quatro classes de verbos descritos por Felipe, consultar o capítulo 4 da tese, A relação sintático-semântica dos verbos e seus argumentos na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) - volume 1.

movimento, devido às características sintático-semânticas, pode ser ainda mais subdividida. Assim, tais verbos de movimento com direcionalidade implícita, quando em um contexto transitivo, incorporam ao evento por meio do movimento direcional as noções preposicionais, por isso, foram classificadas como; verbos com raiz “de\_”; verbos com raiz “\_para”; e, verbos multidirecionais.

Para elucidar, apresentamos a seguir alguns exemplos de verbos com flexão de gênero apontados por Felipe (1998):

- . **colocação** (Croft, 1991; Dixon, 1991; Gruber, 1976; Levin, 1993): AFASTAR, AGRUPAR, coisaARRUMAR4 ' COLOCAR/POR, EMPILHAR, ACHATAR, coisaABAIXAR, EMPOLEIRAR, ENROLAR, ETIQUETAR, GIRAR, IMERGIR/ Mergulhar, INCLINAR, JUNTAR, ROTULAR, coisaSEP ARAR;
- . **movimento** (Croft, 1991; Dixon, 1991; Gruber, 1976; Emonds, 1991; Jackendoff, 1990; Levin, 1993; Talmy, 1985): ACOMPANHAR, AMONTOAR, ANDAR, ANDAR, CAIR, DESCER, DESVIAR, DESLIZAR, FLUTUAR, coisaJOGAR, MOVER, PULAR, ROLAR, PERSEGUIR, PLANAR;
- . **mudança de posse**: DAR e OFERECER. (FELIPE 1998, p.119).

A pesquisadora pontua que esses tipos de verbos vêm sendo estudados em muitas línguas orais, no entanto, na Libras a estrutura sintática destes grupos são as mesmas, por isso, ela optou por reagrupá-los em três classes maiores: coleção, mudança de posse, movimento.

### 3.3 Flexão verbal e Flexão nominal

Conforme apresentado nesta seção, as classes de palavras que se submetem aos processos flexionais são conhecidas como variáveis. Na Língua Portuguesa, entre as dez classes gramaticais, em que as palavras estão categorizadas, seis são variáveis (substantivo, adjetivo, artigo, pronome, numeral e verbo). Nessa direção, as desinências nominais, são morfemas que expressam categorias gramaticais de gênero e número nos substantivos, adjetivos, artigos, pronomes e numerais. Já as desinências verbais, são morfemas que expressam categorias gramaticais de modo/tempo e número/pessoa nos verbos.

O verbo na Língua Portuguesa é um “vocábulo flexional, por excelência, dada a complexidade e a multiplicidade das suas flexões” (Câmara Jr., 1989, p.104). A estrutura verbal é composta de radical (R) acrescido de vogal temática (VT), sufixo modo-temporal (SMT) e sufixo número-pessoal (SNP). O tema (T) é formado pelo radical e vogal temática,

esse último elemento (VT) pode indicar a forma impessoal do verbo (não flexionado) no infinitivo, sendo utilizado para classificar morficamente os verbos em português em três conjugações (CI, CII, CIII). Essa é a forma tradicional de indicar a conjugação do verbo pelo seu infinitivo, onde a vogal temática tônica (-a-, -e-, -i-) se apresenta sem modificação mórfica, apenas acrescida de -r, sufixo modo-temporal (formando ar, er e ir). As conjugações corroboram com as indicações modo-temporal e número-pessoal, porém, não é nosso objetivo delongar o assunto. Assim, basicamente, conforme Câmara Jr (1989, p.104) temos uma fórmula geral da estrutura do vocábulo verbal português: T (R + VT) + SF (SMT +SNP).

Considerando a alomorfia (variação de um morfema) de cada um dos sufixos flexionais apresentados acima, existe a possibilidade de serem zero ( $\emptyset$ ) para um ou ambos. No entanto, estando presente, de acordo com Câmara Jr. (1989), os morfemas número-pessoal podem acumular, em princípios, 6 sufixos e os morfemas modo-temporais podem acumular, cerca de 13 sufixos. A respeito destas informações, sobre a categoria modo-temporal e a categoria número-pessoa respectivamente, Câmara Jr. (2002, p.65) esclarece:

Sabemos que a categoria de número-pessoa compreende a oposição entre falante e ouvinte e entre eles e uma terceira pessoa, tanto no singular como no plural. Daí termos 6 morfemas, que podem indicar por P1, P2, P3, (as 3 pessoas do singular) e P4, P5, P6 (as 3 pessoas do plural).

A categoria modo-temporal, por sua vez, apresenta no modo indicativo 6 tempos (um presente, IdPr; 3 pretéritos – imperfeito, perfeito, mais-que-perfeito – ou, respectivamente IdPt<sub>1</sub>, IdPt<sub>2</sub>, IdPt<sub>3</sub>; e 2 futuros (o do presente - IdFt<sub>1</sub>, e o do pretérito - IdFt<sub>2</sub>). No modo subjuntivo há um presente (SbPr), um pretérito (SbPt) e um futuro (SbFt). A esses morfemas acrescenta-se o do Imperativo (Ip) e os indicadores das chamadas formas nominais do verbo – gerúndio (Gr), infinitivos invariável (If<sub>1</sub>), infinitivo com desinências número-pessoais, homônimas com as de SbFt (If<sub>2</sub>), e o particípio, que é morficamente um nome adjetivo de tema em -o com flexão nominal de gênero e número (embora em certas construções fique invariável). (CÂMARA JR. 2002, p.65)

A flexão no português é encontrada na literatura dividida, ora do ponto de vista funcional, em substantivo e adjetivo (CÂMARA JR.1989, p. 87), ora semanticamente (e como partes do discurso), em nomes, pronomes (e verbos) (CÂMARA JR. 2002, p.53). Tal condição nos permite tratar das classes substantivo, adjetivo e, em parte, do pronome na flexão nominal no português, no sentido de que estes são suscetíveis a flexão de gênero e número.

O gênero condiciona uma oposição entre as formas masculina e feminina, que consiste no mecanismo básico sufixal -a (/a/ átono final) para marcar o feminino. E a flexão de número condiciona a oposição entre as formas singular e plural, decorrente da marcação de

plural por meio o sufixo /z/, escrito –s, acrescido a última sílaba do nome que passa a terminar. Nessa direção, o masculino e singular se caracterizam pela ausência das marcas de feminino e plural, respectivamente, ou seja, ambos (masculino e singular) são assinalados por um morfema zero ( $\emptyset$ ) (CÂMARA JR. 2002, p.53).

Existem nomes que são essencialmente substantivos (nomeiam seres e objetos no mundo) e outros que são essencialmente adjetivos (qualificam esses seres e objetos em propriedades ou atributos), no entanto, suas distinções funcionais não são absolutas. Ou seja, muitas palavras podem ser substantivo ou adjetivo, podem funcionar numa expressão com sentidos diferentes, de acordo com o contexto. Porém, conforme Câmara Jr. (1989), isso não impede uma ligeira diferença formal entre substantivos e adjetivos. Os adjetivos, mais do que os substantivos, estão quase exclusivamente distribuídos nos dois temas em –o e em –e. Como exemplo, Câmara Jr. (1989), destaca concretamente as palavras GRAND-E, e teoricamente FELIZ no plural FELIZ-E-S, e que não apresentam a forma feminina (-a) para os temas em –o, como em HOMEM GRANDE/MULHER GRANDE. Já os nomes que são essencialmente substantivos, podem apresentar a forma feminina em –a, mesmo com tema –e, como em MESTRE/MESTRA. Como mostra o autor, a diferença fica mais nítida em nomes de derivação sufixal –ês, conforme explica:

Essa diferença fica bem nítida nos nomes de sufixo derivacional –ês, teoricamente \*-ese, que, quando só são a rigor empregados como adjetivos, não têm flexão de gênero (*homem cortês, mulher cortês*), mas apresenta flexão, quando tanto servem como substantivos e como adjetivos (*português – portuguesa*, substantivo, <<habitante de Portugal>>; ou – *livro português, comida portuguesa*, em que *português* é adjetivo como determinante, respectivamente, de *livro* e de *comida*.(CÂMARA JR.1989, p. 87 e 88).

Os pronomes apresentam também flexão de gênero e número, como em ELE/ELA e ELES/ELAS. Morficamente os pronomes não se distinguem dos nomes, visto que flexionam em gênero e número, no entanto, semanticamente os nomes representam e os pronomes indicam, ou seja, são dêíticos. Além de flexionar em gênero e número, os pronomes flexionam em pessoa e caso. Nesse caminho, Câmara Jr. (2002) apresenta três noções gramaticais que distinguem os pronomes dos demais nomes. A primeira noção é a de pessoa gramatical, em situações de referência o pronome pode indicar o falante (1ª pessoa), o ouvinte (2ª pessoa) e a pessoa fora da alçada dos interlocutores (3ª pessoa), como no caso do morfema privado SEU que indica 2ª pessoa. Segundo Câmara Jr., é essa noção de pessoa gramatical que essencialmente caracteriza os pronomes ditos pessoais, quer na função de substantivo,

quer na função adjetiva, quando costuma receber a denominação de possessivos (pronomes pessoas *strito sensu*). A mesma noção também é aplicável nos três pronomes demonstrativos (este, esse, aquele) que indicam respectivamente, posição junto ao falante, junto ao ouvinte, ou à parte dos interlocutores. Porém, a noção pessoa gramatical não se realiza por meio de flexão, mas por meio de itens lexicais distintos, (ESTE, ESSE, AQUELE e outros).

A segunda noção apresentada por Câmara Jr. consiste na existência em vários pronomes do gênero neutro em função substantiva, quando se refere a coisas inanimadas. Tal condição pode ser observada nos pronomes demonstrativos (ISTO, ISSO, AQUILO). No entanto, o autor reconhece que existem em certos pronomes indefinidos formas substantivas específicas para seres humanos como em ALGUÉM, NINGUÉM e OUTREM. Porém, apesar da forma comum de terminação –em tônica nos dois primeiros pronomes e átona no terceiro pronome, se trata de vocábulos diversos das formas gerais respectivas ALGUM, NENHUM E OUTRO (que podem se referir a também a coisas inanimadas).

A terceira noção gramatical privativa dos pronomes é a categoria de casos, que de acordo com Câmara Jr., é bem diversa, formal, funcional e semântica, diferenciando dos casos nominais em latim. A esse respeito, os pronomes pessoais, de emprego no substantivo, distinguem as formas retas para sujeito, e formas oblíquas que se aglutinam ao verbo como em FALOU-ME, e outras com complemento rígido de proposição FALOU A MIM. As formas retas e oblíquas do pronome para a mesma pessoa gramatical é um vocábulo em si mesmo.

Conforme as três noções apresentadas por Câmara Jr. (2002) compreendemos que tais características dos pronomes não estão relacionadas ao sistema flexional da Língua Portuguesa. Nessa direção, ao considerar que o pronome também apresenta gênero (feminino/masculino) e número (singular/plural), tais condições se enquadram no sistema flexional da Língua Portuguesa. Quanto às questões de gênero animados (ou humanos), Câmara Jr. (2002) esclarece:

Embora haja às vezes certa semelhança fonológica, não há como supor, para as formas das diversas pessoas gramaticais, para os casos diversos e para a diversificação especial do gênero <<neutro>> e do gênero <<animado>> (ou antes <<humano>>), variação flexionais de uma forma pronominal única. Mesmo quando às oposições este: isto, esse: isso, aquele: aquilo há uma mudança do tema –e para o tema –o, o que induz a ver em cada termo da oposição um vocábulo distinto. (CÂMARA JR. 2002, p. 54).

Nesse viés, podemos depreender que as formas pronominais das pessoas gramaticais, podem estar relacionadas aos gêneros animado e inanimado (pessoas/animais e objetos), em outras línguas. No entanto, na Língua Portuguesa em relação aos nomes e pronomes, as noções gramaticais se enquadram apenas no gênero (masculino/feminino) e de número (singular/plural), conforme apresentado anteriormente.

As classificações tipológicas das línguas de sinais apresentadas em Felipe (2006), conforme explanado na seção dois enquadram a Libras como língua flexional, sendo também considerada como uma língua classificadora apresenta morfemas presos que são afixados às raízes nominais ou verbais geralmente de forma simultânea. Além disso, apresenta também morfemas livres que podem ser pospostos ou antepostos a verbos ou nomes de forma linear. Em relação aos morfemas presos, Felipe (1998, p. 131) conclui:

[...] nas línguas classificadoras existe uma certa regularidade em relação à utilização dos classificadores e que as pesquisas, apontando diferentes tipos de classificadores, associam estes a uma função morfológica e sintática, já que o processo de classificar, por meio deles, ocorre como acréscimo a um radical nominal ou verbal, ou como uma derivação interna de raiz, ou mesmo em todos os elementos da frase, como nas línguas classificadoras coordenantes. (FELIPE 1998, p. 131)

Sobre esse assunto, vimos em Quadros e Karnopp (2004), Ferreira Brito (1995) e Felipe (1998), que os morfemas presos quando afixados à raízes verbais estabelecem relação de concordância com o referente que é argumento do verbo. Nessa direção, de acordo com Felipe (1998) um tipo específico de morfema, o classificador, poderia ser expresso a partir de certas configurações de mãos, movimentos e pontos de articulações compondo um sistema de desinência complexo que estabelecem flexões verbais na Libras.

De acordo com Felipe (1998), na Libras a marcação de gênero *animado* (pessoas/animais) e *inanimado* (coisas/objetos) ocorreria a partir de cerca de 19 configurações de mãos (conforme figura 5). Tais configurações, como morfemas presos a uma raiz verbal, não ocupariam uma posição sintagmática independente, realizando-se como desinência, estabelecendo concordância de gênero com o referente que é argumento do verbo.

Assim, a marcação de gênero *animado* e *inanimado* se dá da seguinte forma: uma configuração de mão específica (que representa o referente pessoa/animal ou objeto/coisa) com a função de morfema preso (que independentemente não tem significado) se afixa a raiz de um verbo, com a raiz movimento, flexionando o verbo, ou seja, fazendo concordar com o referente. Por exemplo, nas frases “PESSOA ANDAR OLHAR(o chão) BURACO

DESVIAR” e “MOTORISTA DIRIGIR OLHAR(a pista) BURACO DESVIAR”, o verbo DESVIAR apresenta a mesma raiz movimento, mas utiliza configurações de mão diferentes para concordar com seus referentes, podendo usar os classificadores para gênero animado, pessoa (CM 14) e para gênero inanimado, objetos CARRO (CM 53).

De acordo com Felipe (1998) a configuração de mão para seres animados concorda com o referente (pessoa ou animal) que, em verbos transitivos será o sujeito e em verbos intransitivos, pode ser sujeito (agente) ou o objeto (tema). Já a configuração de mão para seres inanimados (coisa) está associada aos papéis temáticos, tema e local. Para essa autora, tais morfemas classificadores não têm uma função sintática independente. Ela considera a frase constituída com um verbo como uma proposição que possui uma lógica subjacente à estrutura de superfície, uma estrutura lógica formada por elementos que são predicados e argumentos.

Assim, o predicado é o elemento que estabelece relação entre os argumentos. São argumentos do verbo os sintagmas que desempenha a função de sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo do sujeito, predicativo do objeto indireto e obliquo com estatutos de complemento. O predicado formado por pelo menos um verbo é o que se declara sobre a ação do sujeito, pode estabelecer relação com argumento interno ou externo. O argumento externo se realiza fora do sintagma de que o predicado é núcleo, ou seja, geralmente se realiza como sujeito. Os argumentos internos de um predicado se realizam dentro do seu sintagma como complemento do predicado (objeto direto, objeto indireto e outros).

Diante disso, a pesquisadora relaciona o nível sintático com a estrutura lógica da sentença, com sua representação em nível semântico e pragmático a partir do frame. Felipe (1998, p. 73) conceitua *frame* como “organizadores da experiência e ferramentas para o entendimento, podendo ser utilizados para a descrição e explicação do significado lexical e gramatical”. A autora entende o *frame* como um sistema de conceitos relacionados que formam um arcabouço de situações. Assim, ao se inserir um item lexical em um determinado contexto já existe um *frame* das situações linguísticas possíveis que representam a realizada, condicionando o tipo de participantes. Atrelado a esses conceitos se encontra o conceito de *frame* temático como um sistema de papéis temáticos que são adquiridos quando se apreende o significado de um item lexical.

Nesse viés, os papéis temáticos são as relações estabelecidas entre um argumento e o evento no qual ocorre, ou seja, são os relacionamentos sintáticos e semânticos do verbo com o substantivo nas estruturas das frases. Assim, o verbo apresenta uma valência na estrutura semântica, ou seja, um *frame* temático, e o substantivo (como argumento de verbos) em determinados contextos está sujeito a papéis temáticos. Para tanto, é importante elucidar que a

valência é a especificação dos requisitos de coocorrência impostos pelo item lexical individual ou pela classe de itens lexicais.

Nos verbos, a valência representa o número de participantes em qualquer contexto que demonstra o estado de coisa designada pelo verbo, podendo ser papéis de *frames* específicos (*frames* temáticos) ou papéis temáticos. Os verbos com valência mínima possuem apenas uma parte estrutural que necessita ser tomada inseparavelmente ao item lexical particular em questão. Desse modo, a classificação do verbo dependerá do *frame* temático dado pela sentença em que o verbo está inserido e de suas propriedades transformacionais. É uma classificação complexa devido a variedade de ambientes temáticos possíveis, e que muitos verbos aparecem em mais de um ambiente temático, ou seja, possui alterações diáteses.

De acordo com Felipe (1998), na Libras a ordem neutra nas frases é SVO (sujeito, verbo e objeto). Nesse caminho, é preciso considerar a topicalização, que focaliza o objeto que temporalmente antecede o sujeito e simultaneamente, adquire expressão facial, com sentido de ênfase, que é coarticulada ao sinal que está na função de objeto. De acordo com a autora, a expressão facial também marca os tipos de frases, interrogativas, exclamativas e imperativas. Estas condições encontradas nas orações complexas na Libras, são resultantes do fato de a sintaxe ter que codificar simultaneamente, informação proposicional e a função pragmática discursiva.

Portanto, são três domínios hierarquizados: o significado do item lexical; a informação envolvendo o estado, evento ou ação e a caracterização dos papéis temáticos com relação ao predicado (proposição); e a função ou contextualização da proposição no discurso. Assim, de acordo com Felipe os três domínios precisam ser considerados ao se trabalhar com sintaxe, uma vez que a sintaxe estabelece a ligação com o domínio proposicional e o pragmático discursivo, havendo uma motivação na correlação entre código e mensagem (FELIPE 1998, p. 80).

A linguista esclarece que o componente sintático é formado por um conjunto de traços que definem a categoria lexical e frasal (como os processos de flexão) e princípios de combinação (ordenação dos elementos). Esses componentes sintáticos juntos, e a partir das regras e parâmetros particulares das línguas, formalizam um conjunto e estruturas sintáticas possíveis. O componente semântico é formado por um conjunto de conceitos (camadas temáticas, funções espaciais e características de campo semântico) e princípios de combinação (estrutura, função – argumento) que juntos definem um conjunto de estruturas conceituais possíveis. Felipe (1998) explica que em um campo semântico a relação entre a estrutura conceitual e a sintática é estabelecida por papéis temáticos. Nesse contexto, a autora

subdivide os papéis temáticos em proposicionais, que estão relacionados à valência do verbo, sendo eles:

- a) agente: ator exigido, na função gramatical de sujeito, por um verbo de ação. Inclui agente animado: pessoa e comunidades, e inanimado: objetos físicos, máquinas, forças naturais;
- b) tema: é ator obrigatório em todo frame, mas pode não aparecer na estrutura de superfície por ser deletável, correferencial, ou lexicalizado por isso não há verbos de valência zero. É o ator que está sendo movido;
- c) paciente: é específico a certos tipos de verbo, em verbos de estado, ele é o ator que é descrito, em verbos de processo ou de ação, é o ator que está mudando ou sendo mudado;
- c) experienciador: é o papel temático exigido por um verbo de experiência relacionada à pessoa que experimenta uma sensação, emoção ou um processo de cognição;
- d) benefativo: é o papel temático exigido por verbo de posse, é o possuidor de um objeto ou a parte não-agentiva na transferência de posse. O beneficiário pode ser um ganhador -benefício positivo, ou perdedor -benefício negativo;
- e) locativo: é o caso exigido por verbo de localização, está restrito à localização física no espaço, incluindo localização estática, com verbos de estado, e localização direcional (origem, caminho e meta) com verbos de processo e ação. (FELIPE 1998, p.94)

Os papéis temáticos que concorrem com os proposicionais são os modais. Por serem opcionais, os modais podem estar na raiz, em satélites (partículas do verbo, que tem um significado determinado e que poderia ser ocupado por uma determinada classe gramatical, mas se move para rede verbal compondo o verbo) ou advérbios. Felipe (1998, p. 95) descreve os seguintes casos:

- a) O modo refere-se a uma alternância que pode:
  - (i) estar incorporada à raiz principal, como nos verbos em português, andar > andar + modo = saltitar; cavalgar > cavalgar + modo= trotar. Esta incorporação à raiz principal\_ também acontece na LIBRAS;
  - (ii) ser expressa por satélite, como a mudança na frequência do verbo ou nas expressões faciais e corporais na LIBRAS: CAMBALEAR, OLHAR-ATENTAMENTE, TAGARELAR etc;
- b) a causa é diferente da causalidade. Aquela expressa o motivo ou resultado do processo e esta estabelece a agentividade da ação, por isso, geralmente, a causa faz parte da raiz principal, como no verbo 'ventar', na frase: "ventava na cortina da janela". Nesta frase, há uma causa, mas não uma causalidade expressa por um agente. A causa (o vento) está implícita na raiz verbal;
- c) o resultado está diretamente relacionado com a causa e por isso eles compõem a raiz principal dos verbos causais;
- d) o propósito compõe a raiz principal dos verbos de propósito, por exemplo: lavar "que significa colocar um líquido com a finalidade de limpar" e caçar;
- e) o tempo compõe a raiz principal dos verbos que estabelecem cronologicamente uma distinção: almoçar, lanchar, jantar, passear, viajar,

mas este pode estar na frase, em muitas línguas, como sintagma preposicional;  
 f) o meio, médium, instrumento estabelece o meio de realização de uma ação e pode ser incorporado na raiz principal, como nos verbos: escovar, pentear ou estar na frase como sintagma preposicional. (FELIPE 1998, p. 95)

A relação do verbo com seus argumentos, de acordo com Felipe (1998), ocorre a partir de qualidades tanto semânticas do evento e dos participantes, que podem ser: **causalidade** – relaciona a raiz principal a uma agentividade (voluntária ou não); **polaridade** – estabelece se o evento tem uma existência positiva ou negativa podendo estar na raiz, por exemplo, GOSTAR (polaridade positiva) e NÃO-GOSTAR (polaridade negativa); **aspecto** – estabelece a distribuição da ação ou estado em relação ao tempo e espaço, pode estar na raiz, por exemplo, o verbo ESPANCAR, expresso pela frequência ou repetição da raiz-movimento; **grau de realização** – sendo um tipo de aspecto, exclui os outros tipos acima expressos pela flexão e acrescenta ao verbo o sentido de “quase, apenas, mal”, expressões adverbiais que podem vir como satélite na Libras por meio de expressões corporais ou mudanças na raiz-movimento; **velocidade** – que refere-se a uma ação ou movimento que apenas podem ser realizados mais rapidamente ou lentamente em relação ao normal, pode fazer parte da raiz principal, como ANDAR e CORRER, ou podem ser satélites, como na Libras, ao executar a raiz-movimento mais acelerado ou lento; **personificação** – refere-se às relações monádica e diádica associadas à ação, pode estar na raiz principal, como no verbo BEIJAR, também pode ser expressa pela flexão que correlaciona o verbo com a agentividade, por exemplo, BARBEAR; **número de atores** – refere-se a quantidade de participantes como argumento do verbo, na Libras é expressa por classificadores quanta (de quantidade) que estabelecem a relação um, dois, três, quatro, muito, quando sincretizados ao classificador para pessoa, por exemplo, UMA PESSOA MOVER, DUAS PESSOAS MOVER e assim por diante; **distribuição dos atores** – refere-se ao arranjo do argumento no caso objetivo em relação a distribuição espacial e temporal, na Libras este arranjo é associado a um classificador para gênero (animado e inanimado) expresso por meio de raiz mimética, como por exemplo, muitas-pessoas ENFILEIRADAS, ou coisa-redonda EMPILHADA.

Ainda, a partir do contexto, a relação entre evento e participantes pode ocorrer de acordo com características; **tempo verbal** – refere-se à relação temporal ao momento de interação emissor-receptor, podendo ser passado, presente ou futuro, na Libras é expresso sintaticamente por meio de advérbio e não por flexão como no português; **modo verbal** – refere-se ao modo indicativo, subjuntivo, optativo, desiderativo e conotativo em relação ao evento, sendo expresso por flexão, como no português, ou por satélite; **voz** – ativa ou passiva

expressa por flexão; **dêixis direcional** - refere-se ao movimento do verbo em relação ao emissor, expressa na Libras pela raiz de\_ e \_para; **pessoa** – refere-se a pessoa do discurso expressa por flexão; **valência** – refere-se aos argumentos obrigatórios exigidos pelo verbo em um contexto determinado.

Ao considerar todas as questões acima apresentadas, Felipe (1998) traça uma tipologia para os verbos a partir de seus *frames* (frames proposicionais e papéis temáticos em relação aos seus argumentos), em que tais questões estão relacionadas a aspectos de flexão no verbo. Em relação à flexão nominal, os morfemas classificadores não apresentam uma função sintática independente e tais desinências se realizam a partir do seu acréscimo a um radical nominal ou verbal. Dito isso, buscaremos considerar a estrutura de superfície de sentenças copulativas na Libras.

De acordo com Felipe (1998, p. 127) “os verbos copulativos “ser” e “estar”, em geral, não são usados, ficando na estrutura de superfície, apenas o sujeito e o predicativo”. Como exemplo a autora cita a frase **HOMEM TRISTE PORQUE AINDA-NÃO PODE TRABALHAR** (O homem está triste porque ainda não pode trabalhar). A autora explica que esse tipo de frase na Libras possui sujeito paciente e o predicado pode ser nominal referencial (uma propriedade) ou predicado nominal não-referencial (um atributo) ambos os casos tendendo a classe adjetivo. Porém, sendo a flexão verbal o foco da pesquisa, a linguista não se detém a pesquisar os processos de flexão nominal em frases copulativas na Libras. Também, nos exemplos apresentados pela autora não há marcação de concordância de gênero (animado e inanimado) entre o sujeito e atributo ou propriedade.

Segundo Ferreira Brito (1995, o adjetivo flexiona em grau podendo ser intensificado a partir de movimentos acelerado e encurtamento ou movimento frouxo e leve. O grau superlativo e de comparativo de superioridade também podem ser identificados nos adjetivos por meio de alterações no parâmetro movimento, a partir da modificação do movimento direcionando-o para cima e atribuindo-lhe maior intensidade e comprimento. Porém, a autora não trata especificamente da flexão de gênero e número nos adjetivos. Ela trata da flexão de gênero para alguns substantivos, em específicos os que se referem a pessoas e animais, a partir do item lexical **HOMEM** e **MULHER**, ou seja, morfemas livres que indicam o sexo masculino e feminino.

Outro processo de flexão no substantivo apontado pela autora é a flexão de número que se manifesta por meio dos valores singular, dual e plural. Ferreira Brito (1995) esclarece que nos substantivos, o valor dual pode ser expresso pela repetição do sinal, pela anteposição ou posposição do número **DOIS**, ou por um movimento semicircular orientado para dois

referentes. Assim, os mesmos mecanismos podem ser aplicados no plural, mas com a posposição ou anteposição do sinal MUITO, conforme já especificado acima. Ao encontro de Ferreira Brito (1995), Quadros e Karnopp (2004) afirmam que o substantivo pode marcar flexão de número, como a marca de plural pela repetição do sinal.

Ainda em relação ao substantivo, Ferreira Brito (1995) destaca que pode apresentar flexão em grau aumentativo e diminutivo por meio, geralmente da posposição dos sinais MUITO/POUCO ou GRANDE/PEQUENO. Tal condição pode ser relacionada às categorias classificadoras, tamanha e quantia que Felipe (1998) associou ao gênero inanimado (coisas e objetos), porém, sem ser expressos por morfemas fixos, mas por morfemas livres (que em determinados contextos podem ser expressos como itens lexicais independentes). Um processo de flexão de grau, de acordo com a autora é a marcação de grau no adjetivo, por meio de expressões faciais distintas, que na perspectiva de Felipe (1998), não seria flexão, mas satélites.

Em sua pesquisa, Ferreira Brito (1995) trata também da flexão de pessoa nos pronomes pessoais que marcam as pessoas do discurso. Esse processo flexional pode ser relacionado à flexão de número, uma vez que marca as três pessoas do discurso no singular e plural, podendo ser expressos em VOCÊS-DOIS, NÓS-DOIS, NÓS-TRÊS e outros. De acordo com a pesquisadora, as três primeiras pessoas do singular podem ser marcadas por apontamento (dêiticos), ou seja, são estabelecidos pontos no espaço, isso durante o discurso, que marcam a localização do referente presente e/ou ausentes. De forma semelhante, mas acrescido de movimentos semicircular e circular são marcadas as pessoas do plural. De acordo com a estudiosa, os pronomes possessivos também apresentam as mesmas direções dos pronomes pessoais tanto para o singular quanto para o plural, mas com a configuração de mão diferente.

Os processos de flexão para pessoa (dêixis), além de estarem relacionados aos pronomes, estão relacionados também aos verbos considerados direcionais, visto que mudam seu movimento e sentido para concordarem com as referenciais pessoais. Ferreira Brito (1995) explica que tais verbos flexionam para número e pessoa no ponto inicial e final do movimento que os caracteriza. A autora esclarece que tal processo pode ser realizado para concordar com várias pessoas (plural) direcionando-se o sinal para cada uma das pessoas separadamente, ou então, direcionando o sinal para uma única pessoa e acrescentar-se o sinal de números (DOIS, TRÊS e outros).

Ao encontro de Ferreira Brito, Quadro e Karnopp (2004) afirmam que os processos dêiticos descrevem uma forma particular de estabelecer nominais no espaço que são utilizados

pelo verbo como parte de sua flexão. As autoras elucidam que, assim como Ferreira Brito (1995) afirma, as formas verbais para pessoas são estabelecidas no espaço de sinalização por meio de apontação no início e no fim do movimento e da direção do verbo, realizando processo de concordância. Elas tratam desses verbos como verbos flexionais, e destacam os pronomes pessoais como os possíveis pontos estabelecidos no espaço que são as referências pessoais no verbo. Desse modo, as pessoas do discurso podem ser apresentadas por meio da flexão verbal ou por meio dos pronomes isolados. No entanto, esse último caso está sujeito a flexões nominais, as quais pretendemos analisar a seguir.

### 3.3.0 A categoria nominal gênero

A flexão de gênero geralmente é primeiramente atribuída ao substantivo, nas palavras de Azeredo (2008, p.158) “o gênero é um traço inerente à classe dos substantivos, uma característica quase sempre convencional, razão pela qual vem obrigatoriamente informada nos dicionários”. O substantivo pode ser utilizado para designar o mundo, seus seres e objetos, um conjunto de designações que são sistematizadas pela semântica lexical. Já do ponto de vista gramatical, o substantivo pode ser distinguido morfossintaticamente pelo gênero, masculino/feminino, animado/inanimado e outros (a depender da língua).

Conforme Azeredo (2008), é comum encontrar na classe dos substantivos animados pares como HOMEM/MULHER, GATO/GATA, e assim por diante, sendo analisado na tradição escolar, pela razão extralinguística de sexo como gênero, exclusivamente. Tal condição aborda o gênero de forma simplista, uma vez que todo substantivo pertence obrigatoriamente a um gênero, ou seja, não apenas denota seres animados. Nesse contexto, para Azeredo, é importante diferenciar gênero como categoria linguística e a noção extralinguística biológica de gênero como sexo.

Azeredo (2008) esclarece também, que o gênero pode ser de modo geral, uma característica convencional do substantivo historicamente fixada pelo uso. Tal condição explicaria porque determinados substantivos da Língua Portuguesa que antes eram femininos e hoje são de gênero masculino, mudaram de gênero ao longo do tempo; como exemplo, o autor apresenta as palavras FIM e MAR que já foram femininas e hoje são masculinas. O pesquisador também pontua que o gênero pode se adequar a variedade da língua, coloquial ou formal, conforme seu uso. Como exemplo, ele apresenta as palavras CAL e GRAMAS, nos usos técnicos e formais são empregados da seguinte maneira, DUZENTOS GRAMAS e A

CAL É BRANCA e no uso coloquial aparecem as formas DUZENTAS GRAMAS e O CAL É BRANCO. Já no caso de CARNEIRO/OVELHA e PORCO/PORCA, o falante de português se vale da oposição de significados macho e fêmea, sendo assim uma classificação gramatical eminente e motivada de distinção de conteúdo lexical.

Nesse contexto apresentado acima, Azeredo (2008) faz a distribuição da categoria gramatical gênero em dois grupos, masculino e feminino, a partir de três grandes ordens fundamentais: Primeira, gênero de convenção; segundo, gênero por referência; E, terceiro, gênero por elipse. O gênero por convenção se refere aos nomes de seres inanimados e de muitos nomes de seres animados, cujo o gênero é imanente e consolidado pelo uso. Em Azeredo (2008) o gênero por convenção encontra-se em três categorias: Nomes em que os gêneros vêm explicitados por seus determinantes, tais como, **O SOL**, **A NUVEM**, **O CONJUGUE**, e outros; Nomes em que o gênero é especificado no sufixo, tais como **BELEZA** e **CLARIDADE**; Nomes de base mórfica comum e significados afins, mas lexicalizados de maneira arbitrária tanto no masculino quanto no feminino, são exemplos, **ESPINHO/ESPINHA**, **JARRO/JARRA**.

O gênero por referência é atribuído a seres animados sempre que a língua oferecer ao falante palavras de gênero diverso para nomear macho e fêmea da espécie ou das classificações socioculturais variadas, como as relações e parentesco (**IRMÃO/IRMÃ**) e operações sócias (**O ARTISTA/A ARTISTA**, **PINTOR/PINTORA**). De acordo com AZEREDO (2008), essa motivação pode ser observada em três casos: quando existem dois nomes de radicais distintos, um masculino para macho e outro feminino para fêmea de uma espécie natural ou de relação de parentesco, como **CAVALO/ÉGUA** e **GENRO/NORA**, essa marcação de gênero por heteronímia não apresenta qualquer relação gramatical; quando existe dois nomes de radical comum, sendo que, segundo Azeredo, a forma feminina é algum tipo de derivação da forma masculina, como **PERU/PERUA**, **SOBRINHO/SOBRINHA** e **PATRÃO/PATROA**; quando o gênero somente se define no ato de designar o indivíduo, conforme seja homem ou mulher, como **O ATLETA/ A ATLETA** e **O GERENTE/A GERENTE**, são os conhecidos nomes comuns de dois gêneros. São referencialmente motivados também os pronomes como **ELE/ELA** porque operam como os substantivos citados ou porque se referem a nomes ou expressões categorizadas como masculino e feminino.

Gênero por elipse se refere ao gênero que é atribuído conforme o substantivo base de uma construção, em que um nome passa a significar o todo. Azeredo (2008) apresenta os exemplos **RÁDIO** usado no feminino com o significado de ‘emissora de rádio’, **AMÉRICA**

usada no masculino com o significado de ‘clube esportivo e FILA no masculino com o significado de ‘cão de fila’. Para este autor, o gênero deve ser analisado como derivação e não como flexão, devido a três razões, perceptíveis nas descrições apresentadas anteriormente. Primeiro, o conceito de flexão é incompatível com a quantidade de ‘exceções’ observadas na classe dos substantivos. De acordo com o pesquisador, muitos substantivos em –o não possuem a contraparte feminina em uso como, MOSQUITO, PAPAGAIO e VEADO.

Em outros pares de nomes, a fêmea é designada por lexemas sem regras como em HOMEM/MULHER, CARNEIRO/OVELHA e CAVALO/ÉGUA. Outra razão é que o conceito de flexões como sendo variação formal da mesma palavra. Nessa direção, o autor exemplifica que COELHO e COELHA não são duas formas da mesma palavra, mas palavras lexicais distintas. Para ele, a atribuição de um gênero difere a uma unidade lexical substantiva e é uma forma de criar um novo substantivo por um processo de derivação. Isso ocorre se concebermos que não compete à flexão o processo de formação de palavras.

E, por fim, a terceira razão levantada pelo autor para não conceber o gênero como flexão, está na questão de o morfema flexional ser obrigatório, enquanto que os morfemas que indicam gênero são frequentemente encarados como opção. De acordo com Azeredo, é possível a criação e emprego de certos femininos, como CHEFA, SARGENTA e PRESIDENTA, bem como de certos masculinos, como BORBOLETO, FORMIGO e PULGO, que podem ser encarados como opções pessoais ou escolhas estilísticas dos falantes.

No entanto, o linguista reconhece que certos nomes derivados apresentam contrapartes femininas regularmente formadas por flexão, por exemplo, SABICHÃO/SABICHONA e FRANCES/FRANCESA e vários outros. Azeredo atribui essas flexões em parte devido a esses nomes são potencialmente substantivos e adjetivos ou pelo fato de que existem sufixos que se flexionam. Ele cita os exemplos dos sufixos de grau –(z)ão, em que tal sufixo apresenta a contra parte feminina por meio do alofone –on(a), em palavras como MULHERONA e BOLSONA que buscam recuperar o valor aumentativo de certas formas como, MULHERÃO e BOLSÃO.

Outro exemplo são os sufixos –(z)inho/–(z)inha se comportam como unidades autônomas em relação ao gênero, como em PONTEZINHA E PELEZINHA, não são os substantivos que flexionam com um todo já que os substantivos PONTE e PELE são de tema –e e –a do diminutivo –(z)inha é desinência do próprio sufixo. É essa regularidade do –a nos substantivos femininos derivados nos sufixos aumentativo –ão e dos sufixos –ês, –or e –eiro que prova que esse –a é desinência de gênero anexa no próprio sufixo, como em SOLTEIRONA, FRANCESA, ESCRITORA e SABAPEIRA.

Azeredo afirma que nos casos em que a distinção de gênero não corresponde a uma distinção sistemática de significados (macho/fêmea), apesar de formados com o mesmo radical, apresentam relações de significado variável de difícil sistematização, os quais ele afirma poderem ser distribuídos em dois grupos, nomes que diferem no gênero e na forma (BARCO/BARCA e VEIO/VEIA) e nomes homônimos de gênero diversos (O CAPIRAL/A CAPITAL e A ROSA (flor)/O ROSA (a cor)). De acordo com o autor, os nomes variáveis que são os substantivos, pertencem aos dois gêneros sem qualquer diferença de significados (O/A SINTINELA, O/A SABIÁ e O/A PERSONAGEM).

De encontro a Azeredo (2008), Câmara Jr (1989) apresenta o gênero como uma categoria flexional. O autor esclarece que “a flexão de gênero é exposta de maneira incoerente e confusa nas gramáticas tradicionais do português” (CÂMARA JR 1989, p. 88). A primeira incoerência está relacionada à incompreensão da natureza semântica do gênero, sendo comumente associada ao sexo dos seres. A esse respeito, Câmara Jr. (1989) esclarece que o gênero abrange todos os nomes substantivos portugueses, quer se refiram a seres, providos de sexo, quer se refiram a coisas. E, mesmo os substantivos referentes a animais ou a pessoas são discrepantes entre gênero e sexo, conforme vimos em Azeredo (2008).

Assim, para Câmara Jr. (1989), a incoerência é desfeita quando consideramos o gênero como uma distribuição em classes mórficas para os nomes, assim como são as conjugações para os verbos. A única diferença do gênero nos nomes para a conjugação nos verbos, é que esses primeiros apresentam implicações semânticas ao estabelecem uma relação de oposição (masculino/feminino) entre si para distinguir os seres (animais e pessoas) e as coisas. Em relação ao gênero do ponto de vista semântico, o pesquisador esclarece que o masculino é uma forma geral não-marcada, e o feminino indica uma especialização, como exemplo o autor destaca; a JARRA é uma espécie de JARRO, BARCA é uma espécie de BARCO, assim como URSA é a fêmea do animal chamado URSO.

Outra incoerência nas gramáticas tradicionais é a ausência de distinção e do ponto de vista de Câmara Jr. (1989), é imprescindível, entre flexão de gênero e certos processos lexicais ou sintáticos de indicar o sexo. Divergindo de Azeredo (2008), para Câmara Jr.(1989) não há lugar para as heteronímias no gênero, como por exemplo, MULHER não é o feminino de HOMEM. De acordo com esse pesquisador, existem substantivos privativamente masculinos, e outros, a eles semanticamente relacionados, privativamente femininos. Tal condição se aplica também aos casos em que um sufixo derivacional se restringe a um substantivo em determinado gênero, como nas palavras IMPERADOR que se caracteriza não

flexionalmente, mas pelo sufixo derivacional –DOR, e analogamente IMPERATRIZ, pelo sufixo derivacional –TRIZ.

Em outros casos, pode apresentar sufixo derivacional ou sua ausência em formas nominais não-derivadas, como em GALINHA diminutivo de GALO para designar as fêmeas da espécie, e PERDIGÃO aumentativo usados para designar os machos da espécie PERDIZ. Nesse caminho, Câmara Jr. (1989) alerta para não confundirmos derivação com flexão, tais sufixos –triz, -inha, -ão são sufixos derivacionais. Outra questão divergente levantada por essa autora se encontra relacionada à distinção de macho e fêmea para substantivos que denominam animais.

O pesquisador esclarece que nem sempre a indicação de gênero é obrigatória, usualmente dizemos COBRA e TIGRE sem indicar imperativamente o gênero. Também o gênero não muda com a indicação precisa do sexo, assim, o gênero para o substantivo COBRA continuará sendo feminino, mesmo que o sexo do animal COBRA seja masculino, como assinala o artigo em A COBRA MACHO, o mesmo se dá com o substantivo masculino TIGRE em O TIGRE FÊMEA (CÂMARA JR. 1989, P. 89).

Assim, Câmara Jr. (1989) defende que a flexão de gênero envolve o acréscimo para o feminino, do sufixo flexional –a (/a/ átono final) com a supressão da vogal temática, quando ela existe no singular, como em LOB(O) + A = LOBA e AUTOR + A = AUTORA. Para tanto, o pesquisador apresenta alguns casos de alofones na flexão de gênero, tais como o par AVÔ e AVÓ, que indica a distinção de gênero pela alteração vocálica da vogal tônica final do morfema lexical /ô/-/ó/, e outros que podem ser consultados em sua obra.

Prosseguindo em seus estudos, o linguista apresenta três regras que visam desfazer as incoerências presentes nas gramáticas tradicionais. Essas regras distinguem; nomes substantivos de gênero único (A ROSA, A FLOR, O PLANETA, O AMOR); nomes de dois gêneros sem flexão (O/A ARTISTA, O/A INTÉRRETE, O/A MÁRTIR); e, nomes substantivos de dois gêneros, com uma flexão redundante (O LOBO/A LOBA, O MESTRE/A MESTRA, O AUTOR/A AUTORA).

Concebendo o gênero como uma classe flexional, Aronoff (1997) o define como uma ponte entre morfologia e sintaxe, ou seja, morfossintática, uma vez que estabelece concordância. Ao encontro deste autor, Felipe (1998) apresenta no sistema flexional da Libras a categoria do gênero realizada por meio de algumas configurações de mãos que funcionam como classificadores utilizados para marcar a concordância de gênero animado (pessoas/animais) e inanimado (coisas/objetos/veículos). Diante de tais informações, é possível observar que a Libras diverge da Língua Portuguesa, não apenas pelos sistemas de

marcação de gênero conforme Aronoff (1997), mas também no sentido de que, no português o substantivo e adjetivos são necessariamente as classes com marcação de gênero, enquanto que na Libras o verbo também é marcado pelo gênero. Diante disso, concordam no sentido de que a categoria de gênero masculino e feminino é essencialmente a marca de concordância da língua, assim como a categoria de gênero animado e inanimado é essencialmente a marca de concordância na Libras.

De acordo com Felipe (1998), certas configurações de mão, enquanto morfemas classificadores são afixados, geralmente a raiz de verbos, marcando o gênero animado e inanimado. Tais morfemas, não são independentes sintaticamente e ocorrem pelo processo de modificação interna da raiz. Esses morfemas geralmente se afixam a raiz-movimento nos verbos e anaforicamente concordam como referente que precede o verbo, atuando como argumentos, sujeito ou objeto.

Ferreira Brito (1995) afirma que não há marcação de gênero (sexo) nos sinais da Libras, porém, registra a utilização dos itens HOMEM e MULHER posposto ou anteposto aos sinais de pessoas e animais. Isso nos permite depreender que tais itens são morfemas livres indicadores de gênero (sexo) masculino e feminino, para pessoas HOMEM e MULHER e para animais MACHO e FEMEA. Tais morfemas livres em determinados contextos são itens lexicais independentes, e portanto, embora possamos associar esses morfemas de gênero (masculino e feminino) a categoria de gênero animado (pessoas/animais) apresentada em Felipe (1998), não se enquadram como morfemas classificadores, visto que são independentes sintaticamente.

Ao levar em conta que o sistema de flexão é caracterizado por ser geralmente regular, ter concordância e ser obrigatório, conforme Câmara Jr. (1987), Rocha (2008), Aronoff (1997) e Felipe (1998), sempre que houver a necessidade de concordância de gênero (sexo) ela será exigida. Porém, na Libras, a partir do contexto discursivo, a marcação de gênero pelos morfemas masculino e feminino não são realizados explicitamente, mas de acordo com o referente presente ou não presente que, por ser conhecido pelos interlocutores fica subentendido, ou seja, o gênero (sexo) é compreendido de forma implícita.

Por exemplo, EL@ GOSTAR ABACAXI, na Libras os pronomes não tem marcação de gênero (masculino e feminino), porém estes determinam locais no espaço de sinalização, marcando referentes presentes e ausentes que, geralmente são conhecidos pelos interlocutores quanto a se são pessoas HOMEM e MULHER, animais MACHO e FEMEA, ou ainda, objetos, não realizado a concordância de gênero.

### 3.3.1 A categoria nominal número

A categoria do número diz respeito fundamentalmente a uma oposição de significados entre a quantidade um para singular e quantidade maior que um para plural. Nas palavras de Câmara Jr. (1989, p. 92), “trata-se da oposição entre um único indivíduo e mais de um indivíduo”. Essa oposição é sintaticamente expressa por um mecanismo flexional, presença ou ausência de morfema que marca plural. Na Língua Portuguesa, a marcação de plural geralmente ocorre pelo acréscimo da letra –s ou pelos segmentos -es ou -is, nas classes de artigo, pronome e adjetivo que acompanham o substantivo (que também varia em número) a partir de regras sintáticas de concordância, como em MINHA MÃO/MINHAS MÃOS. Nos pronomes pessoais, o número como processo flexional se restringe as formas na terceira pessoa (ELE/ELES, ELA/ELAS) e nos pronomes de tratamento (VOCÊ/VOCÊS). Nos demais pronomes, nas primeira e segunda pessoas o singular e plural são representados por itens lexicais distintos (EU/NÓS, TU/VÓS). (AZEREDO 2008, p.163).

De acordo com Azeredo (2008), a categoria de número é mais evidente quando se refere a seres, pois a esses é possível quantificar por meio de numerais (UM LIVRO/DOIS LIVROS e assim por diante). No entanto, quando se refere a entidades a distinção entre singular e plural passam a expressar nuances semânticas particulares (CÂMARA JR. 1989; AZEREDO 2008). Nas designações de espaços indivisos, o plural pode realçar a ideia de amplitude e abundância, como exemplo os autores destacam as palavras TREVA/TREVAS, CÉU/CÉUS E AR/ARES. Nos nomes abstratos, em geral, o plural passa a denotar necessariamente algo concreto, passível de enumeração, como o singular CERTEZA (estado de consciência) e CERTEZAS (fatos reais); VISÃO (faculdade de enxergar) e VISÕES (imagens que a faculdade da visão cria). Nos nomes de substâncias e matérias em geral, o plural faz uma referência a uma especialização de sentidos ou a união de uma diversidade em um conjunto, como PAPEIS (documentos), FOGOS (de artifício) e CARNES (vermelha, seca, de sol, e outros).

De acordo com Azeredo (2008) e Câmara Jr. (1989), o plural pode se referir, também, à sucessões de atos que constituem a totalidade de certos eventos e suas etapas, uma série de partes componentes que, conforme Câmara Jr., não apresentam um singular mórfico correspondente, são alguns exemplos, NÚPCIAS, PALMAS e COMPRIMENTOS (indecomponíveis). Para Câmara Jr. (1989), também se sucede a situação inversa, um nome no singular pode expressar um coletivo, tais como RAMA e FOLHAGEM podem designar uma coleção de folhas e POVO pressupõe indivíduos cidadãos. Câmara Jr. ressalta assim a

situação especial dos coletivos em que a forma singular envolve uma significação de plural, tratando-se de uma peculiaridade da língua que interpreta uma série de seres homogêneos como uma unidade superior, que como unidade, está no singular.

Para Câmara Jr. (1989), tanto a indecomposição linguística de partes componentes como a expressão da amplitude foram reunidas na gramática greco-latina com a designação *pluralia tanta* ou plural majestático. Sendo esse último termo empregado para se referir ao emprego do plural, oposto ao singular, para acentuar exaltação ou desprezo. Nessa direção, o recurso de flexão de plural é utilizado fora da gramática, mas para fins estilísticos, a fim de conotar (provocar uma reação afetiva no ouvinte) ao invés de denotar (trazer uma contribuição do significado) um uso estilístico.

Câmara Jr. (1989) esclarece que a oposição singular e plural permeia todo o conjunto de nomes na Língua Portuguesa, aplicando-se não só a matemática descontínua (vista como um indivíduo e sua soma), mas também à matemática contínua (em que falta a conceituação de indivíduos componentes) como nos nomes AÇUCAR, FERRO e FARINHA. Dessa maneira, essa relação ocorre em oposição entre uma única qualidade e mais de uma qualidade de substância contínua designada, como em AÇUCARES (refinado, grosso, mascavo e outros) (CÂMARA JR. 1989, p.93).

A flexão de número assinalada pelo morfema gramatical indicado na escrita pela letra -s não altera significativamente a forma do significante, como em PEIXE/PEIXES e HOMEM/HOMENS<sup>11</sup>. No entanto, os morfemas gramaticais indicados pelo segmento -es ou -is podem alterar foneticamente o significante como a pluralização de ANEL passa a ANEIS e CANTOR (com /R/ posterior) passa a CANTORES (com /r/ dental simples). Nessa direção, foram sistematizadas regras gerais para a flexão de número na Língua Portuguesa, tais como, acrescenta-se -s ao final dos nomes terminados por vogal, por ditongo oral ou pelo ditongo nasal -ões, e regras especiais tais como, os nomes terminados por R ou Z recebem -es. Mais regras gerais, especiais, das formas plurais diminutivas e de substantivos compostos, podem ser encontradas em AZEREDO 2008, p 165 -166.

Nesse viés, é preciso considerar o alofone zero (0) para nomes paroxítonos terminados em -s, como em SIMPLES, conforme Câmara Jr. (1989), a identificação do número só se faz mediante a concordância com um determinante ou determinado, como podemos observar em FLOR SIMPLES (SIMPLES no singular) e FLORES SIMPLES (SIMPLES no plural). Já os nomes terminados por consoantes no singular correspondem a

---

<sup>11</sup> Entretanto, reconhecemos que há fonologicamente outras possibilidades, que não seja a sibilante /s/ pressuposta na grafia tradicional, conforme Câmara Jr. 1989, p. 93.

uma forma teórica com um tema de vogal –e, tais como MAR e PAZ, porém, quando a consoante final é –l há uma reposição da vogal do tema e o acréscimo do sufixo de flexão plural –s, sendo que Câmara Jr. 1989 p. 95 distinguíveis três casos:

- 1) /l/ posvocálico depois de vogal que não seja a vogal anterior alta /i/: Dá-se a supressão do /l/ e a ditongaçãoo da vogal temática (/i/ átono final passa de silábco a assilábico). Ex.: \* *animale* : *anima(l)es* : *animais*; \* *anzole* ; \* *anzo(l)es* : *anzóis*; \* *papele* : \* *pape(l)es* : *papéis*; \* *azule* : \* *azu(l)es* : *azuís*.
- 2) /l/ posvocálico depois de /i/ átono final: Há a mutação do /i/ para /e/ e as mesmas permutas procedentes. Ex.: \* *facile* : \* *facele* : \* *face(l)es* : *fáceis*.
- 3) /l/ posvocálico depois de /i/ tônico: Não se dá a reposição as vogal do tema. Há apenas a supressão do /l/ ao se acrescentar o morfema flexional de plural: \* *suti(l)s* : *sutis*. (CÂMARA JR. 1989 p. 95)

Outros casos complexos ocorrem nos nomes de singular em –ão, tônico e átono. De acordo com Câmara Jr. (1989) nesses casos, o singular neutraliza estruturas radicais distintas, uma estrutura de tema em –e e outra que varia, ora tem tema –e, ora tem tema –o. Esse último, caso a forma teórica coincida com a forma concreta singular, então o plural se faz pelo acréscimo de –s, como em IRMÃO/IRMÃOS. Já no outro caso, a vogal de tema em –e se combina a estruturas terminadas em –ã/aN/ e outras (-o) se combina as estruturas terminadas em –õ/oN/, nesse a forma plural se forma a partir da incorporação da vogal como assilábica a sílaba nasal e este passa a formar os sufixos de flexão plural –ães e –ões, como mostra Câmara Jr. (1989, p.95) \* *pãe* /paN/ : *pães*; e, \* *leõe* /leoN/ : *leões*.

Com isso, o pesquisador esclarece que existe a possibilidade de variação livre de duas ou três estruturas teóricas, assim, uma palavra pode apresentar as três formas plurais, como a palavra ALDEÃO (ALDEÃOS/ALDEÃES/ALDEÕES). Nas línguas de sinais, os processos gramaticais, tais como desinências de gênero e número, são realizados por meio das dimensões espaço e movimento conforme Klima e Bellugi (1979) citados por Ferreira Brito (1995). Nessa direção, com base nas leituras realizadas, observamos que a flexão de número na Libras, acontecem por meio de repetição do sinal, anteposição ou posposição de numerais e do sinal MUITO, por meio de alterações no movimento, ou ainda, pela modificação interna da raiz por meio da incorporação de numeral.

Assim como na Língua Portuguesa, a flexão de número, de acordo com Ferreira Brito (1995), se manifesta por meio dos valores singular e plural (como o dual), pela marcação no plural. Porém, esse processo de flexão, não ocorre pelo acréscimo de um sufixo flexional no plural (–s) como na Língua Portuguesa. A autora elucida que a flexão de número

na Libras se dá pelo menos de três formas: repetição do sinal, anteposição ou posposição do numeral ou do sinal MUITO, ou ainda, pelo movimento semicircular ou circular orientados para dois ou mais referentes.

Ao encontro de Ferreira Brito (1995), Quadros e Karnopp (2004) defende que os processos de flexão de número podem ser realizados pela marcação do plural a partir da repetição do sinal. Assim, as autoras afirmam que existem diferentes formas de, tanto verbos quanto substantivos na Libras, apresentarem flexão de número; porém, elas não aprofundam a questão. Como exemplo, as autoras indicam a marcação plural no sinal ANO-ANTERIOR, em que o movimento circular realizado em sentido anti-horário (indicando passado) é repetido, indicando ANOS-ANTERIORES. Nesse exemplo, os parâmetros constituintes do sinal são mantidos e ocorre uma mudança (ou variante) no sinal, e não na produção de uma nova forma a partir de derivação.

Ferreira Brito (1995) afirma que esse mecanismo de mudança de um ou mais parâmetros se dá na inclusão de informações gramaticais em itens lexicais, a partir da simultaneidade. De acordo com a autora, esse processo é utilizado também para marcar quantificação, como na mudança no parâmetro configuração de mão para aumentar o número de dedos estendidos no intuito de obter quantidades maiores. A pesquisadora destacou a alteração no parâmetro movimento (na velocidade, encurtamento e alongamento do movimento) indicando distâncias, como no sinal MUITO-LONGE. Porém, a alteração dessa forma nos parâmetros dos sinais parece estar mais relacionada aos processos de grau e aspecto divergindo da utilização da anteposição ou posposição do sinal MUITO para indicar quantidade plural.

Ao encontro dos estudos de Ferreira Brito (1995), Felipe (1998: 2006) trata de processos de alteração ou modificação da raiz, tendo em vista os processos flexionais na Libras. Assim, a autora pontua que os processos de modificação da raiz podem se dar de duas formas, por adição de afixos ou de modificação interna. De acordo com ela, os processos de flexão de número estão relacionados à modificação interna da raiz, a partir do mecanismo de incorporação de numerais de um até quatro por meio de configurações de mão incorporadas a raiz do sinal, como quantificador. Felipe (2006) afirma que esse mecanismo está presente no sistema pronominal para representar pessoas do discurso e também em alguns advérbios tais como, ANTEONTEM, UMA-VEZ/ DUAS-VEZES/TRÊS-VEZES e DOIS-DIAS/TRÊS-DIAS, e outros.

Em estudo anterior, Felipe (1998) também trata da incorporação do intensificador MUITO realizado com alteração no parâmetro movimento que, ora é lento e alongado, ora é

acelerado e encurtado, e utiliza nos casos modais ou como advérbios de intensidade, sendo que nesses casos não se aplica a flexão de número. Esse processo de modificação de raiz está descrito entre outros processos de formação de sinais, derivação zero, processos miméticos e regra de composição. Nos trabalhos de Felipe (1998: 2006), tais processos estão relacionados tanto a formação de itens lexicais e a morfemas gramaticais (que atuam como desinências ou morfemas flexionais); observamos que a distinção entre os processos derivacionais e flexionais não é distinguida. A linha que separa derivação de flexão é bem tênue, conforme observamos em Valli, Lucas e Mulrooney (1992; 2005), não a tomamos de forma rígida; portanto, consideraremos a possibilidade de a incorporação de número também produzir flexão de número nos nomes, a ser analisada.

Diante do exposto ao longo do presente trabalho, nos embasamos nos estudos de Valli, Lucas e Mulrooney (2005), Felipe (2006), Ferreira Brito (1995) e Quadros e Karnopp (2004), para amparar as nossas reflexões em relação aos processos de derivação, flexão, flexão de gênero e flexão de número, que ocorrem na Libras. Quanto a isso, apresentamos a seguir um quadro com os principais pressupostos que cada linguista aborda em suas pesquisas, no sentido de nortear o nosso olhar na análise dos dados.

Linguistas	Derivação	Flexão	Flexão de gênero	Flexão de número
Valli, Lucas e Mulrooney (2005)	Informações adicionadas a unidade objetiva a criação de novas unidades; altera classe gramatical.	Adiciona informações gramaticais às unidades já existentes e não resulta na criação de uma nova unidade	.	
Felipe (2006)	<p>Quatro processos de formação de sinais: modificação de raiz; derivação zero; processos miméticos; e, regras de composição.</p> <p>Não há distinção entre os processos derivacionais e flexionais, que aparecem no texto como estando relacionados.</p> <p>Nos processos de formação de palavras, as línguas são sempre apresentadas em relação aos seus morfemas lexicais (raízes/radicais) que se prendem a morfemas gramaticais formantes (desinências e vogais temáticas) e/ou a derivacionais (afixos e clíticos).</p>	<p>Não faz distinção entre os processos flexionais e derivacionais.</p> <p>Nos processos de formação de sinais, a flexão ocorre no processo de modificação da raiz, não por adição, mas por modificação interna da raiz.</p> <p>Nesse processo são considerados cinco mecanismos:</p> <p>a) a flexão para pessoa do discurso.  b) a flexão para aspecto verbal  c) a flexão para gênero  d) a incorporação do numeral  e) a incorporação do intensificador MUITO ou de casos modais.</p>	<p>Afixos (morfemas/classificadores) que justapõem a raiz verbal ou nominal como marca de flexão de gênero animado e inanimado.</p> <p>Há sete categorias encontradas nas línguas classificadoras, sendo elas; material, formato, consistência, tamanho, localização, arranjo e quanta.</p> <p>Categoria material - gênero animado (pessoas/animais) e inanimado (objetos/coisas/veículos) - sincretiza outras categorias, como: o gênero inanimado (sincroniza: formato, tamanho, consistência e textura, etc.)</p> <p>Modificação interna da raiz, realizada por meio de algumas configurações de mãos - classificadores utilizados para marcar a concordância de gênero animado e inanimado.</p>	<p>A flexão de número na Libras, acontece por meio da modificação interna da raiz pelos mecanismos de incorporação de numerais de um até quatro por meio de configurações de mão afixadas à raiz do sinal, como quantificador.</p>
Ferreira Brito (1995)	<p>Ao tratar da morfologia da Libras, não apresenta explicitamente conceito para derivação.</p> <p>Relaciona o processo de incorporação às funções gramaticais.</p> <p>A incorporação de negação é um tipo de derivação, obtida pelos processos morfológicos de derivação a partir de sufixos que carregam significados relacionados à “oposição”, “inversão” e “rejeição”.</p>	<p>Os mecanismos gramaticais das línguas de sinais são baseados na simultaneidade.</p> <p>A modificação na extensão e direção do movimento de alguns sinais pode ocasionar fenômenos de flexão.</p> <p>Os processos flexionais são descritos nos aspectos de gênero, número e qualificação, grau, pessoa, tempo e aspecto.</p>	<p>A flexão de gênero na Libras ocorre por meio de morfemas livres indicadores de gênero (sexo) masculino e feminino para pessoas e animais, realizado pela posposição ou anteposição dos sinais HOMEM e MULHER.</p>	<p>A flexão de número na Libras, acontecem por meio de:</p> <p>a) repetição do sinal;  b) anteposição ou posposição de numerais e do sinal MUITO;  c) por meio de alterações no movimento.</p>

		<p>Não existe adições sequenciais de afixos, o que promove a flexão de aspecto são contrastes espaciais e temporais superpostos modificando o movimento dos sinais.</p>		
<p>Quadros e Karnopp (2004)</p>	<p>A derivação se atém ao estudo da formação de diferentes palavras com uma mesma base lexical.</p> <p>A flexão envolve o estudo dos processos que acrescentam informação gramatical à palavras já existentes.</p> <p>Nas línguas de sinais existem descrições que referem tanto aos processos derivacionais, quanto aos processos flexionais</p> <p>A descrição dos processos derivacionais da Libras trata da concatenação (combinação de vários elementos que compõem um sinal) e de incorporação (também da incorporação de numeral).</p>	<p>Apresenta o fenômeno de flexão na Libras a partir de oito processos diferentes: pessoa (dêixis); número; grau; modo; reciprocidade; foco temporal; aspecto temporal; e, aspecto distributivo.</p>	<p>Não trata de flexão de gênero animado e inanimado ou masculino e feminino.</p>	<p>A flexão de número na Libras, acontecem por meio de:</p> <p>a) repetição do sinal.</p>

**Figura 5:** Quadro com os principais pressupostos teóricos sobre os processos de flexão de gênero e número na Libras. Fonte: A própria autora (2020)

Para o desenvolvimento do estudo, elaboramos esse quadro ilustrativo para nos conduzir no processo da análise dos dados, em virtude de pontuar sobre as principais contribuições dos autores para a presente dissertação.

Nessa seção abordamos os processos de flexão nominal com ênfase nas categorias de gênero e número. Para tanto, apresentamos os processos de flexão nas línguas de sinais, para em seguida, elucidar sobre o fenômeno de flexão na Libras na perspectiva de Quadros e Karnopp (2004), Ferreira Brito (1995) e Felipe (1998). Nesse viés, buscamos apresentar as classes de palavras e os aspectos flexionais das línguas orais e das línguas de sinais, com destaque no processo de flexão e suas características.

## 4 ASPECTOS METODOLÓGICOS: A TRAJETÓRIA TRAÇADA

Nesta parte do trabalho, procuramos explicitar sobre os aspectos metodológicos da pesquisa. A metodologia utilizada na pesquisa fundamentou-se na abordagem qualitativa de base descritiva, cujo procedimento metodológico utilizou as pesquisas teórica, básica e bibliográfica. Inicialmente, apresentaremos os caminhos metodológicos do estudo desenvolvido. Em seguida, discutiremos a natureza da pesquisa e posteriormente, apresentaremos o cenário de pesquisa, o participante e as trajetórias da pesquisa.

### 4.0 Metodologia

Nesta seção, procuramos apresentar a metodologia adotada na pesquisa, descrevendo as etapas desenvolvidas à luz do referencial teórico de Silva (1999), Triviños (1987), Manzini (2003), dentre outros autores. A metodologia utilizada nesta pesquisa fundamenta-se na abordagem qualitativa de base descritiva em que assumimos como procedimento metodológico as pesquisas bibliográfica e teórica.

Do ponto de vista dos procedimentos técnicos metodológicos, utilizamos a pesquisa bibliográfica a fim de tratar do fenômeno linguístico de flexão. Para tal, a presente pesquisa adota como aporte teórico trabalhos de análise e descrição de língua de autores consagrados, tais como, Câmara Jr. (1987), Rocha (2008), Azeredo (2008), Aronoff (1997) e Aronoff, Meir e Sandler (2005). Ainda, utilizamos a pesquisa bibliográfica a partir de materiais já publicados para identificar e descrever os processos flexionais de gênero e de número que ocorrem na Libras, em termos de instrumento de produção de dados, dentre estes estão os trabalhos de Ferreira Brito (1995), Felipe (1998) e Quadros e Karnopp (2004).

Objetivamos, por meio da pesquisa teórica e básica, aprofundar os conhecimentos e discussões sobre a composição léxico da Libras e a descrição da língua de uso corrente a partir de seus processos flexionais. Buscamos também, constatar a efetividade das teorias até então produzidas e compará-las com a realidade atual da língua, a fim de legitimar essas teorias ou observar a necessidade da produção e difusão de novos conhecimentos. Nesse contexto, a natureza da pesquisa é básica, uma vez que objetiva gerar conhecimentos novos para o avanço dos estudos linguísticos descritivos da Libras.

A fim de identificar, analisar e descrever os processos flexionais realizados na fala do surdo, participante da pesquisa, utilizamos como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada. Conforme Trivini (1987), a entrevista semiestruturada favorece a

descrição dos fenômenos sociais, convergindo com objeto da pesquisa, a fala espontânea e a sua condição sociointerativa. Nesse sentido, entrevista semiestruturada como processo de coletas de dados, também favorece a metodologia adotada de abordagem qualitativa de base descritiva.

Para tal, essa seção está organizada da seguinte maneira: inicialmente apresentamos os caminhos metodológicos dos estudos desenvolvidos. Em seguida, tratamos da natureza da pesquisa abordagem qualitativa de base descritiva, pesquisa bibliográfica, pesquisa teórica e básica. E, por fim apresentamos o cenário da pesquisa, o participante da pesquisa e o instrumento de coleta de dados.

#### **4.1 A natureza da pesquisa**

Conforme Fonseca (2002), a pesquisa possibilita aproximação e entendimento da realidade que se deseja investigar que consiste em um processo permanentemente inacabado. Assim, a pesquisa resulta num exame minucioso realizado por meio de procedimentos científicos. Nessa direção, a presente pesquisa propõe investigar os processos flexionais da Libras contemporânea, utilizando a perspectiva descritiva.

A natureza desta pesquisa é básica, uma vez que objetiva gerar conhecimentos novos para o avanço dos estudos linguísticos da Libras sem aplicação prática prevista. O levantamento do estado da arte desse tema apontou que até o presente momento, são poucos os estudos que propõem realizar pesquisa descritiva da Libras em contexto de uso corrente, assim, a presente pesquisa pode contribuir para os estudos linguísticos na área.

A partir da definição da natureza da pesquisa foi possível adotar a pesquisa teórica com o objetivo de aprofundar os conhecimentos sobre os estudos linguísticos da Libras. Por meio de uma abordagem descritiva, considerando a fala espontânea do surdo, foi possível descrever os processos flexionais da língua a partir dos estudos realizados até então a fim de legitimá-los e, ainda, aprofundar esses estudos objetivando produzir conhecimentos que possam contribuir com o avanço dos estudos descritivos da Libras.

Quanto à abordagem da pesquisa, utilizamos a pesquisa qualitativa de base descritiva. A pesquisa qualitativa consiste em uma abordagem oportuna e necessária para a pesquisa social, reconhecendo a língua como fenômeno social. A partir de uma concepção de que a língua é heterogênea e sócio historicamente constituída, é clara a condição que não pode

ser quantificada, mas necessita ser analisada e descrita em suas especificidades e condições de uso.

De acordo com Gil (2007), a pesquisa descritiva oportuniza ao pesquisador acessar as informações em várias fontes sobre o que deseja pesquisar, convergindo com a abordagem qualitativa e como procedimento metodológico no uso da pesquisa bibliográfica e teórica para análise dos dados obtidos na entrevista semiestruturada.

Utilizamos, como procedimento, a pesquisa bibliográfica a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas, a rigor científico na área descritiva da Libras, que tratam dos processos de flexão na organização interna do léxico. Assim como aborda Fonseca (2002), a partir da pesquisa bibliográfica procuramos referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios na área que possa contribuir com a pesquisa, sendo que esse material que servirá para aplicação da pesquisa teórica.

#### **4.2 Descrição do cenário de pesquisa**

Como cenário de pesquisa, tivemos como foco o contexto acadêmico em que se encontra inserido o participante da pesquisa que contribuiu para produção dos dados referente a Libras contemporânea. O contexto acadêmico é um lugar profícuo à utilização da Libras nos âmbitos de ensino, pesquisa e extensão. Nessa direção, o envolvimento com a língua é em contexto formal e informal.

A relação da Universidade com a Libras fica mais evidente a partir do reconhecimento do *status* linguístico da língua, adquirido por meio do seu reconhecimento pela atual legislação, a saber, a Lei 10.436/2002 e a regulamentação da referida lei pelo Decreto 5.626/2005. É nesse contexto de relação com a língua em que se encontram o participante da pesquisa, visto que vivenciou todo esse processo de regulamentação e difusão da Libras. Nesse sentido, o participante inserido no contexto acadêmico, pode contribuir para os estudos referentes ao léxico da Libras, sendo usuário dela em ambientes formativos, apresentando uma sinalização representativa do povo surdo.

Vale destacar que o contexto acadêmico promove o desenvolvimento do ensino, da pesquisa e a extensão de forma integrada e que as Universidades apresentam a função de produzir e disseminar conhecimentos. Dito isto, se configura como um espaço fértil para instrução, reflexão, discussão, argumentação envolvendo o uso de língua de forma articulada

e clara. Nesse caso, o surdo participante da pesquisa inserido neste contexto, possui um arcabouço lexical apurado e contextualizado, sendo possível contribuir para os estudos referentes ao processo descritivo dos processos de flexão de gênero e número na Libras.

### 4.3 O participante da pesquisa

Constituiu participante de pesquisa, um docente surdo que ministra a disciplina de Libras em cursos de licenciatura em uma universidade brasileira. O participante da pesquisa atende aos critérios pré-definidos de ser pessoa surda adulta que atua no ensino de línguas em contexto acadêmico e que tem a Libras como língua materna, sendo usuário dela em contextos formais e informais. Diante disso, ele utiliza a Libras como principal meio de comunicação, além de ensinar essa língua de maneira formal, fazendo uso com propriedade e legitimidade, uma vez que conhece suas especificidades linguísticas.

O participante da pesquisa é ativo nos movimentos surdos em especial na luta pela efetivação e implementação das escolas bilíngues. A sua trajetória é marcada pelos seus ideais de luta em prol da comunidade surda brasileira, em especial para que se cumpram os direitos linguísticos dos surdos. Ele estudou no Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, no Rio de Janeiro, o que diz muito sobre sua formação, uma vez que este instituto é referência na educação dos surdos no país. Anos mais tarde, o participante foi aprovado em concurso público, assumiu a docência, e nesse ínterim, ingressou na Pós Graduação *stricto sensu*, concluindo com êxito seus estudos no Mestrado. Recentemente foi aprovado no processo seletivo do Doutorado e prossegue com suas pesquisas na área da educação dos surdos.

Assim sendo, o participante da pesquisa está inserido no contexto de ensino superior e possui um arcabouço lexical apurado e contextualizado, o que contribui para a presente pesquisa de análise descritiva do léxico da Libras, em específico dos processos de flexão nominal. Diante disso, após liberação do Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos – CEP, ele foi contatado pessoalmente, para posterior contato presencial com a finalidade de aplicar a entrevista semiestruturada.

A amostra filmada teve duração de 15 minutos e 7 segundos, o que possibilitou o levantamento e constatação dos encadeamentos e/ou jogos semânticos produzidos para dar efeito de sentido no texto. Por meio de roteiro flexível, abordamos a temática da importância da Libras para os surdos e ouvintes, visando proporcionar condições de acesso à língua espontânea dos surdos. A fala/sinalizada do participante da pesquisa apresentou

aspectos, tais como a narração, argumentação, descrição e também instrução, na produção de estruturas frasais ricas por meio do uso de um léxico contextualizado.

#### **4.4 Trajetórias da pesquisa**

Conforme explicitado anteriormente, a metodologia utilizada nesta pesquisa fundamenta-se na abordagem qualitativa de base descritiva. Como procedimento metodológico utilizamos a pesquisa bibliográfica e teórica. Em relação à pesquisa descritiva, conforme Silva (1999) tem por objetivo descrever as observações linguísticas atestadas entre os falantes de uma língua, sem prescrever normas ou sem julgamento de correto incorreto, documentando uma língua da forma como se manifesta no momento da transcrição.

Nessa direção, a metodologia adotada contribuiu para o êxito em realizar a descrição da estrutura e funcionamento da Libras em uso corrente, em específico, dos processos de flexão de gênero e de número a partir dos mecanismos de modificação interna dos sinais, anteposição e posposição de morfemas ou classificadores e repetição do item lexical da língua, processos de composição dos sinais ou articulação desses signos para produzir sentidos presente na fala sinalizada do participante da pesquisa.

O participante da pesquisa é surdo, atua como docente de Libras no ensino de segunda língua em cursos de licenciatura no ensino superior de uma universidade pública, sendo o contexto acadêmico o cenário de coleta de dados. Os dados foram coletados a partir do instrumento de entrevista semiestruturada que foi aplicada a esse docente surdo. Conforme Triviño (1987), a entrevista semiestruturada favorece a descrição dos fenômenos sociais. Ao tomar como objeto de pesquisa o fenômeno de flexão de gênero e número presente na fala espontâneo do surdo, utilizamos esse procedimento metodológico no processo de coleta de dados.

Além da metodologia qualitativa de base descritiva utilizada na descrição dos dados coletados a partir da entrevista semiestruturada, a pesquisa também contou como procedimento metodológico para análise e descrição dos dados, da pesquisa teórica e bibliográfica.

Em relação aos processos morfológicos de flexão de gênero (animado/inanimado) e (masculino/feminino) e flexão de número nos nomes, elaboramos uma síntese resumitiva sobre a morfologia utilizada no processo de formação de sinais.

Flexão de gênero	Morfologia	Flexão de número	Morfologia
Classificador: Morfema marcador de gênero animado e inanimado <b>- configuração de mão</b>	Segmentar simultânea	Incorporação de número	Intrassegmentar
Classificador: Morfema marcador de gênero animado e inanimado <b>- formante dependente</b>	Segmentar sequencial	Alterações no movimento e direcionalidade	Intrassegmentar
Anteposição ou posposição de morfema indicador de gênero masculino e feminino	Segmentar sequencial	Anteposição ou posposição de numerais e dos sinais MUITO, VÁRIOS, GRUPO, MAIORIA, ALGUNS	Segmentar sequencial
		Repetição do sinal	Segmentar sequencial e simultânea
		Classificador: <b>morfema quantificador e formante dependente</b>	Segmentar Simultânea e sequencial

**Figura 6:** Quadro síntese resumitiva sobre a morfologia utilizada no processo de formação de sinais. Fonte: a própria autora (2020) a partir da proposta de Schwager e Zeshan (2008).

A finalidade desse quadro é a de auxiliar na classificação dos fenômenos de flexão e também de nortear a análise de dados.

No que se refere à organização da fala sinalizada do participante da pesquisa, esta foi separada em períodos (excertos) conforme a delimitação das proposições em Libras realizadas pelo sinalizador. Os itens lexicais distinguidos de acordo com a função realizada no excerto, a fim de identificar os nomes, à luz do referencial, foram identificados e descritos os processos de flexão nominal.

Optamos por utilizar glosas para descrever os sinais levantados, uma vez que atualmente o processo de escrita da Libras ainda é pouco difundido. A esse respeito, a glosa é um sistema de transcrição que utiliza as palavras de uma determinada língua oral grafadas com letras maiúsculas que representam sinais manuais de sentido próximo. Assim, na possibilidade de desenvolver um trabalho que alcance um público maior, optamos pela utilização de glosas. Como a Libras é uma língua de modalidade espaço-visual e apresenta diferentes aspectos que permitem o seu registro por meio de imagens e vídeos, utilizamos o processo de captura de imagem para a análise dos dados, tendo em vista o formato de registro impresso da dissertação.

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos – CEP a fim de receber a autorização para a realização da pesquisa. Após um levantamento dos docentes surdos que atuam no contexto superior com o ensino da Libras e que atendem ao critério de ter a referida língua como língua materna e de ser usuários dela como principal meio de comunicação, elaboramos uma lista de possíveis participantes da pesquisa. Assim que recebemos a permissão do CEP, entramos em contato pessoalmente com um dos docentes como possível participante de pesquisa, no intuito de consultar sobre seu interesse e disponibilidade de participar do presente estudo.

O docente atendia a todos os critérios elencados anteriormente e prontamente se dispôs a contribuir para a pesquisa. Assim, marcamos o horário da aplicação da entrevista semiestruturada, conforme disponibilidade do professor surdo. Por meio de roteiro flexível, abordamos a temática da importância da Libras para os surdos e ouvintes. A entrevista foi filmada em estúdio com boa iluminação e durou 15 minutos e 7 segundos, em que optamos por não engessar o tempo de entrevista, o que contribuiu para uma fala espontânea.

Os critérios de escolha de perfil de participantes de pesquisa, tempo de fala/sinalização e temática visaram o acesso à linguagem espontânea que apresenta aspectos, tais como a narração, argumentação, descrição e também instrução, o que exige ricas estruturas frasais e uso de um léxico apurado e contextualizado. Tais aspectos denotam todo um jogo semântico criado a partir das escolhas lexicais do falante surdo, prática de linguagem que muito interessa a esse estudo. Tais critérios visaram proporcionar condições de acesso à língua vernácula dos surdos, evitando fazer descrição da língua em situações de tradução.

Sendo assim, apresentamos a síntese da base de dados: a) transcrição do texto sinalizado pelo docente surdo; b) organização do texto em excertos conforme delimitação das proposições em Libras realizadas pelo sinalizador; c) identificação dos sinais que se realizaram na função de nomes (substantivos, adjetivos, pronomes e outros); d) identificação dos processos de flexão de gênero e número; e) identificação e descrição dos mecanismos utilizados para produzir tais flexões; e, por fim, f) identificação e descrição dos processos morfológicos empregados nesses mecanismos (intra-segmentar, supra-segmentar, segmentar linear e segmentar simultânea) a partir da proposta de Schwager e Zeshan (2008).

Dessa maneira, a coleta e análise dos dados consideraram a seguinte ordem:

- 1) Elaboração de um roteiro flexível para a entrevista semiestruturada realizada com os docentes surdos que ministram a disciplina de Libras no contexto acadêmico, que têm essa língua como língua materna e a utilizam como principal meio de comunicação;
- 2) Levantamento e contato com os docentes surdos;

- 3) Aplicação da entrevista semiestruturada para o docente surdo que se dispôs a participar da pesquisa;
- 4) Transcrição dos textos sinalizados pelo docente surdo utilizando os sistemas em glosas de transcrição de enunciados e textos de línguas de sinais propostos por Ferreira Brito (1995) e Quadros e Karnopp (2004), que apresentamos como anexo;
- 5) Levantamento dos sinais que se realizaram na função de nomes, da identificação das classes gramaticais dos sinais a partir de sua função na composição do enunciado;
- 6) Levantamento dos sinais que apresentaram relação com os processos flexionais de gênero e número;
- 7) Identificação e descrição dos mecanismos de flexão utilizados nos excertos para produzir marcação de plural e de gênero;
- 8) Identificação e descrição dos processos morfológicos empregados para produzir as flexões.

Diante disso, essa pesquisa teve como base de coleta de dados, os seguintes elementos, a saber:

- 1) Entrevista semiestruturada elaborada a partir de um roteiro flexível, aplicado ao docente surdo que ministra a disciplina de Libras em curso de licenciatura ofertada por universidade pública;
- 2) Aporte teórico que trata sobre o fenômeno linguístico de flexão de gênero e número, tais como; Câmara Jr. (1987), Rocha (2008), Azeredo (2008), Aronoff (1997) e Aronoff, Meir e Sandler (2005).
- 3) Referencial teórico referente aos processos flexionais nas línguas de sinais e, em específico da Libras; Ferreira Brito (1995), Felipe (1998) e Quadros e Karnopp (2004).

Para a análise de dados, a fala sinalizada espontânea, coletada a partir da entrevista semiestruturada realizada com pessoa surda adulta foi analisada na perspectiva morfológica, sintática e semântica para descrever como os sinais foram combinados entre si para produzirem o fenômeno de flexão. Nesse movimento, as combinações de sinais realizadas para se conseguir efeitos de sentidos nos excertos foram descritas, considerando os aspectos sintáticos para organizar a mensagem, considerando a categoria/classe gramatical do sinal a partir de sua função na composição do enunciado.

Especificamente, levantamos e categorizamos os processos flexionais que se realizam na fala sinalizada do participante da pesquisa, surdo docente no Ensino Superior; analisamos a estrutura interna dos sinais flexionados, apontando as regras de combinação que organizam a flexão desses sinais; e por fim, identificamos e descrevemos os processos flexionais de gênero e de número ocorridos na fala sinalizada do docente surdo. Para tanto, a

entrevista semiestruturada a qual o participante da pesquisa foi submetido contou com um roteiro flexível, abordando a temática da importância da Libras para os surdos e ouvintes, aplicada no sentido de coletar dados a partir da fala espontânea.

Inicialmente, apresentamos a fala em Libras realizada pelo docente surdo, na íntegra, a partir do registro da língua em glosas. Para tal, utilizamos os sistemas de glosas de transcrição de enunciados e textos de línguas de sinais propostos por Ferreira Brito (1995) e Quadros e Karnopp (2004), que apresentamos anexo à dissertação. Dentre a glosa, inserimos algumas informações delimitadas por parêntese, a fim de contextualizar a realização da produção sinalizada. Após as glosas, apresentamos uma breve descrição do conteúdo do excerto em Língua Portuguesa, no intuito de complementar os sentidos da sinalização não contemplados na transcrição.

Visto que muitos fenômenos linguísticos da Libras são realizados de forma diferente da Língua Portuguesa, devido a sua modalidade espacial e morfologia simultânea, conforme apresentamos na seção anterior, reconhecemos a necessidade do uso de recursos tecnológicos visuais para apreensão desses fenômenos. Diante disso, utilizamos o recurso de fotos, considerando o formato de registro impresso da dissertação.

Estabelecer critérios para classes de palavras na Libras é uma tarefa desafiadora e exaustiva, conforme discutido na seção três, sendo assim, operaremos com as unidades lexicais fundamentais, seres/entidades como correspondentes ao substantivo; e, propriedades/atributos como correspondentes a adjetivos, condições apontadas como aceitáveis e favoráveis pelos autores Azeredo (2008); Neves (2006); e, Schwager e Zeshan (2008). Com base em Neves (2006), propusemos analisar as unidades da língua considerando nos seus aspectos sintáticos em relação ao texto, além de suas composições isoladas mórfica e de sentido.

Identificados os itens lexicais componentes dos excertos, realizamos um levantamento e categorização dos processos flexionais de gênero e número. Os itens que se enquadrarem como sendo de gênero animado serão reanalisados em relação ao gênero masculino e feminino. A estrutura interna de tais itens foi analisada e descrita à luz do referencial teórico, a fim de apontar as regras de combinação e a composição desses sinais. Para descrever o processo de composição dos sinais que apresentarem flexão, identificamos os parâmetros e indicamos, também, qualquer alteração na forma de execução destes, caso houver. Utilizamos a tabela sistematizada por Nelson Pimenta (2001) que cataloga 61 configurações de mãos, sendo seus estudos amplamente reconhecido e utilizado nos trabalhos linguísticos que necessitam identificar tais configurações.

**Figura 7:** Configurações de Mãos sistematizadas por Nelson Pimenta (2001).



**Fonte:** Pimenta e Quadros (2006, p. 73)

Por fim, identificados os morfemas e/ou suas combinações responsáveis pela realização dos processos flexionais de gênero e número nos nomes, classificamos conforme a tipologia da representação fonológica da morfologia nas línguas de sinais, apresentada em Schwager e Zeshan (2008), e identificamos se tal composição ou formação de signo se enquadra na morfologia intrassegmentar, suprasegmentar e segmentar. Na presença de composição relacionada ou formação resultante da morfologia segmentar, analisamos se a realização da flexão ocorre de forma simultânea ou sequencial (linear).

A fim de sistematizar os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa e apresentados nessa seção, apresentamos a seguir um quadro síntese:

**Figura 8:** Quadro Síntese dos Procedimentos Metodológicos: tratamento e análise dos dados obtidos na entrevista semiestruturada

I TRATAMENTOS DOS DADOS OBTIDOS NA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	
1º	A fala sinalizada do participante da pesquisa foi separada em enunciados, de acordo com o modo como foram proferidas, considerando os aspectos de entonação para marcar início e término de fala.
2º	Registramos tais enunciados no formato de excerto utilizando o sistema de transcrição em glosas, recorrendo ao recurso da interlíngua.
3º	Utilizamos os sinais de pontuação como recursos gráficos no intuito de recuperar recursos específicos da língua sinalizada, tais como, perguntas diretas, dúvidas, pausas, dentre outros.
4º	Em relação ao sistema de glosa usado, fizemos um consenso entre os itens semelhantes presentes em ambos os Sistemas de Transcrição da Ferreira Brito (1995) e da Quadros e Karnopp (2004), de acordo com a necessidade de transcrição dos excertos, conforme pode ser observado no Apêndice D.
5º	Empregamos o sistema de glosa, organizada em excertos, apenas para fins de registro, considerando a modalidade textual da dissertação, porém a análise descritiva dos aspectos de flexão nominal de gênero e de número na fala sinalizada pautou-se nos vídeos, os quais recorreremos repetidas vezes a fim de visualizar, à luz do referencial teórico, tais realizações especificamente na Libras.
6º	Visto que a glosa não se concretiza nem como um texto na Língua Portuguesa, nem na Libras, mas, como um texto em interlíngua, buscamos fazer um parágrafo na Língua Portuguesa após cada excerto, registrado em interlíngua (glosa), com o intuito de articulá-los proporcionando ao leitor a contextualização a respeito do que se trata a fala sinalizada.
II DOS PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS	
1º	Reiteramos que, devido à glosa ser uma produção da interlíngua, ao analisarmos os vídeos nos desvencilhamos das glosas, analisamos apenas a Libras em específico, uma vez que os processos de flexão nominal de gênero e número se realizaram nela.

2º	Analisamos os processos flexionais da Libras considerando seus aspectos morfológicos, sintáticos e semânticos. Inicialmente, com base na produção da enunciação identificamos a função que os sinais receberam ao serem empregados no contexto, quanto a se referirem, dentro da categoria lexical, à classe dos seres/entidades correspondentes aos substantivos ou à classe propriedades/atributos correspondentes ao adjetivo, com o intuito de identificar nomes.
3º	Em seguida buscamos identificar nesses nomes quais se referiam ao gênero animado e quais ao gênero inanimado, observando qualquer marcação de gênero (sexo) masculino e feminino. Em relação ao número analisamos as marcações de singular e plural indicadas no referencial teórico. Também analisamos os processos de construção de sentido de gênero masculino/feminino e plural nos excertos realizados pela composição dos sinais.
4º	Após identificar os fenômenos de flexão de gênero e número apresentamos uma descrição da realização de tais morfemas (livre, dependente ou preso), indicando o processo empregado em suas produções, observando se apresentaram morfologia intrassegmentar, suprasegmentar, segmentar linear ou segmentar simultânea.

Fonte: elaborado pela própria autora

Enfim, a trajetória de pesquisa foi assim delineada, com vistas a alcançar o objetivo principal da pesquisa que consiste em analisar e descrever como se dão os processos de flexão nominal de gênero e número na Libras a partir da fala sinalizada do surdo, participante da pesquisa. Para tanto, apresentaremos a seguir a análise dos dados à luz da teoria e metodologia já discutida em momento anterior.

## **5 REALIZAÇÃO DOS PROCESSOS FLEXIONAIS NA FALA DO SURDO**

Nesta parte da pesquisa, apresentamos os resultados adquiridos na análise dos dados da pesquisa, cujo objetivo foi o de responder à pergunta: *Como o fenômeno da flexão nominal de gênero (masculino e feminino) e de número (singular e plural) se realiza na fala do surdo?*

Por meio da análise dos dados coletados por meio da entrevista semiestruturada, esperamos poder levantar e descrever os processos de flexão nominal expressos na fala espontânea do surdo participante da pesquisa, com o enfoque nas categorias de gênero e número.

### **5.0 Os processos de flexão nominal expressos na fala espontânea do Surdo participante da pesquisa: categorias de gênero e número**

A definição geral para flexão envolve a ação de fletir, dobrar-se ou curvar-se. Na academia, flexão é o nome dado ao movimento de aproximação entre partes do corpo por meio de ação muscular. Algo semelhante acontece com a língua e nesse contexto, a morfologia permite que as palavras sejam modificadas, ora partes delas são retiradas, ora outras partes são acrescentadas para inserir ou omitir informações gramaticais.

Algumas línguas de modalidade oral auditiva, como a Língua Portuguesa, apresentam flexão explícita pelo uso de afixos (prefixos, infixos e sufixos) ou então, apresentam modificações internas nas palavras, como a mudança de uma vogal. De acordo com Schwager e Zeshan (2008), nas línguas orais, geralmente a afixação é um dos processos sequenciais que adicionam morfemas antes ou depois de uma raiz. Nessa direção, essas línguas apresentam uma morfologia linear, em processo morfológico mais explícito. Em contrapartida, conforme Ferreira Brito (1995); Felipe (1998); Quadros e Karnopp (2004); Aronoff, Meir e Sandler (2005); e, Schwager e Zeshan (2008) a morfologiasegmentar nas línguas de sinais é mais simultânea, embora o plano de linearidade também pode se realizar.

Nos intriga saber como o fenômeno de flexão se realiza na fala do surdo, em específico, a flexão nominal de gênero e de número. A fim de elucidar essa problemática, partimos do referencial teórico para compreender como se dá o processo flexional da Libras em processo de comunicação, ou seja, na língua em uso. Nessa direção, consideramos com Felipe (2006) que na flexão de gênero os afixos (morfemas/classificadores) que justapõem a raiz verbal ou nominal como marca de flexão de gênero animado e inanimado e que a flexão de número na Libras acontece por meio da modificação interna da raiz pelos mecanismos

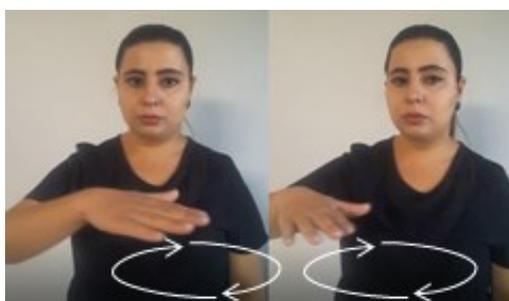
como a incorporação de numerais, fenômenos, os quais podem ser observados já no excerto a seguir.

Excerto 1 - —!— [*ergueu as palma das mãos que estavam voltadas para baixo – sentido de “nessas circunstâncias” ou “então”*], <SURD@> t <MD com palma para baixo por meio de movimento circular marcando espaço neutro>cl É IMPORTANTE LÍNGUA-DE-SINAIS POR-CAUSA COMUNICAR PRIMEIRA-LÍNGUA.

No excerto, o locutor trata da importância da Libras para pessoa surda, uma vez que esta língua, geralmente, é sua primeira língua ou língua natural. Dentre a categoria lexical, retomando Azeredo (2008), é possível identificar no excerto, a classe dos seres/entidades os substantivos SURDO, LÍNGUA-DE-SINAIS, PRIMEIRA-LÍNGUA e a classe propriedades/atributos o adjetivo IMPORTANTE. Dentre esses itens lexicais, há distinção entre o substantivo SURDO como referente ao gênero animado (pessoa) e LINGUA-DE-SINAIS, PRIMEIRA-LÍNGUA e em IMPORTANTE como referentes ao gênero inanimado. Porém, tal distinção se deu com base no contexto e em aspectos semânticos dos itens lexicais, uma vez que não apresentaram morfemas indicadores de gênero (animado/inanimado).

Em relação ao gênero masculino e feminino referente a seres animados, conforme Ferreira Brito (1995), analisando o substantivo SURD@ que se enquadra nessa categoria, constatamos que não houve a posposição ou anteposição de morfemas livres indicativos de gênero, uma vez que o contexto se refere aos surdos em geral, não necessitou da distinção entre surdos (homens) e surdas (mulheres).

Identificamos nesse excerto a utilização de marcação do espaço (*MD com palma para baixo por meio de movimento circular marca o espaço neutro utilizando a CM 61*) realizado para indicar semanticamente que não se trata apenas de um surdo, mas dos surdos em geral.



**Figura 9:** Marcador de espaço neutro

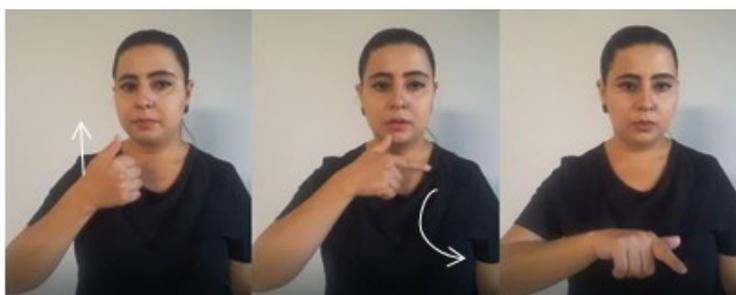
O classificador apresentou, além da configuração de mão, movimento, orientação e ponto de articulação, porém, seu significado está atrelado ao item lexical SURD@, em

consonância com Felipe (2002) que entende o classificador como categoria semântica, que pode se apresentar tanto como formantes presos ou dependentes, sendo o caso acima como formante dependente.

De acordo com Quadros (2004), Ferreira Brito (1995) e Felipe (2006), o classificador é um tipo de morfema, que pode ser afixado a outros morfemas ou itens lexicais para mencionar a classe a que pertence o referente desse sinal. Para Felipe (1998), o parâmetro configuração de mão pode ser marcador de flexão de gênero animado e inanimado, e assim, mencionar a classe morfossintática gênero. Nessa direção, foi possível considerar a marcação de plural apresentada como sendo um morfema classificador de quantidade indeterminada (indicando a classe morfossintática número), porém, é realizado não como afixo, mas posposto ao substantivo *Surd@* com função gramatical, marcação de plural em um nome.

A partir da análise do processo de construção de sentido plural no excerto realizado pela composição do classificador posposto ao sinal *SURD@*, ao encontro de Schwager e Zeshan (2008), identificamos a morfologia segmentar, a partir da composição sequencial dos signos. Com isso, o referido classificador se realizou como morfema livre, porém, foi posposto a *SURD@* como formante dependente, ligando o sentido plural do classificador ao item lexical *SURD@*.

Outro item do primeiro excerto que apresenta numeral é o sinal *PRIMEIRA-LÍNGUA*. O numeral ordinal *UM* é anteposto ao sinal de *LÍNGUA*, apresentando assim, sentido de primeira língua adquirida por meio de aquisição, língua natural ou até mesmo língua materna.



**Figura 10:** PRIMEIRA-LÍNGUA

Vale destacar que esse item lexical não apresentou informação gramatical de quantidade, mas a formação de um novo sentido a partir do processo de composição formado a partir da justaposição de dois itens lexicais, *PRIMEIRO+LÍNGUA*, conforme Felipe (2006), pela regra da composição. Assim, foi possível depreender que esse caso não se trata de flexão,

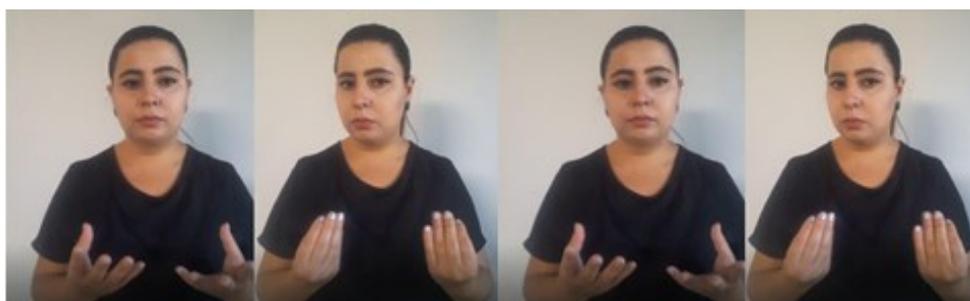
mas de derivação, conforme a definição de Valli, Lucas e Mulrooney (2005), de adicionar informações a uma unidade objetivando a criação de uma nova unidade.

No próximo excerto, observamos que o enunciador destaca que se não houvesse a língua de sinais (Libras), os surdos seriam realmente como que mudos, por assim dizer, pois, ficariam impossibilitados de se expressar. Identificamos dentro da categoria dos nomes os sinais correspondentes a adjetivos, advérbios e pronomes. É o que está pontuado a seguir:

Excerto 2 - SE (*condição*) LÍNGUA-DE-SINAIS NADA IMPOSSÍVEL++  
COMUNICAR <NÃO-SABER> n (*negativa incorporada no sinal*) <COMO  
COMUNICAR>qu MUD@ SIM. MAS (*oposição*) LÍNGUA-DE-SINAIS MUITO  
AJUDAR (*intensificador*) SURD@ ABRIR-A-MENTE ENTENDER  
COMUNICAR MAIS (*sinal de adição*)<sup>3</sup> PIFORMAR<sub>1</sub> (*sinal realizado com as  
duas mãos*) VÁRIOS, ISSO/Loc j (*dêitico*) IMPORTANTE.

Cumpré destacar que o enunciador afirma que a língua de sinais é MUITO importante para os surdos porque lhes possibilita uma série de coisas, dentre as quais, se comunicar, ter acesso a informações, o que possibilita o desenvolvimento intelectual. Dentre a categoria dos nomes foi possível identificar na classe dos seres/entidades os sinais correspondentes aos substantivos SURDO e LÍNGUA-DE-SINAIS; na classe propriedades/atributos os sinais correspondentes aos adjetivos MUDO, IMPORTANTE; os advérbios MUITO, o pronome indefinido VÁRIOS e o pronome demonstrativo ISSO.

Retomamos os estudos de Felipe (1998) para ser possível distinguir os itens lexicais MUDO e SURDO como referente ao gênero animado (pessoas) e os demais itens lexicais como referentes ao gênero inanimado. Porém, para realizar tal classificação consideramos novamente os aspectos semânticos dos itens lexicais de acordo com o contexto, uma vez que não se apresentam morfemas para marcar a distinção entre seres animados ou inanimados. Ao considerar o gênero animado, SURDO e MUDO, observamos que não apresentaram posposição de morfemas que indica sexo masculino e feminino, conforme descrito por Ferreira Brito (1995), uma vez que o contexto não exigiu tal informação gramatical.



**Figura 11:** MUITO

O advérbio MUITO está intensificando o sentido do verbo AJUDAR, se realizando como advérbio de intensidade, anteposto a um verbo. Diante disso, observamos que não se realizou como um pronome indefinido indicando variação em número em um substantivo. Portanto, não está relacionado a processos de flexão em nomes. Por outro lado, VÁRIOS está exercendo a função de pronome indefinido indicando plural, com sentido de quantidade e diversidade. Nesse contexto, apresenta sentido de que a língua de sinais contribui com o surdo “de várias maneiras”.

O processo de construção de sentido plural no excerto foi realizado pela composição dos sinais, LÍNGUA-DE-SINAIS MUITO AJUDAR SURD@ ABRIR-A-MENTE ENTENDER COMUNICAR MAIS<sub>3</sub> INFORMAR, uma listagem de elementos, seguido do pronome indefinido VÁRIOS. Nesse contexto, ao encontro de Schwager e Zeshan (2008), identificamos a morfologia segmentar, a partir da composição sequencial dos signos. Nessa direção, o pronome indefinido VÁRIOS se realizou como morfema livre posposto a uma listagem de itens, resultando no sentido aproximado no português “e outros” ou “etc”, resultando no sentido plural no excerto.

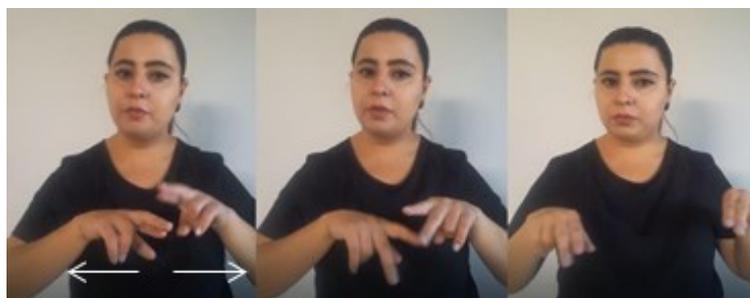
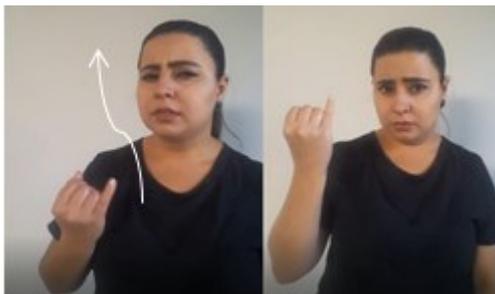


Figura 12: VÁRIOS

O sinal IMPORTANTE está relacionado à necessidade dos surdos de aprender a língua de sinais para se comunicar e ter acesso a mais informações; assim, observamos que tais elementos antecederam a realização do sinal, como pode ser observado na transcrição do excerto. Destacamos que o sinal foi anteposto pelo pronome demonstrativo de 2ª pessoa ISSO, porém, não para marcar a posição desses elementos em relação ao enunciador, mas para recuperar os elementos tratados no texto, anteriormente (anáforas), e abrangendo elementos fora do texto (dêixis/situacional), sendo que IMPORTANTE estaria qualificando tais elementos.



**Figura 13: IMPORTANTE**

Nesse contexto, houve alteração no parâmetro movimento do sinal IMPORTANTE. O movimento foi realizado de forma mais lenta e alongada, que conforme Felipe (2006), indica a incorporação do intensificador MUITO. Nesse contexto, a incorporação de MUITO intensifica o adjetivo IMPORTANTE. Essa constatação vai ao encontro de Ferreira Brito (1995), que afirma que o adjetivo flexiona em grau, podendo ser intensificado a partir de movimentos acelerado e encurtamento ou movimento frouxo e leve. Porém, não indica variação de quantidade (flexão de número) e nem de gênero (animado/inanimado) ou (masculino/feminino).

No excerto a seguir, o enunciador indica a importância do professor de língua de sinais para o desenvolvimento da criança surda, uma vez que, segundo ele, a maioria das crianças surdas é proveniente de famílias ouvintes. Devido ao desconhecimento da Libras por parte da família ouvinte, não é possível estabelecer uma comunicação efetiva com a criança surda. Na análise seguinte, observamos sinais relacionados aos seres animados e inanimados.

Excerto 3- <CRIANÇA@ SURD@> t [Dedo indicador levantado - sentido de “veja a situação”] <marcação direcional de pessoa>cl pro1 PROFESSOR@ LINGUA-DE-SINAIS<sub>1</sub> ENSINAR<sub>2</sub> CRIANÇA@ [plural repetição] SURD@ PRECISAR MUITO PORQUE AS-VEZES FAMÍLIA MÃE OUVINTE, <MAIORIA FAMÍLIA@ OUVINTE> r NÃO-SABE<sub>1</sub> COMUNICAR<sub>2</sub> NADA, BARREIRA-DE-COMUNICAÇÃO [sinal de comunicação, pela mudança no parâmetro do movimento produção de sentido oposto].

Ao considerar a categoria lexical descrita em Azeredo (2008), a classe de seres/entidades que estão relacionadas aos substantivos, e a classe de propriedades/atributos correspondente ao adjetivo, identificamos no excerto os sinais CRIANÇA, SURDO, PROFESSOR, MÃE, OUVINTE relacionados a seres animados (pessoas) e os sinais LÍNGUA-DE-SINAIS, FAMÍLIA relacionados a seres inanimados (coisas). Embora o item lexical FAMÍLIA seja empregado tendo como referentes apenas seres animados, tal item não pode ser classificado como sendo do gênero animado. A diferenciação de gênero animado e inanimado se deu semanticamente a partir de itens lexicais independentes no contexto e não

por meio de morfemas classificadores que funcionam como afixos que se justapõem a raiz verbal ou nominal como marca de flexão de gênero, conforme Felipe (1998) descreveu a partir dos dados que obteve em sua pesquisa.

Em relação à marcação de gênero masculino e feminino nos seres animados, não se manifestou nos sinais CRIANÇA, SURDO, PROFESSOR e OUVINTE. Conforme Ferreira Brito (1995), os nomes, geralmente, não apresentam flexão de gênero, com exceção de alguns substantivos em que a indicação de sexo é realizada pospondo-se o sinal HOMEM/MULHER, indistintamente para pessoas e animais, ou seja, seres animados. Esse último fenômeno se manifestou no excerto analisado no sinal MÃE. Observamos com Ferreira Brito (1995), que os sinais PAI e MÃE são formados a partir do processo de composição, e com isso, identificamos o mesmo tipo de sinal MÃE, formado pela anteposição a DAR-BENÇÃO do sinal MULHER, conforme pode ser observado na imagem abaixo:



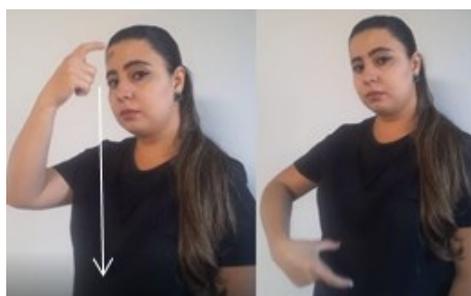
**Figura 14: MÃE**

Os sinais em Libras não apresentam um nome correspondente e totalmente equivalente na Língua Portuguesa, visto que se trata de línguas distintas de modalidades diferentes. Somos nós, ouvintes brasileiros, que damos nomes aos sinais, utilizando a Língua Portuguesa, como consta na transcrição do excerto. Diante disso, chamamos a atenção para que o item indicado na imagem muitas vezes denominado como MULHER, conforme Ferreira Brito (1995) elucida, pode ser empregado também a animais. Como exemplo, a sentença GAT@ MULHER pode apresentar dois seres distintos do gênero animado (pessoa/animal). Diante disso, foi possível concluir que o item da imagem é um morfema indicador de gênero feminino.

Visto dessa forma, GAT@ pode ser empregado acrescido de morfema livre indicador de gênero feminino ou masculino, para formar um item lexical, GATA ou GATO. Assim, como o acréscimo de tal tipo de morfema pode ser utilizado para indicar o gênero dos membros da família, conforme o item lexical MÃE descrito acima, mudando o morfema livre

feminino para o masculino, obteríamos o item lexical PAI. Porém, o mesmo item, empregado individualmente, pode se manifestar não como morfema livre, mas como item lexical indicador de pessoa do gênero feminino MULHER ou item lexical indicador de pessoa do gênero masculino HOMEM.

O processo de flexão de gênero feminino no sinal MÃE se deu pelo processo de afixação, com base em Schwager e Zeshan (2008), identicamos a morfologia segmentar, a partir da composição sequencial dos morfemas. Assim, o afixo marcador do gênero feminino se realizou como morfema que (apesar de livre) foi afixado a outro morfema indicador de progenitores. A entidade observada a seguir apresentou configuração de mão CM 19, palma posicionada em frente ao corpo do emissor, com movimento vertical de cima para baixo. Anteposto ao sinal PROFESSOR, indicou sentido dependente, pois se realizou como marcador para pessoa, utilizada no contexto para indicar a pessoa do professor de língua de sinais, se realizando como morfema dependente.



**Figura 15:** MARCADOR DE PESSOA - CL

Retomamos Felipe (1998) para elucidar que o mecanismo de flexão de gênero pode ocorrer a partir de certos parâmetros que funcionam como classificadores utilizados para marcar concordância de gênero animado e inanimado. Com Quadros (2004), Ferreira Brito (1995) e Felipe (2006), entendemos que o classificador na língua de sinais é um morfema que pode ser utilizado para mencionar a classe a que pertence o referente desse sinal. Nessas condições, o morfema acima se realizou como classificador marcador do gênero animado (pessoas).

A partir da análise do processo de marcação de gênero animado, identificamos a morfologia segmentar na perspectiva de Schwager e Zeshan (2008), pela composição sequencial das entidades, classificador seguido de PROFESSOR. Nessa perspectiva, o classificador marcador de pessoa se realizou como morfema livre, no entanto, foi anteposto a PROFESSOR como formante dependente, ligando o sentido de gênero animado do classificador ao item lexical.

A seguir na figura 12, é possível observar que o substantivo CRIANÇA@ apresenta flexão de número pela repetição do sinal, conforme afirmam Ferreira Brito (1995) e Quadros e Karnopp (2004). Diante disso, observamos que a estrutura sintática da sentença é topicalizada e o enunciador apresenta o sinal com marcação de plural por repetição duas vezes. Destacamos que o adjetivo que qualifica CRIANÇA@, posposto a esse sinal, não apresenta marcação de plural - SURD@, ou seja, não estabelece concordância como ocorre na Língua Portuguesa.

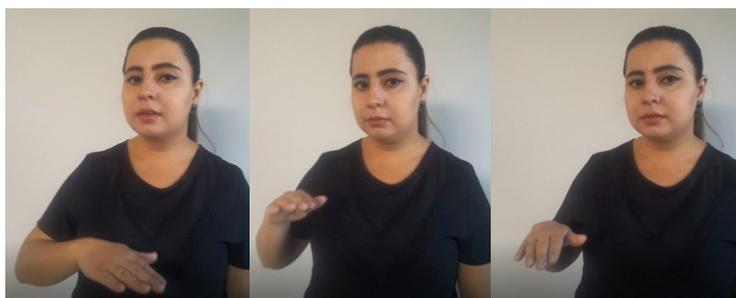


Figura 16: CRIANÇAS

Ao encontro do que afirma Schwager e Zeshan (2008), identificamos no sinal ilustrado acima, que dentre a morfologia segmentar, ocorre o processo sequencial de reduplicação. É possível observar que o sinal CRIANÇA@ teve sua configuração de mão reduplicada, espelhando seu movimento em que o sinal foi repetido utilizando a mesma mão, sequencialmente, para flexionar em número.

Ainda no excerto 3, observamos que o sinal MUITO apresentou a função de intensificador do verbo PRECISAR, como advérbio de intensidade posposto ao verbo, ao invés de anteposto, como ocorreu anteriormente. Dito de outra maneira, MUITO não indica flexão de número e nem apresenta sentido plural.

Prosseguindo com a análise, a figura 13 apresenta o sinal de MAIORIA em que esse substantivo empregado no contexto, apresentou no excerto o sentido de o maior número e está anteposto ao substantivo FAMÍLIA estabelecendo uma relação de quantidade, “mais da metade das pessoas surdas têm familiares (pai/mãe) ouvintes”. Logo, é possível perceber que MAIORIA FAMÍLIA OUVINTE é uma sentença encaixada em PROFESSOR@ LINGUA-DE-SINAIS <sub>1</sub>ENSINAR<sub>2</sub> CRIANÇA@ SURD@ PRECISAR MUITOS PORQUE AS-VEZES FAMÍLIA MÃE OUVINTE NÃO-SABE <sub>1</sub>COMUNICAR<sub>2</sub> NADA, BARREIRA-DE-COMUNICAÇÃO.

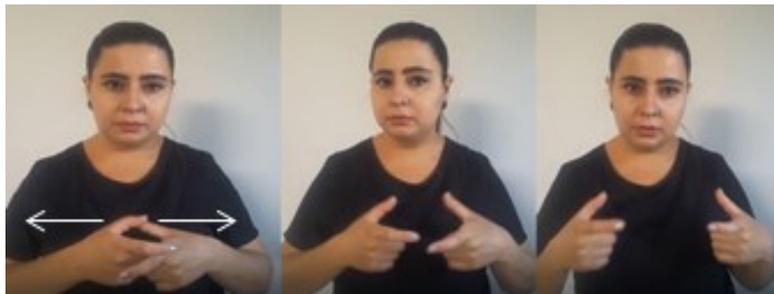


Figura 17: MAIORIA

Diante disso, foi possível analisar que sintaticamente, o sujeito da frase é MAIORIA FAMÍLIA, ausência do verbo copular (SER/ESTAR), e adjetivo predicativo OUVINTE. Tal observação vai ao encontro de Felipe (1998), que descreve esse tipo de frase na Libras como sujeito paciente e predicado, o que nesse caso pode ser nominal referencial, uma propriedade que estabelece entre adjetivo e substantivo relação de procedência ou classificação, e não de qualificação (atributo). Nessa perspectiva, FAMÍLIA seria complemento nominal de MAIORIA, uma vez que o complemento veicula informações necessárias para a compreensão do nome, e não como adjunto adnominal que fornece, acerca do nome, informações acessórias. Logo, FAMÍLIA não apresenta marca de concordância de flexão número, sendo que MAIORIA deu o sentido plural.

Ao analisar o processo de construção de sentido plural no excerto realizado pela composição dos sinais MAIORIA e FAMÍLIA, ao encontro dos estudos de Schwager e Zeshan (2008) que tratam sobre os tipos de morfologia, identificamos a morfologia segmentar a partir da composição sequencial dos signos de forma linear e não simultânea. Nessa direção, o substantivo MAIORIA se realizou como morfema livre, não afixado, mas, anteposto ou relacionado a outro morfema livre, ao substantivo FAMÍLIA, a fim de produzir o sentido plural.

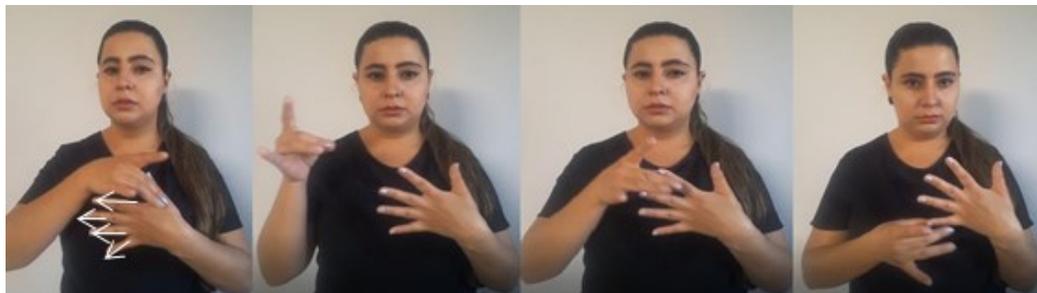
O próximo excerto trata do acesso ao conhecimento metalinguístico da língua de sinais que a criança surda adquire na escola. É na escola que a criança irá aprender que a língua de sinais possui uma estrutura gramatical própria, que a língua é formada por cinco parâmetros; configuração de mão, movimento, expressões corporais e faciais, dentre outros. Esses conhecimentos são imprescindíveis ao reconhecimento da Libras como língua pela criança surda. Outra vez foi possível identificar no excerto itens lexicais relacionados aos gêneros animado e inanimados. É o que podemos observar a seguir:

Excerto 4 - <sub>2</sub> COLOCAR<sub>1</sub> ESTUDAR (substituição do sinal escola) pro1 (*dêitico indicando primeira pessoa do singular 'eu'*) <sub>1</sub> ENSINAR<sub>2</sub> LÍNGUA-DE-SINAIS pro3 (*dêitico referindo a Libras*) IMPORTANTE pro3 (*dêitico referindo a criança*)

CONHECER ENTENDER O QUE É LÍNGUA-DE-SINAIS TER CINCO-PARÂMETROS EXEMPLO; <PRIMEIRO><sub>mc</sub> CONFIGURAÇÃO-DE-MÃO SEGUNDO (*numeral*), MOVIMENTO (*deixa de enumerar*), EXPRESSÃO-FÁCIAL, <sub>1</sub> EXPLICAR<sub>2</sub> CRIANÇA ALUN@ PRECISAR CONHECER SABER. (*Personifica a criança*): “AH É LÍNGUA-DE-SINAIS ISSO loc *j*(*dêitico*) IMPORTANTE <sub>1</sub> AJUDAR<sub>2</sub> .

A partir da análise do presente excerto, identificamos na classe dos seres/entidades os itens lexicais LÍNGUA-DE-SINAIS, IMPORTANTE, EXEMPLO, CONFIGURAÇÃO-DE-MÃO, MOVIMENTO, EXPRESSÃO-FÁCIAL relacionado ao gênero inanimado e os itens lexicais CRIANÇA, ALUNO relacionados ao gênero animado. A distinção desses elementos se deu a partir de aspectos semânticos individuais dos itens lexicais no contexto e não na utilização de um morfema que distinguisse os gêneros animado e inanimado. Não observamos nenhum tipo de flexão que estabelecesse concordância de gênero desses elementos no texto. Os sinais CRIANÇA e ALUNO relacionados ao gênero animado não apresentaram informação gramatical de gênero feminino e masculino.

O item lexical CINCO-PARÂMETROS apresentado a seguir indica semanticamente enumeração de cinco elementos, especificamente da Libras.



**Figura 18:** CINCO-PARÂMETROS

Este item lexical é realizado com as duas mãos, MND com CM 61, ponto de articulação no espaço neutro, orientação palma para dentro (paralela ao corpo) com os cinco dedos estendidos (indicando a quantidade cinco); e MD com CM 43, com movimento de pinça indicando cada um dos cinco dedos da MND, iniciando pelo polegar, ao perpassar por todos os dedos, até o dedo mínimo realiza uma pequena pausa e começa a listar propriedades da Libras, configuração de mão, movimento e expressões faciais.

Como é de conhecimento do interlocutor os parâmetros da Libras, o enunciador não se prendeu a mencionar os demais, visto que esse não era o foco central da conversa. Retomamos aqui Ferreira Brito (1995), para elucidar que esse item lexical apresentou mecanismos de mudança de parâmetro, no caso mudança de movimento, para incluir

informações gramaticais de itens lexicais, a partir da simultaneidade. Esse processo foi utilizado para marcar quantidade determinada, maior que um, portanto, apresentou flexão de número.

O processo de formação do item lexical CINCO-PARÂMETROS, conforme Schwager e Zeshan (2008) se realizou pela morfologia segmentar, por meio de processo simultâneo, na utilização de ambas as mãos. Visto que uma das mãos indicou a quantidade cinco, identificamos também a morfologia intrassegmentar, pois, conforme os estudos Schwager e Zeshan (2008) apresentou uma característica interna no sinal que, também ao encontro de Felipe (2006), se trata do processo de modificação interna da raiz, com a incorporação do numeral.

Em outros contextos a mesma base de mão não dominante (MND) listando elementos (como quantificadora) poderia quantificar não só os parâmetros da Libras, mas também, outros aspectos, variando inclusive em quantidade menor que cinco. Nessa perspectiva, retomamos Felipe (2006), para indicar que o morfema classificador de quantidade pode se enquadrar na categoria quanta.

No que concerne ao quinto excerto, o enunciador ainda trata sobre a importância do ensino da Libras como língua. Na presente análise, identificamos na categoria nomes, advérbio, pronome demonstrativo, pronome indefinido e substantivo.

Excerto 5 - SE (*condição*)<sub>1</sub> EXPLICAR<sub>2</sub> (*à criança surda*) NADA <NÃO-SABER><sub>mc</sub> (*sinal formado a partir de datilologia do numeral zero, com ponto de articulação na testa*) <ENTENDER-NÃO> <sub>n</sub> (*negativa incorporada no sinal*). TAMBÉM ISSO (*dêitico, refere a situação descrita anteriormente*) TER MUITOS (*quantidade*) MAIORIA<sub>2</sub> COLOCAR<sub>3</sub> (*na escola, sentido implícito*) COMEÇAR APRENDER.

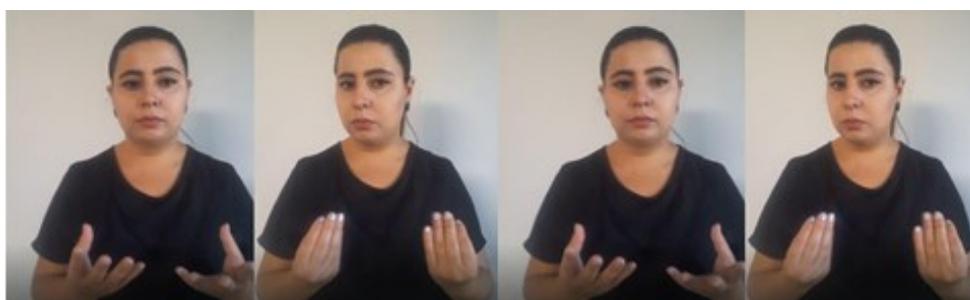
O participante de pesquisa explica que para a criança surda ter acesso às informações sobre a sua língua, elas precisam ser ensinadas. Inclusive, sem o acesso às informações na língua de sinais, muitas crianças surdas ficam isoladas linguisticamente, o que acaba reduzindo o conhecimento de mundo delas. O enunciador destaca que a maioria das crianças surdas obtêm acesso a certas informações sobre a Libras como língua, na escola, onde começam a aprender sobre sua língua materna.

Em relação aos nomes, dentre a categoria lexical, foi possível identificar o advérbio NADA, o pronome demonstrativo ISSO, o pronome indefinido MUITOS e o substantivo MAIORIA. Não observamos nesses sinais qualquer marcação de flexão ou concordância de gênero animado/inanimado, e gênero masculino/feminino. Pelo contexto, observamos que o

enunciador se refere a CRIANÇA SURDA, porém, esses itens lexicais não são explicitados no excerto.

Também notamos a presença do sinal SE, que inclusive apareceu em outros excertos, exercendo sempre a função de conjunção subordinativa condicional. Interessante notar a forma em que o sinal é realizado por meio de soletração rítmica. O sinal SE se apresenta como um empréstimo linguístico da Língua Portuguesa, equivalendo ao timbre da palavra emprestada, no entanto, adquiriu ritmo e movimentos próprios. O sinal manteve a semivogal / i /, que na grafia da palavra SE no português é representada pela letra 'e', assim o sinal soletrado na Libras se apresenta com as letras S-I de acordo com a fonologia da palavra em português, ao invés de se apresentar com as letras S-E, divergindo da grafia da palavra em português.

O pronome demonstrativo de 2ª pessoa ISSO recupera o contexto de que se não explicar sobre a Libras para criança surda, ela não vai compreender a língua. Assim, observamos que o pronome demonstrativo é utilizado neste contexto como anáfora, pois retoma esses elementos de que o excerto tratou para acrescentar outra informação que é TER MUITOS.



**Figura 19: MUITOS**

Na figura 15 observamos o sinal de MUITOS que não se realizou como intensificador do verbo, mas indicou variação da quantidade de crianças surdas nessa situação, que não compreendem a Libras. Portanto, nesse caso, MUITOS se realizou como pronome indefinido que indicou variação de número num referente pronominal dêitico. Recorremos outra vez aos estudos de Ferreira Brito (1995), em que ela pontua que a flexão de número pode ocorrer pela anteposição ou posposição do sinal MUITOS em relação a outro nome ou verbo, o emprego do pronome indefinido indicou processo de flexão.

A partir da análise do processo de construção de sentido plural no excerto realizado pela composição dos sinais ISSO TER MUITOS, ao encontro de Schwager e Zeshan (2008), identificamos a morfologia segmentar, a partir da composição sequencial dos signos. Assim, o

pronome indefinido MUITOS se realizou como morfema livre que posposto a ISSO TER indicou variação de número tendo como referente o pronome demonstrativo ISSO.

O substantivo MAIORIA é anteposto ao verbo COLOCAR, de acordo com o contexto tem como referente a família das crianças surdas, porém, o item lexical FAMÍLIA não é explicitado no excerto. O substantivo MAIORIA apresenta o sentido de a maior parte, assim, visto que expressa sentido de quantidade no excerto, apresentou relação com aspecto plural.

Novamente identificamos a morfologia segmentar a partir da composição sequencial dos sinais no processo de construção de sentido plural no excerto, conforme Schwager e Zeshan (2008) apontam em seus estudos. Apesar de não estar diretamente anteposto ou posposto à FAMÍLIA, pela composição MAIORIA<sub>2</sub> COLOCAR<sub>3</sub>, percebemos que o substantivo MAIORIA faz referência a esse item lexical, transmitindo sentido plural.

No sexto excerto, o enunciador compartilha, pela experiência pessoal, que muitas crianças surdas não têm conhecimento nenhum da língua de sinais, sendo o primeiro contato efetivo com a língua na escola com a interação com o professor de Libras. Nesses casos o processo de ensino é uma tarefa árdua. A seguir, observamos que o substantivo e os advérbios se relacionam de modo semântico ao gênero inanimado.

Excerto 6 – CRIANÇA@ SURD@ LÍNGUA-DE-SINAIS NADA MUITOS (*ênfase por repetição de informação, tem MUITOS casos*) AS-VEZES DIFÍCIL<sub>1</sub> ENSINAR<sub>2</sub> (*incompletude, não conclui o sinal para transmitir o sentido de impossibilidade*), <NÃO (*é, pronunciado oralmente*) FÁCIL><sub>n</sub>,<sub>1</sub> ENSINAR<sub>2</sub> (*repetição do sinal de ensinar não concluído*).

Os itens lexicais que podem ser classificados de acordo com a função na sentença são o substantivo LÍNGUA-DE-SINAIS e os advérbios DIFÍCIL e FÁCIL que podem ser relacionados semanticamente ao gênero inanimado, pois se referem a objetos e coisas, conforme afirmado por Felipe (1998). Já os itens lexicais CRIANÇA (substantivo) e SURDA (adjetivo), considerando a sentença, podem ser relacionadas semanticamente ao gênero animado, pois se referem a pessoas. No entanto, nos casos apresentados, a distinção de gênero não se realizou por meio de morfemas, mas sim por meio de aspectos semânticos dos itens lexicais no contexto. Novamente, os itens relacionáveis ao gênero animado CRIANÇA e SURDA não apresentaram indicação de gênero masculino e feminino, ao encontro dos exemplos apresentado nos estudos de Ferreira Brito (1995).

Na mesma condição do caso anterior, o item lexical MUITOS se realizou como um pronome indefinido indicando variação de número. MUITOS foi utilizado posposto a outro pronome indefinido NADA, por sua vez, posposto a LÍNGUA-DE-SINAIS. O pronome

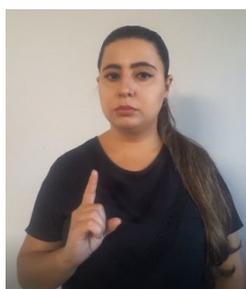
NADA auxiliou no sentido de quantidade/ausência e negação, uma vez que houve a supressão de NÃO-SABE, verbo com incorporação de negação. Assim, MUITOS apesar de não estar proximamente posposto ou anteposto a um substantivo está relacionado à quantidade de crianças surdas que não sabem nada de Libras. Portanto, ao encontro do que afirma Ferreira Brito (1995), o emprego do pronome indefinido indicou processo de flexão de número.

A partir da análise do processo de construção de sentido plural no excerto realizado pela composição dos sinais CRIANÇA@ SURD@ LÍNGUA-DE-SINAIS NADA MUITOS, de acordo com Schwager e Zeshan (2008), identificamos a morfologia segmentar, a partir da composição sequencial dos signos. Nessa direção, o pronome indefinido MUITOS, apesar de não estar afixado, ou proximamente posposto, ao item lexical CRIANÇA@, se realizando como morfema livre, fez referência a esse item lexical indicando sentido plural.

No sétimo excerto, o enunciador apresenta o desafio de se trabalhar com o ensino de língua com uma quantidade de pessoas reduzida, inviabilizando o processo de interação comunicativa, que por sua vez repercute desfavoravelmente no resultado do processo ensino-aprendizagem. Há elementos que exercem diferentes funções à medida que é empregado na sentença. Sobre esse fenômeno, vejamos o próximo excerto:

*Excerto 7 - EXEMPLO SI pro1 EU <marcação de pessoa tendo como referente no professor, sentido implícito>cl UM (quantidade) 1 ENSINAR<sub>2</sub> UM (quantidade) ALUN@ <marcação de pessoa tendo o aluno como referente>cl UM UM (sinal do numeral UM realizado simultaneamente com as duas mãos, passa a representar, pela mesma configuração de mão, construção classificadora para representar pessoa, distribui essas duas pessoas no espaço neutro em locais determinados, um de frente ao outro). UM Loc i UM Loc j, pro2 ELE (Locj) (dêiticos, aponta para o dedo indicador que representa o aluno) UM APRENDER DEMORAR PORQUE UM SOZINH@ (ênfase, realiza o sinal numeral um e com movimento circular indica isolamento, utilizando a mesma base ou o mesmo dedo indicador) PARECER.*

O participante da pesquisa esclarece que um aluno surdo interagindo apenas com um professor terá menos estímulo do que se estivesse em contato com seus pares, tornando o ensino e aprendizagem menos próspero. Na análise desse excerto, observamos a seguir que o elemento que denominaremos como UM exerce diferentes funções à medida que é empregado na sentença.



**Figura 20:** NUMERAL UM e CONFIGURAÇÃO DE MÃO - CL PARA PESSOA

Nos dois primeiros empregos UM se apresentaram como numerais informando quantidades, **um** professor e **um** aluno, ao encontro do que afirma Ferreira Brito (1995), que a flexão de número pode ocorrer na Libras por meio da anteposição ou posposição de numerais. Nesse caso, houve a marcação do singular pela posposição do numeral um após o classificador referente a marcação de pessoa do professor e a anteposição do numeral um ao substantivo ALUNO, por sua vez, anteposto ao classificador que com direcionalidade, marcou a posição do aluno.

No terceiro e quarto emprego UM é realizado simultaneamente com as duas mãos, passa a representar, pela mesma configuração de mão, construção classificadora para pessoa, distribui essas duas pessoas no espaço neutro em locais determinados, um de frente ao outro. Nesse contexto, ao encontro de Felipe (2006), a configuração de mão (CM 14), que foi utilizada também para representar o numeral um, se realizou como classificador utilizado para marcar concordância de gênero animado (pessoas), portanto, se realizou como flexão de gênero e não de número.

O emprego de UM com locativos pode indicar também a função pronominal, sendo que a flexão de pessoa, de acordo com Ferreira Brito, está relacionada às três pessoas do discurso, no singular e plural. Nesse contexto, ocorre o caso de pessoas no singular, que conforme Ferreira Brito, se utiliza da CM 14 para indicar primeira pessoa (eu/professor), sendo reforçado que foi anteriormente marcado no início do enunciado, por meio do ponto de articulação no peito do locutor (EU), e com a outra mão e mesma CM para indicar ele/aluno, segunda pessoa, o locutor aponta para o interlocutor. Diante dessa análise, tais pronomes pessoais apresentaram flexão em pessoa.

No antepenúltimo emprego UM aparece como quantificador incorporado no classificador de gênero animado pessoa, que pela posição no espaço se refere ao aluno, com sentido de um aluno. Conforme Felipe (2006), a flexão de número pode se dar pela incorporação de numerais afixados a raiz de um sinal como quantificador, porém, neste caso há um numeral incorporado semanticamente a uma construção classificadora que marca pessoa UM/ALUNO. A última realização de UM ganha um movimento circular, com sentido adjetivo de sozinho, posposto à conjunção explicativa PORQUE, indicando que a demora no processo de aprendizagem da Libras pelo aluno surdo se daria devido a este estar sozinho, ou seja, sem interação com seus pares.

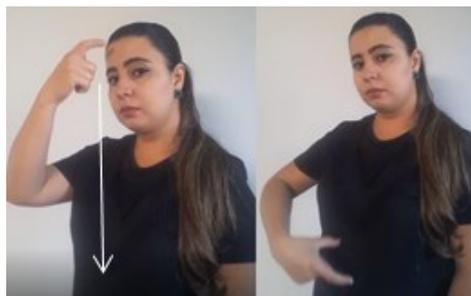
Assim, em relação à marcação de gênero animado, esta ocorreu da mesma forma como descrito por Ferreira (1998), se realizando por meio de uma configuração de mão que funcionou como classificador e foi utilizada para marcar a concordância de gênero. Nesse

caso, em nomes, visto que na Libras os locativos podem indicar também a função pronominal, fazendo referência aqui entre a posição espacial do professor e do aluno. Também o item SOZINHO que se manifestou como um adjetivo recebeu a adição de movimento circular. Conforme explicado por Felipe (1998), a adição de morfemas justapostos a raízes verbais ou nominais podem marcar flexão de gênero animado e inanimado, sendo que a autora considera que certos parâmetros das línguas de sinais podem expressar morfemas por meio de algumas configurações de mãos, alguns movimentos e algumas alterações na frequência do movimento. Nessa direção, concluímos que em SOZINHO houve marcação de gênero animado, na adjetivação do item tornando-o empregável a pessoas, por meio de afixação de morfema.

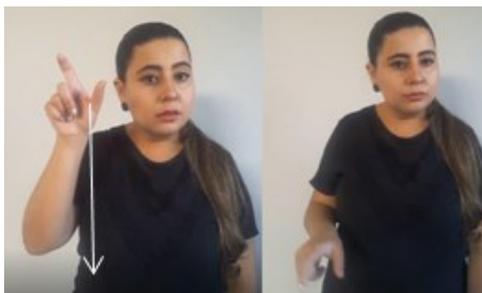
Retomamos Felipe (1998) para confirmar que a categoria material pode sincretizar outras categorias, como no caso acima, o gênero animado sincretizou a categoria quanta. Já em relação à marcação de gênero masculino e feminino, analisando os itens lexicais do excerto que podem ser classificados dentre o gênero animado ALUNO e SOZINHO, não identificamos nenhum afixo ou morfema indicador de sexo.

Em relação às características morfológicas das construções com a entidade denominada UM, conforme defendido por Schwager e Zeshan (2008), apresentou morfologia intrassegmentar, visto que permite a alteração interna na característica do sinal, que pode resultar da mudança de configuração de mão para incorporar números, variando a quantidade de pessoas. Ainda apresentou morfologia intrassegmentar na alteração do parâmetro movimento para adjetivar a entidade, resultando no item lexical SOZINHO, visto que houve uma alteração interna na característica do sinal, conforme Schwager e Zeshan (2008). A entidade indicou também a função pronominal, inclusive utilizando ambas as mãos para estabelecer relação entre a posição espacial do professor e do aluno, assim foi possível identificar também, dentre a morfologia segmentar, o processo de simultaneidade.

As entidades ilustradas a seguir apresentam configuração de mão CM 19, movimento vertical de cima para baixo e direcionalidade concordando com o referente.



**Figura 21:** MARCADOR DE PESSOA – CL



**Figura 22:** MARCADOR DE PESSOA – CL

No primeiro emprego, o marcador foi anteposto ao pronome pessoal EU, portanto, o posicionamento da palma da mão se deu em frente ao corpo do emissor. No segundo emprego, o marcador foi anteposto ao sinal ALUNO, portanto, foi realizado em espaço neutro marcando referente ausente. Em ambos os empregos, o marcador apresentou características morfológicas independentes, porém, com sentido dependente dos itens lexicais que o antecederam.

Assim, conforme Felipe (2002) elucida, a entidade se realizou como um formante dependente, ou seja, como morfema. Retomamos os estudos Quadros (2004), Ferreira Brito (1995) e Felipe (2006), para afirmar que o classificador na língua de sinais é um morfema que pode ser utilizado para mencionar a classe a que pertence o referente desse sinal. Assim, foi possível concluir que tal morfema se realizou como classificador marcador do gênero animado (pessoas).

A partir da análise dos processos de marcação de gênero animado apresentados no sétimo excerto, identificamos a morfologia segmentar. De acordo com Schwager e Zeshan (2008), a morfologia segmentar pode se manifestar pela composição sequencial ou simultânea das entidades. Nos casos expressos anteriormente, o classificador foi posposto aos itens lexicais EU e ALUNO, se manifestando por meio de composição sequencial. Assim, o classificador marcador de pessoa se realizou como morfema livre, porém, foi anteposto a itens lexicais, como formante dependente, ligando o sentido de gênero animado do classificador aos esses itens lexicais EU e ALUNO.

O oitavo excerto versa sobre a necessidade de o ambiente escolar oportunizar as crianças surdas o convívio com seus pares. Existe uma classe dos seres/entidades que pode ser identificada como substantivos relacionáveis ao gênero animado e também relacionável ao gênero inanimado, o que pode ser observado no próximo excerto:

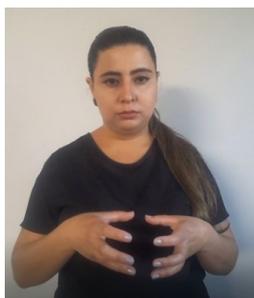
*Excerto 8 - SE (condição) AGRUPAR (produção do sinal grupo antecedido de movimento de fora pra dentro com sentido de ajuntamento e, pronuncia oralmente a palavra convive) MUITOS ALUN@ CRIANÇA@ (plural por repetição com as duas mãos) GRUPO<sub>2</sub> COMUNICAR<sub>3</sub> (plural repetição) MAIS (sinal de adição)*

PROFESSOR@ JUNTO OU (*alternativa*) INSTRUTOR@ SURD@ (*marcação de pessoa*) UNIDO JUNTO MAIS (*senal de adição*) CRIANÇA (*plural por repetição*) DESENVOLVER, ISSO (*dêitico*) IMPORTANTE ISSO (*repetição do dêitico*).

O enunciador argumenta que a interação entre as crianças surdas favorece o processo comunicativo. E que esse contexto somado a atuação de um professor ou instrutor surdo, contribui para o desenvolvimento das crianças tornando a aprendizagem efetiva. Dentre a categoria lexical, na classe dos seres/entidades identificamos que os substantivos ALUNO, CRIANÇA, PROFESSOR, INSTRUTOR, SURDO, são relacionáveis ao gênero animado e GRUPO relacionável ao gênero inanimado.

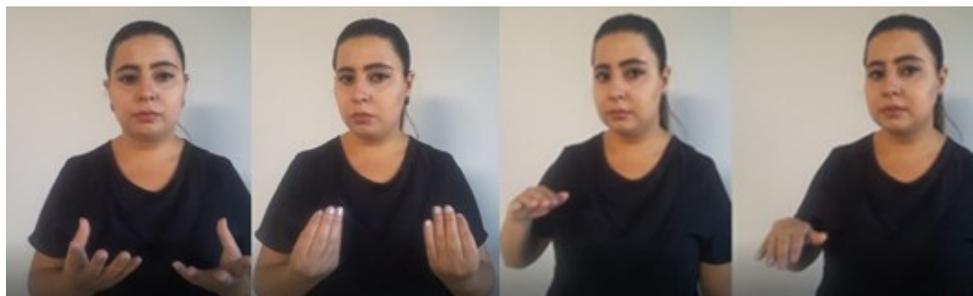
Na classe propriedades/atributos identificamos o adjetivo IMPORTANTE relacionável ao gênero inanimado. A partição desses itens lexicais entre gênero animado e inanimado se deu a partir de aspectos semânticos, e de acordo com o contexto, não apresentaram uma marcação morfológica que os distinguissem como tais. Diante dessa análise, podemos afirmar que os itens lexicais do gênero animado não apresentaram distinção de gênero masculino e feminino.

Ao prosseguir com nossas análises, identificamos que após a conjunção subordinativa condicional SE o item lexical GRUPO foi realizado com movimento de fora para dentro para indicar ação com sentido de ajuntamento, portanto, se realizou como verbo. Num segundo momento, sem alteração no parâmetro movimento, o sinal GRUPO se realizou como substantivo posposto a CRIANÇA@.



**Figura 23:** GRUPO

Semanticamente, o substantivo GRUPO está relacionado à quantidade. Nesse contexto, determina o número ou conjunto de crianças surdas, porém, sem apresentar morfema indicador de flexão de número. Semelhante ao substantivo GRUPO, o pronome indefinido MUITO expressou sentido plural se realizando como morfema livre, divergindo da marcação de plural no item lexical CRIANÇA que se manifestou por meio de repetição do sinal.



**Figura 24:** Itens lexicais MUITOS e CRIANÇAS

MUITOS foi posposto ao substantivo ALUNO, se realizando como pronome indefinido, indicando flexão de número no substantivo ao encontro do que afirma Ferreira Brito (1995) em suas pesquisas. O substantivo CRIANÇA@ flexionou em número por repetição do sinal, conforme Ferreira Brito (1995) e Quadros e Karnopp (2004) afirmam que isso pode ocorrer. No entanto, observamos que o plural de CRIANÇA foi realizado de duas formas distintas; no primeiro emprego, o sinal foi repetido com as duas mãos simultaneamente, e no segundo emprego, a repetição do sinal foi realizada apenas com uma mão. Tanto o emprego de MUITOS, quanto as duas maneiras de repetição do sinal CRIANÇA, apresentaram de formas diferentes o plural nos substantivos.

O processo de construção de sentido plural no excerto se realizou pela composição dos sinais MUITOS e ALUN@, a partir da morfologia segmentar, na composição sequencial dos signos, retomamos os estudos de Schwager e Zeshan (2008) para ancorar essa análise. O pronome indefinido MUITO se realizou como morfema livre, porém, não afixado, mas, anteposto ou relacionado a ALUN@, resultando no sentido plural do item lexical.

Em relação ao processo de flexão de número do item lexical CRIANÇA@, novamente se realizou pela morfologia segmentar, por meio do processo sequencial de reduplicação. A configuração de mão do sinal foi reduplicada, espelhando seu movimento sequencialmente, para indicar plural, conforme apresentado em Schwager e Zeshan (2008).

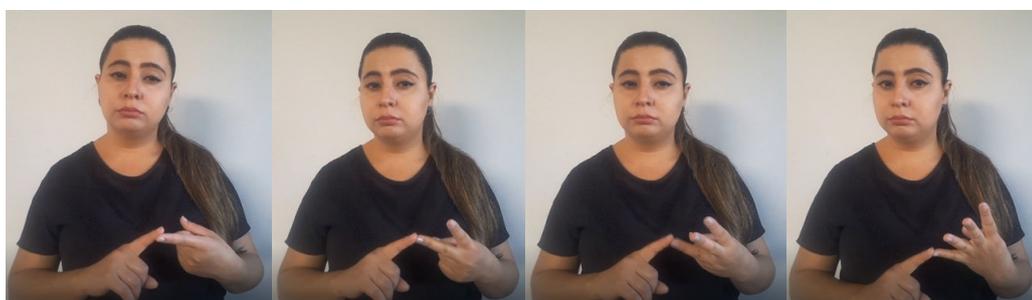
No excerto de número nove, o enunciador indica que a escola promove aos alunos surdos o uso da linguagem a partir da situação social, visto que o professor mesmo que informalmente e de forma espontânea, apresenta aos alunos surdos diferentes gêneros discursivos, tais como, histórias, piadas, entre outros tipos de textos materializados em situações comunicativas que valorizam o povo surdo a partir da literatura surda e do uso da Libras como língua de instrução. Ainda sobre a classe dos seres/entidades que pode ser identificada como substantivos relacionáveis ao gênero animado e também relacionável ao gênero inanimado, vejamos o próximo excerto:

Excerto 9 - TAMBÉM, EXEMPLO PODER MOSTRAR UM (*enumeração a partir do dedo mínimo*) LITERATURA SURD@ OU DOIS HISTÓRIA SURD@ TRÊS PIADA SURD@ QUALQUER ISSO É (*verbo ser*) INFORMAL LIVRE (*espontâneo*) LÍNGUA-DE-SINAIS (*substantivo que deriva um verbo, sentido de sinalizar*) NATURAL (*sentido de forma, naturalmente*) LÍNGUA-DE-SINAIS (*ênfase por repetição, sentido de sinalizar*).

Dentre a categoria lexical, conforme Azeredo (2008) elucida, foi possível identificar na classe dos seres/entidades os substantivos EXEMPLO, LITERATURA, HISTÓRIA, PIADA, INFORMAL, que podem ser relacionados ao gênero inanimado. Na classe propriedades/atributos percebemos a utilização recorrente do adjetivo SURDO que pode ser relacionado ao gênero animado, mas que nessa análise não apresentou marcação de gênero masculino e feminino. Tais entidades que podem ser distinguidas semanticamente como sendo do gênero animado e inanimado se manifestaram como itens lexicais independentes, sem afixos mórficos que indicasse tal partição.

Ao considerar o processo de formação descrito por Felipe (1998) como derivação zero, e que Quadros e Karnopp (2004) denominaram de nominalização, o item lexical LÍNGUA-DE-SINAIS se manifestou, dentro do contexto, nos dois últimos empregos, como substantivos verbais ou verbos denominais. Assim sendo, os itens lexicais LIVRE e NATURAL antepostos a esses itens (LÍNGUA-DE-SINAIS/SINALIZAR) se realizaram na função de advérbio de modo, com sentido de sinalizar de forma livre e natural (como por exemplo, as formas livremente e naturalmente no português). Na possibilidade de classificá-los em relação ao gênero, semanticamente pude enquadrados no gênero inanimado.

A sentença, ilustrada a seguir apresenta simultaneidade, em que a mão não dominante (MND) é utilizada para listar uma série de conteúdo.



**Figura 25:** BASE DA MÃO DOMINANTE LISTANDO ELEMENTOS

Nessa direção, a MND se apresenta como uma base quantificadora, um classificador quanta, conforme Felipe (2006) descreve. Retomamos Ferreira Brito (1995) para explicar que esse processo utilizado para marcar quantificação, é realizado pela mudança no parâmetro

configuração de mão para aumentar o número de dedos estendidos no intuito de obter quantidades maiores.

Para Felipe (1998), os parâmetros das línguas de sinais podem expressar morfemas, como por meio de algumas configurações de mãos. Semelhantemente para Ferreira Brito (1995), pode ocorrer em um sinal à mudança de um ou mais parâmetros para inclusão de informações gramaticais em itens lexicais, a partir da simultaneidade. Diante disso, podemos considerar que o classificador expressou variação de número, portanto, estabeleceu relação com a flexão de número. Em nossa análise, destacamos que os elementos quantificados não apresentaram variação de número.

Em relação às características morfológicas de construção do sinal, conforme defendido por Schwager e Zeshan (2008), o sinal apresentou morfologia intrassegmentar, visto que houve uma alteração interna na característica do sinal, resultante da mudança de configuração de mão para incorporar números e variar em quantidade e apresentar flexão de número. Também, tendo em vista a utilização de ambas as mãos para listar e apresentar os elementos, o sinal realizado apresentou a morfologia segmentar, a partir da composição simultânea dos signos, UM LITERATURA SURD@, DOIS HISTÓRIA SURD@ e TRÊS PIADA SURD@.

No décimo excerto, o enunciador explica a importância do ensino formalizado. Observamos a seguir que foram identificados alguns substantivos correspondentes ao gênero inanimado, dentre a classe dos seres/entidades e alguns adjetivos para a classe das propriedades/atributos.

Excerto 10 - (*Personificação*) ALUN@<sub>1</sub> VER<sub>2</sub> : (*expressão de admiração*) “AH PERCEBER (*repetição*) ENTENDER” DE-UM-LADO (*delimitação de espaço lado direito*) DIFERENTE FORMAL CERTO (*sentido de adequado*)  
<sub>1</sub> ENSINAR<sub>2</sub> SINAL (*plural por repetição*) SIGNIFICADO EXPLICAR (*plural repetição*), DE-OUTRO-LADO (*delimitação de espaço lado esquerdo*) INFORMAL IMPORTANTE TAMBÉM IGUAL (*sentido de igualdade, do mesmo modo que*).

De acordo com o participante de pesquisa, o professor deve adequar a sua prática pedagógica às necessidades do aluno surdo, como exemplo, ensinar os sinais que compõem o léxico da Libras e seus significados aos alunos que ainda não adquiriram a língua. Por outro lado, ele afirma que os aspectos informais e as experiências diárias na relação com o meio escolar, não podem ser desmerecidos, visto que também contribuem para aprendizagem.

Correspondente ao gênero inanimado, identificamos dentre a classe dos seres/entidades, os substantivos DIFERENTE, FORMAL, CERTO, SINAL, SIGNIFICADO, INFORMAL e IGUAL. E na classe das propriedades/atributos, foi possível identificar o adjetivo IMPORTANTE. Em relação ao gênero animado, identificamos dentre a classe dos seres/entidades o substantivo ALUN@ que se realizou sem adição de morfema marcador de gênero masculino e feminino. As entidades identificadas se apresentaram como itens lexicais sem afixos indicadores de gênero animado e inanimado, sendo que foram assim partitionados mediante aspectos semânticos dos itens lexicais no contexto.



**Figura 26:** SINAIS (Signo linguístico da Libras)

O substantivo SINAL, ilustrado acima, se refere ao signo linguístico das línguas de sinais, tal questão foi abrangida na seção dois, sendo que geralmente os linguistas das línguas de sinais falam de "sinais" em vez de "palavras", ambos denotam essencialmente o mesmo tipo de entidade, conforme esclarecem Schwager e Zeshan (2008). No décimo excerto, o enunciador trata da importância de ensinar os sinais, os signos linguísticos da Libras, para as crianças surdas. Nesse contexto, o enunciador realiza o plural da unidade SINAL a partir de repetição, conforme apresentado em Ferreira Brito (1995) e Quadros e Karnopp (2004). Porém, a repetição se dá de forma peculiar, com as duas mãos, realizando a execução do sinal subsequentemente, uma mão após a outra, consecutivamente.

Ao encontro dos estudos de Schwager e Zeshan (2008), identificamos no excerto, dentre a morfologia segmentar, o processo simultâneo de reduplicação do item lexical SINAL. A entidade teve sua configuração de mão reduplicada e seu movimento espelhado, em que o sinal foi repetido por ambas as mãos, simultaneamente.

No excerto de número onze, o enunciador afirma que não é de conhecimento usual dos surdos os sinais que se referem aos significados formal e informal. A classe dos seres/entidades pode ser relacionada aos gêneros inanimado e animado, como observamos a seguir:

Excerto 11 - MAIORIA SURDO <CONHECEM-NÃO>n O QUE É (verbo ser)  
 FORMAL INFORMAL <ENTENDER NÃO>n (*dupla negação, primeira incorporada ao verbo e a segunda realizada com o menear do dedo indicador*)  
 APROVEITAR EXPLICAR DUAS-COISAS (*delimitação de dois espaços a frente do sinalizador, simultaneamente, sentido de separação*) loc i ESTES-DOIS  
 DIFERENTE@.

Assim, ele afirma que é na escola com o professor surdo que geralmente as crianças surdas têm acesso a essas terminologias. Desse modo, a escola contribui para a difusão dos sinais de áreas específicas do conhecimento, ampliando o repertório vocabular dos discentes. Dentre a categoria lexical, conforme Azeredo (2008) identificamos a classe dos seres/entidades, correspondentes aos substantivos, os sinais MAIORIA, FORMAL, INFORMAL e DIFERENTE que podem ser relacionados ao gênero inanimado e o sinal SURDO que pode ser relacionado ao gênero animado. O gênero dos substantivos foi identificado a partir de aspectos semânticos e de contexto, sendo que não apresentaram morfemas que marcassem essa distinção nesses nomes.

Conforme explicado por Ferreira Brito (1995), os nomes geralmente não apresentam flexão de gênero divergindo da Língua Portuguesa. Ao considerar que apenas os nomes relacionados ao gênero animado podem apresentar a marcação de gênero, analisamos o item lexical SURD@, no excerto de número onze. Observamos ainda que o referido sinal não apresentou flexão de gênero masculino e feminino.

Outra vez o substantivo SURDO não se apresentou na forma plural, o substantivo que o antecede MAIORIA realizou semanticamente o sentido plural. SURDO se realizou como complemento nominal de MAIORIA, uma vez que veicula informações necessárias à compreensão do nome. A construção de sentido plural no excerto se realiza pela composição dos sinais MAIORIA e SURDO. Nessa direção, ancoramos nos estudos Schwager e Zeshan (2008) para identificar a morfologia segmentar, a partir da composição sequencial dos signos. O substantivo MAIORIA se realizou como morfema livre não afixado, mas posposto, e relacionado a SURDO, transmitiu o sentido plural.

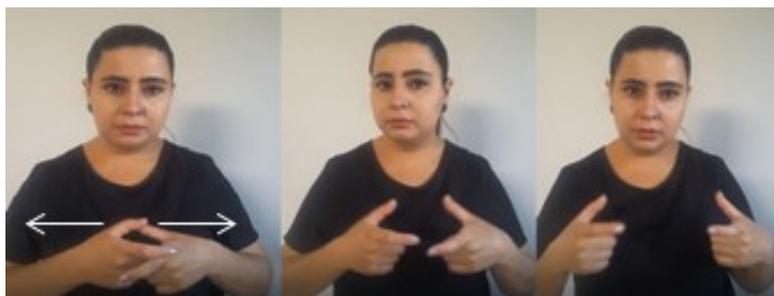
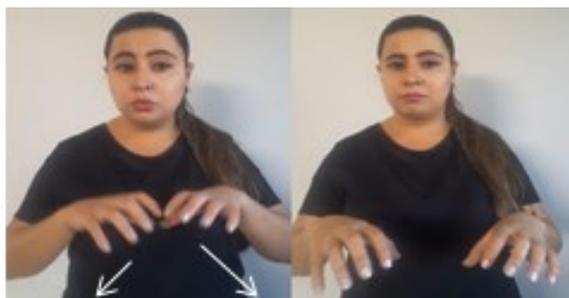


Figura 27: MAIORIA

Ao referir sobre as duas entidades distintas, FORMAL e INFORMAL, o enunciador utiliza a delimitação das duas coisas no espaço neutro, uma do lado direito e a outra do lado esquerdo, a partir da configuração de mão CM 60, com orientação da palma da mão para baixo, paralela ao chão, mesmos parâmetros utilizados pelas duas mãos. Tal execução indicou variação de número a partir da disposição de entidades no espaço, podendo se considerar que tal condição estabeleceu relação de flexão de número.



**Figura 28:** DUAS COISAS DISTINTAS

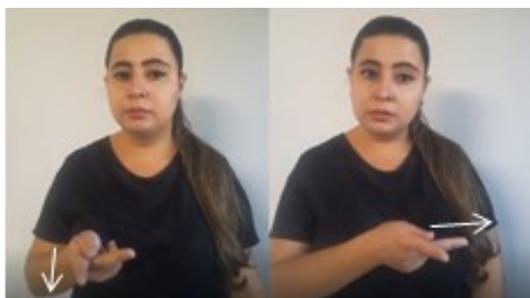
De acordo com Aronoff, Meir e Sandler (2005), as línguas de sinais possuem sistemas de flexão complexos, baseados na simultaneidade, conforme observado na realização plural acima. Aronoff (1997) explica que os sinais são realizados no espaço em torno do sinalizador, assim, os sinais recebem localizações nesse espaço de sinalização. Na mesma direção, Ferreira Brito (1995) defende que o mecanismo de mudança de um ou mais parâmetros a partir da exploração do espaço evidencia a simultaneidade na inclusão de informações gramaticais em itens lexicais, processo utilizado também para marcar a quantificação.

Para Quadro e Karnopp (2004), esses processos, denominados de dêiticos, descrevem uma forma particular de estabelecer nominiais no espaço que são utilizados pelo verbo como parte de sua flexão. As autoras destacam inclusive, que a flexão de número está relacionada à distinção entre a flexão do verbo para um, dois, três ou mais referentes. Em outras palavras, verbos com concordância podem direcionar-se indicando pontos restabelecidos no espaço ou por uma referência generalizada incluir todos os referentes integrantes do discurso, marcando plural. Apesar dessas marcações de referentes no espaço serem atribuídas com mais frequência aos processos de concordância verbal, Quadros e Karnopp (2004) afirmam que classificadores também podem ser utilizados para estabelecer pontos em determinado local espacial, mas somente quando a forma do sinal permite.

Nessa direção, conforme apresentado, a marcação de flexão plural tem como referentes dois substantivos FORMAL e INFORMAL e se realiza por meio de entidade que

apesar de ter parâmetros próprios necessita de seus referentes para ter seu sentido compreendido, se constituindo, portanto, como um morfema dependente, podendo ser considerado uma construção classificadora. Ao encontro de Schwager e Zeshan (2008), identificamos na construção classificadora, dentre a morfologia segmentar, o processo simultâneo de reduplicação da entidade, resultando no sentido plural. O elemento foi realizado simultaneamente com as duas mãos e teve sua configuração de mão e movimento duplicados, tal espelhamento deu o sentido plural, dual, ao morfema.

Observamos que na próxima figura, a pluralidade da construção classificadora foi reforçada pela posposição do pronome demonstrativo estes com incorporação do número dois, denotando, nessa perspectiva, desinência de número.



**Figura 29:** ESTES-DOIS

Além de indicar flexão de pessoa do discurso por marcar coisas no espaço e no discurso em relação à pessoa que fala (1ª pessoa), realizada por meio da marcação anafórica da posição dos elementos em relação ao enunciador, o pronome demonstrativo também indicou quantidade de coisas/elementos em relação à pessoa que fala. Na Língua Portuguesa, tal condição com marcação de plural também pode ocorrer em alguns pronomes demonstrativos variáveis.

Ao tratar sobre a flexão para pessoas no plural na Libras, Ferreira Brito (1995) pontua que esta é expressa nos pronomes pessoais que marcam pessoas do discurso no plural, podendo ser expressos em itens lexicais como VOCÊS-DOIS, NÓS-DOIS, NÓS-TRÊS e por meio de movimentos semicirculares para a segunda pessoa (VOCÊS) e do momento circular para a primeira pessoa (NÓS). Ao tratar dos pronomes possessivos, Ferreira Brito (1995) afirma que estes também têm as mesmas direções dos pronomes pessoais tanto para o singular quanto para o plural, mas com a configuração de mão diferente (CM 50). Apesar de Ferreira Brito (1995) não tratar especificamente dos pronomes demonstrativos, observamos no caso

acima que estes também utilizam da concordância com os referentes para indicar singular e plural.

Quadros e Karnopp (2004) indicam a possibilidade de variação de número no verbo de acordo com o objeto direto possibilitando flexão em singular, dual, trial e do plural que inclui todos os referentes. De acordo com as autoras, os verbos com concordância podem flexionar em número e em pessoa e os verbos espaciais podem apresentar afixos locativos que também podem apresentar flexão de número de acordo com os referentes. Ambas as classes apresentam flexão de número a partir de marcações de pontos referenciais no espaço, situando pessoas ou coisas no espaço, aparentando estabelecer relações de número com os pronomes (pessoais, possessivos e demonstrativos), mesmo que de forma incorporada como em AJUDAR-NÓS/AJUDAR-VÓS e COLOCAR-AQUI/AÍ/LÁ. No caso do emprego do pronome demonstrativo presente na sentença acima, não se apresentou incorporada em um verbo a fim de estabelecer concordância, mas estabeleceu concordância com a construção classificadora que delimitou dois espaços distintos, uma a esquerda e outro a direita do sinalizador, o pronome retomou estes pontos referenciais no espaço em relação ao enunciador.

O pronome demonstrativo se realizou a partir de recursos anafóricos de apontamento e acrescentou a configuração de mão (CM) 50, indicando o numeral dois apresentando a quantidade plural dual. Tal realização está de acordo com Felipe (2006) que apresenta a incorporação de numeral realizado por meio de modificação interna da raiz como um processo de flexão. Felipe (2006) acrescenta ainda que este mecanismo de incorporação de numeral está presente no sistema pronominal para representar as pessoas do discurso (DUAL, TRIAL, QUATRIAL e PLURAL), bem como também no sistema de classificadores. Em relação ao processo de construção do sinal, a partir de Schwager e Zeshan (2008), identificamos a morfologia intrassegmentar por meio de alteração interna na característica do sinal, resultante da mudança de configuração de mão para produzir a flexão de número.

No próximo excerto, o enunciador atesta, por meio de experiência pessoal, que MUITOS familiares atribuem à escola a responsabilidade total pelo desenvolvimento linguístico da criança surda. Identificamos que há nomes que se enquadraram no gênero inanimado, como substantivos, pronome e o advérbio/substantivo, o que pode ser observado no próximo excerto:

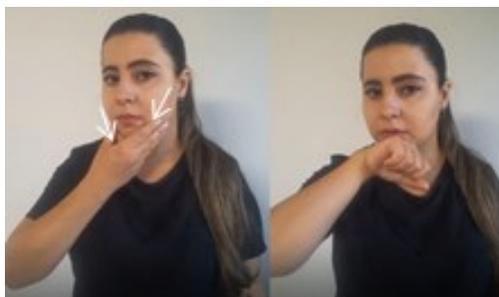
Excerto 12 - EXEMPLO, MUITOS (*indicação de plural*) PAI, FAMÍLIA OUVINTE, JOGAR ESCOLA CRIANÇA@ (*plural por repetição*) SURD@, PARECER ESCOLA DENTRO RESOLVER APRENDER LÍNGUA-DE-SINAIS EMPURRAR, MAS (*expressão facial de desaprovação*) <NÃO>mc, ISSO lok j

*(dêitico) PROBLEMA MUITOS (sinal realizado em vários pontos no espaço, sentido, em MUITOS lugares) SEMPRE.*

De acordo com o docente surdo, geralmente as famílias acreditam que simplesmente por matricular a criança surda em uma escola que promove o acesso a Libras, isso lhe garantirá o desenvolvimento linguístico e acadêmico idealizado, expectativas essas que geralmente não se consolidam.

A análise desse excerto nos permite observar que os nomes que se enquadraram no gênero inanimado foram os substantivos EXEMPLO, ESCOLA, LÍNGUA-DE-SINAIS, PROBLEMA, FAMÍLIA, o pronome MUITOS e o advérbio/substantivo SEMPRE. Os nomes que se enquadram dentre o gênero animado foram os substantivos PAI, CRIANÇA e os adjetivos OUVINTE, SURD@. Tal distinção de gênero ocorreu em relação aos aspectos semânticos dos itens lexicais independentes e do contexto, uma vez que não apresentaram morfemas marcadores de flexão de gênero animado e inanimado.

Em relação ao gênero masculino e feminino, se manteve ausente no gênero inanimado sem flexão para estabelecer qualquer tipo de concordância no excerto. Dentre os seres animados a marcação de gênero masculino se realizou no item lexical PAI.



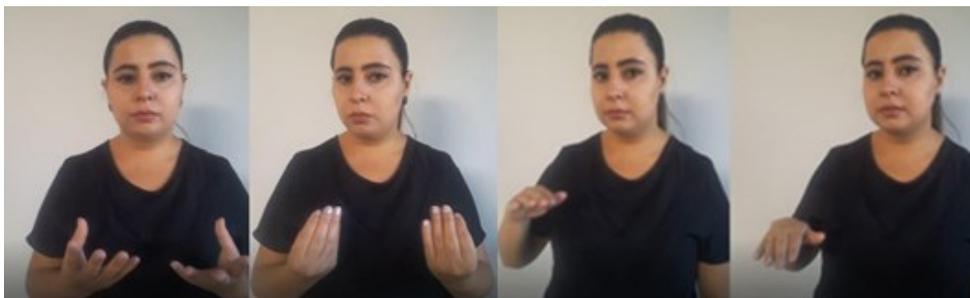
**Figura 30: PAI**

O processo de flexão de gênero masculino no sinal PAI, assim como a produção de gênero feminino no sinal MÃE, se deu pelo processo de afixação. A partir de Schwager e Zeshan (2008), identificamos que a morfologia segmentar se deu pela composição sequencial dos morfemas. O afixo marcador do gênero masculino foi realizado como morfema que, apesar de livre, se afixou a outro morfema indicador de progenitores, produzindo a flexão. Ao encontro também de Ferreira Brito (1995), visto que a marcação de flexão de gênero no item se deu a partir da afixação do sinal que nomeou como HOMEM, significado do item lexical com função independente (morfema livre). Porém, os demais itens classificados como sendo de gênero animado não apresentaram marcação masculina ou feminina.

De acordo com Câmara Jr. (1987), Rocha (2008) e Felipe (1998) os morfemas flexionais são caracterizados por não serem opcionais, se constituem como mecanismos obrigatórios. Nessa direção, conforme Aronoff (1997), as línguas de sinais possuem sistemas de flexão particulares e obrigatório, porém, as categorias flexionais assim como o gênero, podem ser estabelecidas de forma irregular, ou seja, de forma não universal.

Assim, percebemos que os morfemas indicadores de gênero masculino e feminino na Libras ocorrem obrigatoriamente de forma explícita, sempre que o contexto linguístico exigir, e se mantêm indeterminados (ou implícitos) diante da não exigência do contexto. Portanto, a língua possui mecanismo de flexão de gênero que se manifesta quando solicitados, conforme apresentado em Ferreira Brito (1995).

O primeiro emprego de MUITOS antecedeu o substantivo PAI e indicou semanticamente o sentido plural, uma vez que o substantivo não apresentou alteração em forma plural. Assim, novamente conforme Ferreira Brito (1995), a marcação de plural se realizou pela anteposição do sinal MUITOS e, também, com a função de pronome indefinido.



**Figura 31:** Itens lexicais MUITOS e CRIANÇAS

Observamos também que o substantivo CRIANÇA não necessitou de anteposição ou posposição do sinal MUITOS, uma vez que o próprio substantivo flexionou por meio de repetição, ao encontro do que Ferreira Brito (1995) e Quadros e Karnopp (2004) afirmam que isso pode ocorrer.

Esse processo de construção de sentido plural realizado pela composição dos sinais MUITOS e PAI se enquadra na morfologia segmentar, pelo processo de composição sequencial dos signos, de acordo com os estudos de Schwager e Zeshan (2008). O pronome indefinido MUITO se realizou como morfema, porém, não afixado, mas anteposto ou relacionado a PAI, para produzir o sentido plural no substantivo.

No item lexical CRIANÇA@ o processo de flexão de número se realizou também, por meio da morfologia segmentar, porém, pelo processo sequencial de reduplicação. Como

em casos anteriores apresentados nesta análise de dados, a configuração de mão do sinal foi reduplicada, espelhando seu movimento sequencialmente, para indicar plural, conforme afirmam Schwager e Zeshan (2008).

O segundo emprego de MUITOS sucedeu o substantivo PROBLEMA que por sua vez, sucedeu o pronome demonstrativo ISSO. MUITOS não se realizou como intensificador de PROBLEMA, mas foi empregado novamente como pronome indefinido. O pronome demonstrativo de 2ª pessoa ISSO recupera o contexto da enunciação de que MUITOS pais ouvintes colocam os filhos na escola atribuindo-lhe toda a responsabilidade para com o aprendizado das suas crianças surdas, e ainda mais, acreditando que na escola elas irão aprender Libras e que isso resolverá toda a situação, atendendo todas as necessidades das crianças surdas, expectativas que não poderão ser consolidadas.

Observamos aqui que o sinal PROBLEMA posposto ao pronome demonstrativo, adjetiva ISSO. MUITOS posposto a PROBLEMA não se realiza como um advérbio de intensidade, uma vez que se refere a ISSO, indicando que são MUITOS os casos que ocorrem da forma que relatou. A realização do último emprego de MUITOS recebeu o acréscimo de movimento marcando vários pontos no espaço neutro, mas sem locativos definidos, assim, apresentou sentido de “em MUITOS lugares”.

Da mesma forma como ocorreu anteriormente, a utilização do pronome indefinido MUITOS posposto a ISSO PROBLEMA indicou construção de sentido plural realizado pela composição dos sinais, se enquadrando na morfologia segmentar, pelo processo de composição sequencial dos signos, conforme os estudos de Schwager e Zeshan (2008). O pronome indefinido MUITO (morfema livre) foi posposto, mesmo que de forma não tão próxima do seu referente ISSO, para produzir o sentido plural no excerto.

No próximo excerto, o participante da pesquisa afirma que para o bom desenvolvimento linguístico da criança surda é preciso a participação efetiva da família. Observamos que há nomes que se relacionam ao gênero animado e outros com o gênero inanimado, como vemos a seguir:

Excerto 13- ENSINAR MAIS (*sinal de adição*) CHAMAR MAIS (*repetição do sinal de adição sem sentido aparente*) PAI MÃE JUNTO COMUNICAR <MAIORIA DESPREZAR FILHO SOZINHO FAMILIA NADA>r PROBLEMA loc j ISSO (*dêitico*) MUITOS (*sinal realizado em vários pontos no espaço, sentido, em MUITOS casos é assim*).

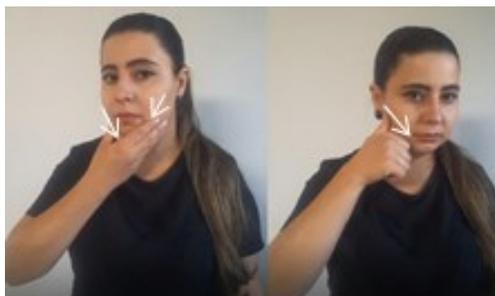
De acordo com o enunciador, os pais precisam se comunicar com o filho surdo. Nesse contexto, a família que não sabe Libras fica impossibilitada de promover um ambiente

favorável que propicie o desenvolvimento linguístico adequado à criança surda. Assim, se os pais não demonstram interesse em se comunicar com a criança por meio da língua de sinais, ela acaba escanteada ou isolada. Situação que infelizmente, conforme relata o participante da pesquisa, é recorrente e acontece na maioria dos casos acompanhados por ele.

Na análise desse excerto, os nomes que puderam ser relacionados ao gênero animado foram os substantivos PAI, MÃE, FILHO e adjetivo SOZINHO. Os nomes relacionados ao gênero inanimado foram os substantivos FAMÍLIA, MAIS, JUNTO, MAIORIA, PROBLEMA e o pronome indefinido MUITOS. A distinção ocorreu considerando os aspectos semânticos e de contexto dos itens lexicais independentes, já que não apresentaram morfemas marcadores de flexão de gênero animado e inanimado. Com exceção do sinal SOZINHO que se realizou novamente com configuração de mão CM 14 acrescida de movimento circular que marcou o gênero animado com a adjetivação do item UM tendo como referente as pessoas (podendo ser empregado também à animais), por meio de afixação de morfema movimento, conforme já vimos em Felipe (1998).

Dentre o gênero animado, PAI e MÃE, estes apresentaram posposição de morfemas que indica sexo masculino e feminino, uma vez que o contexto exigiu tal informação gramatical, em consonância com os estudos de Ferreira Brito (1995). Assim, conforme descrito pela linguista, a flexão de gênero ocorre pelo acréscimo de morfemas indicadores de gênero masculino e feminino para pessoas e animais, realizado pela posposição ou anteposição dos sinais HOMEM e MULHER ou MACHO e FÊMEA.

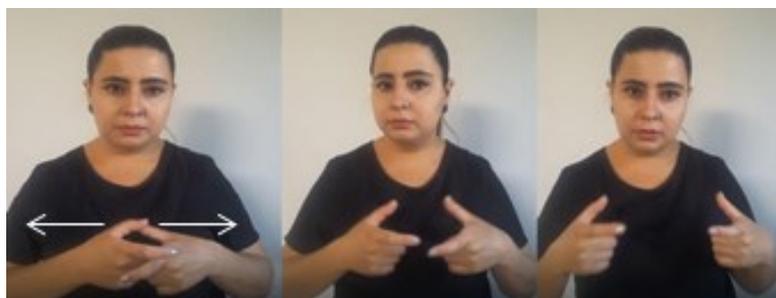
De acordo com Schwager e Zeshan (2008), na morfologia segmentar, o processo de afixação pode ocorrer quando a configuração de mão que, representa a classe de referentes humano e veículo, se torna um morfema vinculados ou combinado à outros morfemas, por meio do qual um sinal multimorfêmico complexo é criado. No caso dos morfemas ilustrados a seguir, constatamos que eles possuem todos os cinco parâmetros e não apenas a configuração de mão. Tal condição o permite ser identificado como um item lexical com sentido independente.



**Figura 32:** Morfema MASCULINO e FEMININO

Vale destacar que em determinadas realizações o morfema livre se afixa a outros morfemas, produzindo um sinal multimorfêmico. Nesses casos, esses morfemas se tornam dependentes em relação ao seu significado, não podendo mais ser definido como **HOMEM** ou **MULHER**, adquirem então a função gramatical de informar o gênero. Assim, os sinais que recebem esses morfemas são os itens lexicais que podem ser particionados como sendo do sexo masculino ou feminino, como os itens lexicais do gênero animado (pessoas ou animais), conforme pontuado por Felipe (1998).

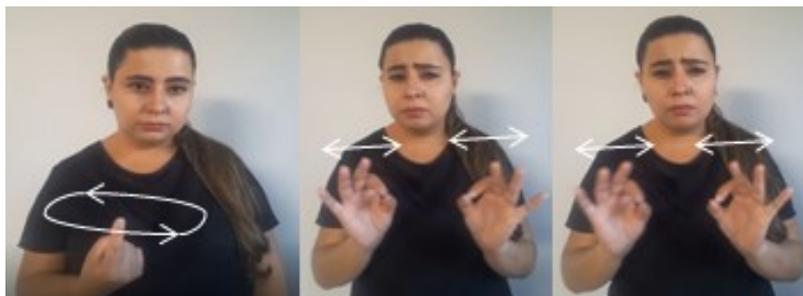
Em relação ao substantivo **MAIORIA**, ele está anteposto ao verbo **DESPREZAR** e faz referência a **FAMILIA**, sendo que **FAMILIA** seria complemento nominal de **MAIORIA**, porém, foi suprimido. Por **MAIORIA** ter se realizado como sujeito pode ser considerado como expressão partitiva, nessa condição, o verbo **DESPREZAR** não apresentou concordância plural nem com o núcleo da expressão e nem com o complemento suprimido **FAMILIA**. Diante disso, o substantivo **MAIORIA** apresentou sentido de maior número, anteposto ao verbo, mas se referindo a **FAMILIA**, estabeleceu relação de quantidade e deu o sentido plural no substantivo.



**Figura 33: MAIORIA**

A partir dessa análise, ancoramos nos estudos de Schwager e Zeshan (2008) para identificar a morfologia segmentar a partir da composição sequencial dos signos. A construção de sentido plural no excerto se deu pela composição dos sinais **MAIORIA** **DESPREZAR**, tendo como referente implícito **FAMÍLIA**. O substantivo **MAIORIA** se realizou como morfema livre, porém, posposto ao verbo transitivo **DESPREZAR**, fez referência a **FAMÍLIA**, Assim **MAIORIA** transmitiu o sentido plural no substantivo implícito **FAMÍLIA**.

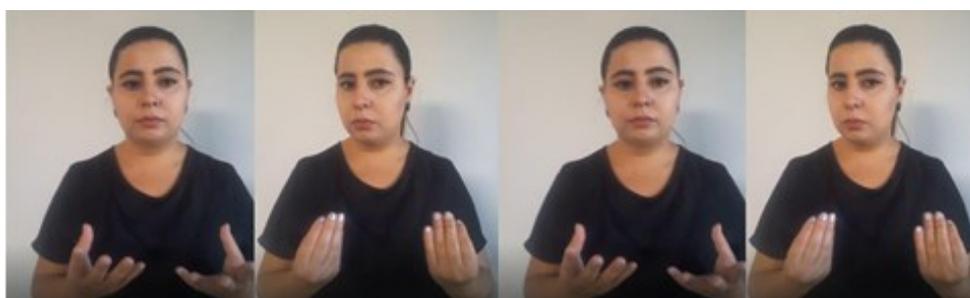
Na próxima análise, **SOZINHO** posposto a **FILHO** se apresenta como um adjetivo, com sentido de que o filho surdo fica só, sem ninguém, solitário no processo de desenvolvimento da língua de sinais.



**Figura 34:** Itens lexicais SOZINHO e NADA

Nessa direção, SOZINHO não apresentou flexão de número com marcação de singular, pois não se refere à quantidade em si, mas a condição de estar só. NADA posposto ao substantivo FAMILIA se apresentou como pronome indefinido com sentido de ausência e negação, dentro do contexto discursivo sugeriu que a maioria das famílias não participa de nenhum modo na educação dos filhos surdos. Assim, NADA também não apresentou relação de quantidade no excerto, ou seja, não se manifestou como marca de flexão de número.

MUITOS apareceu posposto a ISSO, pronome demonstrativo que retomou a informação de que a maioria das famílias desconsideram o processo de ensino-aprendizagem dos filhos surdos, que acabam sozinhos no processo, sem o apoio da família. Portanto, MUITOS se refere a ISSO, ou seja, a esses casos, demonstrando relação de quantidade. Visto que Ferreira Brito (1995), considera que a flexão de número na Libras pode acontecer por meio de anteposição ou posposição do sinal MUITOS estabelecendo sentido de quantidade. Nessa perspectiva, identificamos que MUITOS se realizou como marcador plural, como é possível observar na figura a seguir.



**Figura 35:** MUITOS

A análise do processo de construção de sentido plural no excerto indicou que este se realizou pela composição dos sinais. Nessa direção, ao encontro de Schwager e Zeshan (2008), esse caso, assim como os demais identificados nos dados, se enquadrou na morfologia segmentar, a partir da composição sequencial dos signos. O pronome indefinido MUITOS se

realizou como morfema livre não afixado, mas posposto ou relacionado a ISSO, produzindo o sentido plural.

No excerto seguinte, o participante de pesquisa afirma que deseja organizar um curso de ensino de Libras como segunda língua para familiares de surdos. Na Libras falada pelo participante surdo, também foi detectado que há nomes que se realizam relacionados semanticamente ao gênero inanimado, assim como o pronome EU pode ser relacionado semanticamente ao gênero animado, fenômeno que pode ser verificado no próximo excerto:

Excerto 14 - EU TENTAR FAZER ORGANIZAR ABRIR CURSO ENSINAR FAMÍLIA JUNTO DESENVOLVER.

O projeto tem como público alvo pais ouvintes de crianças surdas, objetivando incentivá-los a participar no desenvolvimento linguístico dos filhos surdos. Nessa análise, os nomes apreciados na sentença, CURSO, FAMÍLIA e JUNTO podem ser relacionados semanticamente ao gênero inanimado e o nome EU pode ser relacionado semanticamente ao gênero animado de acordo com o contexto enunciativo, uma vez que não apresentaram morfema marcador de flexão de número.

Novamente a distinção de gênero se deu considerando os aspectos semânticos em contexto dos itens lexicais individuais que não apresentaram qualquer tipo de acréscimo de morfema que indicasse distinção entre seres/coisas/objetos. O item lexical FAMÍLIA é um sinal na Libras empregado apenas a seres animados para agrupar objetos e coisas, sendo necessário empregar outro item lexical como o sinal GRUPO. Observamos que FAMÍLIA não se enquadra nas subcategorias pessoas e animais, assim, optamos por classificar tal item lexical na categoria inanimada. Visto que FAMÍLIA se refere, mas, não se refere a pessoas e nem animais, também não pôde apresentar marcação de gênero masculino e/ou feminino.

Na próxima análise, observamos que o pronome pessoal EU se realizou conforme descrito nos estudos de Ferreira Brito (1995), em que a pesquisadora esclarece que todos os casos no singular desses pronomes, são realizados com a mesma configuração de mão (CM 14).



**Figura 36:** EU

No caso acima, para indicar primeira pessoa, a entidade utilizou a configuração de mão CM 14 com ponto de articulação no peito do locutor, indicado por meio de recurso dêitico, apontamento. Na ausência de marcação plural, que geralmente ocorre nos pronomes pessoais por meio de movimento circular ou semicircular, e devido à configuração de mão utilizada em pronomes pessoais ter sido mantida, concluímos que o item lexical se apresentou no singular, conforme Ferreira Brito (1995) afirmou em suas pesquisas.

Em relação às características morfológicas de construção do sinal, conforme defendido por Schwager e Zeshan (2008), apresentou morfologia intrassegmentar, visto que o pronome definido singular EU concordou com o referente a partir de alteração da orientação da mão. Nessa direção, os pronomes pessoais alteram suas características internas de orientação e movimento para indicar singular ou plural, porém, a configuração de mão é mantida.

No excerto de número quinze, o enunciador destaca que sem o apoio da família, a criança surda terá barreiras maiores no processo de aquisição da língua de sinais. Na Libras falada, há situações em que a classe dos seres/entidades, como os substantivos, em que se realizam como substantivos mesmo ou como um adjetivo. No próximo excerto, percebe-se um fenômeno em que um substantivo surge no período em contexto de adjetivo, mas não exerce essa função de propriedade ou atributo, ou seja, não se referiu à característica de uma pessoa.

Excerto 15 - SE (condicional) FAMÍLIA AJUDAR NADA ALUN@ CRIANÇA DIFÍCIL PROBLEMA++ ENSINAR LÍNGUA-DE-SINAIS UM (aluno, sinal implícito) PRECISAR LEVAR LUGAR SURD@ ENCONTRAR (plural por repetição) <expressão facial de aprovação>mc<expressão facial de negação, sentido oposto, se não houver isso>n PROBLEMA loc j ISSO.

O docente surdo afirma que se criança estudar numa escola onde apenas ela é surda, para ter acesso a língua espontânea, terá de ter contato com seus pares em outro momento e em outro ambiente, necessitando ser levada a algum lugar frequentado por outros surdos, tais como as associações de surdos, por exemplo, situação que demandará apoio da família.

Na análise desse excerto, percebemos que dentre a categoria lexical, conforme Azeredo (2008) afirma, identificamos na classe dos seres/entidades os substantivos FAMÍLIA, ALUNO, CRIANÇA, DIFÍCIL, LÍNGUA-DE-SINAIS, PROBLEMA e SURDO. O sinal SURDO não se realizou como um adjetivo, visto que não exerce a função de propriedade ou atributo, e não se referiu à característica de uma pessoa. O item lexical se

referiu a um povo, ou às pessoas pertencentes desse povo, que é nomeado SURDO, assim, exerceu a função sintática de substantivo.

Assim sendo, foi possível distinguir os itens ALUNO, CRIANÇA, SURDO como sendo do gênero animado, sem marcação de sexo masculino e feminino. E os itens, FAMÍLIA, DIFÍCIL, LÍNGUA-DE-SINAIS E PROBLEMA como sendo do gênero inanimado. Essa distinção foi realizada a partir de aspectos semânticos e de contexto, visto que os itens expostos acima não apresentaram morfemas afixados que realizasse processo de flexão para gênero animado ou inanimado, ou para gênero feminino ou masculino.

O numeral UM referiu-se a quantidade de ALUNO ou CRIANÇA, apesar de tal item lexical não aparecer de forma explícita no excerto. Conforme Ferreira Brito (1995), a flexão de número pode se realizar pela posposição do numeral a um item lexical, porém, mesmo sendo suprimido seu referente, o numeral UM indicou quantidade e, portanto, marcou singular.

Em relação à característica morfológica da marcação de singular nos itens CRIANÇA e ALUNO a partir da posposição, a uma distância considerável do item lexical UM, retomamos Schwager e Zeshan (2008) para observar que houve apresentação da morfologia segmentar a partir da composição sequencial dos signos. Porém, UM se realizou como morfema livre, posposto e relacionado à CRIANÇA e à SURDO, e não de maneira afixada.

Percebemos no excerto que para a criança surda ter contato com seus pares, o locutor sugere que ela seja levada a um lugar em que possa se encontrar com outras pessoas surdas. O plural de SURDO se realizou no verbo ENCONTRAR que foi reproduzido repetidamente. Sendo considerado como verbo simples por geralmente não flexionar em pessoa e número e não incorpora afixos locativos, se manifestou de uma forma peculiar nessa sentença.



**Figura 37:** ENCONTRAR

O verbo ENCONTRAR é realizado com as duas mãos com CM 14 ou CM 16, ponto de articulação no espaço neutro, mãos separadas uma anteposta a outra, ambas as mãos com movimento retilíneo opostos finalizado ao se encontrarem. O sinal ENCONTRAR pode ser utilizado tanto para seres animados quanto para seres inanimados, tem o sentido de se encontrar com alguém (uma pessoa), achar alguma coisa (um objeto) que estava perdido e descobrir algo (algum segredo ou alguma informação). Na sentença em questão, o verbo apresentou o sentido de encontrar com pessoas, e utilizou a CM 14 para representar também pessoas (FELIPE 1998). O verbo posposto ao substantivo SURDO realizou a marcação plural a partir da repetição do sinal com marcação referencial de SURDO em diversos pontos no espaço neutro.

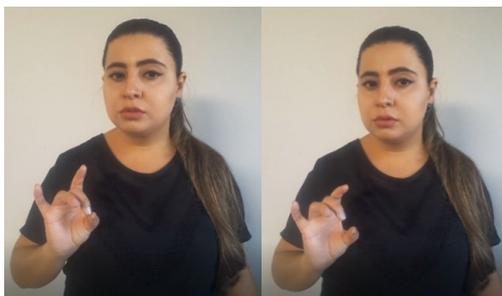
A mesma configuração de mão (CM 14) foi utilizada pelo locutor para se referir à quantidade de ALUNO ou CRIANÇA e no verbo ENCONTRAR pessoas, em ambos os casos com marcação singular e plural respectivamente. Assim, tanto o numeral um quanto o classificador para pessoa são utilizados pela mesma configuração de mão, e UM se referiu a ALUNO ou CRIANÇA, foi possível concluir que nesse caso houve a marcação de singular em nomes. No caso da ausência de marcação plural em SURDO, o verbo ENCONTRAR realizou a concordância incorporando os referentes surdos como pontos no espaço de sinalização, ao encontro do que Felipe (1998) afirma ao tratar da concordância verbal.

No excerto a seguir o enunciador exemplifica como é a rotina de algumas crianças surdas filhas de pais ouvintes que não dominam Libras. Há, também, situações em que a classe dos seres/entidades correspondente aos substantivos, dentro da categoria lexical, o que pode ser observado no próximo excerto:

Excerto 16 - IMPORTANTE loc j ISSO (*dêitico*), EXEMPLO pro3 ELE ESTUDAR<sub>1</sub> ENSINAR<sub>3</sub> BOM<sub>3</sub> VIR<sub>1</sub> (*verbo direcionado de fora pra dentro do espaço de sinalização, indicação de tempo presente*) EXEMPLO ESTUDAR SÓ 4-HORA@ SÓ 3-HORA@ (*horas com ponto de articulação no rosto, movimento circular em torno do rosto, indica horas corridas ou duração*) AS-VEZES (*sentido de condição variável*)<sub>1</sub> IR<sub>3</sub> (*verbo direcionado de dentro para fora do espaço de sinalização, movimento para frente, sentido oposto a vir*) CASA 12-HORA@, <expressão facial de desaprovação>mc 12-HORAS (*ênfase por repetição*) <expressão de espanto>mc <incorporação da reação da criança - apoiando o queixo na mão>EFC SÓ<sub>3</sub> VIR<sub>1</sub> ESCOLA 3-HORA@ BOM <jóia, gesto com dedo polegar>EFC LÍNGUA-DE-SINAIS (*derivação zero, substantivos verbais ou verbos denominais com sentido de SINALIZAR*)<incorporação da reação da criança - expressão de feliz>EFC VOLTAR CASA <incorporação da reação da criança - apoiando o queixo na mão>EFC <expressão facial de desaprovação>n PRECISAR FAMÍLIA ESCOLA UNIR JUNTO IMPORTANTE loc j ISSO (*dêitico*).

O docente surdo explica que algumas crianças surdas têm contato com a língua de sinais durante três a quatro horas por dia na escola, apenas. Ao retornar para suas casas, essas crianças surdas ficam cerca de doze horas sem se comunicar em Libras com ninguém. Com uma rotina como essa, muitas crianças surdas carecem de estímulos linguísticos. Assim, o enunciador aproveita para reforçar a importância de as famílias trabalharem junto com a escola para oportunizar as crianças surdas melhores condições que favoreçam o desenvolvimento linguístico delas.

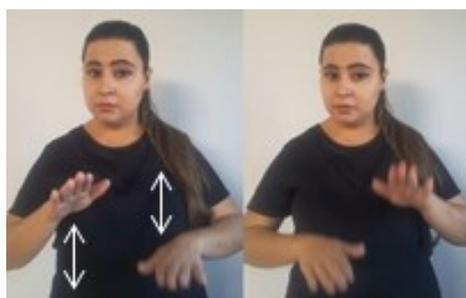
Na classe dos seres/entidades correspondente aos substantivos, dentro da categoria lexical, identificamos os sinais HORA@, CASA, ESCOLA, LÍNGUA-DE-SINAIS e FAMÍLIA. E na classe propriedades/atributos correspondente aos adjetivos foi possível identificar os itens IMPORTANTE, BOM, JUNTO, AS-VEZES e SÓ.



**Figura 38: SÓ/APENAS**

O item SÓ pode ser empregado em outros excertos com sentido de SOZINHO, nessa condição, o movimento deve ser repetido. Porém, no excerto, o sinal foi realizado sem repetição de movimento, com expressão facial específica e com sentido de APENAS qualificando a quantidade de horas como insuficiente, se manifestando, portanto, como adjetivo.

Em nossa análise, observamos que o item lexical AS-VEZES indicou imprecisão, se apresentou como um item lexical que aparenta com o sentido da expressão “às vezes” da Língua Portuguesa empregada quando não se sabe ao certo a frequência de uma coisa.



**Figura 39: AS-VEZES**

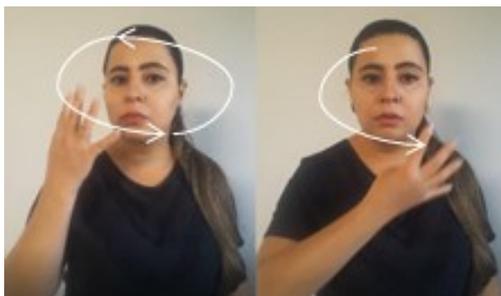
Esse sinal se assemelha também com a palavra no português “depende” que deriva do verbo depender, com sentido de dependência às circunstâncias. Nesse caso, o item lexical da Libras qualificou horas, se realizando como adjetivo.

Os nomes identificados como pertencentes às classes de substantivo e adjetivo se apresentaram como mais relacionáveis semanticamente ao gênero inanimado, isso, considerando o emprego dos adjetivos no contexto do excerto. Relembramos que o substantivo coletivo FAMÍLIA, embora seja empregado tendo como referente apenas a seres animados, não é propriamente um item a ser classificado como sendo do gênero animado. Tais itens lexicais também não apresentaram morfema marcador de flexão de gênero animado e inanimado, nem de gênero masculino e feminino.

Dentre a categoria dos nomes, o pronome pessoal ELE indicou semanticamente marcação de gênero animado, porém, sem morfema indicador de gênero masculino e feminino. O pronome se realizou também sem marcação de plural, indicando assim estar no singular, o que vai ao encontro da descrição de Ferreira Brito (1995) com CM 14 e ponto de articulação no espaço neutro. O locutor estabeleceu um ponto que marcou um referente ausente durante o discurso, com localização diferente da pessoa a quem direciona o olhar, o interlocutor com quem fala.

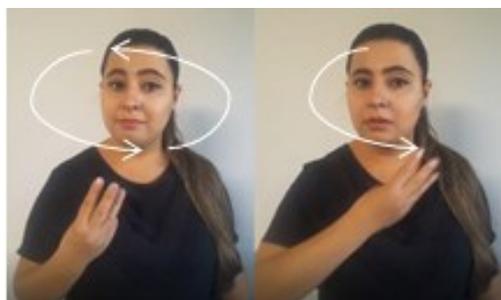
De acordo com Schwager e Zeshan (2008) o sinal ELE apresentou como característica a morfologia intrassegmentar, tendo em vista que o pronome definido singular concordou com o referente. Também, além da alteração da orientação da mão para concordar com o referente, o sinal apresentou configuração de mão e ausência de movimento circular que indicou singular.

Outro ponto que nos chamou a atenção diz respeito ao sinal HORA@ que foi realizado por meio de classificador a partir do ponto de articulação no rosto, e movimento circular em torno do rosto realizado pela mão dominante com configuração de mão incorporando os numerais três e quatro (CM 51 e CM 54).

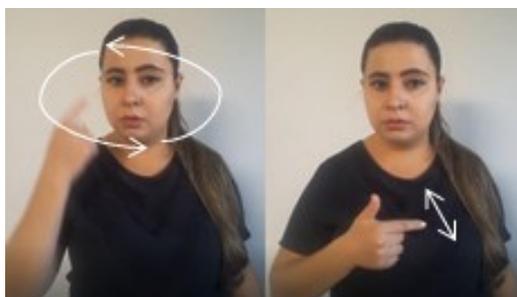


**Figura 40:** QUATRO-HORAS

Nesse contexto, a realização da forma plural de HORA@ ocorreu conforme Felipe (2006) descreve. De acordo com a autora, a flexão de número na Libras pode acontecer por meio da modificação interna da raiz pelo mecanismo de incorporação de numerais de um até quatro por meio de configurações de mão afixadas a raiz do sinal como quantificador. Conforme defendido por Schwager e Zeshan (2008), ainda em relação às características morfológicas de construção dos sinais QUATRO-HORAS e TRÊS-HORAS, apresentou morfologia intrassegmentar, visto que houve alterações internas na característica desses sinais, resultante da mudança de configuração de mão, CM 51 e CM 55, para realizar a incorporação de numeral, indicando variação de quantidade e indicando também flexão de número.



**Figura 41: TRÊS-HORAS**



**Figura 42: DOZE-HORAS**

Outra forma do emprego do substantivo HORA@ foi posposto ao numeral doze. A fim de concordar com a quantidade do numeral doze na impossibilidade fonológica da incorporação, o classificador HORA@ realizou o plural pela repetição do movimento circular em torno do rosto com a configuração de mão CM 14. Tal condição está de acordo com o proposto por Ferreira Brito (1995) ao apresentar que a flexão de número na Libras pode acontecer por meio da repetição do sinal, alterações no movimento e posposição de numerais. Quadros e Karnopp (2004) também apresentam que a flexão de número pode ocorrer pela repetição do sinal ou repetição de parte do sinal.

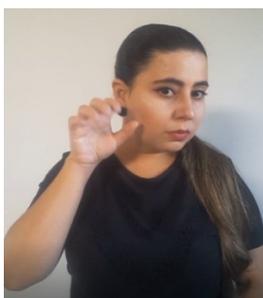
Em relação à característica morfológica da marcação de plural no item HORA@ a partir da posposto do numeral DOZE, considerando Schwager e Zeshan (2008), apresentou

morfologia segmentar, a partir da composição sequencial dos signos. Porém, DOZE se realizou como morfema livre, posposto e relacionado a HORA@ e não afixado. Já em relação ao plural de HORA@ executado pelo movimento circular em tondo do rosto realizado pela mão dominante com configuração de mão CM 14, conforme Schwager e Zeshan (2008), apresentou morfologia intrassegmentar devido a alteração interna na característica do sinal resultante da mudança de configuração de mão para indicar quantidade maior que quatro horas. Tal descrição está ao encontro de Felipe (2006) que postula que na Libras os quantificadores para dias, meses, anos e horas se alteram até o número quatro. A autora afirma também que, a partir do cinco, o numeral geralmente é articulado separadamente dos sinais.

No próximo excerto, o enunciador destaca a importância de ensinar língua de sinais para as pessoas ouvintes. Não que se vá exigir que os ouvintes alcancem a fluência ou sinalização perfeita, mas, que aprendam a Libras para saber se comunicar com os surdos. Observamos que apesar de a sentença apresentar o substantivo OUVINTE duas vezes com sentido geral, indicando todos os ouvintes, não apresentou marcação de plural. Também o pronome demonstrativo ISSO não apresentou plural, como por posposição ou anteposição de pronome indefinido como anteriormente.

Excerto 17 - IMPORTANTE ISSO (dêitico) OUVINTE (*ouvintes em geral, sem marcação de plural*) PRECISAR APRENDER LÍNGUA-DE-SINAIS PRECISAR POR-CAUSA COMUNICAR, <NÃO (*é, pronunciado oralmente*) SIGNIFICAR OUVINTE LÍNGUA-DE-SINAIS FLUENTE PERFEITO>NÃO, COMUNICAR SABER <*recolhe o corpo*>EFC IMPORTANTE ENSINAR.

Na categoria lexical, dentre a classe seres/entidades identificamos os itens OUVINTE, LÍNGUA-DE-SINAIS relacionados ao gênero animado e inanimado, respectivamente. O item OUVINTE não se realizou como uma característica de uma pessoa, mas sim como representando um grupo específico de pessoas em oposição a outro grupo de pessoas, os surdos. Assim, OUVINTE exerceu a função sintática de substantivo e não de adjetivo.



**Figura 43:** OUVINTE

Dentre a classe propriedades/atributos identificamos os itens IMPORTANTE relacionado ao gênero inanimado e, FLUENTE relacionado ao gênero animado, de acordo com o contexto em que foram empregados no excerto. A distinção foi realizada a partir de aspectos semânticos e de acordo com o contexto, uma vez que tais itens não apresentaram morfemas marcadores de flexão de gênero animado e inanimado. Os itens lexicais OUVINTE e FLUENTE, relacionáveis ao gênero animado, não apresentaram distinção de gênero masculino e feminino.

No excerto de número dezoito, o professor surdo destaca que se as pessoas ouvintes apresentarem o real interesse e desejo de aprender língua de sinais, uma vez ensinadas, será fácil atingir esse objetivo. Em relação à categoria dos nomes, no próximo excerto, pode ser identificado substantivo, o pronome pessoal, o pronome indefinido e ainda alguns adjetivos:

Excerto 18 - SE (*condição*) OUVINTE QUER INTERESSE DESEJAR TER APRENDER NÓS FÁCIL ENSINAR DESENVOLVER CONSEGUIR (*implícito já outra situação*) SE <*expressão de incerteza*>mc PARECER INTERESSE NÃO SÓ CURIOSO (*sentido de só agir como observador*) MAS APRENDER NADA, IMPORTANTE (*sentido implícito, é importante levar em conta essas questões*).

O enunciador pontua que muitas pessoas que aparentam ter o interesse de aprender Libras agem como observadores, não interagem por meio da língua e assim, acabam por não aprender. De acordo com o participante de pesquisa, é importante levar em consideração essas questões. Na categoria dos nomes, identificamos o substantivo OUVINTE, o pronome pessoal NÓS, o pronome indefinido NADA e os adjetivos FÁCIL, SÓ, CURIOSO, INTERESSE e IMPORTANTE.

No excerto, na categoria dos nomes, foi possível identificar o substantivo OUVINTE, o pronome pessoal NÓS, o pronome indefinido NADA e os adjetivos FÁCIL, SÓ, CURIOSO, INTERESSE e IMPORTANTE. Dentre esses itens lexicais pude relacionar OUVINTE, NÓS, CURIOSO e INTERESSE ao gênero animado e os itens NADA, FÁCIL, SÓ e IMPORTANTE ao gênero inanimado. Essa distinção pôde ser feita com base nos aspectos semânticos dos itens no contexto apresentado no excerto. Os itens lexicais não apresentaram afixos e nenhuma outra forma de marcação de flexão de gênero animado/inanimado e nem de gênero masculino/feminino.

Em relação à flexão de número, nesse contexto enunciativo observamos novamente que o substantivo OUVINTE se manifestou de forma genérica, se referindo as pessoas ouvintes, no geral, porém, o item lexical não apresentou marca de flexão plural, conforme outros casos aqui apresentados. A marcação plural apareceu apenas no pronome pessoal NÓS

que se realizou por meio de movimento circular indicando referentes indeterminados no espaço neutro geral.

O pronome se realizou conforme explicado por Ferreira Brito (1995), sendo que as três primeiras pessoas do singular são marcadas por pontos no espaço durante o discurso indicando a localização de referentes presentes ou ausentes, e da mesma forma se dá com as pessoas do plural, mas com acréscimo dos movimentos semicirculares e circulares, ou seja, por meio de alteração no parâmetro movimento.



**Figura 44:** NÓS

Essa descrição está ao encontro do conceito de morfema adotado por Felipe (2006), formados a partir de alguns parâmetros específicos que podem alterar a forma do sinal, como o parâmetro movimento, no caso apresentado caracterizando uma desinência, ou seja, uma marca de concordância número pessoal.

Conforme apresentado em Schwager e Zeshan (2008), em relação às características morfológicas de construção do pronome pessoal NÓS, este apresentou morfologia intrassegmentar, visto que embora tenha sido realizado com a mesma configuração de mão (CM 14) dos demais pronomes pessoais, indicou alteração em suas características internas de movimento para flexionar em número.

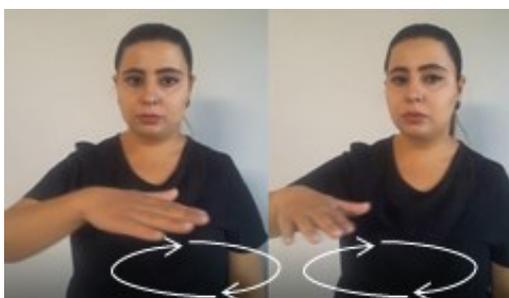
O próximo excerto destaca que é importante que todas as pessoas em todas as regiões ou cidades saibam um pouco de Libras. Novamente, o enunciador destaca que não se trata do uso fluente da língua, mas do conhecimento de quem é o povo surdo, sua identidade. Observamos nomes que se relacionam a verbos, como vemos na análise a seguir:

Excerto 19 - IMPORTANTE++ BOM <joia, gesto com dedo polegar>EFC  
 PORQUE (justificativa) FUTURO PODER COMUNICAR <MD com palma para  
 baixo por meio de movimento circular marcando espaço neutro>el PARECER  
 PODER CIDADE@ (plural por repetição) JÁ SABER LÍNGUA-DE-SINAIS,  
 NÃO (É, pronunciado oralmente) SIGNIFICAR LÍNGUA-DE-SINAIS (sinalizar)  
 PERFEITO PORQUE (justificativa) POUCO CONHECER O-QUE É SURDO.

Identificamos no excerto nomes relacionados a verbos, como o item FUTURO anteposto ao verbo PODER indicou variação de tempo e os itens POUCO e NÃO anteposto aos verbos CONHECER e SIGNIFICAR que se realizaram como advérbio indicando pequena quantidade e negação, respectivamente. Também identificamos entre os nomes os adjetivos IMPORTANTE, BOM, PERFEITO; os substantivos CIDADE, LÍNGUA-DE-SINAIS; e o classificador marcador de espaço neutro.

Dentre os sinais elencados acima, foi possível relacionar tanto ao gênero animado quanto ao gênero inanimado, apenas o classificador marcador de espaço neutro, isso pelo contexto e sentido. Nenhum dos itens apresentou afixos marcadores de gênero animado/inanimado e feminino/masculino, uma vez que o contexto não exigiu tal informação gramatical, conforme Ferreira Brito (1995) afirma em seus estudos que isso pode ocorrer.

O marcador de espaço neutro aparece posposto ao verbo COMUNICAR e anteposto a PARECER PODER CIDADE@, uma vez que o contexto de utilização do verbo COMUNICAR indica uma ação humana, embora não apareça o substantivo PESSOA, e há a presença da posposição do substantivo CIDADE, o marcador apresentou sentido de quantidade, todas as pessoas/cidades, ou então, o número máximo de pessoas/cidades.



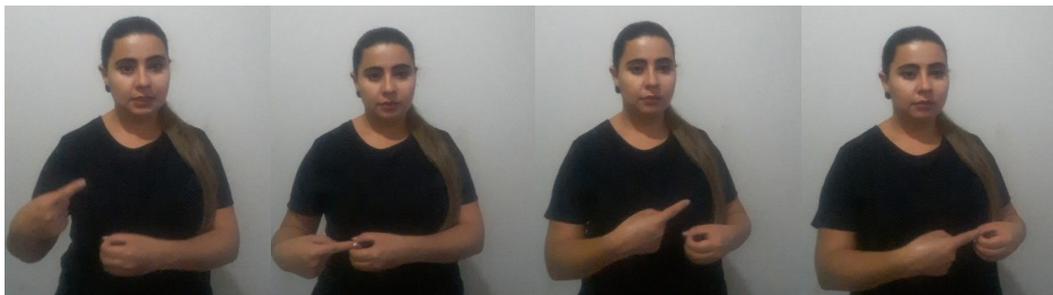
**Figura 45:** Marcador de espaço neutro

O classificador apresentou parâmetros independentes, porém seu sentido se manteve atrelado à composição dos sinais no excerto. Assim, ao encontro de Felipe (2002) que trata do classificador como categoria semântica, o morfema se apresentou como um formante dependente.

Ao encontro de Schwager e Zeshan (2008), identificamos no excerto a morfologia segmentar, a partir da composição sequencial dos signos. O sentido plural foi construído pela composição FUTURO PODER COMUNICAR acrescido do classificador de espaço neutro com sentido plural. O referido classificador apresentou-se como morfema livre, posposto ao verbo transitivo COMUNICAR, apresentou como referente PESSOAS e indicou aspecto

plural, porém, não se manifestou propriamente como um afixo, mas sim como formante dependente.

Em nossas análises, observamos que o plural também foi realizado no substantivo CIDADE por meio de repetição, ao encontro do que Ferreira Brito (1995) e Quadros e Karnopp (2004) afirmam em suas pesquisas que pode isso pode ocorrer nas línguas de sinais.



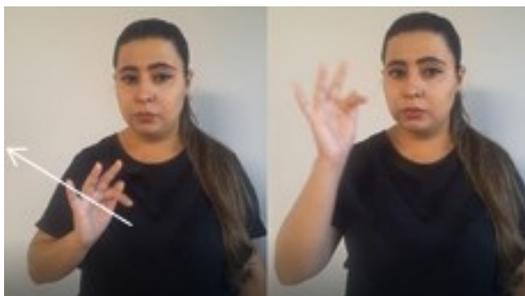
**Figura 46: CIDADES**

O item lexical CIDADE@ apresentou morfologia segmentar, por meio do processo sequencial de reduplicação, visto que o sinal foi repetido. O sinal é realizado com ambas as mãos; a mão não dominante (de apoio) manteve sua configuração CM 22 sendo deslocada por meio de movimento retilíneo no espaço neutro; a mão dominante também teve sua configuração de mão CM 14 mantida, sendo reduplicado apenas seu movimento, que foi repetido sequencialmente.

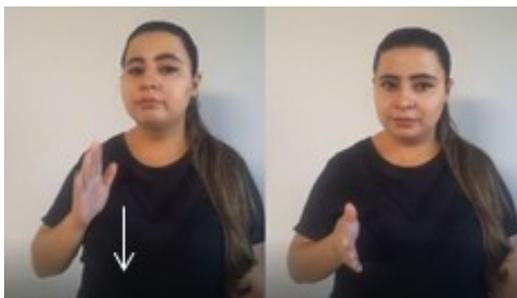
O excerto seguinte aborda que os meios de comunicação não divulgam informações sobre as pessoas surdas, de acordo com o participante de pesquisa. Nesse excerto identificamos, novamente, nomes que se relacionam a verbos.

Excerto 20 - AS-VEZES TELEVISÃO<sub>1</sub> INFORMAR<sub>3</sub> (*verbo direcionado de dentro para fora do espaço de sinalização, com sentido de prestar informação*) NADA<sub>3</sub> INFORMAR<sub>1</sub> (*sinal direcionado de dentro para fora do espaço de sinalização, com sentido de receber a informação*) NADA NÃO-CONHECE <O-QUÊ>?, ESCOLA DISCIPLINA EXPLICAR ENTENDER O-QUE É (*verbo ser*) SURDO, FUTURO CRESCER JÁ SABER FÁCIL, ISSO (*dêitico*) IMPORTANTE.

O enunciador afirma que como não têm acesso a essa informação, as pessoas ouvintes desconhecem os surdos. Então, ele entende que se houvesse uma disciplina de Libras na escola as crianças ouvintes cresceriam compreendendo quem são os surdos. O substantivo FUTURO anteposto a CRESCER foi utilizado para marcar o tempo do verbo.



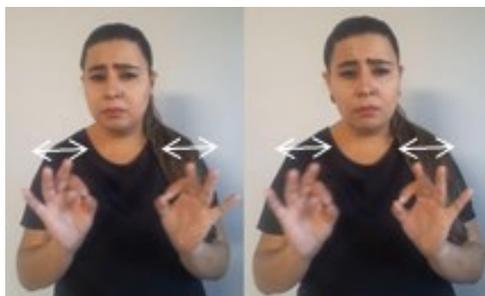
**Figura 47: FUTURO**



**Figura 48: JÁ**

JÁ se realizou como advérbio anteposto ao verbo SABER com sentido de antecipação, sendo assim, no contexto indica que ter acesso a Libras na escola anteciparia os conhecimentos da criança sobre o povo surdo e dessa maneira, as crianças cresceriam já tendo acesso a essas informações.

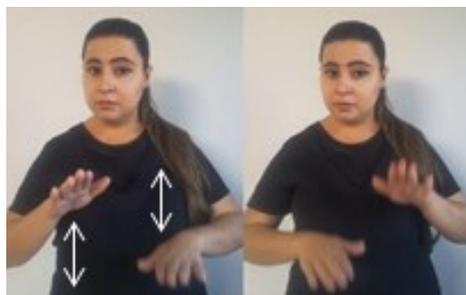
Em continuidade às nossas análises, NADA se realizou também como advérbio anteposto aos verbos INFORMAR e NÃO-CONHECER, esse último verbo com negação incorporada. NADA indicou negativa, ausência ou inexistência. No primeiro emprego no contexto, indicou que os meios de comunicação não divulgam, ou não informam. No segundo emprego, indicou ausência ou inexistência de qualquer conhecimento por parte da maioria das pessoas sobre o povo surdo.



**Figura 49: NADA**

O item AS-VEZES apareceu anteposto ao substantivo TELEVISÃO, fazendo referência não ao aparelho eletrodoméstico em si, mas às informações que nela são

veiculadas, como apresentado em TELEVISÃO INFORMAR. Assim, foi possível depreender a função de AS-VEZES como sendo a de advérbio, indica sentido de ocasionalidade, pois consta no excerto que vez ou outra a televisão divulga alguma informação sobre os surdos.



**Figura 50:** AS-VEZES

Na classe seres/entidades correspondente aos substantivos, na categoria lexical, foi possível identificar os itens TELEVISÃO, ESCOLA, DISCIPLINA, SURDO, sendo esse último item denominação e não característica. Na classe propriedades/atributos, ainda na categoria lexical observamos o item IMPORTANTE com referência à atenção que se deve dar ao ensino da Libras.

Tomando os aspectos semânticos com base no contexto enunciativo, relacionamos o substantivo SURDO como pertencente ao gênero animado e os demais itens, AS-VEZES TELEVISÃO, NADA, ESCOLA, DISCIPLINA, FUTURO, JÁ, FÁCIL, e IMPORTANTE, relacionados ao gênero inanimado. Porém, os itens acima não apresentaram afixos ou incorporação de morfemas que indicassem tal distinção, também não apresentaram flexão para gênero masculino e feminino.

Em relação à flexão de número, conforme vimos, posposto a verbos, o advérbio NADA apresenta sentido negativo em INFORMAR NADA e ausência em NÃO-CONHECER NADA. No entanto, o advérbio não apresentou propriamente relação semântica de quantidade, e conseqüentemente, não apresentou variação de número. Também, apresentou sujeito elíptico OUVINTE, que pode ser identificado pelo contexto como sendo de quem o locutor trata de modo geral ou abrangente, ou seja, se refere a todos os ouvintes; porém, se realizou sem marcação plural. O substantivo SURDO também não apresenta marcação plural, uma vez que abrange todos os surdos de forma geral e determinada – O QUE É (ser) SURDO.

No excerto a seguir, o locutor salienta que na faculdade onde ministra a disciplina de Libras, o interesse em aprender a língua, por parte dos alunos, vária bastante. Apesar dessa situação, considera importante a oferta da disciplina de Libras na universidade. Dentre os

itens classificados como gênero animado não identificamos morfema marcador de flexão de gênero masculino e feminino.

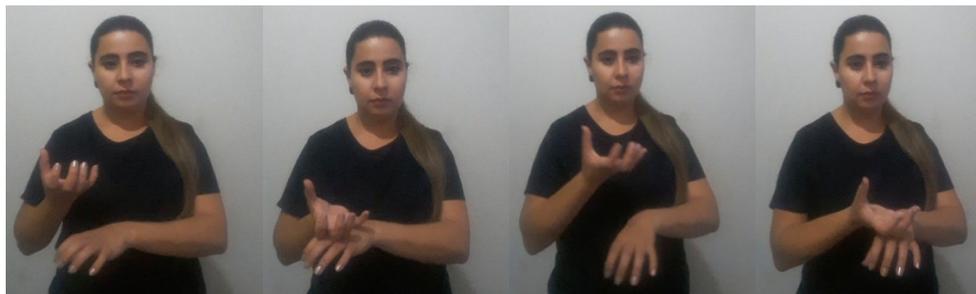
Excerto 21 - EXEMPLO loc i AQUI (*dêitico*) TER FACULDADE DISCIPLINA@ (*plural por repetição*) ALGUNS (*alunos, sentido implícito*) TER INTERESSE APRENDER LÍNGUA-DE-SINAIS BOM, ALGUM@ NÃO, CADA-UM ÀS-VEZES (*senal com sentido de VÁRIA ou a depender da circunstância de cada pessoa*) MAS IMPORTANTE (*ensinar, sentido implícito*) LÍNGUA-DE-SINAIS.

Identificamos nesse excerto diferentes nomes entre a classe seres/entidades, e reconhecemos os substantivos FACULDADE, DISCIPLINA, LÍNGUA-DE-SINAIS, EXEMPLO, além do morfema marcador de negação NÃO posposto ao pronome indefinido plural ALGUNS, mas que fez referência ao verbo TER, realizando-se, portanto, na função de advérbio. Entre a classe propriedades/atributos foi possível identificar os adjetivos INTERESSE, BOM; ao passo que também reconhecemos os pronomes indefinidos ALGUNS e CADA-UM e o advérbio ÀS-VEZES.

ÀS-VEZES aqui foi empregado posposto ao pronome indeterminado CADA-UM, que tem como referente ALUNO. Apresentou, no excerto, sentido de condição variável, o interesse em aprender Libras irá depender das circunstâncias de cada aluno. Visto que o item lexical se refere ao adjetivo INTERESSE, se manifestou aqui como advérbio. Anteriormente, o item ÀS-VEZES se referiu a verbos, a substantivos e a adjetivos, por exemplo, sendo anteposto a IR, FAMÍLIA e DIFÍCIL, porém, manteve o mesmo sentido de variabilidade e ocasionalidade.

Por meio da análise, foi possível relacionar os itens FACULDADE, DISCIPLINA, LÍNGUA-DE-SINAIS, EXEMPLO, ÀS-VEZES ao gênero inanimado e os itens INTERESSE, BOM, ALGUNS e CADA-UM ao gênero animado, isso com base nos aspectos semânticos apresentados no excerto.

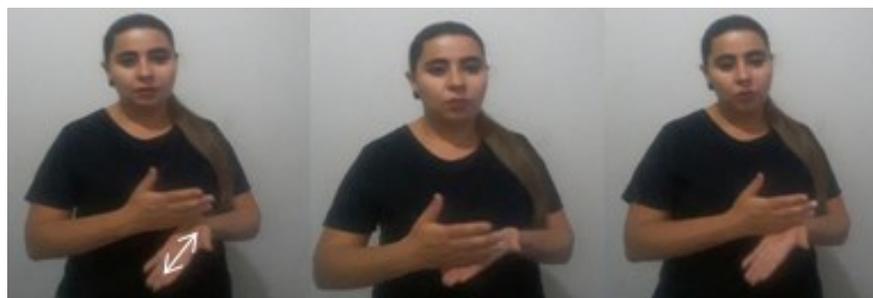
Ao encontro de Ferreira Brito (1995) e Quadros e Karnopp (2004) que tratam do processo de marcação de plural a partir da repetição do sinal, o substantivo DISCIPLINA@ apresentou repetição marcada pelo movimento realizado com diferentes pontos de articulação no espaço. Apesar de se tratar de uma mesma disciplina ela é apresentada a várias turmas, e em cada turma ela recebe uma recepção diferente. Alguns alunos apreciam a disciplina, já outros alunos não demonstram o mesmo interesse, de acordo com o professor surdo.



**Figura 51: DISCIPLINAS**

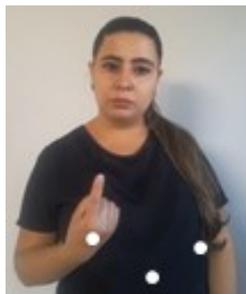
Ao encontro de Schwager e Zeshan (2008), foi possível identificar que o plural do sinal DISCIPLINA se enquadra na morfologia segmentar por meio do processo sequencial de reduplicação. O sinal realizado com ambas as mãos, manteve os parâmetros de ponto de articulação e configuração de mãos, sendo reduplicado o seu movimento ao longo do espaço neutro, de forma espelhada e sequencial.

Observamos ainda que o substantivo ALUNO@ não aparece explícito no texto, porém, seu sentido implícito pode ser apreendido no contexto, por meio do emprego do pronome indefinido ALGUNS com sentido de uma quantidade indeterminada, ou uma porção relativa, indicando semanticamente aspecto plural. Assim, parte dos alunos demonstra interesse e outra parte não, de forma não quantificada precisamente, mas variável.



**Figura 52: ALGUNS**

O processo de construção de sentido plural no excerto se realizou pela composição dos sinais, ALGUNS TER INTERESSE. Nessa direção, ao encontro do que defendem Schwager e Zeshan (2008), identificamos a morfologia segmentar, a partir da composição sequencial dos signos. O pronome indefinido ALGUNS, posposto ao verbo transitivo TER, se realizou como morfema livre, porém, tendo como referente implícito ALUNO@, indicou semanticamente plural.



**Figura 53:** CADA-UM

O pronome indefinido CADA-UM também se referiu no contexto a ALUNO, com sentido de indicar um indivíduo ou uma coisa na coletividade. Assim, foi utilizado no excerto para indicar que cada aluno tem uma expectativa diferente em relação a Libras, o que não pode ser previsto pelo professor. O sinal foi realizado com a mão dominante DM, configuração de CM 14, ponto de articulação em espaço neutro a frente do sinalizador e com movimento marcando referentes aleatórios no espaço de sinalização. Com a mesma base, mas com incorporação dos numerais dois e três pode ser utilizado para indicar, respectivamente, duplas e trios, a configuração de mão utilizada marcou singular. Assim, a flexão de número na Libras ocorreu por meio da modificação interna da raiz pelo mecanismo de incorporação, conforme descreve Felipe (2006).

Em relação às características morfológicas de construção do sinal CADA-UM, conforme defendido por Schwager e Zeshan (2008), apresentou morfologia intrassegmentar, visto que possibilita a alteração interna na característica do sinal e a alteração na configuração de mão para incorporar numerais e produzir a flexão de número. Vale destacar que no excerto acima se manifestou no singular.

Em relação ao processo de construção de sentido no excerto realizado pela composição dos sinais, ALGUNS TER INTERESSE APRENDER LÍNGUA-DE-SINAIS BOM ALGUNS NÃO CADA-UM, indicou morfologia segmentar, a partir da composição sequencial dos signos, conforme Schwager e Zeshan (2008) esclarecem. O sentido singular do sinal CADA-UM se relacionou com os demais itens a ele antepostos, apresentando o mesmo referente implícito que do item lexical ALGUNS, porém, se realizou com sentido de individualizar ALUNO@ na coletividade.

No próximo excerto, o enunciador explica que devido ao cansaço e excesso de conteúdo das demais disciplinas dos cursos, alguns alunos ficam sobrecarregados. Isso contribui para que eles fiquem desmotivados em relação à aprendizagem da disciplina de Libras, resumindo a aprendizagem. Observamos a seguir que os substantivos, adjetivos,

pronome indefinido e advérbio de negação estão relacionados ao gênero animado e ao gênero inanimado:

Excerto 22 - TAMBÉM ALGUM@ ALUNO@ CANSADO POR CAUSA DISCIPLINA@ (plural por repetição) VÁRIOS DIFÍCIL MAIS (*senal de adição*) LÍNGUA-DE-SINAIS GRAVAR-NA-MENTE PARECER NÃO-CONSEGUIR (*negativa incorporada*) NÃO (*segunda negativa explícita*).

O excerto foi constituído de alguns nomes dentre eles os substantivos ALUNO, DISCIPLINA, LÍNGUA-DE-SINAIS; os adjetivos CANÇADO, DIFÍCIL; o pronome indefinido ALGUNS; e, o advérbio de negação NÃO. Dentre esses, foi possível relacionar ao gênero animado os itens ALUNO, CANSADO e ao gênero inanimado os itens DISCIPLINA, LÍNGUA-DE-SINAIS e DIFÍCIL. Tal distinção pôde ser realizada com base nos aspectos semânticos apresentados dentro do contexto apreciado. Porém, não apresentaram morfemas que marcassem tal distinção entre os gêneros animados e inanimados. Os itens ALUNOS e CANSADO também não apresentaram morfemas marcadores de gênero masculino/feminino.

Nesse excerto, observamos a presença do substantivo ALUNO@, porém, sem marcação de plural. Novamente o pronome indefinido ALGUNS ocorre anteposto a ALUNO@ e realizou semanticamente o sentido plural, indicando quantidade, indicando que parte do coletivo de alunos se encontram nessas condições: cansados, sobrecarregados e desmotivados. Assim, identificamos a morfologia segmentar, a partir da composição sequencial dos signos, conforme Schwager e Zeshan (2008).

O substantivo DISCIPLINA@ apresenta novamente plural por repetição conforme Ferreira Brito (1995) e Quadros e Karnopp (2004) elucidam em seus estudos, sobre a possibilidade que isso ocorrer. Nossa análise observou também, ao encontro de Schwager e Zeshan (2008), que a morfologia segmentar pode ocorrer pelo processo sequencial de reduplicação, conforme anteriormente descrito e ilustrado.

Posposto a DICIPLINAS encontramos VÁRIOS com sentido de quantidade variável e diversidade. Assim, VÁRIOS indeterminou DISCIPLINA@ e indicou semanticamente aspecto plural. Com isso, o processo de construção de sentido plural foi realizado pela composição dos sinais, TAMBÉM ALGUNS ALUNO CANÇADO POR-CAUSA DISCIPLINA@ VÁRIOS. A composição sequencial desses signos, conforme Schwager e Zeshan (2008), indicou a morfologia segmentar. O emprego do pronome indefinido VÁRIOS se realizou como morfema livre posposto a DICIPLINA@, indeterminando e reforçando o sentido plural desse substantivo.

Por meio do próximo excerto, compreendemos que o professor surdo se dispõe a ensinar Libras com paciência sem exigir dos alunos a fluência na língua. Entretanto, o professor almeja que seus alunos ouvintes conheçam como as pessoas surdas são e como elas se comunicam. Observamos que os substantivos, os adjetivos e o advérbio presentes no excerto seguinte, com base nos aspectos semânticos, podem ser identificados como sendo do gênero inanimado:

Excerto 23 - MAS EU PROFESSOR PACIÊNCIA ENSINAR MAS NÃO (*é, pronunciado oralmente*) IMPORTANTE SABER LÍNGUA-DE-SINAIS NÃO (*sentido, o mais importante não é saber libras*)<sub>3</sub> VER<sub>1</sub> (*verbo direcionado para o sinalizador*) CONHECER < *marcação de pessoa com direcionalidade*>c1 SURDO.

O docente surdo afirma em sua narrativa que os alunos surdos poderão adquirir diferentes conhecimentos a partir do contato com ele, professor nativo surdo. Percebemos que o excerto apresenta dentre os nomes os substantivos PROFESSOR, LÍNGUA-DE-SINAIS, SURDO; os adjetivos PACIÊNCIA, IMPORTANTE; o advérbio NÃO; e, o pronome pessoal EU. Nessa direção, a partir do contexto, com base nos aspectos semânticos identificamos como sendo do gênero inanimado os sinais LÍNGUA-DE-SINAIS, NÃO e IMPORTANTE e como sendo do gênero animado os sinais EU, PROFESSOR, PACIÊNCIA e SURDO. Porém, esses itens lexicais, com exceção de SURDO, não apresentaram marcação, por meio de morfemas indicadores da distinção entre gênero animado e inanimado. Os itens PROFESSOR e SURDO, referente ao gênero animado pessoas, embora pudessem, não apresentaram morfema indicador de gênero (sexo) masculino e feminino.

Anteposto ao sinal SURDO identificamos o morfema classificador para pessoas, referente ao gênero animado. O morfema apresentou configuração de mão CM 19, palma voltada para o lado, ponto de articulação no espaço neutro, com movimento vertical de cima para baixo, marcando referente ausente. Ao encontro do que Felipe (2002) afirma, o morfema se realizou como formante dependente, tendo seu sentido ligado ao item subsequente SURDO, marcando flexão de gênero animado (pessoa).

A partir da marcação de gênero animado, apresentada no excerto, identificamos a morfologia segmentar pela composição sequencial da entidade, conforme Schwager e Zeshan (2008) elucidam. O classificador marcador de gênero animado foi anteposto ao item lexical SURDO, se manifestando por meio de composição sequencial. Assim, o classificador se realizou como morfema livre, porém, como formante dependente, anteposto a um item lexical ligou o seu sentido a ele, marcando gênero animado em SURDO.

O pronome pessoal EU se realizou no singular utilizando a configuração de mão CM 14. Tal realização está ao encontro da descrição de Ferreira Brito (1995), de acordo com a pesquisadora, todos os pronomes pessoais no singular utilizam a configuração de mão CM 14, sendo que, para indicar primeira pessoa, a CM 14 tem como ponto de articulação o peito do locutor, e é realizada por meio de apontamento.



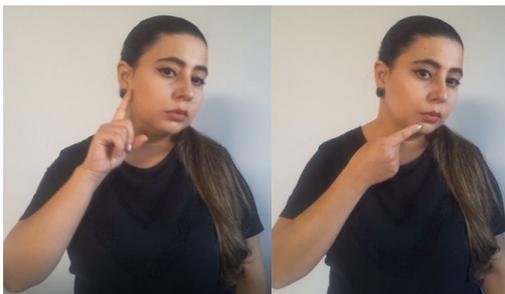
**Figura 54:** EU

Novamente a construção do sinal EU, conforme defendido por Schwager e Zeshan (2008), apresentou morfologia intrassegmentar, visto que o pronome definido singular concordou com o referente a partir de alteração da orientação da mão, mantendo a configuração de mão empregada também nos demais pronomes pessoais.

Os substantivos PROFESSOR e SURDO não apresentaram marcação plural, portanto, estão no singular. Câmara Jr (1989) definiu a flexão de número como a oposição dentre um único indivíduo e os demais, pela presença ou ausência de morfema que marca o plural. No excerto de número vinte e três observei a ausência de marcação de plural, em que os substantivos PROFESSOR e SURDO são apresentados no singular.



**Figura 55:** PROFESSOR



**Figura 56:** SURDO

No próximo excerto, o enunciador apresenta o objetivo do professor ao ministrar as aulas de Libras. Observamos a seguir que a categoria dos nomes, os substantivos, os pronomes pessoais e o pronome indefinido podem ser relacionais aos gêneros animado e inanimado:

Excerto 24 - ELE (*alunos, sentido implícito*) FUTURO FORMAR INGRESSAR TRABALHAR, EXEMPLO DENTISTA OU SEGUNDO (*enumeração*) MÉDICO QUALQUER (*personificação do aluno egresso*) PESSOA <classificador para pessoa>cl (*ele –o ex-professor surdo*)<sub>2</sub> VIR<sub>1</sub> (*verbo direcional ex-professor vindo ao aluno egresso*):“SURDO LEMBRAR, (*dêitico com marcação de passado aponta pra trás do sinalizador*) PROFESSOR SURDO PACIÊNCIA (*comigo, sentido implícito*) EU FAZER APRENDER.

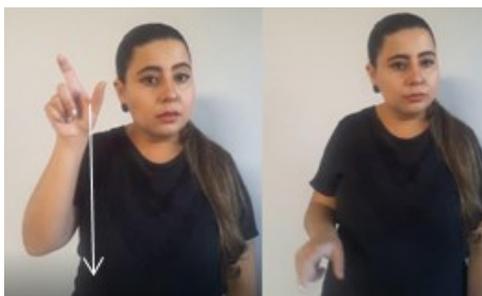
O docente surdo anseia que os alunos egressos, independente do curso, sejam capazes de reconhecer a partir de suas aulas e do modo como ensinava, a pessoa surda. Caso seja possível alcançar esse objetivo, o aluno egresso retribuirá a dedicação do professor por meio do serviço adequado que prestará às pessoas surdas.

Em nossas análises, identificamos entre a categoria dos nomes os substantivos FUTURO (que marcou o tempo verbal de FORMAR, INGRESSAR e TRABALHAR) EXEMPLO, DENTISTA, MÉDICO, PESSOA, SURDO; os adjetivos SURDO, PACIÊNCIA; os pronomes pessoais ELE, EU; e pronome indefinido QUALQUER. Dentre esses, tomando como base no contexto e nos aspectos semânticos, foi possível relacionar ao gênero animado os itens DENTISTA, MÉDICO, PESSOA, SURDO, PACIÊNCIA, ELE, EU e QUALQUER e ao gênero inanimado os itens FUTURO e EXEMPLO.

Tais itens apreciados acima, não apresentaram morfema marcador para fazer a distinção entre gênero animado e inanimado. Dentre os itens de gênero animado, destacamos os itens DENTISTA, MÉDICO, PESSOA, SURDO, PACIÊNCIA e ELE que poderiam apresentar morfema indicador de gênero feminino e masculino, mas não apresentaram, visto

que a sentença não exigiu essa informação gramatical, conforme o que afirma Ferreira Brito (1995) em sua pesquisa.

Retomamos Felipe (1998) para elucidar que certas configurações de mãos podem funcionar como classificadores utilizados para marcar a concordância de gênero animado e inanimado, inclusive em nomes. Um item no excerto anterior apresentou essa característica, já que foi utilizado como marcador para o gênero animado (pessoa).



**Figura 57:** MARCADOR DE PESSOA – CL

O classificador apresentou configuração de mão CM 19, palma voltada para o lado, ponto de articulação no espaço neutro, direcionalidade marcando referente ausente, com movimento vertical de cima para baixo. Apresentou também características morfológicas independentes, no entanto, seu sentido necessitou do ser completado pelo item lexical que o antecedeu, assim se constituiu como um formante dependente, conforme Felipe (2002) explanou ao tratar do classificador como categoria semântica. O classificador se realizou como um morfema livre, como formante dependente, posposto ao item lexical PESSOA para marcar referente ausente de gênero animado. Nessa direção, o classificador marcador de gênero animado apresentou, morfologia segmentar pela composição sequencial dos signos, conforme já explanado pelos autores Schwager e Zeshan (2008).

Estabelecido um ponto no espaço para indicar a terceira pessoa, com referente ausente, o pronome pessoal ELE foi realizado com a configuração de mão CM 14, FERREIRA BRITO (1995). O sinal também apresentou morfologia intrassegmentar, visto que o pronome definido singular concordou com o referente a partir de alteração da orientação da mão, conforme esclarecem Schwager e Zeshan (2008). ELE é realizado no singular, mas com sentido geral (todos os ex-alunos) e não específico (uma pessoa em particular), da mesma forma, o primeiro emprego do substantivo SURDO é realizado no singular, para se referir aos surdos no geral. Já o segundo emprego de SURDO é utilizado posposto a PROFESSOR, se apresentando como um característica. Tanto o atributo SURDO quanto o substantivo

PROFESSOR se referem a uma pessoa específica e não apresentam marcação plural, logo, se realizaram no singular.

Identificamos no excerto seguinte o adjetivo e o advérbio na categoria dos nomes, e os demais itens lexicais na função de verbo. Observamos que os itens lexicais não apresentaram marcação de flexão de gênero animada/inanimado por meio de morfemas,

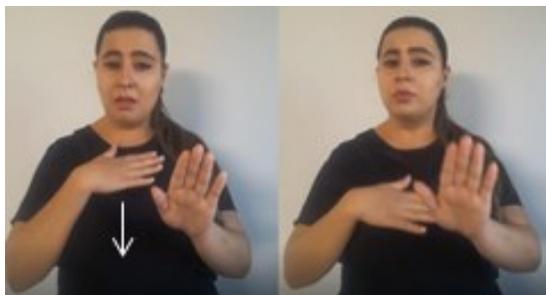
Excerto 25 - MAS (*incorporação do professor fazendo uma fala no passado lembrada pelo aluno egresso*) VER CALMAR-SE —!—<ENTENDER-NÃO>n <negativa com a manear da cabeça>n —?— <expressão de interrogação>mc CONVERSAR ACALMAR-SE LÍNGUA-DE-SINAIS (*derivação zero, substantivo/verbo SINALIZAR*) <demodo calmo>mc (*movimento no olhar, retomando o tempo presente*) BOM AJUDAR POUCO.

Esse excerto trata das possíveis lembranças que o aluno egresso terá, acerca do modo calmo e paciente do professor surdo lhe ensinar Libras. Com tal modo de ensinar o professor enunciador visa dar condições para que mesmo que o aluno tenha aprendido só o básico da língua, ao se deparar com uma pessoa surda, terá condições de interagir com ela, uma vez que será possível retomar os conhecimentos que lhe foi ministrado.

O excerto apresentou, dentre a categoria dos nomes o adjetivo BOM e advérbio POUCO, os demais itens lexicais se realizam na função verbo, incluindo LÍNGUA-DE-SINAIS. Visto que os itens lexicais não apresentaram marcação de flexão de gênero animada/inanimado por meio de morfemas, foi possível identificá-los como pertencentes ao gênero inanimado pelo contexto, com base nos aspectos semânticos. O gênero masculino e feminino pode ser empregado aos itens lexicais referentes ao gênero animado por meio de morfema específico, conforme descrito em Brito (1995). Como o excerto não apresentou itens lexicais de gênero animado, não houve o emprego de morfemas classificadores de gênero (sexo).

No excerto anterior, identificamos que o locutor interage comunicativamente com outra pessoa, o que pode ser observado no verbo ACALMAR-SE. O verbo apresenta simultaneidade, é realizado com as duas mãos, ambas com configuração de mão CM 57. A mão dominante tem como ponto de articulação o peito do locutor, e é realizada com movimento retilíneo de cima para baixo tocando o peito. A mão não-dominante é estendida no espaço neutro à frente do sinalizador identificando o pronome pessoal você, com quem se fala. Assim, dentro do contexto discursivo o professor pede para o aluno se acalmar. Ao encontro de Ferreira Brito (1995), Felipe (1998) e Quadros e Karnopp (2004) a

direcionalidade pode indicar uma flexão verbal de pessoas do discurso, nesse caso esse verbo indica 2ª pessoa do singular, como observado a seguir.



**Figura 58: ACALMAR-SE**

Pelo contexto, percebemos que o locutor é o aluno que relembra enunciações do seu professor. Tal enredo é encadeado pelas ações de tais personagens, numa ficção, com objetivo de sensibilizar o expectador, dentro do discurso, sensibilizar a pessoa com quem o locutor está interagindo comunicativamente. Assim, no referido excerto, o locutor cria um enredo personificando o personagem aluno que trata sobre o professor, ou seja, ele mesmo, mas isso ocorre na terceira pessoa, pela perspectiva do aluno. Nesse contexto, sintaticamente PROFESSOR e ALUNO não aparecem explicitamente na sentença. Ambos são reconhecidos por meio do verbo ACALMAR-SE e do contexto em que a oração é empregada, sem marcação plural.

LÍNGUA-DE-SINAIS também não apresenta marcação plural, mas apresenta flexão de modo com alteração na frequência do movimento que se torna mais lento e uniforme, ao encontro de Felipe (1998) que afirma que o parâmetro Movimento (M) pode ter alteração na sua frequência para marca aspecto modal. Assim, de acordo com os processos de formação de sinais descritos em Felipe (1998) identificamos LÍNGUA-DE-SINAIS/SINALIZAR como o processo de derivação zero, uma vez que a função desse item lexical só pode ser diferenciada a partir do contexto linguístico em que está inserido. Felipe (2006) define esse fenômeno como verbos denominais ou substantivos verbais, pois, possuem a mesma forma para os pares verbo/substantivo. Neste caso, o item demonstrou aspecto de modo foi possível identificá-lo como verbo e sem flexão de número. Portanto, esse caso não se enquadra na flexão nominal, objeto de estudo ao qual se dedica esta pesquisa.

POUCO se realiza como advérbio para quantificar/intensificar o verbo AJUDAR. Semanticamente, indica pequena quantidade, dentro do contexto do excerto indicando que as medidas adotadas representam uma pequena ajuda, porém, não de modo a inferiorizar ou

menosprezar essa ajuda, uma vez que o verbo é posposto ao adjetivo BOM. Portanto, com BOM AJUDA POUCO indica semanticamente que com uma pequena ajuda pode se ter bons resultados. Apesar de apresentar semanticamente sentido de quantidade POUCO não se manifestou como marcador de flexão de número na LIBRAS.

No excerto seguinte, o enunciador dá sequência à fala anterior em que trata da importância de ajudar os ouvintes a aprenderem Libras. Ele conclui que o ideal seria que todas as pessoas no Brasil conhecessem a Libras e expressa o seu desejo para que isso aconteça. Observamos que os substantivos e o adjetivo podem ser referentes ao gênero inanimado ao passo que o pronome se relaciona ao gênero animado.

Excerto 26 - MAS IMPORTANTE <alteração no parâmetro movimento para indicar intensidade e expressão facial>EFC APRENDER<marcação no espaço>cl. <EU QUERO O-QUE>qu (Expressão de interrogação) BRASIL <marcação no espaço e alteração no parâmetro movimento para indicar intensidade>cl APRENDER LÍNGUA-DE-SINAIS.

Em nossa análise, dentre a categoria dos nomes foi possível identificar no excerto os substantivos BRASIL e LIBRAS e o adjetivo IMPORTANTE referentes ao gênero inanimado. Também identificamos o pronome EU que pode ser relacionado ao gênero animado. Tal distinção se deu por meio dos aspectos semânticos apresentados dentro do contexto. Nessa situação, não houve o emprego de morfema classificador de gênero animado e inanimado, também não ocorreu a marcação de gênero masculino e feminino.

Percebemos que ocorreu a utilização novamente do marcador de espaço realizado com a CM 6 pela mão dominante com movimento circular no espaço neutro de sinalização. A utilização de tal classificador indicou semanticamente a importância de todas as pessoas, no geral, aprenderem Libras.



Figura 59: Marcador de espaço neutro

No primeiro emprego posposto ao verbo APRENDER, observamos que o contexto considera como referente implícito PESSOAS, que se realizou como marcando quantidade e indicando semanticamente aspecto plural. O segundo emprego do formante dependente foi posposto a BRASIL, porém, novamente tendo como referente implícito PESSOAS brasileiras, e se realizou novamente como marcador ou classificador de quantidade, apresentando assim um aspecto plural na sentença. Nessa análise, identificamos pelo processo de construção de sentido plural no excerto, a morfologia segmentar, ao encontro de Schwager e Zeshan (2008) que indicam ser possível que isso ocorra a partir da composição sequencial dos signos e classificadores.

Por fim, ao concluir nossas análises, passamos às considerações finais da presente dissertação, onde apresentamos nossas considerações sobre a pesquisa desenvolvida à luz dos estudos linguísticos descritivos.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o objetivo primeiro dessa pesquisa que é o de discutir questões envolvendo o processo flexional da Libras a partir de seus fenômenos de flexão de gênero e de número e tendo como base os resultados apresentados nas seções anteriores, buscamos responder, a seguir, a pergunta de pesquisa posta no início deste estudo em que procuramos compreender: Como o fenômeno da flexão nominal de gênero (masculino e feminino) e de número (singular e plural) se realiza na fala do surdo?

Os dados coletados analisados à luz do referencial teórico mostraram que o fenômeno de flexão de gênero (sexo) ocorre na Libras pela anteposição ou posposição de morfema indicadores de gênero masculino e feminino nos nomes (substantivos) que se referem a pessoas e animais. Identificamos na fala sinalizada do participante de pesquisa, alguns classificadores que relacionados aos nomes, assim como nos verbos, se enquadram no gênero animado, na categoria material, se referem assim a pessoas e animais.

Percebemos ainda, que nem todos os nomes que se referem a pessoas e animais manifestam morfema indicador de gênero masculino e feminino, embora a língua permita. Isso se dá pelo mecanismo obrigatório de flexão de gênero se realizar de forma específica na Libras, que se apresenta apenas quando solicitado ao contexto linguístico. Em relação ao fenômeno de flexão número, os dados mostraram que se realiza na Libras pela ausência ou presença da marcação plural por meio dos seguintes processos: modificação interna da raiz pelo mecanismo de incorporação de numerais de um até quatro, alterações nos parâmetros movimento e direcionalidade; anteposição ou posposição de numerais e dos sinais VÁRIOS, GRUPO, MAIORIA, ALGUNS, MUITO; anteposição ou posposição de classificador da categoria quantidade; e, também pela repetição do sinal.

A partir dos dados analisados, observamos que a utilização de classificadores em nomes se manifestou por meio de entidades que possuem parâmetros independentes, mas que devido ao sentido, se expressam como formantes dependentes que na classe morfossintática de gênero concorda com o referente animado/pessoa. Tais itens não se apresentaram afixados por meio de morfologia intrassegmentar ou modificação interna da raiz, mas sim, antepostos ou pospostos aos itens lexicais aos quais fazem referência (por meio de morfologia segmentar sequencial).

Considerando o pressuposto por Felipe (1998), pudemos verificar, pelos dados, que é possível ocorrer também a flexão de gênero a partir do processo de modificação interna da raiz por meio de algumas configurações de mãos que funcionam como classificadores

utilizados para marcar a concordância de gênero animado e inanimado, se manifestando também em nomes. Os dados também apontaram que, enquadrados no gênero animado na categoria material, um classificador marcador de pessoa, realizado com a configuração de mão CM 19, movimento vertical de cima para baixo e direcionalidade, concordam com o referente pronominal (EU e ELE).

No entanto, ao contrário do que é proposto por Felipe (1998), a marcação do gênero animado se deu por morfema classificador dependente anteposto a substantivos como PROFESSOR e ALUNO. Novamente divergindo de Felipe (1998), todos os demais itens lexicais dos excertos da amostra apresentaram-se como morfemas livres (monomorfemas) que apenas com base no contexto puderam semanticamente identificados como fazendo referência à pessoas e/ou fazendo referência à objetos e coisas, visto que, não apresentaram a possibilidade de distinção morfologia a partir de afixação de morfemas.

Em relação aos mecanismos de gênero (sexo), os dados mostraram que os itens lexicais geralmente nomeados como HOMEM e MULHER podem exercer funções diferentes dependendo do contexto. Podem ser empregados como morfemas livres, mantendo o sentido de “homem” e “mulher”, ou como morfemas dependentes (afixos), pospostos ou antepostos a outros itens lexicais como morfemas marcadores do gênero masculino e feminino para os substantivos referentes a pessoas e animais.

Nesse caminho, foi observado que apenas os itens lexicais de gênero animado receberam morfemas indicadores de gênero (sexo). Com isso, os dados mostraram que a Libras difere da Língua Portuguesa que marca praticamente todos os substantivos no masculino ou feminino para estabelecer concordância na sentença.

Percebemos por meio dos dados também que para apreender os aspectos semânticos dos sinais foi necessário utilizar nomes da Língua Portuguesa, isso também ocorreu na transcrição dos dados. No entanto, visto que os sinais na Libras não apresentam um nome correspondente e totalmente equivalente na Língua Portuguesa, uma vez que se trata de línguas distintas, esses nomes não abarcam todo o sentido e nem se enquadram nas mesmas funções gramaticais, sinal da Libras e palavra “correspondente” na língua oral. Acreditamos que esse seja um fator limitador da pesquisa em línguas de sinais registradas em Língua Portuguesa.

Ainda sobre os processos de afixação pela posposição ou anteposição dos morfemas indicadores de gênero masculino e feminino, os dados mostraram que esses se realizaram por meio da morfologia segmentar resultante da combinação sequencial de morfemas para a produção de um sinal multimorfêmico. Juntamente com Ferreira Brito (1995) que afirma que

geralmente os sinais não apresentam flexão de gênero, identificamos nos dados analisados diferentes itens lexicais que, apesar de se referirem pessoas, não apresentaram marcação de gênero masculino e nem feminino, tais como os itens lexicais PROFESSOR, ALUNO e CRIANÇA.

A análise da amostra também apontou que os morfemas indicadores de gênero masculino e feminino na Libras ocorrem obrigatoriamente de forma explícita, porém, somente quando o contexto linguístico exigir. Salvo essas circunstâncias, a marcação de gênero pode ocorrer à nível do discurso de forma implícita, ou ainda, diante da não exigência do contexto, se mantém indeterminados sem a presença de morfemas indicadores de gênero (sexo).

Em relação aos processos de flexão de número relacionados a nomes materializados na fala espontânea do surdo participante da pesquisa, os dados apontaram que o processo de modificação interna da raiz (por meio de configurações de mão afixadas à raiz dos sinais) incorre no mecanismo de incorporação de numerais de uma até quatro nos sinais CADA-UM, ESTES-DOIS, TRÊS-HORAS e QUATRO-HORAS.

No que se refere à flexão de número, os dados apontaram que esse fenômeno se manifestou também pelo mecanismo de repetição de sinais, por meio de morfologia segmentar simultânea e linear, como os plurais dos itens lexicais SINAL, CIDADE, DISCIPLINA e CRIANÇA. Observamos também, que a flexão de número se manifestou pela anteposição de numerais, como em DOZE-HORAS, devido a impossibilidade fonológica de incorporação do número doze ao movimento circular realizado em torno do rosto para indicar quantidade de horas.

Identificamos nos dados analisados o fenômeno de flexão de número realizado por meio da alteração no movimento nos pronomes pessoais realizados com a configuração de mão CM 14 por meio de locativos que concordam com o referente, sendo distinguidos os pronomes plurais a partir do movimento circular ou semicircular.

Os dados analisados apresentaram como processo de flexão de número a posposição e anteposição dos sinais VÁRIOS, GRUPO, MAIORIA, ALGUNS, além do sinal MUITO indo ao encontro do que é indicado por Ferreira Brito (1995) para análise desse fenômeno. Nos excertos esses sinais se manifestaram como pronomes indefinidos e substantivos antepostos ou posposto (subsequentemente ou de forma não tão próxima) a outros substantivos ou ao pronome demonstrativo ISSO para indicar por meio de aspectos semânticos o plural nos itens lexicais ao quais se referiam. Na perspectiva do tipo de morfologia classificada em estudos de Schwager e Zeshan (2008), os dados mostraram que a produção de sentido plural se deu pela

composição desses signos com os demais itens lexicais, manifestando a morfologia segmentar sequencial ou linear.

Foi possível observar nos excertos entidades que se manifestaram como morfemas classificadores de quantidades indeterminadas, indicando a classe morfossintática número. Tais morfemas quantificadores apresentaram parâmetros independentes que os compõem, porém, com seus sentidos atrelados a outro item lexical, ao quais se referiram, se constituindo como formantes dependentes.

No entanto, observamos divergência à proposta de Felipe (2006) no que se refere ao processo de modificação interna da raiz. Como exemplo desse caso, os dados indicam no excerto um o marcador de espaço neutro realizado com palma para baixo por meio de movimento circular marca o espaço neutro utilizando a configuração de mão CM 61. O classificador marcador de espaço neutro realizado posposto ao substantivo SURD@ indicou plural e se realizou por meio de morfologia segmentar, a partir da composição sequencial dos signos e não por meio de morfologia intrassegmentar no processo de modificação interna da raiz.

Em relação ao classificador se enquadrar na categoria quanta, considerando a análise dos dados à luz do proposto por Felipe (2006) os dados mostraram que isso pode ocorrer, como nos excertos quatro e nove, em que a mão dominante como base listou elementos de um até cinco. Já a composição do classificador apresentou morfologia intrassegmentar, pela alteração interna na característica do sinal, realizada na mudança no parâmetro configuração de mão para aumentar o número de dedos estendidos no intuito de obter quantidades maiores.

Percebemos por meio dos dados a utilização da morfologia segmentar a partir da composição simultânea dos signos, visto que na construção classificadora foram utilizadas as duas mãos, uma mão para listar elementos (por meio do classificador quantificador) e, a outra mão para apresentar esses elementos. Outro classificador que apresentou marcação de aspecto plural foi identificado no excerto onze, realizado pela delimitação de duas coisas no espaço neutro, uma do lado direito e a outra do lado esquerdo, a partir da configuração de mão CM 60, com orientação da palma da mão para baixo, paralela ao chão, mesmos parâmetros utilizados pelas duas mãos.

Tal entidade, apesar de ter parâmetros próprios, necessitou de seus referentes para ter seu sentido compreendido se constituindo, portanto, como um morfema dependente. O classificador apresentou morfologia segmentar simultânea, visto que a entidade foi realizada com as duas mãos e teve sua configuração de mão e movimento duplicados, de forma espelhada para apresentar o sentido dual e, portanto, plural.

A análise dos dados nos possibilitou concluir que em relação às unidades lexicais fundamentais, a classe dos seres/entidades correspondente aos substantivos, apresenta flexão de gênero realizada por meio de classificadores de gênero animado/inanimado e, também pela anteposição ou posposição de morfema indicador de gênero masculino/feminino. Apresenta também flexão de número realizada pelos mecanismos de incorporação de número; repetição do sinal; utilização de morfemas quantificadores; e, pela anteposição ou posposição de numerais e dos sinais MUITOS, VÁRIOS, GRUPO, MAIORIA, ALGUNS. Esse último mecanismo estabeleceu relação entre as categorias de nomes, sendo que pronomes indefinidos e substantivos se combinaram a itens lexicais, tais como pronomes demonstrativos e outros substantivos para construir o sentido plural nas sentenças, a partir da composição desses signos. O enfoque aqui dado à articulação desses sinais para produzir sentido plural é inédita.

Ainda dentro a categoria lexical, os dados mostraram que a classe propriedades/atributos correspondente ao adjetivo não apresentam flexão de gênero nem de número. Apenas os substantivos os quais essas entidades caracterizaram apresentaram flexão de gênero e número. O processo de flexão grau do adjetivo IMPORTANTE se deu pela alteração no parâmetro movimento do sinal, visto que o movimento foi realizado de forma mais lenta e alongada, indicando a incorporação do intensificador MUITO. O item lexical MUITO foi utilizado posposto ou anteposto a outros sinais como intensificador de sentido, como por exemplo, anteposto a verbos se apresentou na função de advérbio, como em MUITO AJUDA.

Em relação aos pronomes pessoais, com base na análise dos dados, esses puderam ser relacionados em algumas realizações, devido ao uso específico da configuração de mão CM 14, ao gênero animado (pessoas), como no excerto 7, em que tal configuração de mão foi utilizada simultaneamente com as duas mãos para representar construção classificadora de duas pessoas distribuídas no espaço neutro em locais determinados, uma de frente ao outra. Tais pronomes não apresentaram flexão de gênero (sexo), porém, considerando o sistema de flexão particular das línguas de sinais, caso fosse exigido pelo contexto, na Libras poderia ser utilizado os morfemas masculino ou feminino para indicar gênero (sexo). Os pronomes pessoais apresentaram flexão de número por meio do mecanismo de incorporação de número, e alteração no movimento e pontos de articulação dos referentes, a partir da morfologia intrassegmentar.

Por meio da análise dos dados não identificamos entre os processos de flexão nominal a morfologia suprasegmentar realizada pela suprasegmentação em que sinais manuais são combinados com sinais não manuais. Nessa análise, constatamos que em relação ao processo

de flexão nominal de gênero e número a morfologia segmentar não é majoritariamente simultânea, já que apresentou também outros processos morfológicos, intrassegmentar e segmentar sequencial. Assim sendo, especialmente com base no processo de composição sequencial dos signos utilizado para produzir sentido plural, concluímos que a Libras apresenta em quantidade significativa, morfologia segmentar linear nos processos de flexão nominal de gênero e número.

No que tange às limitações da pesquisa, um ponto importante, já destacado anteriormente, é a apresentação da fala transcrita do participante da pesquisa em Língua Portuguesa, dada a distinção das línguas, e a modalidade viso-espacial da Libras. Tal dificuldade foi amenizada pela descrição da realização dos sinais na íntegra e o uso de imagens ilustrativas para auxiliar na visualização dos fenômenos de flexão. Outro fator limitador da pesquisa foi sua realização com apenas um participante, sendo que um amostral maior representaria melhor a diversidade no uso da língua. Justificamos que o participante da pesquisa foi selecionado por ter a Libras como principal meio de comunicação, sendo usuário nativo da língua em ambientes formais e informais, e inclusive em ambientes formativos, apresentando uma sinalização clara e amplamente representativa do povo surdo.

Ao discorrer sobre os reveses dessa pesquisa, é relevante considerar que têm surgido diversos trabalhos analisando a fala espontânea dos surdos, considerando diversos aspectos das línguas de sinais, sobretudo, pesquisas voltadas ao campo da sociolinguística ou na utilização da língua vernácula dos surdos para descrever os processos de mudança e variação linguística da Libras. Contudo, as pesquisas no âmbito da Linguística Descritiva em Libras, ainda carecem de ser aprofundadas e também divulgadas, a fim de se tornarem mais conhecidas e acessíveis aos linguistas pesquisadores e interessados em adentrar na área.

Diante do exposto, esperamos que o estudo aqui apresentado possa contribuir com a melhor compreensão dos processos de flexão nominal da Libras no âmbito da Linguística Descritiva, não apenas das características formais dos fenômenos, mas também no emprego efetivo dessas formas no uso corrente da língua. Esperamos também contribuir para a difusão e reconhecimento científico do *status* linguístico da Libras.

## REFERÊNCIAS

- ARONOFF, M. **Gender agreement as morphology**. v.1 Allomorphy, compounding, inflection, 1997. p.7-18. SUNY Stone Brook. Mediterranean Morphology Meetings (MMM). Disponível em: <https://academia.lis.upatras.gr/mmm/article/view/2339/2598> Acesso em: 07 mai. 2020.
- ARONOFF, M.; MEIR, I.; SANDLER, W. **The Paradox of Sign Language Morphology**. **Language**. V.81, n.2, June 2005, pp. 301-344. Published by Linguistic Society of America. <https://doi.org/10.1353/lan.2005.0043>
- AZEREDO, J. C. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BRASIL. **Lei nº 10.436**, 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília - DF. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm) Acesso em: 07 mai. 2020.
- BRASIL. **Decreto 5.626**, de 23 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei 10. 436, de 24 de abril de 2002. Brasília – DF. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm)Acesso em: 07 mai. 2020.
- CÂMARA JR. J. M. **Princípios de Linguística Geral**. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.
- CÂMARA JR. J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- CEIA, C.. E-Dicionário de Termos Literários. 5. ed., 2005. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/> Acesso em: 07 mai. 2020.
- DUBOIS, J. *et. al.* **Dicionário de linguística**. 2ed. São Paulo: Cultrix, 2014.
- FELIPE, T. A. Os processos de formação de palavras na Libras. **ETD**. Educação Temática Digital, v. 7, p. 200-217, 2006. <https://doi.org/10.20396/etd.v7i2.803>
- FELIPE, T. A. **Sistema de Flexão Verbal na Libras: os classificadores enquanto marcadores de flexão de gênero**. 2002. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
- FELIPE, T. A. (1998) **A relação sintático-semântica dos verbos e seus argumentos na Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS**. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1998.
- FERREIRA BRITO, L. **Por uma gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995; 2010.
- FERREIRA, S. R. S.; FERREIRA, M. N. O. Descrevendo processos de formação de sinais em Libras em uma variedade de Belém do Pará. **Entretextos** (UEL), v. 16, p. 67-98, 2016. <https://doi.org/10.5433/1519-5392.2016v16n1p67>

MANZINI, E.J. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. *In: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (orgs.) Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial*. Londrina: Eduel, 2003.

MCCLEARY, L. E.; VIOTTI, E. C. **Semântica e pragmática**. Florianópolis, 2009. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/318878236> Acesso em: 07 mai. 2020.

NEVES, M. H. M.. **Como as palavras se organizam em classes**. Portal da Língua Portuguesa, v.1., p. 01-19, 2006. Disponível em: <http://www.estacaodaluz.org.br> Acesso em: 07 mai. 2020

PIMENTA, Nelson. **Coleção “Aprendendo LSB”**. Volume I: básico. Rio de Janeiro, 2001.

QUADROS. R. M.; PIMENTA, N. **Curso de Libras 1**. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2006.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Libras: estudos linguísticos**. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

ROCHA, L. C..A. **Estruturas Morfológicas do Português**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, Coleção Aprender, 1998.

ROCHA, L.C..A. **Estruturas morfológicas do português**. São Paulo: Martinsfontes, 2008.

RODERO-TAKAHIRA, A. G. Incorporação de numeral na Libras. *In: Abralín, 2016, Natal. Estudos linguísticos - textos selecionados /ABRALIN - 2013. João Pessoa: Ideia, 2016. v. 1. p. 305-322.*

SANDMANN, A. **Morfologia Lexical**. São Paulo: Editora Contexto, 1997.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. Org. por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riediliger. 5ª ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

SCHWAGER, W.; ZESHAN, U. (2008) **Word Classes in Sign Languages: Criteria and Classification**. *In: Studies in Language 32(3), 509-45.* <https://doi.org/10.1075/sl.32.3.03sch>

SILVA, T. C. **Fonética e Fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1999.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VILELA, M. **Estudos de Lexicologia do Português**. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.

VIOTTI, E. C. **Introdução aos Estudos Linguísticos**. Florianópolis, 2008. Disponível em: [http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/estudosLinguisticos/assets/317/TEXTO\\_BASE\\_-\\_VERSAO\\_REVISADA.pdf](http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/estudosLinguisticos/assets/317/TEXTO_BASE_-_VERSAO_REVISADA.pdf) Acesso em: 07 mai. 2020.

## APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecimento

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada *Estudoslexicográficos da LIBRAS: realização dos processos flexionais na fala do surdo*, sob a responsabilidade da pesquisadora Raquel Bernardes. Nesta pesquisa estou buscando analisar e descrever o processo de flexão, especificamente os fenômenos de gênero e números da língua de sinais brasileira em uso, descrevendo como os sinais se combinam entre si para serem formados e produzirem sentidos. A obtenção será feita a partir do mês de janeiro de 2020.

Na sua participação, você participará de uma entrevista semiestruturada. Esses dados serão analisados somente pela pesquisadora responsável por este estudo. Cumpre salientar que todos os dados obtidos nesta pesquisa não serão utilizados de qualquer outra forma daquela destinada à conclusão desta pesquisa, ou seja, todos os dados coletados não serão, sob hipótese alguma, divulgados e/ou comercializados. Em nenhum momento você será identificado(a). Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada. Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa.

O único risco que você pode correr é o de ser identificado por meio de seu texto sinalizados. No entanto, me comprometo em proteger a identidade dos participantes. Os benefícios que serão possibilitados aos participantes estão ligados às reflexões acerca dos estudos lexicográficos da Libras: realizações dos processos flexionais na fala do surdo, e os resultados deste trabalho poderão colaborar para novas discussões do tema.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação. Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato comigo, Raquel Bernardes, mestrandanda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia – Av. João Naves de Ávila, 2121, Campus Santa Mônica, Uberlândia/MG, CEP: 38408-100 - Fone profissional: (34) 3239-4355. Poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos – Universidade Federal de Uberlândia: Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, Campus Santa Mônica – Uberlândia –MG, CEP: 38408-100; fone: (34) 3239-4131. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Uberlândia- MG, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_

---

Assinatura da pesquisadora  
Raquel Bernardes

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido(a).

---

Participante da pesquisa

## APÊNDICE B – Roteiro flexível aplicado na entrevista semiestruturada

### Entrevista semiestruturada<sup>12</sup>

As perguntas abaixo fazem parte da pesquisa *Estudos lexicográficos da LIBRAS: realização dos processos flexionais na fala do surdo*, buscando analisar e descrever o processo de flexão, especificamente os fenômenos de gênero e números da língua de sinais brasileira em uso, descrevendo como os sinais se combinam entre si para serem formados e produzirem sentidos. Concordando em respondê-las você estará tanto colaborando com meu projeto de pesquisa quanto para com os estudos na área de estudos lexicológicos da Língua de Sinais Brasileira em uso.

A entrevista semiestruturada é elaborada a partir de um assunto central. A começar de determinado assunto se elabora um roteiro flexível de perguntas principais, que serão complementadas por outras questões abordadas pelo entrevistado, conforme as circunstâncias momentâneas.

- 1- Qual a importância da Libras para surdo?
- 2- Qual a importância do ensino de Libras para os alunos surdos?
- 3- Como se daria o ensino âmbito formal e informal?
- 4- Quais os principais desafios do ensino de Libras para surdo?
- 5- E os alunos ouvintes, na sua opinião, qual a importância da Libras para o ouvinte?
- 6- Qual a importância do ensino de Libras para os alunos ouvintes?
- 7- Quais os principais desafios do ensino de Libras para ouvintes?
- 8- Como você percebe a formação dos professores de Libras atualmente?
- 9- Como você percebe o mercado de trabalho para pessoas que são usuárias da Libras?  
Em quais áreas de atuação?

Muito obrigada por sua colaboração!

Raquel Bernardes

---

<sup>12</sup>O questionário será realizado em Língua de Sinais Brasileira – Libras, registrado em vídeo e transcrito em Língua Portuguesa para fins de pesquisa.

### APÊNDICE C – Glosas de transcrição de enunciados e textos

—!— [*ergueu as palma das mãos que estavam voltadas para baixo – sentido de “nessas circunstâncias” ou “então”*], <SURD@> t <MD com palma para baixo por meio de movimento circular marcando espaço neutro>cl É IMPORTANTE LÍNGUA-DE-SINAIS POR-CAUSA COMUNICAR PRIMEIRA-LÍNGUA.

SE (*condição*) LÍNGUA-DE-SINAIS NADA IMPOSSÍVEL++ COMUNICAR <NÃO-SABER> n (*negativa incorporada no sinal*) <COMO COMUNICAR>qu MUD@ SIM. MAS (*oposição*) LÍNGUA-DE-SINAIS MUITO AJUDAR (*intensificador*) SURD@ ABRIR-A-MENTE ENTENDER COMUNICAR MAIS (*sinal de adição*)<sub>3</sub> PINFORMAR<sub>1</sub> (*sinal realizado com as duas mãos*) VÁRIOS, ISSO/Loc j (*dêitico*) IMPORTANTE.

<CRIANÇA@ SURD@> t [*Dedo indicador levantado - sentido de “veja a situação”*] <marcação direcional de pessoa>cl pro1 PROFESSOR@ LINGUA-DE-SINAIS<sub>1</sub> ENSINAR<sub>2</sub> CRIANÇA@ [*plural repetição*] SURD@ PRECISAR MUITO PORQUE AS-VEZES FAMÍLIA MÃE OUVINTE, <MAIORIA FAMÍLIA@ OUVINTE> r NÃO-SABE<sub>1</sub> COMUNICAR<sub>2</sub> NADA, BARREIRA-DE-COMUNICAÇÃO [*sinal de comunicação, pela mudança no parâmetro do movimento produção de sentido oposto*].

<sub>2</sub> COLOCAR<sub>1</sub> ESTUDAR (*substituição do sinal escola*) pro1 (*dêitico indicando primeira pessoa do singular ‘eu’*)<sub>1</sub> ENSINAR<sub>2</sub> LÍNGUA-DE-SINAIS pro3 (*dêitico referindo a Libras*) IMPORTANTE pro3 (*dêitico referindo a criança*) CONHECER ENTENDER O QUE É LÍNGUA-DE-SINAIS TER CINCO-PARÂMETROS EXEMPLO; <PRIMEIRO>mc CONFIGURAÇÃO-DE-MÃO SEGUNDO (*numeral*), MOVIMENTO (*deixa de enumerar*), EXPRESSÃO-FÁCIAL, <sub>1</sub> EXPLICAR<sub>2</sub> CRIANÇA ALUN@ PRECISAR CONHECER SABER. (*Personifica a criança*): “AH É LÍNGUA-DE-SINAIS ISSO loc j(*dêitico*) IMPORTANTE <sub>1</sub> AJUDAR<sub>2</sub> .

SE (*condição*)<sub>1</sub> EXPLICAR<sub>2</sub> (*à criança surda*) NADA <NÃO-SABER>mc (*sinal formado a partir de datilologia do numeral zero, com ponto de articulação na testa*) <ENTENDER-NÃO> n (*negativa incorporada no sinal*). TAMBÉM ISSO (*dêitico, refere a situação descrita anteriormente*) TER MUITOS (*quantidade*) MAIORIA<sub>2</sub> COLOCAR<sub>3</sub> (*na escola, sentido implícito*) COMEÇAR APRENDER.

CRIANÇA@ SURD@ LÍNGUA-DE-SINAIS NADA MUITOS (*ênfase por repetição de informação, tem MUITOS casos*) AS-VEZES DIFÍCIL<sub>1</sub> ENSINAR<sub>2</sub> (*incompletude, não conclui o sinal para transmitir o sentido de impossibilidade*), <NÃO (*é, pronunciado oralmente*) FÁCIL>n,<sub>1</sub> ENSINAR<sub>2</sub> (*repetição do sinal de ensinar não concluído*).

EXEMPLO SI pro1 EU <marcação de pessoa tendo como referente no professor, sentido implícito>cl UM (*quantidade*)<sub>1</sub> ENSINAR<sub>2</sub> UM (*quantidade*) ALUN@ <marcação de pessoa tendo o aluno como referente>cl UM UM (*sinal do numeral UM realizado simultaneamente com as duas mãos, passa a representar, pela mesma configuração de mão, construção classificadora para representar pessoa, distribui essas duas pessoas no espaço neutro em locais determinados, um de frente ao outro*). UM Loc i UM Loc j, pro2 ELE (Loc j) (*dêiticos, aponta para o dedo indicador que representa o aluno*) UM APRENDER DEMORAR PORQUE UM SOZINH@ (*ênfase, realiza o sinal numeral um e com movimento circular indica isolamento, utilizando a mesma base ou o mesmo dedo indicador*) PARECER.

SE (condição) AGRUPAR (produção do sinal grupo antecedido de movimento de fora pra dentro com sentido de ajuntamento e, pronuncia oralmente a palavra convive) MUITOS ALUN@ CRIANÇA@ (plural por repetição com as duas mãos) GRUPO<sub>2</sub> COMUNICAR<sub>3</sub> (plural repetição) MAIS (sinal de adição) PROFESSOR@ JUNTO OU (alternativa) INSTRUTOR@ SURD@ (marcação de pessoa) UNIDO JUNTO MAIS (sinal de adição) CRIANÇA (plural por repetição) DESENVOLVER, ISSO (dêitico) IMPORTANTE ISSO (repetição do dêitico).

TAMBÉM, EXEMPLO PODER MOSTRAR UM (enumeração a partir do dedo mínimo) LITERATURA SURD@ OU DOIS HISTÓRIA SURD@ TRÊS PIADA SURD@ QUALQUER ISSO É (verbo ser) INFORMAL LIVRE (espontâneo) LÍNGUA-DE-SINAIS (substantivo que deriva um verbo, sentido de sinalizar) NATURAL (sentido de forma, naturalmente) LÍNGUA-DE-SINAIS (ênfase por repetição, sentido de sinalizar).

(Personificação) ALUN@<sub>1</sub> VER<sub>2</sub> : (expressão de admiração) “AH PERCEBER (repetição) ENTENDER” DE-UM-LADO (delimitação de espaço lado direito) DIFERENTE FORMAL CERTO (sentido de adequado)<sub>1</sub> ENSINAR<sub>2</sub> SINAL (plural por repetição) SIGNIFICADO EXPLICAR (plural repetição), DE-OUTRO-LADO (delimitação de espaço lado esquerdo) INFORMAL IMPORTANTE TAMBÉM IGUAL (sentido de igualdade, do mesmo modo que).

MAIORIA SURDO <CONHECEM-NÃO><sub>n</sub> O QUE É (verbo ser) FORMAL INFORMAL <ENTENDER NÃO><sub>n</sub> (dupla negação, primeira incorporada ao verbo e a segunda realizada com o menear do dedo indicador) APROVEITAR EXPLICAR DUAS-COISAS (delimitação de dois espaços a frente do sinalizador, simultaneamente, sentido de separação) loc i ESTES-DOIS DIFERENTE@.

EXEMPLO, MUITOS (indicação de plural) PAI, FAMÍLIA OUVINTE, JOGAR ESCOLA CRIANÇA@ (plural por repetição) SURD@, PARECER ESCOLA DENTRO RESOLVER APRENDER LÍNGUA-DE-SINAIS EMPURRAR, MAS (expressão facial de desaprovação) <NÃO><sub>mc</sub>, ISSO lok j (dêitico) PROBLEMA MUITOS (sinal realizado em vários pontos no espaço, sentido, em MUITOS lugares) SEMPRE

ENSINAR MAIS (sinal de adição) CHAMAR MAIS (repetição do sinal de adição sem sentido aparente) PAI MÃE JUNTO COMUNICAR <MAIORIA DESPREZAR FILHO SOZINHO FAMÍLIA NADA><sub>r</sub> PROBLEMA loc j ISSO (dêitico) MUITOS (sinal realizado em vários pontos no espaço, sentido, em MUITOS casos é assim).

EU TENTAR FAZER ORGANIZAR ABRIR CURSO ENSINAR FAMÍLIA JUNTO DESENVOLVER.

SE (condicional) FAMÍLIA AJUDAR NADA ALUN@ CRIANÇA DIFÍCIL PROBLEMA++ ENSINAR LÍNGUA-DE-SINAIS UM (aluno, sinal implícito) PRECISAR LEVAR LUGAR SURD@ ENCONTRAR (plural por repetição) <expressão facial de aprovação><sub>mc</sub><expressão facial de negação, sentido oposto, se não houver isso><sub>n</sub> PROBLEMA loc j ISSO.

IMPORTANTE loc j ISSO (dêitico), EXEMPLO pro<sub>3</sub> ELE ESTUDAR<sub>1</sub> ENSINAR<sub>3</sub> BOM<sub>3</sub> VIR<sub>1</sub> (verbo direcionado de fora pra dentro do espaço de sinalização, indicação de tempo presente) EXEMPLO ESTUDAR SÓ 4-HORA@ SÓ 3-HORA@ (horas com ponto de articulação no rosto, movimento circular em torno do rosto, indica horas corridas ou duração) AS-VEZES (sentido de condição variável)<sub>1</sub> IR<sub>3</sub> (verbo

*direcionado de dentro para fora do espaço de sinalização, movimento para frente, sentido oposto a vir) CASA 12-HORA@, <expressão facial de desaprovação>mc 12-HORAS (ênfase por repetição) <expressão de espanto>mc <incorporação da reação da criança - apoiando o queixo na mão>EFC SÓ<sub>3</sub> VIR<sub>1</sub> ESCOLA 3-HORA@ BOM <joia, gesto com dedo polegar>EFC LÍNGUA-DE-SINAIS (derivação zero, substantivos verbais ou verbos denominais com sentido de SINALIZAR)<incorporação da reação da criança - expressão de feliz>EFC VOLTAR CASA <incorporação da reação da criança - apoiando o queixo na mão>EFC <expressão facial de desaprovação>n PRECISAR FAMÍLIA ESCOLA UNIR JUNTO IMPORTANTE loc j ISSO (dêitico).*

*IMPORTANTE ISSO (dêitico) OUVINTE (ouvintes em geral, sem marcação de plural) PRECISAR APRENDER LÍNGUA-DE-SINAIS PRECISAR POR-CAUSA COMUNICAR, <NÃO (é, pronunciado oralmente) SIGNIFICAR OUVINTE LÍNGUA-DE-SINAIS FLUENTE PERFEITO>r NÃO, COMUNICAR SABER <recolhe o corpo, entrar e sair minimamente dum contexto de sinalização>EFC IMPORTANTE ENSINAR.*

*SE (condição) OUVINTE QUER INTERESSE DESEJAR TER APRENDER NÓS FÁCIL ENSINAR DESENVOLVER CONSEGUIR (implícito já outra situação) SE <expressão de incerteza>mc PARECER INTERESSE NÃO SÓ CURIOSO (sentido de só agir como observador) MAS APRENDER NADA, IMPORTANTE (sentido implícito, é importante levar em conta essas questões).*

*IMPORTANTE++ BOM <joia, gesto com dedo polegar>EFC PORQUE (justificativa) FUTURO PODER COMUNICAR <MD com palma para baixo por meio de movimento circular marcando espaço neutro>cl PARECER PODER CIDADE@ (plural por repetição) JÁ SABER LÍNGUA-DE-SINAIS, NÃO (É, pronunciado oralmente)) SIGNIFICAR LÍNGUA-DE-SINAIS (sinalizar) PERFEITO PORQUE (justificativa) POUCO CONHECER O-QUE É SURDO.*

*AS-VEZES TELEVISÃO<sub>1</sub> INFORMAR<sub>3</sub> (verbo direcionado de dentro para fora do espaço de sinalização, com sentido de prestar informação) NADA<sub>3</sub> INFORMAR<sub>1</sub> (sinal direcionado de dentro para fora do espaço de sinalização, com sentido de receber a informação) NADA NÃO-CONHECE <O-QUÊ>?, ESCOLA DISCIPLINA EXPLICAR ENTENDER O-QUE É (verbo ser) SURDO, FUTURO CRESCER JÁ SABER FÁCIL, ISSO (dêitico) IMPORTANTE.*

*EXEMPLO loc i AQUI (dêitico) TER FACULDADE DISCIPLINA@ (plural por repetição) ALGUNS (alunos, sentido implícito) TER INTERESSE APRENDER LÍNGUA-DE-SINAIS BOM, ALGUM@ NÃO, CADA-UM AS-VEZES (sinal com sentido de VÁRIA ou à depender da circunstância de cada pessoa) MAS IMPORTANTE (ensinar, sentido implícito) LÍNGUA-DE-SINAIS.*

*TAMBÉM ALGUM@ ALUNO@ CANÇADO POR CAUSA DISCIPLINA@ (plural por repetição) VÁRIOS DIFÍCIL MAIS (sinal de adição) LÍNGUA-DE-SINAIS GRAVAR-NA-MENTE PARECER NÃO-CONSEGUIR (negativa incorporada) NÃO (segunda negativa explícita).*

*MAS EU PROFESSOR PACIÊNCIA ENSINAR MAS NÃO (é, pronunciado oralmente) IMPORTANTE SABER LÍNGUA-DE-SINAIS NÃO (sentido, o mais importante não é saber libras)<sub>3</sub> VER<sub>1</sub> (verbo direcionado para o sinalizador) CONHECER <marcação de pessoa com direcionalidade>cl SURDO.*

ELE (*alunos, sentido implícito*) FUTURO FORMAR INGRESSAR TRABALHAR, EXEMPLO DENTISTA OU SEGUNDO (*enumeração*) MÉDICO QUALQUER (*personificação do aluno egresso*) PESSOA <classificador para pessoa>cl (*ele –o ex-professor surdo*)<sub>2</sub> VIR<sub>1</sub> (*verbo direcional ex-professor vindo ao aluno egresso*):“SURDO LEMBRAR, (*dêitico com marcação de passado aponta pra trás do sinalizador*) PROFESSOR SURDO PACIÊNCIA (*comigo, sentido implícito*) EU FAZER APRENDER.

MAS (*incorporação do professor fazendo uma fala no passado lembrada pelo aluno egresso*) VER CALMAR-SE —!—<ENTENDER-NÃO>n <negativa com a manear da cabeça>n —?— <expressão de interrogação>mc CONVERSAR ACALMAR-SE LÍNGUA-DE-SINAIS (*derivação zero, substantivo/verbo SINALIZAR*) <de modo calmo>mc (*movimento no olhar, retomando o tempo presente*) BOM AJUDAR POUCO.

MAS IMPORTANTE <alteração no parâmetro movimento para indicar intensidade e expressão facial>EFC APRENDER <marcação no espaço>cl. <EU QUERO O-QUE>qu (*Expressão de interrogação*) BRASIL <marcação no espaço e alteração no parâmetro movimento para indicar intensidade>cl APRENDER LÍNGUA-DE-SINAIS.

## APÊNDICE D – Sistemas em glosas de transcrição de enunciados e textos

Como registro da Libras, utilizamos os sistemas em glosas de transcrição de enunciados e textos de línguas de sinais propostos por Ferreira Brito (1995) e Quadros e Karnopp (2004), que apresentamos sistematizado abaixo:

<b>Sistema de notação</b>
<p>I) São usadas letra maiúscula em português para representar conceitos da Libras: Ex.: HOMEM TRABALHAR MUITO Quando não há indicação de flexão verbal o verbo é transcrito na forma infinitiva.</p>
<p>II) Quando duas ou mais palavras em português são necessárias para expressar o conceito que é representado por um único sinal em LIBRAS, elas devem vir ligadas por um hífen. Ex.: NÃO-QUERER, BEBER-PINGA, COMER-MAÇÃ</p>
<p>III) São usadas letras separadas por hífen, quando se trata de soletração manual: Ex.:#J-O-Ã-O#R-I-O Este tipo de soletração é usado quando se trata de nome próprio de pessoa e de lugar ou então quando não há sinal correspondente para o conceito expresso em outra língua.</p>
<p>IV) Quando o verbo é direcional, isto é, apresenta flexão marcando sujeito e objeto, usa-se números de 1 a 3 para marcar as pessoas no singular ou 1p, 2p e 3p para as pessoas do plural. Ex.: <sub>1</sub> DAR<sub>2</sub> LIVRO (Eu dei o livro para você)</p>
<p>V) Os pronomes em Libras são representados usando números de 1 a 3 para marcar pessoas, antecedido pela abreviatura pro, como da seguinte forma: Ex.: pro<sub>3</sub> NÃO-GOSTAR pro<sub>1</sub> (Ela/ele não gosta de mim)</p>
<p>VI) Pode não haver marcação de gênero feminino e masculino nos verbos com flexão (direcionais) e nos pronomes. Assim, de acordo com Ferreira Brito, se a pessoa é do sexo feminino, está informação deverá ser inferida de acordo com o contexto, ou então, no caso de ambiguidade, o enunciador pode se servir do sinal "feminino" (sinal que aparece nas expressões 'menina' em oposição a 'menino') após ou antes do pronome. Quadros e Karnopp (2004) utilizam XI quando não é possível identificar o referente contextualmente nas formas pronominais para indicar a apontação. Assim, como é convencional nos processos de transcrição a partir de glosas, para os</p>

sinais ambíguos sem marcação de gênero e, também, para indicação de plural usaremos o símbolo @, quando necessário.

Ex.: PESSOA SURD@ e MUITO CRIANÇA@

VII) Os pronomes demonstrativos e os advérbios de lugar são representados por Loc i, Loc j, Loc k, quando significam respectivamente: este/aqui, esse/aí, aquele/aquela ali/lá. Loc, símbolo utilizado para locativo.

VIII) Em Ferreira Brito os classificadores são representados pelas iniciais CL e em Quadros e Karnopp compreendendo que certos sinais podem ser realizados por meio de classificadores, são expressos entre <>. Assim adotamos < cl, conforme a seguir:

Ex.: <PINTAR-COM-ROLO> cl.

IX) Quando um único enunciado é realizado com ambas as mãos ao mesmo tempo, colocam-se os sinais simultâneos um acima do outro, isto é, em linhas diferentes, vindo na primeira linha o(s) sinal(is) realizado(s) com a mão dominante (MD) e na segunda linha o(s) sinal(is) realizado(s) com a mão não-dominante (MND).

X) Em Ferreira Brito encontramos notações para as expressões faciais e corporais de interrogação, exclamação, topicalização, negação, intensidade, um pedido, no caso de uma ordem, dentre essas adotaremos:

i- exclamação (—!—)

ii - um pedido (—EFp—)

iii - uma ordem (—Efo—)

Quadros e Karnopp (2004) aponta o uso de <> para expressões faciais e corporais, além de outros conceitos, dos quais adotaremos:

i- marcas não manuais, tais como:

movimento da cabeça <> mc

direção do olhar - <> do

ii- expressões de negação facial o que inclui movimento com a cabeça- <> n

iii- intensidade do sinal - +, ++

iv – interrogativas:

- que indagam sobre alguma coisa normalmente associadas as palavras O QUE, COMO, ONDE, POR QUE, QUEM - <> qu

- que expressam dúvida, desconfiança - <math>\diamond</math> qu ~~
- que aparecem geralmente em orações subordinadas com expressão facial diferenciada
- <math>\diamond</math> qu~
- que objetivam uma resposta sim ou não - <math>\diamond</math> sn
- v- topicalização - <math>\diamond</math> t
- vi- construção com foco: que apresentam elementos duplicados com ênfase, associados com movimentos da cabeça entre eles, afirmativo, negativo, interrogativo respectivamente - <math>\diamond</math> mc, <math>\diamond</math> n, <math>\diamond</math> qu
- vii- orações relativas: orações encaixadas dentro de uma outra oração e que apresenta uma marca não manual associada com a sentença - <math>\diamond</math> r